

DE VOLTA AO PASSADO
CÉLIA XAVIER CAMARGO
DITADO PELO ESPÍRITO CÉSAR AUGUSTO MELERO

ÍNDICE

Apresentação

- CAPÍTULO 1 = Aprendendo sempre
- CAPÍTULO 2 = Reflexões
- CAPÍTULO 3 = O sonho
- CAPÍTULO 4 = Enfrentando a verdade
- CAPÍTULO 5 = Novas atividades
- CAPÍTULO 6 = No hospital
- CAPÍTULO 7 = Uma experiência diferente
- CAPÍTULO 8 = Luz nas trevas
- CAPÍTULO 9 = José Domingos Morgado
- CAPÍTULO 10 = O sono dos encarnados
- CAPÍTULO 11 = Lembrando o passado
- CAPÍTULO 12 = Dia exaustivo
- CAPÍTULO 13 = Visita inesperada
- CAPÍTULO 14 = Esperança renovada
- CAPÍTULO 15 = Novos conhecimentos
- CAPÍTULO 16 = No Centro Espírita
- CAPÍTULO 17 = O trabalho prossegue
- CAPÍTULO 18 = Encontro com o passado
- CAPÍTULO 19 = A história de Lígia
- CAPÍTULO 20 = Acompanhando Gustavo
- CAPÍTULO 21 = Sob a luz do luar
- CAPÍTULO 22 = Decisão importante
- CAPÍTULO 23 = Mudança de vida
- CAPÍTULO 24 = Reunião Espiritual
- CAPÍTULO 25 = Assimilando idéias
- CAPÍTULO 26 = Retorno ao lar
- CAPÍTULO 27 = O retorno
- CAPÍTULO 28 = Novos pacientes
- CAPÍTULO 29 = Na residência de Fábio
- CAPÍTULO 30 = No sítio
- CAPÍTULO 31 = Confidênciа
- CAPÍTULO 32 = Evangelho no lar
- CAPÍTULO 33 = Lembrando responsabilidades
- CAPÍTULO 34 = Reafirmando compromissos
- CAPÍTULO 35 = Avaliação
- CAPÍTULO 36 = Tempo de despertar
- CAPÍTULO 37 = Novas lembranças
- CAPÍTULO 38 = Despedidas

Apresentação

Diffícil descrever o que sentimos ao encerramento de uma tarefa.

Primeiro, imensa alegria, por termos vencido o desafio; depois, alívio, por havermos concluído o que começamos; e, por último, saudade de um período trabalhoso, mas profundamente gratificante, e que não voltará mais.

Por dezenove meses - de 16 de março de 1998 a 19 de outubro de 1999 - trabalhamos sem cessar, juntando os esforços de toda a equipe.

O resultado aqui está. Para nós, foi uma etapa altamente compensadora e rica de aprendizado, que nos possibilitou várias conquistas, entre outras a consciência de nos encontrarmos hoje bem mais maduros e responsáveis.

Que esta obra, fruto do trabalho de muitos, possa ser de alguma utilidade para todos os que a lerem, despertando em cada um a necessidade do auto-conhecimento como meio de vencer as imperfeições que ainda caracterizam o ser humano.

Os companheiros do grupo envolvidos nos casos aqui enfocados abriram mão de sua privacidade em benefício geral. Naturalmente, muitos nomes foram trocados, em nome da caridade cristã, evitando-se assim uma identificação indesejável.

Uma coisa é certa: o esquecimento do passado, para o encarnado, é bênção divina, que lhe proporciona tranquilidade e condições para viver de forma construtiva e digna.

Ao re-construir hoje o que destruiu ontem, ficará deslumbrado com o amanhã - muito mais feliz -, porque fundamentado no exercício do bem e do amor ao próximo.

Chega o momento, porém, em que precisamos enfrentar a dura realidade, que nos coloca face a face com o passado, forçando-nos a lutar para vencer os desafios que a vida nos apresenta.

Não é fácil. Pela nossa ótica, enxergamo-nos sempre como vítimas inocentes. A verdade, entretanto, poderá nos surpreender, mostrando nossa real situação como Espíritos e os prejuízos que causamos a outrem através do tempo.

Desse modo, nosso objetivo, ao enfatizarmos o que ensina a Doutrina Espírita, é o mesmo que já pregava Jesus de Nazaré há quase dois milênios, isto é, demonstrar a necessidade da mudança interior. Não essa mudança de fachada, mas aquela que, em profundidade, busca o aprimoramento moral, tornando-nos livres e conscientes.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, afirmou o Mestre.

Busquemos essa verdade pelo auto-conhecimento, para não sermos surpreendidos depois, quando a morte nos obrigar a enfrentá-la, visto que, não raro, nos apresentamos completamente despreparados de valores nobilitantes.

Estamos no limiar do terceiro milênio, às portas de grandes transformações: nosso

planeta será elevado à categoria de Mundo de Regeneração. Se desejamos fazer parte da sociedade do futuro, se aspiramos a uma vida melhor em todos os sentidos, não podemos conservar-nos presos ao lamaçal das nossas imperfeições.

Nesta época, Jesus nos faz um último convite para nos aliarmos à sua obra de regeneração pelo Espiritismo, laborando em sua seara como servidores fiéis e dignos do salário da boa vontade. Aceitemo-lo!

Nossos agradecimentos a todos os que, encarnados e desencarnados, colaboraram para a execução deste projeto.

A Jesus de Nazaré, o Mestre Maior, nosso profundo amor. Que Deus, Pai Amantíssimo, nos fortaleça e ampare sempre nossa trajetória rumo à evolução.

Muita paz!

César Augusto Melero
Rolândia, novembro de 1999.

1

Aprendendo sempre

Naquele dia, nos dirigíamos ao Centro de Estudos da Individualidade para as reuniões evangélico-doutrinárias programadas. Nesses encontros, procedíamos à análise de temas do Evangelho de Jesus, de extraordinária importância para nosso aprendizado, quando ficavam evidenciadas as nossas falhas morais e a conseqüente necessidade de crescimento interior com vistas ao progresso espiritual que tanto almejávamos.

Após o fenômeno da morte corporal e o inevitável ingresso no além-túmulo, passa-se por um período em que o mais importante e inadiável é o reequilíbrio das condições perispirituais, prejudicadas em razão de acidente, ou de enfermidade (como no meu caso, o que me obrigou a enfrentar a grande viagem). Ou ainda, em casos mais sérios, quando o corpo espiritual está profundamente comprometido por ato insano ligado ao suicídio, por exemplo. Nesta hipótese, as seqüelas são gravíssimas, exigindo tratamento especializado, como já foi relatado por Eduardo em outro livro, do qual participamos¹.

Adaptamo-nos emocional e espiritualmente à nova situação, maravilhados e perplexos com as novidades que nos apresentavam, com a beleza e a grandiosidade do outro mundo, que muitos de nós ignorávamos até aquele momento.

E passamos cada vez mais a reverenciar o Criador, compreendendo-lhe a grandeza e a sabedoria, a misericórdia e ajustiça. O coração transborda de amor e de gratidão pela bênção da vida eterna; uma sensação inefável de paz e bem-estar nos domina e sentimo-nos reconfortados e seguros. Uma nova visão do futuro nos ilumina a mente e nos dilata as percepções, e a esperança nos infunde alegria e otimismo. A realidade cósmica da imortalidade coloca-nos diante do imperativo de reformular o interior, em face da necessidade de progresso.

Após essa primeira fase, já recuperados, nos propomos a servir. Ansiamos trabalhar, fazer alguma coisa de bom, de útil, para as outras criaturas, ajudar o próximo tal qual fomos ajudados. E nos lançamos ao serviço significante com disposição e otimismo, cheios de alegria e entusiasmo.

Aos poucos, esse estado de euforia passa e retornamos a nossa singela condição, isto é, à de Espíritos imperfeitos, rebeldes, orgulhosos, egoístas, indiferentes, violentos, agressivos, críticos, entre outras coisas.

Perplexos, chegamos a uma constatação constrangedora:
a morte não nos tornou criaturas melhores. Somos o que somos.

Daí a necessidade de nos dedicarmos continuadamente ao estudo do Evangelho de Jesus, como bússola norteadora das mudanças que precisamos implantar, para aquisição de valores morais nobilitantes que nos transformarão em seres mais conscientes e elevados espiritualmente.

Em virtude disso, é obrigatoria a passagem pelo Centro de Estudos da Individualidade. Nesse departamento são programadas reuniões, palestras e outras atividades com o objetivo de cada um se analisar e exercitar o conhecimento de si mesmo.

Nesse dia, estava programada uma explanação em torno do tema Aprimoramento moral.

A palestrante, Anita, era nossa conhecida e gozava de grande conceito e

admiração. Era uma dama de idade indefinível, fisionomia clara e radiante de ternura, envolta em suave luminosidade. As vestes, que pareciam tecidas com fios cintilantes na cor lilás, realçavam ainda mais sua figura nobre e digna. Quando entrou, o recinto pareceu inundar-se com sua presença.

Após a prece inicial, começou a falar. Seus olhos, lúcidos e calmos, passeavam pela assistência, fitando cada um dos presentes e fazendo com que todos se sentissem importantes, o que era sobremodo favorável e propício para a ocasião.

Dotada de grandes conhecimentos e de clareza de exposição, as idéias lhe fluíam da mente de forma sintética e pedagógica, facilitando o entendimento por parte da assistência heterogênea.

A palestrante mostrou a todos os presentes que as dificuldades e os sofrimentos experimentados são consequência da ignorância e do mal que espalhamos no passado, valorizando em excesso o próprio ego, em razão do orgulho e da ambição desmedidos, e de outros comportamentos egoísticos e interesseiros.

Enfatizou a necessidade do Conhece-te a ti mesmo. Demonstrou que as nossas imperfeições, estendendo-se através do tempo, nos têm causado desastrosas quedas morais. Que é imprescindível detectar as nossas fraquezas, para centralizar nelas o nosso poder de combate. E ponderou:

— A memória integral do ser pensante, a individualidade do Espírito, encontra-se arquivada cuidadosamente em camadas profundas, podendo ser acessada à medida que ele evolui em moralidade e conhecimento. Atualmente, cada um de vocês possui apenas lembranças da última encarnação, da personalidade que vestiram no tempo e no espaço durante a mais recente experiência reencarnatória, da identidade que assumiram, cujo nome, profissão, características orgânicas, estado civil e outros dados dizem respeito apenas a essa existência determinada. A proporção que se forem descobrindo, refletindo sobre os próprios problemas, o porquê das dificuldades que enfrentaram e suas raízes, as recordações irão aflorando naturalmente. A reflexão acerca de nossos defeitos e a análise do que fatalmente teremos que enfrentar, como consequência das nossas atitudes, nos levará a desejar ser melhores. Mas essa é uma conclusão a que cada um terá que chegar com os próprios recursos.

Após uma pausa, prosseguiu:

— O mal é a ausência do Bem. A cada virtude negativa corresponde uma virtude positiva que nos cabe adquirir. Aos poucos, a substituição será feita, com grande benefício para o Espírito. O egoísta vai aprendendo a ser altruísta, o orgulhoso a ser humilde, o agressivo a ser pacífico, e assim por diante.

Concluiu suas palavras afirmando que, apesar de nossos erros fragorosos, novas oportunidades nos serão sempre concedidas por Deus, visando ao nosso progresso como Espíritos imortais a caminho da evolução. Que, no estágio atual de conhecimento e de consciência de que já dispomos, urge aproveitar o tempo para fazer o melhor.

Após a palestra, acompanhamos mentalmente a prece de encerramento. Em seguida, sem qualquer protocolo, Anita desceu os degraus que a separavam de nós e se integrou à assistência. Estávamos impressionados. Seu poder de persuasão era enorme, visto que quase todos os presentes se sentiam tocados nas fibras mais profundas.

Agora era o momento de trocarmos idéias, aproveitando a oportunidade

para conhecer as experiências de cada um, de extrema importância para o nosso aprendizado.

Atingidos pelas palavras da expositora, muitos enxugavam os olhos, discretamente, relembrando o próprio caso.

Os grupos se formaram naturalmente e os diálogos surgiam, interessantes e ricos em conteúdo.

Ao passar por algumas pessoas, ouvi um senhor que, demonstrando infinito remorso, relatava a seus interlocutores:

— No meu caso, o ciúme me arruinou. Conheci minha esposa ainda muito jovem e nos apaixonamos. Todavia, meu ciúme era doentio. Ainda na fase de namoro estava sempre a vigiá-la, cerceando-lhe os passos e exigindo explicações a propósito de tudo. Acreditava, no entanto, que após o casamento as coisas iriam melhorar, o que não aconteceu, pois fiquei ainda mais exigente e desconfiado. Não conseguia me controlar. Até que, não suportando mais, minha esposa foi embora, levando nosso filhinho.

Desesperado, então convicto de que ela me enganava com outro homem, fui atrás dela e a matei.

Fez uma pausa, levou o lenço aos olhos e prosseguiu:

— Fui preso, condenado e paguei minha dívida para com a sociedade. Durante muitos anos, amarguei a solidão numa cela. Somente aqui, no além-túmulo, décadas depois, fiquei sabendo a verdade: minha esposa jamais me traíra. Tudo foi engendrado pelo meu cérebro doentio. Perdi a família, perdi a felicidade, perdi a liberdade, perdi tudo. Agora, tento conseguir nova oportunidade para retornar ao corpo físico numa outra encarnação. Para isso, estou me preparando. Recebi orientação para freqüentar este grupo e oro muito a Deus, suplicando uma nova chance. Mas não é fácil... não é nada fácil vencer a si mesmo...

Em outro grupo, uma senhora de olhos arregalados e vivos, um tanto agitada, dizia:

— O meu problema sempre foi falta de paciência.

— Como assim? - indagou uma velhinha simpática.

— Explico-me. Espírito prático, sempre fui muito exigente com todos os que me rodeavam. Desejava que tudo fosse feito segundo minha vontade. Não tinha paciência com o marido, empregada, amigos, colegas de serviço. Vivia sempre irritada e descontente. Nada conseguia realizar porque, se as coisas não fossem do meu jeito, eu me desentendia com as pessoas e delas me afastava.

Fez uma pausa, deu um longo suspiro e concluiu:

— Reencarnei com uma tarefa que me seria muito gratificante: deveria ajudar crianças desamparadas. Meus compromissos anteriores assim o exigiam. Viria a casar, mas não seria mãe, em virtude de haver abandonado meus filhos em mais de uma existência. Seria, porém, mãe de filhos alheios. Como podem imaginar, retornei sem ter conseguido levar a cabo a programação. Não ajudei meu marido ou as crianças de rua.

Irritada e impaciente, desistia de lutar, sempre que um obstáculo surgia, ou que minha vontade era colocada em xeque. Reconheço que perdi a oportunidade apenas por falta de paciência. Hoje, exercei-me, procurando aceitar as pessoas tais quais são e respeitando-lhes o ponto de vista.

Um senhor alto, magro, de óculos, sorriu tristemente e considerou:

— O seu caso, minha irmã, parece-me mais fácil do que o meu. A

paciência é algo que exige treino e que se adquire com o tempo. O seu oposto - a impaciência - não chega a provocar tantos sentimentos inferiores. É algo que você não aceita nos outros, mas que é periférico, no meu modesto entender. Já o meu caso é mais complicado porque envolve mágoa, aversão, sentimentos esses muito fortes e negativos.

Pigarreou, arrumou os óculos de aro de tartaruga e começou a narrar:

— Dentre todas as virtudes, penso que a mais difícil de adquirir é o perdão.

Quando encarnado, sempre me consideraram pessoa boa, paciente e cordata. Mas o que as pessoas não sabiam é que eu era muito rancoroso. A menor ofensa, à mais ligeira crítica, ficava logo ressentido. Não demonstrava meus sentimentos, entretanto não conseguia perdoar. Esse estado de espírito fez com que eu atravessasse a existência conservando o coração em vinagre. Quando meu filho desencarnou num acidente de moto, fiquei desesperado. Passei a guardar ódio mortal do motorista que o atropelou com o caminhão. Os policiais afirmaram-me que ele não teve culpa: que houve imprudência de meu filho ao tentar cruzar a rua com o sinal vermelho e por dirigir em alta velocidade. Nada disso, porém, me convenceu. Desejava destruir aquele homem que havia assassinado meu filho. O ódio me consumiu. Atravessei o resto da existência perturbado e infeliz, dominado pela presença de minhas vítimas do pretérito, que agora surgiam como alagozes, atraídos pelo baixo padrão vibratório em que eu vivia. Vinguei-me do desventurado motorista, fazendo com que perdesse o emprego, e, não contente com isso, vigiava-lhe os passos e o prejudicava sempre que encontrava ocasião.

Alguém perguntou, sensibilizado com o relato:

— E seu filho? Você o tem visto?

— Infelizmente não. Tive algum contato com ele, por generosidade de amigos espirituais, após readquirir um certo equilíbrio, o que não foi fácil. Mas não pudemos ficar juntos. Desde que aqui chegou, meu filho evoluiu muito, espiritual e moralmente, enquanto que eu passei os últimos cinqüenta anos entregue à revolta, vinte dos quais no plano espiritual. Após a morte do corpo físico, ainda prossegui com as idéias de rancor, ligando-me a um bando de vingadores e tentando prejudicar o pobre caminhoneiro.

Atualmente, fui informado de que meu filho está se preparando para reencarnar na família dele. Como seu neto, tentará reparar o mal que lhe causei.

Estávamos impressionados. Cada pessoa ali presente era um mundo diferente e único; suas lembranças nos traziam valiosos conhecimentos, além de nos esclarecerem sobre a importância de dominarmos as próprias inferioridades.

Ouvindo esses relatos, pensávamos em nossos problemas. O que teria determinado a nossa queda? Ou o que estaria nos detendo no caminho evolutivo?

Essas perguntas teríamos que responder a nós mesmos. Buscar nos recônditos do ser, desentranhar sentimentos e sensações - aversões, medos, angústias, traumas - para restaurarmos a nossa identidade espiritual, a qual, como uma colcha de retalhos, tivesse de ser montada, juntando-se os pedaços à feição de um quebra-cabeças.

Esse o nosso desafio. Aliás, o desafio de todas as criaturas humanas, Espíritos eternos e aprendizes na escola da vida.

1 - Referência ao livro “Preciso de Ajuda!”, da autoria espiritual de Eduardo, publicação desta Editora.

2

Reflexões

As palavras da irmã Anita ficaram a martelar-me a mente. Profundamente impressionado, não conseguia esquecê-las. Nossa orientadora tinha razão. Era preciso mergulhar no passado, buscar nos refolhos da memória os fatos de que tínhamos participado, analisar o porque de nossas dificuldades e dos sofrimentos que experimentáramos.

De regresso ao nosso abrigo, ouvia as conversas dos amigos sem qualquer interesse. Irineuzinho' - assim chamado para estabelecer diferença deste para outro amigo com o mesmo nome - caminhava a meu lado.

Você está muito calado hoje, César.

— É o peso da responsabilidade! - brinquei.

Ele riu. Com as mãos nos bolsos, olhou o céu limpo e estrelado, considerando:

— Compreendo seu estado de espírito. À medida que a orientadora Anita falava, comecei a pensar em meu caso. Passei a sentir uma certa angústia, o coração apertado, como se o medo de alguma coisa que ignoro, e que possa vir a descobrir, me tomasse de assalto.

— É, Irineuzinho, são os nossos fantasmas. Conquanto não nos lembremos da nossa história, permanecendo o passado sob o véu do esquecimento, nossa individualidade intuitivamente sabe e teme que os seus erros sejam descobertos.

— Acho que é isso mesmo, César. Então, num processo inconsciente de fuga, age como qualquer infrator apavorado: tenta esconder o que fez.

Permanecemos calados durante alguns minutos, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos. Em seguida, ele voltou a perguntar:

— César, você tem alguma noção do seu passado?

Naquele momento lembrei-me de Sheila². Da minha muito querida Sheila. Suspirei. Sempre que nossas atividades permitem, visitamos amigos na crosta planetária, acompanhando suas vidas e procurando ajudar na medida do possível.

Uma das famílias que temos o hábito de rever, periodicamente, é a de Sheila.

Atualmente ela tem outro nome, mas vamos continuar a chamá-la assim.

Desenvolve-se como uma flor. É uma garotinha esperta, meiga e de olhos grandes e melancólicos; tem os cabelos claros, que caem até o pescoço em cachos largos e macios. Está na primeira infância. Sempre que dela nos aproximamos, ela percebe a nossa presença e sorri. É o mesmo sorriso encantador de sempre.

Todavia, tem o aspecto de uma criança triste, mesmo quando sorri. Quando dorme e seu Espírito se desprende do corpo, corre ao nosso encontro, ansiosa, e chora de saudade.

Por essa razão, evitamos que Sheila nos veja. Especialmente eu, ligado a ela por profundos laços de afeto. É imprescindível deixar que ela cresça, que se desenvolva normalmente, que crie raízes na nova vida e que vá se esquecendo, aos poucos, dos amigos da Espiritualidade, para que possa ser feliz. Isso acontecerá fatalmente com o decorrer do tempo. À medida que o corpo se desenvolve, a encarnação vai sendo consolidada e o Espírito passa a

interessar-se mais pela nova existência. Perde paulatinamente o contato com o mundo espiritual e esquece a vida que levava antes, processo que perdurará até que a reencarnação seja completada.

Entre os motivos que muitas vezes levam a criatura à tentativa de suicídio, está exatamente o desejo de retornar ao plano espiritual, a saudade do mundo que deixou e, não raro, o medo de enfrentar a nova vida. Conforme a natureza das provas que o Espírito tenha de passar, intuitivamente ele se lembra e se atemoriza, podendo ressentir-se de estar numa família que não é a sua, junto com pessoas com as quais não tem afinidade, e luta para regressar ao lugar de onde veio e onde era feliz.

Especialmente na fase infantil, é preciso muito cuidado da parte de pais e educadores. A depressão que ataca as crianças apresenta com freqüência essa causa. A adaptação à nova vida não é fácil e o Espírito reage contra essa situação. Mesmo porque ele não ignora as dificuldades, problemas e sofrimentos que irá enfrentar, e tenta fugir.

Não tem outra razão a melancolia que domina crianças e adolescentes. Saudades da vida que deixaram para trás, dos amigos e familiares que ficaram, da felicidade e do bem-estar que gozavam, e dos quais recordam 1.

Tudo isso me passou rápido pela mente após ouvir a pergunta do amigo: César, você tem alguma noção do seu passado? Virei-me e vi que Irineuzinho esperava, paciente, uma resposta.

— Alguma coisa. Somente alguma coisa.

— Compreendo - disse ele, percebendo que tinha tocado num ponto ainda muito doloroso para mim.

Irineuzinho chegou a Céu Azul depois que o livro, com o mesmo nome, fora ditado. Veio do Posto de Socorro Redenção, onde permanecera durante alguns anos, atraído por seus avós, que lá residiam. Embora tivesse lido o livro, somente agora se lembrava do episódio em que narrei a ida ao Setor de Programação de Renascimentos e as consequentes informações.

— Você já sabe um pouco do seu passado, e isso é muito bom - disse ele. Depois de uma pausa, acrescentou: - Eu não tenho nem idéia do que andei aprontando! Contudo - sempre penso nisso! -, não foi à toa que eu e o Padilha desencarnamos, tão jovens, num acidente!³

Uma voz alegre e curiosa soou atrás de nós, enquanto alguém colocava as mãos em nossos ombros:

— Estão falando de mim?

Irineuzinho o colocou a par do que falávamos e Padilha tornou-se sério de repente:

— Acham que também não tenho quebrado a cabeça pensando nisso? Vezes sem conta tenho rebuscado na memória uma explicação para o que nos aconteceu. Mas não quero ser ingrato para com Deus. A verdade é que tudo tem uma razão de ser, e, algum dia, saberemos o porquê.

Estávamos chegando a nossa casa. Irineuzinho, Padilha, Márcio Alberto⁴, Paulo e outros prosseguiram, pois seus Abrigos estavam localizados um pouco mais adiante.

Despedimonos fraternalmente e entramos.

Todos estávamos calados e introspectivos. Diferentemente de outros dias, não tivemos vontade de ficar conversando em nossa varanda. Mesmo porque já era tarde.

Após uma prece em conjunto, nos recolhemos. Estirado no leito, relaxado,

deixei que a mente planasse livre e os pensamentos fluíssem naturalmente.

A memória buscou o lar terreno e me lembrei da época em que ainda estava encarnado. Embora estivesse muito longe da Terra e da minha cidade natal, parecia-me penetrar o ambiente simples e despojado de nossa casa; ao meu olfato chegava o cheiro característico de comida sendo preparada na cozinha. A presença de minha mãe, sempre terna e carinhosa, e do meu paizão, alto e magro como uma vara de pescar. Coisas de há muito esquecidas vinham-me à lembrança.

Suspirei, enxugando uma lágrima. À época, eu era feliz e não sabia...

Lembrei-me dos primeiros sintomas da doença. A dor no joelho, enjoada e insistente; leve no início, depois vigorosa e constante. Uma presença indesejável da qual eu não conseguia me libertar. Revia-me na cama, com a perna enorme, desproporcional, enquanto a dor, aquela dor terrível, não me dava tréguas.

Por que tanto sofrimento? Reconheço que Deus é justo e que nada acontece por acaso. Sei que mereci passar por aquela situação. Dolorosa, mas de função altamente pedagógica, educativa.

A nossa querida irmã Anita tinha dito que deveríamos refletir sobre tudo o que acontecera conosco, para que, aos poucos, pudéssemos retirar das camadas mais profundas as matrizes dos nossos sofrimentos.

Taí uma coisa que pra mim era fundamental: descobrir as razões da expiação que experimentei na última romagem terrena.

Recordei-me de que, durante a minha doença, alguns irmãozinhos desencarnados permaneciam no ambiente de nosso lar, convivendo conosco, participando de nossas vidas e causando perturbações de vulto. Lembrei-me também de que, na época, foram feitas reuniões mediúnicas no grupo que meus pais freqüentavam, na tentativa de auxiliar esses irmãos revoltados e que tanto me odiavam.

No escuro, levei a mão à cabeça. Como pude ter esquecido isso? Estava perplexo!

Somente agora essas lembranças me afloravam à mente. Mas, por que eles me odiavam tanto? O que fizera eu para atrair tanto rancor? Por mais que consultasse a memória, não conseguia me lembrar. O que fazer? Agora sentia uma urgência íntima, uma necessidade premente de descobrir o que se escondia no meu passado.

Depois de muito pensar, decidi: na manhã seguinte, procuraria os amigos que me acompanharam durante o período em que estivera enfermo e que tanto me ajudaram.

Certamente eles teriam respostas para essas indagações.

Somente depois dessa resolução, consegui dormir. Não tinha percebido o avanço das horas. O dia não tardaria a chegar. As primeiras claridades da aurora surgiam e as estrelas, aos poucos, se apagavam.

Amanhecia.

1 - Irineu Schoereder, de Rolândia (PR).

2 - Referência a personagem do livro “Céu Azul”, do mesmo autor.

3 - Referência ao acidente que causou a morte física de Irineu Schoereder e Carlos Alberto Padilha. Também de Rolândia (PR).

4 - Márcio Alberto Ramires, de Rolândia (PR).

3

O sonho

Tão logo adormeci, reconheci-me em um lugar diferente. A princípio, uma bruma azulada cobria tudo; lentamente, a névoa se foi dissolvendo e, aos poucos, imagens foram surgindo de forma tênue e esfumaçada. Eu não saberia dizer se elas eram produto da minha mente ou se eram realidade. Então, vi uma aldeia em meio a bela região montanhosa, cercada de vegetação luxuriante. Frondosas árvores criavam efeitos de luz e sombra sob os raios do sol, contrastando com o azul profundo de um céu sem nuvens, enquanto flores de colorido variado e vibrante faziam com que a visão se assemelhasse a um encantador cartão-postal.

Estava embevecido na contemplação daquelas imagens, que, embora contivessem tanta tranqüilidade, me davam uma certa angústia. Não saberia dizer a razão da ansiedade e do medo que me tomavam de assalto, fazendo com que o coração batesse forte.

Logo entendi o porquê. Repentinamente, aquela paz bucólica foi quebrada por movimentação extraordinária. Brados de guerra, agudos e estridentes, soaram, enquanto o ruído de um grupo de cavaleiros que se aproximava em disparada fazia com que o solo trepidasse sob os cascos dos cavalos. Pressentindo o perigo, os pacatos habitantes da formosa aldeia corriam, desnorteados, tentando fugir e se esconder. Conquanto sentissem a urgência da fuga, não sabiam que rumo tomar.

Nesse momento, um grupo de guerreiros, rudes e sanguinários, surgiu de todos os lados impedindo a fuga. Portando tochas, que exalavam odor acre e resinoso, atearam fogo nas taperas, transformando tudo num imenso fogaréu, enquanto outros passavam pelo fio da espada todos os homens, mulheres e crianças. Ninguém da aldeia se salvou.

Não pouparam nem mesmo os animais, que lhes poderiam ser de alguma utilidade.

E eu fazia parte dessa tragédia; naquela hora, eu estava ali e senti todo o horror e angústia junto com terrível sensação de impotência diante dessa agressão inominável.

Lutei bravamente tentando proteger meu povo, mas os invasores, mais adestrados, estavam em maior número. Além disso, éramos apenas uma tribo pacífica, que aprendera a cultivar a terra e a sobreviver dos frutos que ela nos dava. Quando caí mortalmente ferido, tentava defender uma jovem loura e frágil a quem amava e que fora o motivo pelo qual os bárbaros tinham invadido nossas terras e destruído tudo.

Um ódio profundo passou a dominar-me o coração e jurei vingar-me daquele chefe guerreiro que tanto mal havia causado às nossas vidas.

Despertei indisposto e cansado. Somente então percebi que sonhara. Tudo me parecera tão real que senti ter vivido naquela bucólica aldeia perdida entre as montanhas. Mas, teria realmente acontecido tudo aquilo que eu presenciara, ou fora apenas um sonho? A razão afirmava-me que sim, que tivera lembrança de fatos acontecidos num passado distante.

Agora, mais do que nunca, precisava procurar alguém que pudesse me esclarecer.

Estava de folga e me lembrei de buscar ajuda com o assistente Matheus,

criatura boníssima e com quem tinha grande afinidade. Muitas vezes eu o tinha visto em meu quarto de doente, quando encarnado. Portanto, deveria estar bem informado.

Contei a Eduardo o que tinha em mente.

— Ótima idéia, César. Se quiser, posso acompanhá-lo. Também estou de folga esta manhã.

Aceitei o oferecimento. Mesmo porque Eduardo e Marcelo, meus amigos mais íntimos, também tinham acompanhado meu processo terminal na vida física.

Caminhamos pelas ruas, bastante movimentadas àquela hora, quando os moradores da Pequena Cidade se dirigiam para seus locais de trabalho. Em poucos minutos nos aproximamos de um prédio baixo e comprido, em meio de extenso e bem cuidado jardim.

Tudo me era muito familiar. Entramos. Atravessamos extensos corredores, cheios de portas, algumas abertas, o que nos permitia ver, ao fundo, o verde do jardim e sentir a brisa que entrava pelas amplas janelas. Logo chegamos à sala de Matheus. Admitidos à sua presença, fomos recebidos com largo sorriso:

— Estou muito contente em vê-los. Mas, o que os trouxe aqui tão cedo? Posso ser útil em alguma coisa?

Incentivado pelo amigo, não relutei em contar-lhe o que estava acontecendo comigo. Falei-lhe sobre as reflexões a que me entregara, como consequência das palavras da instrutora Anita. Relatei-lhe o sonho que tivera e que tanto me impressionara. Depois, concluí, ansioso:

— Matheus, você acompanhou meu período terminal de vida orgânica.

Certamente sabe muitas coisas a meu respeito, que ignoro. Diga-me, será verdade tudo isso?

Com expressão grave, mas afetuosa, ele confirmou:

— Sem dúvida, César Augusto. Ao adormecer, com a mente preocupada, você liberou lembranças de vivências antigas e que muito lhe marcaram o Espírito.

- É verdade, Matheus. Aquelas cenas me chocaram bastante. Porém, o que me impressionou sobremaneira foi o ódio que senti daquele guerreiro. Jamais imaginei que, no atual estágio em que me encontro, pudesse ainda experimentar sentimentos tão violentos por alguém!...

Eduardo, que ouvia calado, considerou:

— Você não deve se preocupar com isso. É que, durante o sonho, você voltou àquele momento específico em que o drama estava ocorrendo, vivenciando a carga de emoções correspondente. Isso não significa que você ainda odeie aquele homem.

— Foi horrível! Ver a aldeia em chamas, os moradores correndo de um lado para o outro, tentando escapar dos invasores... e eu sem poder fazer nada. Ainda sinto o cheiro de fumaça e de carne queimada.

Matheus e Eduardo concordaram em que a experiência deveria ter sido muito dura, mas proveitosa. Eu, porém, refletia: Mas, se fui o agredido àquela época, porque desencarnei na última existência em condições tão dolorosas?

— Porque existem outros fatos que você desconhece. Após essa tragédia que tanto o abalou, ocorrida em época que se perde no tempo, vocês se encontraram outras vezes, conservando o mesmo ódio mortal um pelo outro. O que estava, num dado momento, em melhor posição, esmagava o adversário.

Depois, a situação se invertia, e a agressividade e o ódio continuavam, num círculo vicioso e infundável - explicou Matheus.

— Verdade? Que coisa horrível é o passado! É como se isso tudo tivesse acontecido com outra pessoa, não comigo. Não me recordo de nada. Poderia ter acesso a essas lembranças? - indaguei, interessado.

— Acredito que não haja problema. Em geral, só permitimos o acesso aos arquivos em ocasiões de extrema necessidade...

— Como foi o caso da Sheila... - lembrei.

— Exatamente - concordou ele. - Ou quando o interessado começa a lembrar-se espontaneamente do passado, como é o seu caso. Isto significa que você já está despertando para o conhecimento da memória integral e em condições de obter mais informações.

— Será possível, então? Quando poderemos fazer isso?

Vendo meu estado de ansiosa expectativa, Matheus somou:

— Calma, César Augusto. Que tal amanhã cedo?

— Estarei de serviço amanhã - respondi, com uma ponta de decepção na voz.

— Não se preocupe. Falarei pessoalmente com seu superior no hospital e pedirei para liberá-lo, designando um substituto. Esteja aqui às sete horas.

Despedimo-nos. Externei agradecimentos ao generoso amigo, que nunca tinha deixado de nos socorrer. Abracei-o com carinho. Era incrível como tinha gostado dele desde o primeiro momento em que nos vimos em Céu Azul'. Uma sensação que não sabia explicar me tomava de assalto o coração: Matheus me parecia um misto de pai e amigo, de irmão e companheiro.

O bondoso assistente olhou para mim e sorriu misteriosamente. Compreendi que ele sabia o que me ia na alma e não ignorava os laços que nos uniam.

Quando, junto com Eduardo, deixamos a sala, eu estava sensibilizado até às lágrimas. Caminhamos um pouco pelas ruas e depois nos sentamos num banco de bela praça florida.

Eduardo me olhava de forma muito especial. Colocou-me a mão no ombro e considerou:

— O contato com o passado é sempre emocionante e inesquecível, César. Todos temos que passar por isso.

— Você já conseguiu?

— Em parte. Sempre nos mostram o necessário para nosso aprendizado e crescimento íntimo. Não estamos ainda em condições de suportar tudo.

Alguma coisa em mim despertou. Olhei-o de frente:

— Você está a par de meu passado, não é? Estava sempre em casa conosco, Eduardo, e certamente deve ter presenciado muita coisa.

Pesando bem as palavras, ele concordou:

— Um pouco.

— Por que não me disse? - reclamei, como a criança que se sente traída pelo melhor amigo.

— Porque não estava na hora de você saber. Além disso, não cabia a mim relatar nada. Tudo tem seu tempo certo.

— Compreendo...

No fundo, porém, eu estava um pouquinho magoado, como alguém que não compartilha de um segredo, quando outros o conhecem. Porém, mais no fundo ainda, sabia que ele tinha razão e que agiu corretamente.

Levantamo-nos do banco e prosseguimos de retorno à nossa casa. O resto do dia não consegui concentrar-me em nenhuma atividade, só esperando que chegasse logo a manhã seguinte.

1 - Nessa ocasião, ainda não me lembraava de detalhes da época em que permaneci no leito, quando encarnado. Posteriormente vim a identificá-lo como alguém que me visitava regularmente.

4

Enfrentando a verdade

Levantei-me bem cedo e me pus a caminho. Estava tenso e preocupado. Chegando à sala de Matheus, o amigo percebeu de imediato meu estado de espírito e sugeriu:

Quer deixar para outra ocasião?

Absolutamente! - redargüi. – Nem pensar! Estou ansioso demais para suportar por mais tempo essa tortura.

— Não dramatize, César Augusto. Sua situação é imensamente melhor e mais confortável do que a de muita gente, com a graça de Deus. - disse-me ele, completando:

- Além disso, não conseguirá atingir seu objetivo de recuar no tempo se não estiver em condições de perfeito equilíbrio.

Compreendo. Desculpe-me, Matheus. Por favor, não me negue essa oportunidade. Tentarei me controlar - supliquei.

— Muito bem. Então, vamos.

Conduziu-me para um outro prédio, distante algumas centenas de metros. Durante o percurso íamos conversando e, aos poucos, fui-me tranquilizando. Quando lá chegamos, meu estado íntimo era outro. Estava bem melhor. Certamente, a presença de Matheus, as vibrações que ele exteriorizava e sua conversa serena e amiga foram decisivas para o meu equilíbrio.

Entramos. O orientador conversou com um dos servidores desse departamento, e, alguns minutos depois, fomos introduzidos numa pequena sala de projeções. Na frente, uma grande tela translúcida, algo leitosa, ocupava toda a parede fronteiriça. Algumas poltronas confortáveis, postadas simetricamente, destinavam-se à assistência. Sentamo-nos.

Antes de começar a projeção, Matheus convidou-me ao serviço da oração, o que fizemos com singeleza. Depois, olhando-me com seriedade, explicou:

— César, procure manter-se tranqüilo. Caso você se emocione além da conta, a tela se apagará automaticamente e só voltará a acender quando você estiver equilibrado. Entendeu?

Não conseguia falar. Com leve gesto de cabeça, fiz menção de ter entendido. Matheus apertou um botão ao lado da poltrona, que eu não notara, e percebi que era uma ordem para começar a projeção.

A tela iluminou-se e imagens surgiram como se tivessem vida própria. Já tive ocasião de descrever esse processo de cinematografia no mundo espiritual. É um fenômeno indescritível! As imagens movimentam-se em várias dimensões, e o espectador tem a oportunidade de vivenciar o que está assistindo, inclusive de perceber as impressões dos personagens, as sensações de frio ou de calor do momento, a liquidez da água que escorre por entre os dedos, os odores existentes no ambiente e até sentir o vento, forte e impetuoso, ou a brisa fresca e suave que passa acariciando a pele. Mas vai além. Podem-se registrar também os sentimentos e as idéias das figuras envolvidas, bem como a psicosfera da cena, que, não raro, assinala a presença de desencarnados atuando de modo decisivo nas atitudes dos participantes encarnados.

A tela mostrava uma grande cidade antiga, com prédios de telhados planos, templos sumptuosos, monumentos. Nas ruas, calçadas com pedras, o

trânsito era intenso; pessoas com a vestimenta própria dos escravos carregavam grandes cestos de verduras, peixes e outros gêneros alimentícios. Liteiras luxuosas, sustentadas por quatro, às vezes seis, escravos negros e musculosos, trafegavam, deixando ver seus ocupantes através das cortinas descerradas: mulheres bem vestidas, rostos pintados em excesso, fisionomias fúteis e vulgares; homens trajando elegantes togas fitavam o populacho com arrogância e desprezo. Soldados em grupos, com seus uniformes vermelhos e dourados, metais reluzindo ao sol, cavalgavam belos animais, conversando despreocupados. enquanto atravessavam a cidade. Criaturas sujas e esfomeadas, quase sempre escorraçadas pelos soldados, mendigavam uma moeda ou um pouco de comida. Com emoção, comprehendi que se tratava de Roma, a Cidade das Sete Colinas.

Caminhando pelas ruas, passamos pelo mercado, onde o movimento era ainda mais intenso e os mercadores apregoavam suas mercadorias em altos brados, oferecendo-as aos transeuntes.

Entrando numa rua menos movimentada, começamos a subir uma colina. Um pouco além, à nossa frente surgiu uma grande mansão, em mármore branco, imensa e muito luxuosa. Adentramos seu interior, onde escravos se entretinham com as ocupações domésticas. No tricílio, alguns personagens conversavam, recostados nos leitos.

Falavam sobre os jogos, evento muito concorrido, que teriam início dentro de alguns dias. O dono da casa, um jovem centurião forte e arrogante, dizia:

— Vou acabar com ele. Não há melhor momento do que na corrida de bigas.

Estou informado de que Múncio também irá participar. Desta vez ele não me escapará. Aurélia Regina será minha de qualquer maneira.

Os dois amigos que ali estavam o incentivavam, enquanto levavam as taças à boca, sorvendo grandes goles de vinho. Um deles era Horácio, cliente da casa, ali residindo há algum tempo e dependente da generosidade do anfitrião, visto ser pobre e não ter meios de sustentar seu dispêndioso estilo de vida. O outro, Isidoro, era rapaz de família patrícia, abastado, mas igualmente amante dos prazeres, levando existência desregrada e dissoluta, sem qualquer compromisso com a verdade e a justiça.

— Isso mesmo, Gúbio. Acaba com ele. Esse miserável não merece viver. Além disso, terás um prêmio: a doce e bela Aurélia Regina. Nada mal, heim?...

Fiquei muito emocionado. Observando melhor, reconheci-me naquele centurião a quem chamavam de Gúbio. A comoção foi tanta que a tela se apagou. Matheus aguardou pacientemente que eu readquirisse o controle das emoções para recomeçar a projeção.

O cenário tinha mudado por completo. Desta vez, a cena que surgiu a nossos olhos focalizava um banquete na residência daquela de quem já ouvíramos falar - Aurélia Regina. Tratava-se de uma jovem bela e sedutora, pertencente a uma classe inferior e de moral bastante duvidosa, mas que atraía a atenção dos dois rapazes, fazendo com que a animosidade surgisse entre ambos.

Vendo a jovem, imediatamente a reconheci. Era a mesma moça loira que eu amava e que vira em sonhos, a razão do ataque inimigo à nossa aldeia. Emocionado, estava imerso na contemplação daquela que eu revia depois de longo tempo, quando deu entrada no recinto meu rival, Múncio, acompanhado de dois amigos.

Aproximou-se de mim e o ódio me dominou o coração. Apesar de cobiçarmos a mesma mulher, mantínhamos relacionamento amigável e ele ignorava até que ponto eu o detestava.

Conversamos, e Múncio provocou-me, afirmando que eu não estava preparado e, portanto, não teria condições de vencê-lo nas corridas. Irritado, retruquei, levando a mão ao punhal que trazia preso à cintura, escondido entre as dobras da vestimenta:

— Tenho confiança em minhas habilidades. Mas, se é o que pensa, façamos uma aposta para ver quem de nós dois é o melhor.

Os demais convidados acercaram-se, interessados. As apostas eram sempre muito apreciadas em Roma.

— Aceito! - concordou ele. - Qual será o valor da aposta? Cem... duzentas moedas de ouro?

Fingi desinteresse.

— Quinhentas, então? - insistiu.

— Dinheiro? Não!... não me interessa. Já possuo em quantidade - respondi com desprezo.

— Então, escolha você o prêmio para o vencedor. Aceito qualquer aposta. Passei os olhos pela sala, com displicência. Ao deparar com a figura de minha amada, que, como os demais, acompanhava a cena, divertida com a disputa, sugeri:

— Aurélia! Sim, Aurélia Regina será o prêmio para o vencedor!

Múncio corou ao perceber a minha intenção, mas concordou:

— Aceito.

Com sorriso irônico, a fogosa Aurélia exclamou:

— Eu?!... Ora, sinto-me lisonjeada por ser assim disputada por dois dos melhores partidos da nossa cidade. Sim, é uma boa idéia. Desse modo, resolveremos de vez esta questão. Já que não consigo decidir-me definitivamente por nenhum dos dois, deposito em suas mãos a solução do problema.

E, apanhando de mesa próxima imensa bandeja de estanho, cheia de saladas, ali deixada por um escravo, despejou todo o seu conteúdo no chão. Depois, para surpresa geral, sentou-se sobre ela, afirmindo com orgulho e determinação, enquanto soltava larga e sarcástica risada:

— Muito bem! Aceito ser o prêmio da aposta. Ficarei com o vencedor!

Palmas e gargalhadas estrugiram de todos os lados, pela atitude bem-humorada da anfitriã. Entre os opositores, porém, a tensão aumentara de forma perigosa.

Novamente o cenário mudou.

Desta vez surgiu o Grande Circo. Estava completamente lotado e o populacho aguardava impaciente o início dos jogos. Algumas disputas preliminares e de menor importância abriram os festejos. Mas todos aguardavam a corrida de quadrigas, ponto alto do dia.

Finalmente, chegou o nosso grande momento. Continha-mos com dificuldade os cavalos, frementes de impaciência, como nós mesmos.

Dada a ordem, levamos os veículos para o local determinado, no centro da pista.

Outros dez competidores disputariam conosco a honra de ser o vencedor da corrida. Ao sinal, fustigando os cavalos, partimos em vertiginosa carreira. Uma nuvem de poeira amarela levantou-se do chão, impedindo uma perfeita vi-

sibilidade. Sob os aplausos e as vaias do público, aos poucos os competidores foram deixando a arena em virtude de desarranjos nos carros, ou de acidentes, quase sempre fatais, quando o corredor não conseguia deixar imediatamente a pista, sendo atropelado pelos veículos em alta velocidade.

Éramos poucos àquela altura. Numa das curvas, vi meu adversário, Múncio, que, tentando livrar-se de um outro competidor que avançava firme pela direita, levantou o braço que segurava o chicote, procurando atingir-lhe o rosto. Todavia, a ponta do chicote prendeu-se na roda da quadriga; Múncio foi arremessado para fora do carro e arrastado no solo em meio à poeira dourada.

Múncio estava perdido. Definitivamente fora do páreo, não ganharia mais a corrida. Exultei!

Entretanto, naquele momento, o ódio falou mais alto. Vendo-o ser arrastado na arena pelo carro em disparada, veio-me o desejo insano de trucidá-lo de vez. Chicoteei os cavalos e avancei em maior velocidade ainda. Nesse instante, o chicote de Múncio se soltou da roda em que estava preso e ele rolou pelo solo, todo ensanguentado. Com sorriso satânico no rosto, aproveitei a oportunidade que o destino me reservava e avancei sobre ele, fazendo com que a roda lhe esmagasse a perna.

Eu não precisava disso; meu inimigo estava vencido. Muito machucado, a pele em carne viva, sofrera fraturas graves e provavelmente não resistiria aos ferimentos. Mas, vingativo e cruel, eu ainda não estava contente. Desejava matá-lo com minhas próprias mãos. Só assim ficaria tranquilo.

Ganhei a corrida. Aurélia Regina cumpriu sua parte no acordo, ficando comigo.

Ninguém me culpou pela morte do rival. Todos os que assistiram à competição acreditaram que foi uma fatalidade e que eu não conseguira desviar o carro a tempo.

Naturalmente, deixei que continuassem pensando dessa forma.

A consciência, porém, não me dava paz. Continuava a ver a expressão de pavor com que Múncio me fitou na hora extrema, ao tempo em que seus olhos me suplicavam piedade.

Nunca fui feliz. Aurélia Regina, mulher sem escrúulos e de vida depravada, arrastou-me para uma derrocada moral sem precedentes.

Ao retornar à Espiritualidade, sofri muito, por longo tempo, assediado por inimigos ferrenhos, inclusive Múncio, que não me perdoava pelo crime cometido.

Dezenas de anos depois, fui recolhido por generosos amigos espirituais, já cansado de tanta luta e de tanta miséria. Lembrei-me de minha mãe e supliquei sua ajuda.

O socorro não tardou e levaram-me para um local de refazimento e assistência, em que pude analisar melhor meus atos e repensar minhas atitudes.

Nesse ponto, a tela apagou-se. Chorei. Chorei muito. A verdade sobre o nosso passado é dura e inflexível. Porém necessária.

Desse dia em diante, teria um farto material para reflexões.

1 - Referência ao livro “Céu Azul” de sua autoria.

5

Novas atividades

Caminhamos, eu e Matheus, pelas ruas até uma convidativa praça. Trazia mil indagações na cabeça. Certa vez alguém me disse que eu tinha muitos inimigos, mas foi uma informação vaga, que, na época, não estava em condições de assimilar. Agora, porém, era diferente. O desafeto tinha um rosto e um nome: Múncio.

Sentamo-nos num banco e fiz a pergunta que me queimava a língua:

— Matheus, onde está Múncio agora? Sinto que preciso encontrá-lo para pedir-lhe perdão. No atual estágio em que me encontro, não posso continuar conservando inimizades.

— Sem dúvida, César Augusto. Todavia, tudo vem a seu tempo. Quando ambos estiverem preparados para enfrentar essa prova, a ocasião surgirá. Tenha paciência.

Tudo acontecerá de maneira casual.

— E você sabe onde ele se encontra?

— Sei.

— Mas não me dirá...

— Não. Entenda, não seria conveniente, nem para você nem para ele. Ambos precisam de tempo para refletir. Além disso, César, você foi informado apenas de uma circunstância. Em nossa vida de Espíritos em evolução, tivemos múltiplas experiências e um número considerável de afetos e desafetos. Portanto, ainda terá muitas surpresas, acredite! Você conseguiu saber apenas o que era necessário ao seu aprendizado atual.

— Compreendo. Então, se esta é uma parcela mínima de minhas lembranças, e a que eu tive condição de suportar no momento, nem quero saber o que me aguarda o futuro! - exclamei.

Matheus deu uma sonora risada. Depois, tranquilizou-me:

— Meu amigo, não se aflija nem sofra por antecipação! Tudo é sábio e misericordioso na obra de Deus. O que tiver que acontecer, acontecerá sem traumas, da melhor maneira possível. Jesus vela por nós.

Levantou-se, considerando findo o nosso encontro, que, a bem da verdade, se estendera por longo tempo:

— Agora, vamos andando. Ambos temos compromissos inadiáveis.

— Tem razão! Lamento ter-lhe tomado tanto tempo, Matheus. É que precisava muito trocar idéias com alguém.

O amigo abraçou-me com carinho e despediu-se:

— Procure não pensar muito no assunto. Você já teve lições de sobra por hoje.

Separamo-nos e voltei à nossa casa. Ninguém havia chegado ainda e, assim, pude desfrutar da solidão, rememorando tudo o que tinha visto naquela manhã. Os pensamentos pululavam na mente: Teria Múncio o mesmo rosto? Certamente não, visto que tivera outras existências posteriores. Usaria o mesmo nome? Provavelmente não, pela mesma razão. Mas, então como eu o reconheceria? Qual seria sua condição espiritual hoje? Teria me perdoado ou ainda conservaria mágoa? E Aurélia Regi-na, por onde andaria? Desencarnada, habitando a Espiritualidade como eu, ou na Terra, mergulhada num corpo denso? Que sentimento teria eu por ela, caso a reencontrasse?

Voltaria a sentir o despertar do amor?

Isso me fez lembrar de Sheila, a quem eu amava do fundo do coração. Estava respondida a minha pergunta: não, absolutamente, não! Aurélia Regina não despertaria em mim os mesmos sentimentos de amor, visto que meu coração já se achava ocupado por outra pessoa. Alguém que, no momento, estava encarnado, que era apenas uma criança, mas a quem eu dedicava um profundo e enternecido amor.

Essas cogitações me deram um nó na cabeça, deixando-me confuso. Felizmente, os companheiros começaram a chegar e procurei me distrair um pouco.

Na parte da tarde demandei o hospital, reassumindo minhas funções após a folga.

Achei excelente! Lá, não teria tempo para pensar em minha própria vida. O serviço era muito e poucos os atendentes. Depois, teria minha cota de participação no auxílio aos suicidas em potencial. Não quis apartar-me desse trabalho, como muitos outros fizeram, e por isso continuava dando atendimento, mesmo após terminado o estágio. Era uma área bastante cansativa, que exigia grande responsabilidade, mas extremamente gratificante. Também participava de cursos e palestras, sempre que possível, procurando instruir-me cada vez mais. Além disso, freqüentava o Centro de Estudos da Individualidade e cumpria com regularidade meu compromisso com a Sociedade Espírita Maria de Nazaré, em especial com o grupo mediúnico das terças-feiras. Assim, não me sobrava muito tempo para pensar em outras coisas, o que era ótimo.

Durante alguns dias, ainda me ocupei com perplexidade das lembranças do passado; com o passar do tempo, porém, elas se foram apagando e a vida retornou ao ritmo normal.

Nas reuniões subseqüentes do Centro de Estudos da Individualidade, fiquei sabendo que, como eu, outras pessoas tinham conseguido também resgatar acontecimentos pretéritos de grande importância para suas vidas.

Trocamos idéias, cada qual contou suas experiências, fazendo com que todos, sem exceção, se emocionassem. Aqueles que ainda não tinham tido janelas para o passado ouviam preocupados e com uma certa dose de frustração, aguardando, ansiosos, o seu próprio momento de descoberta da verdade.

Nossa instrutora, irmã Anita, alertou-nos para as consequências desses fatos:

— Como já temos conversado anteriormente, não foi à toa que muitos de vocês tiveram certas áreas desbloqueadas. Isto significa que estão prontos para enfrentar a verdade, assumindo a responsabilidade pelos atos praticados e, especialmente, utilizando esses conhecimentos para eliminar as próprias imperfeições, deixando de lado o homem velho para que a criatura renovada possa surgir, consoante o ensinamento do Mestre.

Fez uma pausa e, observando cada um de nós, prosseguiu:

— Entre os que passaram por essas experiências, todos, sem exceção, tiveram a oportunidade de notar falhas em sua individualidade, nas quais deverão concentrar seus esforços de regeneração. Analisem bem. Reflitam sobre todas as variáveis, sobre seus comportamentos e atitudes, e chegarão a importantes conclusões. Mesmo aqueles que não foram beneficiados por essas lembranças poderão, examinando sua última encarnação, dela extrair excelentes lições.

Um senhor de idade madura, algo obeso, de expressão amargurada, falou:

— Irmã Anita, ainda não consegui recordar-me de nada, mas estive estudando minha última existência na Terra. Passei a vida acreditando que as pessoas não gostavam de mim, me desprezavam. Sentia-me sempre excluído de qualquer atividade, fosse na área profissional, no clube ou na família. Nunca me senti satisfeito. Achava que os outros tinham tido sempre melhores oportunidades do que eu, ganhavam mais, eram mais estimados, mais felizes.

Enxugou uma lágrima e calou-se. Irmã Anita incentivou-o a prosseguir:

— E então? Chegou a alguma conclusão, Gumercindo?

Ele suspirou, levando o lenço aos olhos:

— Sim. Estou certo de que tudo se deveu à inveja, terrível sentimento que azeda tudo o que vê e espreita. Compreendo também que, com essa imperfeição ainda tão viva em meu íntimo, minhas vidas anteriores não devem ter sido melhores.

— Muito bem, Gumercindo. Analisou com clareza suas dificuldades íntimas. E o que propõe como medida saneadora?

— Bem, irmã Anita, certamente tenho muitas outras falhas, mas espero começar logo o trabalho de regeneração procurando vencer esse grave defeito. Além disso, sinto que preciso me reajustar com aqueles a quem, em minha insânia, prejudiquei.

E concluiu, indagando:

— Seria possível? Deus me concederia essa bênção?

A orientadora sorriu suavemente, esclarecendo otimista:

— Sem dúvida. Estamos aqui para isso. Para estudar nossos caracteres e tentar mudar, refazendo nossos passos. O Senhor é Pai magnânimo, que recebe sempre o filho pródigo de braços abertos.

Aquele senhor que relatou sua experiência, após a palestra de Anita, alto, magro, de óculos com aro de tartaruga, pediu a palavra:

— Bondosa irmã Anita. Certamente, não ignora o meu caso. Gostaria de saber se poderei ajudar o caminhoneiro que tirou a vida de meu filho... involuntariamente. Fui informado de que meu querido Juliano prepara-se para retornar como neto de Manuel, para reparar o mal que eu causei ao motorista. Pergunto: algum dia, me será permitido ajudar meu ex-desafeto e, por consequência, auxiliar Juliano na tarefa de restauração?

Acho que somente assim irei liberando o coração da mágoa e aprendendo a perdoar - desabafou, emocionado.

— Guilherme, o Senhor nunca nega oportunidade ao filho que deseja progredir. Isso será possível, sim, desde que você se liberte do ressentimento e cultive o amor.

— Tem razão, minha irmã. Mesmo porque hoje estou convencido de que a ofensa não existiu, porquê tanto estava programado que meu filho voltaria logo à Espiritualidade. O pobre caminhoneiro foi apenas um instrumento da lei divina.

Conversamos mais algum tempo, trocando idéias e nos enriquecendo de novos valores. Cada um, intimamente, refletia sobre seu próprio problema e sobre as maneiras de solucioná-lo.

A orientadora, dando por encerrada a reunião, concluiu:

- Creio que já estão preparados para atividades mais práticas. Aqueles que realmente se decidirem por mudanças interiores e pelo trabalho de

reparação dos próprios erros, procurem-me. Temos grupos em formação orientados para esses objetivos e estaremos cadastrando os interessados a partir de amanhã.

Após singela prece em conjunto, em que agradecemos as bênçãos divinas, nos dispersamos cheios de indagações. Como funcionariam esses grupos de que estávamos sendo convidados a participar?

1 - Referência a atividades citadas no livro “Céu Azul”.

6

No hospital

No dia seguinte pela manhã, estava de plantão no hospital, no exercício de minhas funções, quando recebi um chamado. Aguardavam-me na enfermaria seis. Terminei rapidamente o que estava fazendo e para lá me dirigi.

Tratava-se de um rapaz que fora resgatado havia cerca de quinze dias. Chegando ao mundo espiritual nove meses antes, passara por zonas inferiores liberando-se dos fluidos mais pesados e acabara sendo recolhido por um grupo socorrista. Desde esse momento, estava dando bastante trabalho aos enfermeiros.

Nesses casos, requisitavam-nos para fazer o atendimento, auxiliando na recuperação do paciente e na aceitação por ele das suas novas condições no além-túmulo.

Entrando na enfermaria, logo pude vê-lo. Estava irrequieto, agitava os braços e exigia a atenção dos enfermeiros, que, ocupadíssimos, atendiam os outros pacientes.

Aproximei-me do leito, ignorando suas reclamações.

— Olá!... Sou o César Augusto e vim fazer-lhe uma visita. Como tem passado? - perguntei com meu melhor sorriso.

Irritado, sem me dar atenção, fulminou-me com o olhar, como se eu fosse um verme. Contudo, vendo que eu era a única pessoa que se prontificara a atendê-lo, respondeu mal-humorado:

— Não está vendo, cara? Estou péssimo! Aqui ninguém responde aos meus chamados. Ignoram meus apelos. Preciso urgentemente de ajuda! Estou mal e ninguém liga! Afinal, que droga de hospital é este? Meu pai deve estar pagando uma fortuna e sou tratado como um indigente!

Procurando acalmá-lo, indaguei:

— Meu amigo, mas está lhe faltando alguma coisa? Suas roupas estão limpas, parece bem tratado, sua aparência está ótima! O que lhe falta?

O tom calmo e intencional com que me dirigia a ele fez com que também baixasse o volume da voz, respondendo-me de maneira mais branda:

— A verdade é que sou mantido aqui contra minha vontade! Gostaria de ver minha família, preciso da presença de meus amigos, mas qual! Não deixam ninguém entrar. Acaso serei um prisioneiro incomunicável? Por que estou isolado de todos?

Afinal, que lugar é este?...

— Gustavo, você não está isolado! Olhe quanta gente a seu redor! Quanto à família, poderá receber visitas dos entes queridos logo que estiver recuperado. Por ora, não seria aconselhável. Procure tranquilizar-se, meu amigo. Essa agitação só poderá piorar o seu estado. Olhe, tudo tem seu tempo certo. Atenda ao programa de recuperação que lhe foi traçado pelos orientadores e logo estará bem. Mas, para isso, é preciso seu esforço e sua boa vontade.

Após pequeno intervalo, concluí:

— Se desejar, virei fazer-lhe companhia, sempre que puder. Conquanto desapontado por não conseguir resposta diferente das que já obtivera antes de outras pessoas, Gustavo animou-se com minha proposta final.

— Verdade que virá me visitar sempre? Fala sério?

— Claro! Poderemos conversar, passear pelos jardins, participar das orações coletivas...

Seus olhos mostraram interesse novo. Fazendo sinal para que me aproximasse mais, falou em voz baixa:

- Pode sair daqui à hora que quiser?
- Sem dúvida! Resido fora do hospital.
- Ah!... e poderia me fazer um favor?
- Se estiver ao meu alcance!

— Naturalmente será bem recompensado, César Augusto. Dinheiro não me falta.

Tinha percebido o que Gustavo desejava de mim, mas deixei que continuasse, sem interrompê-lo.

— Poderia trazer-me... você sabe. Estou necessitado, cara... Sabe onde conseguir o pó? - concluiu com gesto característico, baixando mais ainda o tom de voz e lançando um olhar em torno, com receio de que alguém pudesse ouvi-lo.

- Lamento, companheiro. Aqui não entram drogas - afirmei.

Ele concordou, demonstrando tranqüilidade, como alguém que está acostumado a conseguir sempre o que deseja:

— Sim, eu sei. Você tem toda a razão. Mas, sempre se pode dar um jeitinho, não é? Sei como são essas coisas. Se você quisesse, meu amigo, poderia trazer-me um pouco. Um pouquinho só. Não me negue esse favor, César Augusto. A situação está preta, cara. Eu lhe ficaria muito agradecido e você seria bem recompensado - reafirmou.

Olhando sua fisionomia suplicante, os olhos vermelhos, senti imensa piedade.

Coloquei-lhe a mão no ombro e afirmei:

— Infelizmente não será possível, meu amigo. Mas, olhe, sei de algo que vai satisfazê-lo mais e melhor. Aguarde um momento.

Sob sua expressão curiosa, chamei o Jefferson, que acabara de entrar na enfermaria, e pedi que me ajudasse a aplicar um passe no paciente.

Enquanto fazíamos uma prece, Gustavo permaneceu de braços cruzados, irritado e ressentido, sem querer colaborar. A medida, porém, que as energias tranqüilizantes eram assimiladas pelo seu corpo espiritual, ele se foi relaxando, soltando as tensões, até acomodar a cabeça no travesseiro e adormecer placidamente.

Suspiramos aliviados. Por ora, ele estava bem. Durante algumas horas, dormiria, dando descanso aos servidores, que tanto tinham por fazer.

Um senhor de idade, ocupante do leito ao lado, sorriu para nós, agradecido:

— Também já passei por essa fase - comentou - e sei como é difícil. Agora estou bem, graças à ajuda de amigos dedicados. Creio que logo deixarão minha família visitar-me, não acham?

— Sem dúvida! Tenha confiança e continue se esforçando para melhorar - afirmei.

— Pois é! Quando fui internado, meus negócios ficaram nas mãos da esposa, inexperiente, e preciso dar-lhe algumas orientações imprescindíveis ao bom andamento da empresa.

— Relaxe! Certamente sua esposa está agindo da melhor maneira possível. Além do mais, Deus é Pai amoroso e não irá desampará-la em suas

necessidades. Confie!

Agora, você precisa pensar em si mesmo, meu amigo. Quando estiver bom, tudo lhe será esclarecido e terá permissão para ver os familiares.

O velhinho sorriu resignado, e deixamos a enfermaria.

Após atravessarmos um grande corredor, subimos dois lances de escada e entramos num recinto onde diversas pessoas estavam reunidas, conversando. Ali era nossa sala, nosso ponto de encontro no hospital. Terminado o serviço, ou nos intervalos, quando nos sobravam alguns minutos, para lá nos dirigíamos.

Vários outros amigos ali se achavam. Dialogavam sobre as dificuldades que os recém-chegados enfrentavam para entender a realidade da vida no mundo espiritual.

— É interessante como continuamos a ser os mesmos, a ter as mesmas necessidades, a mesma maneira de agir que tínhamos quando encarnados - comentava Giséli.

— Eu que o diga! Agora mesmo um rapaz tentou me subornar para trazer-lhe “coca”. A desinformação e a falta de consciência são tão grandes que ele chegou a afirmar-me não ter problemas de dinheiro. Ainda não percebeu que nada mais possui e que tudo está na sua mente - considerei.

— É. O trabalho de desintoxicação é extremamente demorado e doloroso - disse Melina.

— Sim; no caso desse rapaz, porém, o pior já passou, pois, do contrário, ele não estaria na enfermaria, mas no isolamento! - lembrou Betão com muita lógica.

— Certamente. A verdade, no entanto, é que ele não quer melhorar. Sente ainda falta da droga, gosta dela e deseja continuar no regime antigo, sem saber que já não pertence ao mundo dos chamados vivos - aduzi.

Giséli, Melina e Jefferson receberam chamados e se despediram. Nós continuamos a discorrer sobre o assunto que tanto nos interessava.

— Sempre podemos perceber as imperfeições do indivíduo onde quer que ele esteja, porque faz parte intrínseca da sua individualidade. Ele é dessa ou daquela maneira, conforme suas tendências e conquistas - falou Paulo.

— Mas pode ser influenciado negativamente pelo meio em que vive. Veja o meu caso, por exemplo - dizia Maneco. -Minha última existência passei numa favela, sujeito a tudo o que havia de pior, tanto de vícios quanto de criminalidade. Teria eu culpa de me deixar influenciar pelo meio, Paulo?

— Penso que sim, Maneco. Se você renasceu numa favela em condições difíceis e em contato com o mal, é que isso era necessário para seu aprendizado. Era a melhor situação para seu Espírito. Contudo, tanto poderia deixar-se envolver pelo mal quanto observar os bons exemplos e segui-los, pois na favela, como em qualquer outro lugar, existem pessoas boas, honestas e respeitáveis. É um problema de exercício do livre-arbítrio - concluiu o interpelado.

— Sim, porém o grau de dificuldade é bem maior - disse Maneco.

— Sem dúvida! Mas aí é que reside o mérito de vencer. Quando a prova é mais árdua e exige esforço extra do Espírito, a recompensa, proporcionalmente, também será maior.

— Isso todos temos tentado aprender no Centro de Estudos da Individualidade, mas sem grande êxito - argumentei.

— Por quê? - discordou Paulo. - Acho que estamos nos esforçando,

César. O problema é que a natureza não dá saltos. As conquistas, para serem perenes, precisam de um trabalho de sedimentação que só o tempo trará.

Concordei com um gesto de cabeça, prosseguindo:

— Sim, é verdade. Mas, veja. Da nossa turma, no Centro de Estudos da Individualidade, que se contavam por quase duas centenas, inscreveram-se nos grupos de trabalho prático apenas trinta e duas pessoas!

— Lamentável, César, mas era de esperar. Porque grande parte das pessoas, apesar de se considerarem necessitadas de melhoria interior, ainda não se sentem preparadas para enfrentar sua própria realidade. Em nosso meio, temos indiferentes, preguiçosos, medrosos, ressentidos e outros, que lutam ainda com as próprias imperfeições. O que vamos fazer? É um problema de nível evolutivo, meu amigo. Aqui, nos dão todas as condições de crescimento e aprendizado. Quem não segue junto fica para trás e, fatalmente, terá de recomeçar em outra oportunidade.

Concordamos todos com Paulo e ficamos a meditar na responsabilidade que assumimos com nossos atos diante de nós mesmos e dos orientadores maiores, aqueles que receberam a incumbência de velar por nós, conduzindo-nos ao caminho do dever e do amor ao próximo.

7

Uma experiência diferente

Ao deixar o hospital, após as tarefas do dia, caminhava ao lado de Paulo.

Conquanto não tivéssemos uma convivência mais estreita, visto estarmos trabalhando em áreas diferentes, eu o admirava profundamente.

Do nosso grupo de jovens, Paulo édos mais experientes. Temos grande satisfação em conversar com ele e passamos horas a ouvi-lo sem nos cansarmos. Extremamente simpático, consegue sempre prender nossa atenção.

Ele esteve ausente durante algum tempo, acompanhando uma equipe socorrista requisitada para atender local de extrema necessidade, onde se verificavam conflitos armados. De uma colônia espiritual distante, localizada na Europa, chegara o pedido de socorro, e para lá acorreram servidores para ajudá-la nessa situação dolorosa. Os combates, na Bósnia-Herzegovina, prosseguiam acirrados, causando tantos estragos que os irmãos europeus se viram forçados a pedir reforços a outras regiões do Orbe, para enfrentar o volume de atendimentos.

Imediatamente, movimentaram-se nossos dirigentes levando em conta a solicitação. Dentre os que se candidataram e foram aceitos, estava nosso amigo Paulo.

Pelas suas condições espirituais, equilíbrio emocional, conhecimento de línguas estrangeiras, inclusive do esperanto, era dos mais indicados para a missão. Por um período de dois anos, permaneceu a equipe de Céu Azul no continente europeu.

No retorno, foram recebidos com festas e muito carinho. Certa ocasião nos reunimos na Casa da Esperança, abrigo do qual ele fazia parte, para que nos contasse suas experiências na região dos combates.

Paulo passou a nos relatar as dificuldades encontradas, os problemas, os sofrimentos e as dores daquele povo, que toda a equipe de Céu Azul acompanhou.

Sua tarefa era ajudar na retirada dos Espíritos recém-desencarnados, para que não se aumentassem as vibrações poderosas de ódio e desejo de vingança que ali campeavam e para evitar que eles continuassem a lutar ao lado dos irmãos encarnados, julgando-se ainda na carne, VIVOS.

— E não tínhamos que atender apenas os soldados, combatentes de uma guerra iníqua. A população civil, constituída de idosos, mulheres e crianças, também era dizimada. Cenas chocantes se desdobravam sob nossas vistas, sem que algo pudéssemos fazer. Cenas de selvageria e brutalidade, por simples desejo do mal, se tornaram corriqueiras; torturas e estupros eram praticados à luz meridiana do dia, fazendo com que as vítimas suplicassem pela morte. Não bastasse isso, hordas obsessoras, falanges do mal, dominavam livremente em virtude das baixas vibrações ambientais, facilitando o vampirismo. As cargas negativas eram tão pesadas que as turmas que se revezavam no atendimento, a períodos regulares, procuravam a orla marítima do Adriático para se reabastecerem no ambiente puro e balsâmico da Natureza, limpo de miasmas mentais, e, com isso, terem condições de energizar os corpos espirituais combalidos.

— Como podem ainda acontecer coisas como essas! Nem parece que estamos no final do século 20, prestes a entrarmos no terceiro milênio! -

exclamou Giovanna, penalizada, com o apoio dos demais.

— E o pior é que acontece! A sociedade terrena progrediu muito, mas em certos aspectos parece estar ainda na era medieval - comentou Dínio.¹

— É verdade, meu amigo. Isso ocorre porque a imperfeição moral dos Espíritos ainda é muito grande. E, quando encarnados no planeta, nesses casos em que existe disputa de interesses entre grupos étnicos, todos se envolvem e parecem regredir a níveis inferiores da animalidade, ignorando a razão, o discernimento, a afetividade e a solidariedade.² Cada um pensa em si próprio e perde a noção do que é certo ou errado, do que é justo ou injusto, do que é bom ou mau. Mesmo os que poderiam ter algum direito, por haverem sido espoliados em alguma época, acabam por agravar sua situação pelos excessos praticados contra os inimigos.

Padilha, que ouvia com extrema atenção, questionou:

— Paulo, você encontrou dificuldade em se comunicar com eles em virtude da diversidade de idiomas? Sim, porque sabemos que a linguagem do Espírito é a do pensamento, mas a prática mostra que, dependendo da baixa condição vibratória dos envolvidos, isso se torna difícil, não é?

— Sem dúvida, Padilha. Esse é um obstáculo de vulto nessas circunstâncias, quando os desencarnados se acham ainda bastante impregnados de fluidos muito densos. Trabalhávamos sem muita conversa, utilizando-nos apenas das vibrações mentais no atendimento em campo de batalha. Contudo, não raro era preciso conversar com os atendidos, e então percebíamos que eles não estavam em condições de ouvir nosso pensamento. Aí, apelávamos para a linguagem comum. Como fui estudante de línguas, falando razoavelmente o inglês, o francês, o alemão e o esperanto, além do português, usava os recursos de que dispunha. Tentava uma língua, tentava outra, até me fazer compreender. O esperanto me foi de grande utilidade, especialmente no diálogo com os nossos aliados, servidores do bem. Muitos se expressavam com fluência nesse idioma universalista, o que facilitou bastante o nosso relacionamento, especialmente em termos de ordens de serviço.

— Já que tocou nesse ponto, Paulo, como era o relacionamento entre vocês, isto é, a equipe de Céu Azul e a equipe dos europeus? - perguntou Marcelo.

— Cordial, mas diferente - informou ele.

— Como assim? Diferente como? - quis saber o Gladstone, intrigado.

Paulo pensou um pouco, como se estivesse estudando bem as palavras, e prosseguiu:

— São diferentes! É difícil de explicar. Aqueles servidores trabalham e se esforçam em cumprir bem suas obrigações. Têm um alto senso de dever e de responsabilidade, mas são... como direi... frios, algo distantes. Naturalmente, não são todos; há aqueles que são carinhosos e efusivos, como nós, brasileiros, mas são raros. A colônia espiritual para onde fomos fica situada numa região entre a Hungria e a antiga Iugoslávia, mas a maior parte do tempo ficávamos num posto de serviço provisoriamente montado nas proximidades das regiões de combate. Ali havia atendentes de inúmeras nacionalidades, entre eles alemães, italianos, franceses, iugoslavos, bósnios, austríacos, suíços, portugueses, eslavos...

— ... e brasileiros! - brinquei.

— Naturalmente. Além de nós, afluíram em grande quantidade brasileiros de várias colônias espirituais de nosso território, como Nosso Lar, Campos da

Paz, Redenção, Aldebaran, Alvorada Nova e outras.

— Mas... por que eles são tão diferentes? São Espíritos como nós, conscientes da própria condição!... - indagou a Patrícia.

— Porque ninguém muda com a morte do corpo, minha amiga. Continuamos a ser o que somos. E eles são assim! Foram educados dessa maneira, construíram uma personalidade baseada na razão, que modera a afetividade e não se deixa levar pela emoção. Como mudarem agora de um momento para o outro? Especialmente os que reencarnaram muitas vezes na mesma região. Assimilam os condicionamentos que lhes são impostos, e só o tempo fará com que possam demonstrar alguma mudança. Os italianos e os portugueses, por exemplo, são mais parecidos conosco, emotivos e alegres; já os alemães e os austríacos são mais frios e compenetrados.

Após breves interrupções em que meditamos sobre suas palavras, concluiu:

— Por isso, não imaginam a falta que sentimos daqui, de todos vocês. A saudade era imensa e não víamos a hora de retornar para nossa terra. Lá não existe essa amizade calorosa que a gente vê aqui, essa fraternidade que une os membros de um mesmo grupo e os torna verdadeiramente irmãos. Não digo que eles não sejam unidos. Talvez sejam até mais solidários do que nós, brasileiros. Mas não se comunicam com facilidade nem demonstram de maneira ostensiva seus sentimentos, e isso os torna um tanto distantes e indiferentes aos nossos olhos.

Fez nova pausa e prosseguiu, olhando com carinho cada um de nós:

— Nossa terra é abençoada, acreditem! Em que lugar do mundo pode-se ver tanta gente, de nacionalidades, raças e credos diversos, convivendo sem qualquer problema?

Todos os que aportam ao extenso território da nossa Pátria são bem recebidos, prosperam e se integram, constituindo uma imensa família, na qual a fraternidade e a solidariedade se sobrepõem às dificuldades normais da existência, aos problemas sócioeconômicos e culturais do povo.

Paulo falara, externando tanta emoção, colocando tanto sentimento, que todos estávamos também comovidos.

Enxuguei discretamente uma lágrima, enquanto o Betão -sempre ele! - ao perceber nosso estado interior, que facilmente redundaria em tristeza pela saudade da terra natal, alterou o tônus vibratório, levantando os braços e exclamando com ênfase:

— E viva o Brasil!...

Todos caímos na risada. Daí em diante, o ambiente tornou-se alegre. Um imenso sentimento de felicidade, de satisfação por sermos brasileiros, inundou nosso íntimo. E nos abraçamos, chorando e rindo, rindo e chorando.

Certamente tínhamos a consciência de que, no fundo, todos somos cidadãos do mundo, e que apenas no presente estávamos vinculados ao Brasil. Não ignorávamos que muitos de nós viéramos de outros continentes, sobretudo da velha Europa, e que aqui, nesta terra abençoada, estávamos tendo a oportunidade de fugir dos ambientes em que tanto falimos, para recomeçarmos sob novas bases.

De tudo isso eu me lembrava agora, no momento em que deixávamos o hospital após as tarefas do dia.

Ainda preso à nossa conversa anterior, comentei:

— Paulo, a respeito desse assunto, recordo-me neste instante daquele dia

em que você nos relatou suas experiências na Bósnia, logo após seu regresso. Falava-nos exatamente sobre a dificuldade que temos de nos modificar, mesmo após a passagem para o plano espiritual.

— Exatamente. Sabe, César, muitas coisas me impressionaram naquela época. As experiências foram muito marcantes e dolorosas para todos nós. Mas sempre que revejo os semblantes dos companheiros de lá, calmos, circunspectos e distantes, fico perplexo.

Lembrei-me de Sheila e da sua experiência. Um dia ela me contou que, em virtude de abusos na área da fala e dos relacionamentos, optara por tornar-se freira na encarnação seguinte. Quando a conheci, tinha dificuldade em se expressar, falava pouco, em razão dos condicionamentos dessa época, em que permaneceu muito tempo quase que incomunicável.

— Mas dá para entender por que são assim! - concordei, com um gesto de cabeça.

Continuamos a caminhar calados, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos. Ao nos aproximarmos de casa, despedimo-nos. Nós nos veríamos na manhã seguinte para prosseguimento das tarefas.

Entrei. Os outros amigos ainda não tinham chegado. Fui até o quarto para repousar um pouco. Logo mais iríamos para o Centro de Estudos da Individualidade.

1 - Dínio Afonso Mantovani, desencarnado em 4/5/1985, em Arapongas.
2 – Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas não regridem em sua evolução. Quando temos a impressão de que isso está acontecendo, é que eles estão demonstrando o que realmente são. Ver “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, questão 118.

8

Luz nas trevas

Logo mais, à noite, nos reunimos no Centro de Estudos da Individualidade, ansiosos para saber como seriam formados os grupos e de que maneira iríamos trabalhar.

Irmã Anita, iniciando a reunião, tranqüilizou-nos. Vários colaboradores ali estavam, secundando-a, e seriam os coordenadores, responsáveis pelas diversas equipes.

Por áreas de afinidade, fomos encaminhados aos grupos que passaríamos a integrar.

Conduzido à sala sete, deparei-me com os futuros colegas. Éramos um grupo de cinco pessoas, incluindo o orientador. Com prazer, verifiquei que trabalhariámos sob a direção de Henrique, um amigo de longa data, profissional dedicado que muito me ajudou quando ainda estava internado no hospital, nos primeiros meses como habitante da Espiritualidade. Os outros componentes eram:

Viviane, Adriana e Alberto, o médico que já participara comigo do grupo de ajuda aos suicidas em potencial.

Sentamo-nos em círculo para os primeiros contatos. Apresentamo-nos mutuamente, quebrando o gelo. Viviane, uma jovem morena, simpática, com longos cabelos crespos presos por um elástico, grandes olhos escuros e sorriso melancólico, iniciou, contando-nos sua história:

— Meu nome é Viviane e desencarnei aos trinta anos. Em consequência de uma queda no banheiro, quebrei o pescoço, seccionando a medula, e fiquei tetraplégica aos vinte anos. Extremamente revoltada, tornei a minha vida e a de meus familiares um inferno. Não aceitava a condição de deficiente física. Amava o esporte, fora atleta e participara de jogos e campeonatos em todo o país. Transformei-me numa criatura amarga e insuportável, não recebendo ninguém, nem os melhores amigos. Assim permaneci por dez anos, até que, vitimada por uma pneumonia dupla, deixei o corpo material. Estagiei durante longo período em regiões inferiores, em grande perturbação.

Socorrida, trouxeram-me para cá, onde me recuperei com dificuldade, após muitos meses de internamento no hospital.

Viviane calou-se, sob a forte emoção que as lembranças lhe traziam. Comovido com seu relato e recordando o meu próprio caso, indaguei:

— Viviane, em suas dificuldades nunca pensou em Deus?

— Não! Jamais! - respondeu taxativamente, prosseguindo: - Enquanto eu era forte e saudável, a religião nunca me interessou. Havia coisas mais importantes para fazer, segundo meu modo de pensar. Depois, quando a tragédia desabou sobre mim, retendo-me ao leito, se alguém me falava de Deus ou de um Ser Superior, externava o ódio e a revolta que me iam na alma. Se era verdade que existia um Deus, por que fora tão cruel comigo? Nunca fui pessoa preocupada em ajudar os outros, praticando a caridade, mas também não me lembra de ter prejudicado alguém, nunca fizera nada de mal. Por quê?... por quê?...

Fez uma pausa e concluiu com voz embargada:

— Hoje eu sei que me faltaram noções de verdadeira religiosidade e de espiritualidade maior, que teriam modificado a minha vida. Todavia, meditando agora sobre tudo o que me aconteceu, penso que, certamente, eu não merecia

essa bênção. Deveria vencer com o meu próprio esforço.

Adriana fitava a companheira com os olhos úmidos. Era clara, delicada e tímida, mas tinha sorriso fácil e lindos olhos castanhos.

— Achei comovente seu relato, Viviane. Minha experiência, apesar de dolorosa, é muito diferente da sua. Tive vida confortável, família amorosa, saúde perfeita e alguma beleza física. Nada me faltou. Contudo, uma insatisfação íntima sempre crescente levou-me ao contato com a droga. Daí por diante, não é preciso nem dizer, me afundei cada vez mais. Degradeime aos poucos. Cheguei a ponto de roubar para obter o que queria. Vendi tudo o que tínhamos de valor dentro de casa, para satisfazer o vício, até que meus pais concluíram que eu deveria ser internada. No hospital, ludibriei os guardas e consegui fugir. Não pensava em voltar para casa porque sabia que me levariam novamente para o hospital. Fugi, simplesmente. Nunca mais me pegaram. Mudei de nome, deixei crescer os cabelos. Para sobreviver, passei a relacionar-me com a ralé das ruas, com o submundo do crime, até desencarnar por overdose. O resto, já podem imaginar. Sofri por muito tempo em regiões sombrias, até ser trazida para esta cidade espiritual. - E finalizou:

— Ah! meus amigos!... Como é fácil perder uma existência, mesmo tendo todas as condições de obter êxito. Hoje, na Espiritualidade, com a visão do problema modificada pelos novos conhecimentos, tento reconstruir minha vida, sabendo que fui a única responsável por tudo o que me aconteceu.

Por nossa vez, Alberto e eu também participamos, contando cada qual a sua história, que todos já conhecem, razão por que deixo de fazê-lo aqui para não ser repetitivo e enfadonho.²

Ao término das apresentações, Henrique, que acompanhava atento os diálogos, considerou:

— Muito bem. Cada um trouxe relatos ricos em experiências e de grande conteúdo para análise, o que se reveste da maior importância. Quando nos dispomos a trabalhar em conjunto, faz-se necessário que nos conheçamos bem, aumentando a afinidade e os elos entre todos os componentes.

Após breve intervalo, em que esquadrinhou cada um de nós, prosseguiu:

— Sei que estão curiosos para saber como se desenvolverá nossa atividade. Como estamos estudando nossos problemas morais, iremos atuar em casos previamente escolhidos, que nos chegam através de pedidos de socorro. Esses casos, que se adaptam às nossas necessidades, funcionarão como parâmetros, despertando-nos a sensibilidade e obrigando-nos a refletir sobre as próprias realidades. Mas não se preocupem. Com o transcorrer do tempo, perceberão melhor a finalidade que buscamos. Alguma pergunta?

Como as respostas fossem negativas, ele encerrou a reunião, comunicando:

— Então, começaremos pelo caso Morgado. Estejam aqui amanhã à mesma hora.

* * *

No dia seguinte, excitados pela novidade, nos reunimos no mesmo local. Antes de sairmos, Henrique fez uma prece cuja singeleza não ocultava seus raros dotes de espírito:

— Senhor da Vida! Buscamos-te a presença neste momento em que nos preparamos para mais uma jornada de trabalho na crosta terrestre. Sabedores

das deficiências de que nos revestimos ainda, suplicamos tuas bênçãos e teu amparo para nossas tarefas; não por nós, mas em atenção àqueles que estão necessitados de ajuda e que esperam por proteção. Apesar da nossa pequenez, sejamos nós os dispersores da tua luz e a extensão dos teus braços, direcionados para amparar os desvalidos da Terra. Sustenta-nos na luta, Senhor, e fortalece-nos no cumprimento do dever. Muito obrigado!

Saímos satisfeitos e revigorados pela oração. A noite estrelada era um convite de Deus às nossas almas.

Sob a orientação de Henrique, demandamos o espaço. Não demorou muito e começamos a perceber os contornos de uma grande cidade. Logo, os edifícios, as ruas e as praças estavam visíveis a nossos olhos. As ruas, iluminadas, apresentavam intenso movimento de veículos e de pedestres. Encaminhamo-nos para a zona periférica da cidade, parando num dos bairros mais pobres. A rua, sem iluminação pública, encontrava-se às escuras, clareada apenas pelas luzes provenientes das janelas das moradias. Paramos defronte de uma casa quase que totalmente às escuras.

Entramos. A branda claridade de uma vela sobre a mesa impedia que as trevas dominassem. Observamos o ambiente sob forte impressão. A miséria era grande e o recinto tresandava sujeira. Um certo odor de urina e de excrementos invadiu nossa sensibilidade. Sem parecer se incomodar com o cheiro que impregnava o barraco, a que certamente estariam habituados, três pessoas sentadas defronte de uma mesa faziam frugal refeição. Aproximamo-nos. Constava ela de um caldo ralo, com cheiro de gordura rançosa, em que alguns pedaços de cenoura boiavam, e de um pedaço de pão duro. Notamos, porém, que comiam com satisfação, como se estivessem diante de um banquete.

Eram eles: um homem de idade avançada, maltrapilho e de expressão amarga; uma mulher na faixa dos cinqüenta anos, mas que apresentava ser mais velha, cujos olhos tristes denotavam o desânimo e a desesperança que lhe iam na alma. A terceira pessoa, porém, despertou nosso interesse e admiração. Era uma mocinha, quase uma menina, que se apresentava limpa e penteada, destoando estranhamente do ambiente, apesar das roupas velhas e desgastadas. Seu rosto não tinha traços bonitos, mas era dotado de certo encanto; os olhos, vivos, pareciam chamas iluminando ao redor. Abriu um sorriso encantador e foi como se a primavera entrasse naquele recinto escuro e fétido. Sua condição espiritual, no entanto, era o que mais nos impressionava. Ela exteriorizava belos pensamentos endereçados a Jesus, através dos quais agradecia o alimento que estavam comendo e pedia auxílio para toda a família, além de forças para continuar realizando suas tarefas.

Depois, dirigiu-se aos pais, afirmando:

— Papai e mamãe, não se deixem dominar pelo desânimo. Confio em Jesus e sei que Ele vai nos ajudar. O padre sempre diz que Deus é Pai, e que um pai nunca desampara seus filhos. Então, por que temer? Certamente, Ele mandará Jesus nos socorrer!

O homem rude coçou a cabeça, denotando cansaço, e respondeu com um gesto negativo, de incredulidade:

— Você é muito nova, minha filha, o que pode saber da vida? Eu e sua mãe temos comido o pão que o diabo amassou durante todos esses anos. Pulei de um emprego a outro, buscando sempre um trabalho honesto. Ficava desempregado, mas tinha confiança em que arrumaria outro serviço, e

arrumava. Mas, e agora? Já estou velho, o ex-patrão disse que eu não servia mais para nada e me mandou para o olho da rua. O que fazer? O mercado de trabalho está difícil e não vou conseguir outra colocação.

— Vai, sim, meu pai. Tenha confiança.

A mãe chorava baixinho, concordando com o marido. Ao enxugar as lágrimas no avental, ela inquiriu com voz lamentosa:

— O que vai ser de nós, marido? Como vamos conseguir viver? Se pelo menos não tivéssemos o Zé!

A mocinha reagiu, indignada:

— Nem fale uma coisa dessas, mãe, que está pecando contra Deus! Foi Nosso Senhor quem mandou o Zé para nossa casa, e Ele lá deve ter suas razões.

— Eu sei, Marilda, mas tem horas em que penso que melhor seria que ele não tivesse nascido. Seria melhor para todos. Para ele, que não sofreria tanto, e para nós, que teríamos menos problemas.

— Vira essa boca pra lá, mulher, não diga besteira! - resmungou o marido.

— É isso mesmo! Se o Zé não estivesse aqui, a Marilda poderia trabalhar e nos ajudar a manter a casa, Antonino.

Com imenso carinho, a menininha levantou-se e abraçou a mãe, que, com a cabeça entre os braços, sobre a mesa, chorava convulsivamente.

— Mãezinha, não chore. Se eu fosse trabalhar, quem faria o serviço de casa? Quem lavaria as roupas e faria a comida?

Alguém tem que ficar tomando conta de tudo, para que, quando a senhora chegar, cansada, encontre o serviço feito. Então, que seja eu. Trabalho com prazer, a senhora sabe.

— Mas, filha, seu irmão é tão pesado e você é tão franzina, tão delicada!

— Não, mamãe, gosto de cuidar dele. A senhora sabe como amo meu irmão. Além disso, ouvi dizer que Deus não dá o fardo maior do que a gente possa carregar. Então, se me concedeu essa tarefa, é sinal de que ela não é superior às minhas forças.

Sorriu e, mudando o curso da conversa, esbanjou otimismo:

— Vamos, gente, ânimo! As coisas vão melhorar. Tenham confiança! Olhe, mamãe, estive pensando... eu poderia trabalhar aqui em casa mesmo! Dona Benedita, nossa amiga, tem reclamado do volume de serviço. Falarei com ela e tenho certeza de que não se negará a me dar alguma coisa para fazer. Trarei costuras para arrematar aqui em casa, para que possa, ao mesmo tempo, fazer companhia ao Zé. Certamente, não ganharei muito, mas sempre será de grande valia na atual circunstância. Além disso, continuarei executando as minhas tarefas!

Acompanhávamos a cena que se desenrolava diante de nossos olhos sob intensa emoção. O otimismo, a boa vontade e a disposição de ânimo daquela menina eram notáveis. Uma luminosidade clara e azulada envolvia todo o seu corpo, tornando-se mais intensa na região da cabeça e do coração. Estávamos curiosos. Externando o pensamento geral, perguntei a Henrique:

— Quem é o Zé, de quem tanto falam?

— Vocês logo ficarão sabendo. Aguardem! - respondeu.

Nesse momento, marido e mulher, vendo que não poderiam vencer tamanho bom ânimo, demonstraram desejo de recolher-se. A mãe relutava, entre a cama e a louça suja.

— Pode ir deitar, mamãe. A senhora está cansada. Trabalhou o dia inteiro. Arrumarei a cozinha e depois também irei dormir. Boa noite.

— Boa noite, minha filha, durma com os anjos.

Os pais se recolheram e Marilda foi para a cozinha. Logo, porém, ouviu um grunhido.

Prestativa, encaminhou-se ao quarto do irmão, com quem dividia o aposento, para maior facilidade de atendê-lo durante a noite.

1 - Referencia ao livro “Preciso de Ajuda!” da autoria de Eduardo.

2 - Referência aos livros “Céu Azul”, de sua autoria, e “Preciso de Ajuda!” da autoria de Eduardo.

9

José Domingos Morgado

Entramos. Imediatamente percebemos a presença de um servidor do nosso plano que se mantinha vigilante junto a um leito.

Ao nos ver chegar, aproximou-se dando-nos as boas-vindas. Henrique fez as apresentações. Tratava-se de homem humilde, aparência singela, cuja condição espiritual o credenciava para o serviço. Jeremias era amigo da família e especialmente ligado ao enfermo, do qual se sentia devedor, razão por que solicitara essa tarefa.

Nesse momento, a mocinha debruçou-se sobre o leito, onde estava um rapaz de vinte e poucos anos. Nosso orientador olhou-nos, estendeu o braço em direção do doente e disse:

— Este é José Domingos Morgado - o Zé -, a quem a família se referiu há pouco.

Nasceu sadio, mas no primeiro ano de vida foi acometido de uma grave meningoencefalite, que o prostrou no leito desde essa época.

— O que é isso? - indagou Viviane.

— As meninges são membranas que envolvem o encéfalo e a medula espinhal. Essa doença caracteriza-se por grave inflamação de toda a área, atingindo as meninges e o encéfalo, provocando, entre outras coisas, a paralisia cerebral.

Comovidos, fitamos o rapaz deitado. Nada faria supor a gravidade do problema. Marilda afetuosa mente ajeitou-lhe os cabelos, perguntando:

— Está com fome, Zé Domingos? Quer comer alguma coisa antes de dormir?

O rapaz a olhou com carinho e sorriu. Marilda entendeu que ele estava com fome.

— Ah! Muito bem! Antes, porém, vou trocar suas roupas.

Com presteza e agilidade, a jovem preparou-lhe o asseio. Foi até a cozinha, aqueceu um pouco de água e a colocou numa bacia; pegou bucha, sabonete e voltou para o quarto. Removeu as cobertas, limpou-o cuidadosamente, lavou-o e vestiu-lhe uma roupa limpa. Notamos que, apesar da pouca idade, procedeu com tanta naturalidade que não causou nenhum constrangimento ao rapaz, que, certamente, estaria acostumado a esses cuidados. E ela o fez com tanta competência como talvez não o fizesse uma enfermeira experiente.

Ao terminar, afirmou com um sorriso:

— Agora que está limpo e cheiroso, Zé, espere um pouco. Vou preparar algo para você comer.

O rapaz piscou os olhos num sinal de agradecimento e ela foi para a cozinha.

Felizmente, tinham um pouco de leite que uma vizinha lhes dera. Os vizinhos eram tão pobres como eles, mas, condoídos da situação e das necessidades de José Domingos, sempre colaboravam com alguma coisa. Eles poderiam até passar fome, mas o enfermo sempre tinha o que comer. Cheia de gratidão pela ajuda da vizinha, Marilda fez um mingau e, alguns minutos depois, retornou ao quarto.

— Veja que beleza! Sinta o cheiro! Está uma delícia.

Colocou um pano sobre o peito do irmão e começou a dar-lhe o alimento

às colheradas. Ele comeu com apetite. Aliás, sempre tinha muito apetite.

Terminou de dar o mingau, levou o prato sujo para a cozinha, foi até o banheiro e depois retornou, pronta para dormir.

José Domingos ainda estava acordado.

— O meu nenê ainda não conseguiu dormir? - brincou -Já sei! Está esperando para orarmos juntos, não é?

Ele sorriu fazendo um trejeito. Satisfeita, Marilda sentou-se na beirada do leito e, colocando-se em atitude íntima de oração, de mãos postas, proferiu um pai-nosso, no que foi acompanhada mentalmente pelo irmão.

Vimos que essa prece, modelo que nos foi legado por Jesus, dita com singeleza e profunda sinceridade, saía-lhe da mente e do coração em suaves vibrações de amor, que se estendiam sobre todos os familiares, especialmente atingindo o irmão enfermo.

Notamos também que o Espírito do rapaz estava consciente, embora não pudesse se comunicar em face do desarranjo da máquina física. Com alguma dificuldade, no entanto, tentava acompanhar as palavras proferidas pela irmã, aproveitando integralmente as bênçãos da prece. No trecho em que Marilda disse perdoa as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores, percebemos nitidamente que José Domingos se fechou. A fraca luminosidade que se espraiava do alto da sua cabeça encolheu-se até desaparecer, sendo substituída por emanações pesadas de coloração cinza-escura.

Marilda encerrou o momento de oração, que, na nossa esfera, acompanháramos comovidos, e curvou-se para desejar boa-noite ao irmão. Quando ia beijá-lo, notou-lhe a expressão fisionômica carregada.

— O que aconteceu, Zé Domingos? Você estava tão bem!

Ele virou o rosto para a parede, mostrando desagrado, como se fosse uma criança rebelde. Nós, que ali estávamos, podíamos ouvir seus pensamentos. José Domingos sentia uma profunda revolta pela sua incapacidade. No íntimo, acusava o médico que o atendera na época pela sua doença. Demonstrando grande sensibilidade e intuição, Marilda afagou-lhe os cabelos.

— Eu sei - disse ela com a fisionomia triste. - É o trecho que fala sobre o perdão. Já percebi que, todas as vezes que chegamos a esse ponto da oração, você fica alterado.

Mentalmente, ele respondeu:

É isso mesmo. Não consigo aceitar!... Olhe o que fizeram comigo, no que me transformaram!

— Esqueça, meu irmão. Ninguém é responsável pelos nossos problemas. Deus sabe o que faz. Além disso, já se passaram tantos anos...

Exatamente por isso. Eu estou aqui, preso a uma cama, e ele está andando por aí, livre, rico e feliz.

O diálogo prosseguia, para surpresa nossa. A afinidade entre ambos era tão intensa depois de todos esses anos de íntima convivência, que Marilda, apesar da impossibilidade do irmão, sabia reconhecer-lhe as necessidades e problemas.

— Zé, o médico não teve intenção de prejudicá-lo, meu irmão. Aconteceu, simplesmente. A mãe disse que, quando você estava no hospital, ele afirmou que seu estado era tão grave que você poderia até morrer!

José Domingos virou a cabeça para a irmã e grunhiu, olhando-a com amargura e ressentimento. Mentalmente, resmungou:

Antes tivesse morrido mesmo!

Marilda abraçou o irmão, envolvendo-o com muito carinho.

— Não pense assim, meu querido, você nos faria muita falta. Queremos tê-lo aqui conosco!

Ele virou novamente a cabeça para a parede, de forma acintosa.

— Nós o amamos! Dúvida do nosso amor? - ela perguntou com surpresa.

Não do seu amor, certamente. Sei que é sincera. Mas, quanto a nossos pais, não sei.

— Por que está com esses pensamentos hoje?

Ele baixou os olhos, calou-se por alguns momentos e vimos as imagens mentais que exteriorizava. José Domingos ouvira a conversa da família na hora do jantar. Em virtude das deficiências e naturais limitações do filho, os pais agiam como se ele não estivesse ali perto, separado por fina parede de madeira. Como se, além de tudo, também fosse surdo.

— Você ouviu nossa conversa? É isso? Ah! Zé Domingos, a mãe não falou por mal. É que ela tem muitos problemas...

José Domingos ficou nervoso e demonstrou grande agitação. Queria se agredir, arrancar as roupas e grunhia com desespero. E ouvimos seus pensamentos em resposta à irmã.

Exatamente. E eu só complico a vida de vocês. Se pudesse, eu me mataria.

Assustada, sentindo psiquicamente suas idéias destrutivas, Marilda abraçou-o ainda com mais força, deitando a cabeça sobre o peito dele:

— Não pense nisso, meu irmão. Quer-nos fazer a todos infelizes? Nunca mais pense numa besteira dessa, ou não cuido mais de você. Todos nós o amamos muito, não percebe?

Sua voz calou-se num soluço. Lágrimas sentidas escorriam sobre o irmão. Arrependido, o rapaz colocou a mão nos cabelos de Marilda, fazendo-lhe um afago carinhoso. Intima-mente, afirmava:

— Não chore, Marilda. Sei que vocês me amam. Não quero que sofra. Especialmente você, que tanto tem me ajudado! Perdoe-me, não sei o que se passou comigo, mas não acontecerá mais.

A jovenzinha levantou a cabeça e viu o olhar amoroso pousado nela, e entendeu que ele estava bem novamente. Enxugou as lágrimas, ajeitou-lhe as cobertas e deu-lhe um último beijo, acompanhado de terno sorriso.

— Então, vamos dormir, que já é tarde. Boa noite, Zé!

10

O sono dos encarnados

Deixamos o aposento, indo para a sala. Lá poderíamos conversar sem atrapalhar o sono dos encarnados.

Todos estávamos impressionados com a cena que se desenrolara a nossos olhos. Viviane, especialmente, demonstrava uma comoção maior. Quedara-se, pensativa.

Durante o tempo em que estivemos no quarto, não observamos o que estava acontecendo com ela, atentos ao comovente diálogo entre os encarnados. Agora, porém, notávamos que estava estranha, distante.

Acomodamo-nos na sala. Henrique considerou:

— Sei que têm muitos questionamentos. O que conseguiram perceber da situação?

— Bem - iniciou Adriana -, gostaria de saber o que é esse negócio de encéfalo. Já ouvi referências a essa parte do corpo humano, mas não sei o que significa realmente.

Alberto, que fora médico na última encarnação, explicou:

— Encéfalo, Adriana, é uma parte do sistema nervoso central localizada na cavidade craniana, que compreende o cérebro, o cerebelo, os pedúnculos, a protuberância e o bulbo raquiano.

— Nossa! Fiquei mais confusa ainda com tantos nomes estranhos! - exclamou Adriana, surpresa e com olhos arregalados.

Não pudemos conter o riso. O amigo simplificou:

— Basta você saber que é um problema localizado no crânio. Entendeu?

— Entendi. Obrigada.

Em seguida comentei, perplexo:

— Henrique, achei muito interessante o diálogo entre eles. Que afinidade têm José Domingos e a irmã! Nunca tinha tido a oportunidade de ver nada igual.

— É realmente extraordinário, César Augusto. Mas perfeitamente normal. Não estamos acostumados a ver fenômenos mediúnicos acontecerem? O intercâmbio entre encarnados e desencarnados é acontecimento corriqueiro, que se vê a todo instante!

— Sem dúvida! - afirmou Adriana, completando: - mas aqui são dois encarnados!

— Não deixam de ser dois Espíritos! Além disso, a transmissão do pensamento é algo provado no mundo material. Acrescente-se o fato de que José Domingos, estando impedido de se comunicar com a esfera terrena, tem maior facilidade para liberar-se espiritualmente. Afinidade produz sintonia, e isso os dois irmãos desenvolveram através do tempo, com a convivência.

Henrique fez breve intervalo e prosseguiu:

— Além desses fatores, existe também a vinculação estabelecida no passado, em outras encarnações. Eles não estão Juntos por acaso.

Nesse momento, Viviane, que até então permanecera calada, demonstrou emotividade profunda. As lágrimas desciam-lhe pelo rosto, sem que conseguisse estancá-las. Surpresos e respeitosos, nós a olhávamos sem entender. Afinal, ela conseguiu falar:

— Desculpem-me o descontrole íntimo. Não sei o que está acontecendo comigo.

— Não se preocupe, Viviane. Pode abrir seu coração -afirmou Henrique com brandura.

— Desde que entrei naquele quarto, algo dentro de mim despertou. Senti grande atração pelo pobre José Domingos e, ao mesmo tempo, imensa compaixão.

— É natural essa empatia. Afinal, você também sofreu um problema parecido - considerei, lembrando-me da sua história e do período em que ela também fora paralítica, presa a um leito.

— Você tem razão, César Augusto, mas não é só isso. Existe algo de mais profundo que não sei explicar.

Nesse momento, interrompemos a conversa. José Domingos, em Espírito, deixou o quarto e rapidamente saiu de casa, desaparecendo de nossas vistas, sem que pudéssemos evitar. Aonde iria ele com tanta pressa?

Dali a instantes, surgiu a imagem meiga de Marilda. Transformada a nossos olhos, nimbava-se de luz. Sorriso radiante de ternura, exteriorizava serenidade e paz. Ainda era a mesma adolescente, contudo apresentava mais idade. Vendo-nos, encaminhou-se a nosso encontro com as mãos estendidas num gesto de boas-vindas.

— Que Jesus os abençoe! Henrique, imenso prazer em vê-lo, meu amigo. Certamente estão aqui para nos ajudar. Fico-lhes muito grata pela bondade.

Após trocar com ela algumas palavras gentis, Henrique nos apresentou a Marilda, que abraçou cada um de nós com carinho.

Quando chegou a vez de Viviane, afagou-lhe os cabelos crespos.

— Como vai, minha querida?

— Muito satisfeita por estar aqui e poder conhecê-la, Marilda.

— Seja sempre bem-vinda!

Viviane, mal contendo a emoção, arriscou-se a perguntar:

— Já não nos vimos antes? Você me parece muito familiar! Com os olhos úmidos, Marilda abraçou-a novamente, sugerindo:

— Quem sabe? É possível que, nas inúmeras romagens terrenas, tenhamos nos encontrado. Somos todos Espíritos viajores no tempo, com vínculos insuspeitados uns com os outros, que não se rompem com a distância.

Afastou-se de Viviane, considerando encerrado o assunto, embora a nossa companheira tivesse feito menção de prosseguir.

— Agora, meus amigos, devo ausentar-me. O dever me chama e não posso demorar-me mais.

— Gostaria que um de nós a acompanhasse? Estamos aqui em serviço ativo e sabe que pode contar conosco. Marilda sorriu, agradecida:

— Jesus o abençoe, meu amigo, pela sua generosa solicitude. Prefiro, no entanto, que fiquem aqui cuidando da nossa casa. Sei como lidar com o José Domingos. Não se preocupem. Logo estaremos de volta.

— Então, vá tranquila, Marilda. Cuidaremos de tudo até sua volta - afirmou Henrique.

— Obrigada, meu amigo. Orem por nós. Meu irmão precisa muito de ajuda.

Curioso, não contive uma pergunta que me queimava a ponta da língua:

— Para onde terá ido ele?

Marilda virou-se para mim e esclareceu, com laivos de tristeza na voz:

— Para onde vai todas as noites, assim que adormece, César Augusto.
Para a casa do médico, que julga responsável pelos seus infortúnios!

A formosa entidade despediu-se e saiu, e nos pusemos a conversar.
Jeremias, que aproveitava a ausência do enfermo para cuidar do casal,
retornou à sala, participando da conversa.

— Agora entendo porque José Domingos afirmou que, enquanto ele
permanece preso a um leito, o médico está andando por aí, livre, rico e feliz! -
comentou Adriana.

— Sem dúvida! Ele sabe porque, durante o repouso do veículo corpóreo,
vai atrás, apesar das suas deficiências, daquele que considera seu inimigo -
explicou Henrique.

— O Espírito é livre e vai aonde deseja - completou Jeremias.

— Já estudamos isso. Onde está o vosso tesouro aí está também o vosso
coração - considerou Alberto.

— Só que, no caso do José Domingos, ele desvirtuou o seu tesouro,
direcionando as atenções para alguém que considera um inimigo, sem ao
menos ter certeza de que esse alguém realmente o teria prejudicado - aduzi.

Jeremias, que falava pouco, exclamou:

— Quem sabe!

— Existirá algum vínculo entre eles, isto é, entre o enfermo e o médico? -
quis eu saber, perguntando diretamente a Henrique.

— Sabemos que não existe efeito sem causa, não é? Necessário,
portanto, estudar em profundidade o problema para encontrar as raízes que
levaram aos fatos atuais.

Henrique ia continuar, mas fomos interrompidos. A mãe de Marilda,
desprendida do corpo, assomou à porta do quarto e ficou assustada ao ver
tanta gente. Voltou correndo para o corpo, acordando sob terrível pavor.

Despertou o marido, que, de má vontade, esfregando os olhos,
perguntou:

— O que está acontecendo, mulher? Me acordar no meio da noite, desse
jeito!

— Ai, Antonino, levei o maior susto! Imagine você que sonhei que a
nossa casa estava cheia de gente! Será que isso é perigoso? Ouvi dizer que
sonhar com muita gente é sinal de morte, de velório, de enterro!

— Ora, Alzira, vire essa boca pra lá! Tá ficando maluca, mulher? Nossa
casa está bem, não tem ninguém estranho, e todos nós estamos com saúde.
Até o Zé, que esse tem mais saúde que todos nós juntos.

Mas a mulher, recostada no travesseiro, continuava desconfiada da nossa
presença.

— Ai, Antonino, será que é a minha mãe que vai morrer? Anda meio
adoentada...

— Mas pare de besteiras, Alzira. Sua mãe é velha mas tem saúde de
touro. Pare com isso! Vamos dormir, que estou cansado. Amanhã, quero
começar a procurar emprego logo cedo.

Ali presentes, não podíamos deixar de sorrir com a preocupação da
mulher.

Condoídos, fizemos uma prece. e Jeremias, com quem ela estava mais
acostumada e tinha mais afinidade, aplicou-lhe um passe, tranqüilizando-a:

— Durma, minha irmã. Acalme-se. Tudo está bem.

Aos poucos, ela adormeceu. Jeremias aplicara-lhe energias de forma que

adormecesse também em espírito, para poder repousar melhor e se reequilibrar do susto que levara.

— E o marido, Antonino? - indaguei.

— Esse não tem condições de nos ver. Como não acredita em nada, dorme a noite toda sem problemas.

— Ele não deixa o corpo durante o sono?... - surpreendeu-se Adriana.

— Não. A liberdade do Espírito está condicionada ao conhecimento que possua de espiritualidade. Se alguém não acredita que exista algo além do corpo; que morrer é descansar, permanece jungido ao veículo físico, também durante as horas de sono, condicionado pela própria mente.

Deixamos o quarto para que os encarnados pudesse repousar melhor.

Enquanto eles prosseguiam conversando, e Jeremias contando suas tarefas e os problemas que tinha de enfrentar, olhei para Viviane. Ela continuava calada e circunspecta. Ainda não dissera uma única palavra. Estava realmente preocupado com ela.

Olhei para Henrique, procurando ajuda, mas o orientador devolveu meu olhar fazendo um imperceptível gesto em que me acalmava, dizendo-me que tivesse paciência e aguardasse. Então, deixei a coisa rolar.

Não demorou muito, Marilda retornou com José Domingos.

Agora podíamos vê-lo melhor. Quando passou por nós na sala, não deu para olharmos direito.

Era um rapaz alto, forte, bonito, rosto regular, cabelos e olhos escuros. Tinha a mesma expressão concentrada de rancor que víramos. Ali, porém, ele se movimentava à vontade, falava e reclamava.

— Por que você não deixou que eu desse uns murros naquele cara? Ele merece, Marilda.

— Não, meu querido, já temos conversado muito sobre isso. Ele não tem culpa dos desígnios divinos. O Doutor Vinícius é simplesmente um médico que trabalha dentro das limitações da medicina terrena. Se você está num leito hoje, é porque era necessário para seu progresso espiritual. A aceitação é o melhor remédio nestas circunstâncias. Temos que nos resignar ao que não pudermos evitar, sabendo que Deus é sábio, justo, bom e sabe o que faz.

— Balelas! A verdade é que eu é que estou sofrendo as consequências do erro desse miserável!

Com carinho e paciência infinitos, Marilda prosseguiu:

— Não houve erro, meu irmão, você tem que acreditar nisso!

— Houve sim! Pior que isso! Sei que ele me odeia e me quer destruir - continuou afirmado o rapaz.

Presos à cena que se desenrolava à nossa frente, não vimos o estado de Viviane. Com o rosto entre as mãos, olhos arregalados e supremo espanto, ela gritou:

— É ele! É ele! Ele, que tenho procurado durante tanto tempo!

Com serenidade, Henrique aproximou-se dela e disse:

— Acalme-se, Viviane.

— Henrique, eu o conheço!

Nisso, todos os olhares tinham-se voltado para nossa companheira, inclusive o de José Domingos, que dialogava com a irmã.

O enfermo ouviu o que Viviane estava dizendo e se interessou. Fixou a atenção nela, procurando nos escaninhos da memória onde já a teria visto.

Em choro convulsivo, ela aproximou-se do encarnado, tocou-lhe o rosto

com delicadeza. E a sorrir e a chorar, afirmou:

— Sim, é você mesmo! É você, Alfredo! Tenho certeza! Lembra-se de mim?

José Domingos, que a olhava de forma estranha, ao ouvir aquele nome - Alfredo -, pareceu despertar lentamente. As lembranças começaram a vir à tona, vagas cenas afloraram-lhe a memória, e ele demonstrou na fisionomia o que lhe ia por dentro da mente.

— Lembro-me agora. Você é a Lvette!

— Ivette! Sim, sou eu mesma!

Abraçaram-Se, selando o reencontro depois de tanto tempo.

Nós, que acompanhávamos a cena, também nos deixamos envolver.

Sensibilizados, tínhamos os olhos úmidos e os corações agradecidos pela bênção dessa hora.

Olhei Henrique, que sorria. Ele conhecia a história e por certo esperava esse desfecho.

Aproximei-me discretamente e perguntei:

— Você sabia o que ia acontecer hoje aqui?

— Não. Conhecia os laços que unem Viviane e José Domingos, mas contei com as probabilidades, esperando que algo de positivo sucedesse. E Jesus nos ajudou para que tudo corresse bem.

— E agora? - prossegui.

— Agora... temos muito trabalho pela frente!

11

Lembrando o passado

Decorridos os primeiros momentos de maior emoção, Viviane sentou-se, segurando as mãos de José Domingos, e começou a falar:

— Que coisa fantástica é a nossa mente! Até uns minutos atrás não me lembrava de nada. Agora tudo está muito claro na minha cabeça, como se uma janela para o passado tivesse sido aberta!

E começou a narrar sua história...

— Nasci na França, em Paris, no século passado. Casei-me por interesse com um brasileiro, Ermírio, rico dono de terras, vindo a residir no Brasil. Alguns anos depois. numa festa, conheci Alfredo, por quem me apaixonei loucamente. Por ser casada, ter marido e filhos, nossa união tornou-se impossível. Dominados, porém, pela paixão, resolvemos que o único jeito de ficarmos juntos era matar meu esposo.

Viviane fez uma pausa, enxugou as lágrimas e prosseguiu:

— Planejamos tudo cuidadosamente. A fazenda era grande e Ermírio costumava sair a cavalo percorrendo as lavouras de cana-de-açúcar, ou simplesmente internando-se nas matas. Alfredo ficaria de tocaia num ponto desse trajeto costumeiro, e o mataria.

Nesse momento, José Domingos começou a chorar convulsivamente, gritando:

— Estou arrependido! Eu não queria matá-lo! Fiquei escondido e, quando Ermírio passou, eu o atingi na cabeça com um porrete. Caiu do cavalo e dei-lhe mais dois golpes. Ficou lá no chão, estrebuchando. Fugi daquele lugar. Ninguém podia me encontrar ali.

Ele se calou. Expressão distante, alucinada, olhos vítreos, mostrava no semblante todo o horror que aquelas lembranças evocavam.

Viviane continuou a narrar:

— Algumas horas depois, dois negros o encontraram e o levaram para a casa-grande. Estava em triste estado. As pancadas o deixaram paralisado. Viveu mais alguns dias em agonia atroz, até que desencarnou.

Ela calou-se, entregue às lembranças do passado.

Vendo que Viviane parecia ter-se esquecido de nós, Henrique incentivou-a a continuar:

— E depois, o que aconteceu?

Olhando para ele como se voltasse a si, Viviane prosseguiu:

— Depois, uma nuvem negra pairou sobre nossas vidas. Casei-me com Alfredo, mas jamais fomos felizes. A sombra de Ermírio estava sempre entre nós. Nada dava certo.

Nesse instante, deu entrada no recinto um homem que desconhecíamos. Vinha desarvorado, aflito:

- Quem me chama? Quem me chama?

Henrique aproximou-se dele e, passando os braços sobre seus ombros, tranqüilizou-o:

— Acalme-se, meu irmão! Tudo está bem. Só queremos conversar.

Vendo José Domingos, ele se apavorou, misturando presente e passado, e fez menção de fugir.

— Não querovê-lo! Esse demônio não me dá paz! Já disse que não tive intenção de prejudicá-lo, mas ele me acusa sempre. Sou médico, meu dever é

salvar vidas, não matar. Piedade! Piedade! Jesus, ajuda-me! Não aguento mais!

A cena, altamente dramática, era de profundo significado. Compreendemos, comovidos, que o recém-chegado era o médico, Dr. Vinícius, a quem o rapaz acusava pelos seus infortúnios.

Henrique, que permanecia junto dele, com carinho levou para perto de Viviane e de José Domingos.

— Ninguém o acusa, meu irmão. Observe melhor essas duas pessoas que aqui estão. Lembre-se! Volte ao passado!

Vinícius olhou-os e algo dentro dele rompeu o dique das recordações.

— Ivette! É você?! E ele, é Alfredo! Meu Deus! Agora me lembro de tudo!

Vocês, de comum acordo, destruíram-me a vida. Minha esposa e meu amigo! Por muito tempo os persegui, desejando vingança.

Nesse ponto, Henrique interferiu, asseverando:

— Sim, é verdade, meu irmão Ermírio. Lembrem-se, porém, de que, antes de tomarem um novo corpo em regresso à Terra, todos vocês se prometeram perdão mútuo e refazimento dos laços afetivos. Agora é hora de construir e de pensar no futuro.

Marilda, transfigurada a nossos olhos, aproximou-se do grupo, envolvendo-os com amor. José Domingos, ao vê-la, lembrou-se do passado e exclamou cheio de alegria:

— Mamãe...

— Sim, meu filho. Sou sua mãe, que nunca o abandonou. Apesar dos seus erros, amo-o como sempre. Pedi a Jesus que me permitisse ajudá-lo a reparar seus desatinos, e aqui estou. Agora vim como sua irmã, mas continuo a cuidar de você com o mesmo amor e o mesmo carinho.

Virando-se para Viviane, a entidade abraçou-a:

— E você, minha querida Ivette, saldou uma parte dos seus débitos com a doença que por tantos anos a jungiu ao leito de dor. Continue trabalhando e servindo.

— Dona Eugênia! Quero pedir-lhe perdão pelos males que Alfredo e eu lhe causamos. A senhora sempre foi tão boa comigo!

— Não, Ivette, nada tenho a lhe perdoar. O que vocês fizeram a Ermírio fizeram a si mesmos, tornando-se responsáveis perante a lei.

Envolvendo Ermírio com imenso carinho, a entidade afagou-lhe os cabelos:

— Ermírio, mostre-se generoso e conceda-lhes o perdão. Aquele perdão que sai do íntimo, não o dos lábios. Eles já sofreram muito e estão sofrendo ainda, especialmente Alfredo. Vamos começar uma nova era de entendimento e de paz, para as reconstruções do futuro.

Abraçaram-se uns aos outros, comprometendo-se a mudança de atitudes.

Nós, da equipe espiritual, estávamos emocionados.

Vinícius foi levado de volta ao corpo físico por Jeremias, e José Domingos pela maezinha, hoje irmã dedicada.

Retornando ao presente, já como Marilda, a adolescente nos agradeceu o amparo da noite, convidando-nos à prece.

Com os olhos úmidos e radiantes de intenso júbilo, ela proferiu esta bela oração:

— Senhor Jesus, generoso Amigo!

Nesta noite de bênçãos sem-fim, quando tantas dádivas nos foram

ofertadas pela Misericórdia Divina, queremos agradecer-te. Atendendo a nossos apelos, Senhor, proporcionaste-nos a oportunidade de ajudar entes queridos, há muito necessitados de socorro.

Nada temos para te dar, Senhor, senão nossa boa vontade e desejo de servir, mas queremos de alguma forma repartir o muito que temos recebido. Que a tua bondade possa nos facultar os meios de trabalhar, auxiliando nossos semelhantes.

Agradecidos pelo amparo dos amigos espirituais, colocamno-nos à tua disposição. Fortalece-nos, Jesus amigo, nas estradas da vida, para que possamos melhorar sempre, a caminho do teu reino de paz!

O ambiente tornou-se dulcíssimo pelas vibrações amorosas que Marilda externara na oração. Brandas sensações de paz e conforto nos envolviam.

Acompanhamos Marilda até o leito e despedimo-nos dela com imenso carinho. Ela conseguira conquistar nossa amizade nesse pequeno espaço de algumas horas.

Admiração crescente por ela fazia com que desejássemos continuar prestando nossa ajuda àquela casa.

Tudo calmo, olhamos Viviane, que agora se mostrava alegre e bem-disposta.

Por ora, nada mais tínhamos a fazer ali. Saímos. O céu estrelado nos envolveu como um manto de veludo.

— E daí? O que achou dessa abertura para o passado? -indaguei a Viviane.

Ela respirou profundamente. Depois respondeu, contemplando as estrelas:

— Olha, César, é uma sensação que não tem paralelo. Gostei de ter desvendado um pouquinho do que já vivi. A responsabilidade pelos atos praticados começa a pesar de forma dolorosa. Voltei a sentir raiva de Ermírio quando o vi ingressar naquela sala.

Sim, sei que ele foi nossa vítima naquela ocasião, mas acho que permaneceu mais forte, mais nítida para mim, a época em que ele se arvorou em perseguidor.

— Porque as lembranças são mais recentes e, por isso, mais intensas. Da existência passada você não se recordava.

— Exato. Só me lembrei quando vi o José Domingos em Espírito.

Ficamos calados, mergulhados nos próprios pensamentos, até que ela considerou:

— Mas, o fato de saber que podemos refazer nossos passos, trabalhar para reconstruir o que destruímos, ajudar quem prejudicamos... é também extremamente importante.

Concordei com ela. Eu, igualmente, experimentara os mesmos sentimentos quando tive aquela regressão de memória.

— Sim, sei bem o que você está sentindo, amiga.

— E agora, César?

— Agora, certamente, vamos ter de trabalhar dentro de nós mesmos para vencer as inferioridades. A mágoa, o rancor, o ressentimento, o remorso, devem ser substituídos pelo amor e pelo desejo do bem, de forma que exercitemos a caridade cristã. Não é a isso o que estamos nos propondo?

— Sem dúvida! Agora posso entender por que fiquei todos aqueles anos presa ao leito. Era a lei de ação e reação funcionando. Embora eu ignorasse, o

tratamento corretivo estava acontecendo e o remédio amargo sendo ministrado para propiciar-me a cura da alma.

Henrique, um pouco atrás de nós, ouviu nossa conversa e indagou:

— E não valeu a pena o sacrifício?

— Como valeu! Aqueles anos, que me pareciam tão sofridos, que se arrastavam pesados e enfadonhos, não representam mais nada. Hoje, só tenho que agradecer a Deus.

O espaço cósmico estendia-se à nossa frente. Vencendo as distâncias, nos aproximamos de Céu Azul, nosso lar na Espiritualidade, o qual aprendemos a amar.

12

Dia exaustivo

O movimento no hospital era intenso. Tínhamos sido alertados de que não tardaria a chegar um contingente de desencarnados em estado de grande necessidade.

Acabavam de ser resgatados por excursão socorrista que partira da nossa instituição com destino às zonas inferiores. Assim, havia muito trabalho pela frente.

Enfermeiros e atendentes, ligeiros, movimentavam-se de um lado para outro para atender a todas as solicitações. Arrumavam-se os leitos, ultimando os preparativos.

Todos os servidores que tivessem condição e boa vontade deveriam apresentar-se para o trabalho de emergência. Mesmo os que estavam de folga. O aviso tinha sido expedido pela direção do hospital e, em resposta à solicitação, ali estávamos nós oferecendo nossa colaboração.

Jesus afirmou que a seara é grande e os trabalhadores são poucos, o que mais do que nunca, ali, era uma realidade. Em virtude da grande carência de cooperadores treinados para assistência aos recém-chegados, todos nós nos engajamos nas atividades, salvo quem estivesse servindo em outra área ou impossibilitado de comparecer.

No corre-corre que se estabelecia em razão das novas internações, ainda havia os albergados mais antigos, que estavam a exigir nossa atenção. Ao passar pela enfermaria seis, ouvi um chamado:

— César Augusto!

Voltei sobre meus passos e deparei com Gustavo. Sentado no leito, olhava-me com curiosidade. Sorri, amistoso.

— Olá, Gustavo! Como tem passado?

— Vou levando. Sabe como é, se pudesse escolher, certamente não estaria aqui.

Sempre o mesmo enfermo inconformado e rebelde. Apesar da pressa, parei e, com paciência, retruquei:

— Gustavo, meu amigo, não seja ingrato. Sua situação é infinitamente melhor aqui do que se continuasse entregue a si mesmo nas zonas inferiores. Ou já se esqueceu do que sofreu por lá?

Constrangido, ele argumentou:

— É... eu sei. Não posso negar que aqui tenho mordomias que não tinha lá. Mas era diferente! Antes, tinha liberdade de me locomover à vontade, ia aonde quisesse e ninguém me impedia. Aqui, estou restrito a esta enfermaria!

Não pude deixar de aduzir, ouvindo seus argumentos:

— Isso é relativo, meu irmão. Você tinha liberdade nos limites da sua condição espiritual, e só entrava em ambientes cuja baixa vibração o permitisse. Não creio que isso seja uma vantagem. Aqui, ao contrário, sua posição é bem melhor e você reconheceria essa verdade se não fosse tão teimoso e rebelde. Quer saber, há muita gente que daria tudo para estar no seu lugar. Além disso, pode ir até o jardim, passear, sentar nos bancos e contemplar a natureza...

— Mas aqui sou sozinho!

Novamente a mesma reclamação. Ele estava me tomado muito tempo e era preciso cortar aquela conversa que não nos levaria a nada.

— Você não está sozinho, Gustavo. Sempre que posso, venho fazer-lhe companhia e sei que outros jovens fazem o mesmo.

— Fique aqui comigo agora.

— Não posso. Procure ler alguma coisa. Você tem excelentes livros na gaveta de sua mesa de cabeceira.

— Não gosto de ler, você sabe. Acho esses livros chatérrimos!

— Bem, então mais tarde virei fazer-lhe companhia. Podemos passear pelo jardim e conversar.

— Não vejo graça nisso! - respondeu, fazendo uma careta.

— Bem, então podemos fazer outra coisa... jogar xadrez, por exemplo!

— Não sei jogar.

— Eu ensino.

— Não quero e não gosto.

Diante da má vontade do rapaz, pensei um pouco e respondi, um tanto irritado:

— Gustavo, você não quer companhia nem amizade. Sente falta, na verdade, é dos companheiros que lhe satisfaziam a dependência do vício. Lamento, meu amigo, mas nisso não posso atendê-lo. Agora tenho que ir - afirmei, já me preparando para sair.

Dei alguns passos, mas ele gritou:

— Espere! Espere um pouco! Que pressa! O que está acontecendo afinal? Todos estão superocupados... não podem me dar atenção...

— Está para chegar um grupo de pessoas que foram retiradas da zona umbralina, tal qual aconteceu com você. Garanto-lhe que eles se sentirão muito felizes por receberem assistência nesta unidade hospitalar. Pense nisso.

Afastei-me às pressas. Não tínhamos tempo a perder e eu gastara minutos preciosos.

A caravana chegou e nossa sensibilidade foi inundada por gritos, lamentos, reclamações e toda sorte de impropérios. Alguns exigiam especial atenção, alegando sua condição social, outros proferiam queixas quanto à demora em receber ajuda; ou pediam que telefonássemos aos médicos, dos quais eram clientes e com os quais estavam acostumados; outros, ainda, reclamavam a presença da família, que não viam há muito.

A todos tínhamos que receber com carinho e respeito, dentro das suas características pessoais, encaminhando-os para atendimento. Os médicos socorriam um por um, medicando-os em regime de urgência. Procedia-se à higiene pessoal, faziam-se curativos. Dentro de algum tempo, todos estavam acomodados em alvos leitos, limpos, acolhedores e aquecidos, recebendo alimentação nutritiva e reconfortante.

Algumas horas depois, quando o movimento já diminuía de intensidade, ao transitar por um corredor, portando uma bandeja com medicamentos que a irmã Clara pedira, ao virar uma esquina trombei com alguém que vinha em sentido contrário. Um tanto irritado, não me contive:

— Ei! Não vê por onde anda?

— Estava limpando o chão e não o vi aproximar-se - desculpou-se o outro.

Só então o olhei com atenção e notei que era um atendente dos mais humildes. Trazia nas mãos um esfregão e um balde com líquido desinfetante, que agora estava caído no chão, entornado. Sua fisionomia não me pareceu estranha. Senti imensa vergonha da minha atitude e afirmei:

— Eu é que lhe peço desculpas. Estamos trabalhando há horas e...

— Compreendo. Certamente está exausto. Hoje foi um dia de grande movimento.

— É verdade, mas isso não me dá o direito de destratar ninguém. Você também deve ter trabalhado muito. Peço-lhe perdão.

Estendi-lhe a mão, apresentando-me:

— Sou César Augusto.

Ele me olhou de forma especial. Tinha aparência comum. Pele morena, nariz proeminente, olhos grandes e amendoados com expressão diferente; cabelos escuros e ondulados, cujo comprimento ia até o pescoço, um tanto grisalhos. Certamente, não era muito de falar. Permaneceu calado por alguns momentos; depois respondeu, apertando a minha mão estendida:

— Chamo-me Hassan.

— Descendência árabe?

— Sim.

— Nunca o tinha visto por aqui. Desde quando trabalha no hospital?

— Há pouco mais de um mês. Vim de um posto de serviço próximo da Terra, em regiões mais densas.

— Ah!... Muito bem, Hassan. Prazer em conhecê-lo. Até logo.

Afastamo-nos. Cada um foi para seu lado. A imagem daquele homem, porém, não me saía da cabeça. Onde já o teria visto? Por mais que rebuscasse na memória, não conseguia descobrir. Ora, pensei, deve ser parecido com alguém que conheço. Não devo perder tempo com isso.

Contudo, não conseguia esquecer o rosto daquele homem. Confesso que não me causou boa impressão. Alguma coisa nele me incomodava, provocando mal-estar.

Coitado! Eu fora realmente rude com ele. Na verdade, era ele que não deveria ter ficado com uma impressão muito favorável a meu respeito. E com toda a razão!

O plantão estava terminando e logo outra turma assumiria nosso lugar. Estava realmente exausto. Talvez nunca tivesse ficado tão cansado.

Ao retornar para casa com os amigos, permaneci calado. Os outros também não demonstravam ânimo para conversar, por estarem tão esgotados quanto eu. O silêncio era geral. Tive vontade de sentar-me na varanda; Eduardo me acompanhou. Os outros companheiros, que iriam dar plantão, já tinham saído, e os que chegaram foram dormir.

Assim, tudo era paz e quietude. Aquele lugar da nossa casa sempre conseguia proporcionar-me tranqüilidade e restaurar-me o equilíbrio. Mas, nesse momento, tinha a mente assoberbada. A certa altura, olhando o céu estrelado, não contive o desabafo:

— Hoje exorbitei.

— Como assim?

— Eduardo, agora estou convencido de que, apesar de tudo o que aprendemos aqui, não mudei nada! - respondi com gravidade.

— O que aconteceu? - indagou, atencioso.

Relatei a ele, minuciosamente, o que se tinha passado, sem omitir nada. O episódio da enfermaria seis, com Gustavo, e, depois, a trombada com o servidor Hassan. E terminei, dizendo:

— É imperdoável! Não consegui me controlar. Primeiro, com um pobre viciado. Depois, com um faxineiro. O que está acontecendo comigo?...

Colocando-me a mão no braço, Eduardo pensou um pouco e considerou:

— Não está acontecendo nada de extraordinário com você, César. A verdade é que somos todos imperfeitos! Sob uma tensão muito grande, seu emocional sofreu certo desequilíbrio. O que, até certo ponto, é natural, tendo em vista o estágio evolutivo em que transitamos. Tudo pode ser reparado.

Eu, porém, continuava inconformado:

— Mas não podia ter acontecido! Se nós, que tanto temos estudado e aprendido, nos comportamos dessa maneira, o que esperar dos outros? Fiquei irritado com o mau humor e o pessimismo de um viciado em drogas, que, sei perfeitamente, está em tratamento e passando pelas dificuldades naturais de um recém-chegado à nossa esfera.

Eduardo deixou que eu desabafasse sem interromper. Fiz uma pausa, levando a mão à cabeça. Depois, prossegui:

— E o mal-estar que o pobre Hassan me causou? Que coisa estranha, Eduardo!

— Ah!...

— Você o conhece?

— Não.

— Bem, então não pode avaliar o que senti.

— Esqueça! Tudo isso passa. Quando o encontrar outra vez, verá que as coisas estarão diferentes.

— Queira Deus que você tenha razão! Bem, é tarde e precisamos descansar um pouco. Temos trabalho daqui a algumas horas.

Despedimo-nos e cada um foi para seu quarto. Todos já estavam recolhidos.

Deitei-me, mas o problema não me saía da cabeça. Por quê? Por quê?

Fechei os olhos, buscando a elevação de pensamento. Mentalizei a imagem de Jesus, e ela surgiu, na acústica da alma, clara e nítida, como no dia em que assistimos ao filme relativo a seu Calvário.'

Os braços do Mestre estavam estendidos em minha direção e suas mãos pareciam abençoar-me. Chorei. Chorei muito. Reconhecia que falhara perante mim mesmo, perante meus semelhantes. Sentia-me culpado e considerava-me indigno dos mestres que tivera desde que aportara na Espiritualidade. O que pensariam eles de mim se soubessem como agira?

Orei como há muito tempo não orava. Abri o coração, expondo meu íntimo, e supliquei o amparo do Criador para minha alma necessitada de luz.

Estava assim entregue a mim mesmo, quando uma branda luminosidade, como fumaça esbranquiçada, começou a se formar à minha frente, no alto. Atento, percebi que lentamente surgiam os contornos e, logo, a figura de um homem deparou-se diante de meus olhos maravilhados, a fitar-me com brandura.

Era um romano. Envergava uma toga branca, de tecido luminescente, com uma faixa azul-celeste a contornar-lhe a cintura. Seu rosto tinha uma expressão serena e leve sorriso bailava-lhe nos lábios. E, coisa curiosa, nas mãos trazia um pergaminho escrito com letras e bordas douradas, que eu não conseguia ler.

A presença dessa entidade encheu-me o coração de alegria e emoção. Sabia que éramos conhecidos de épocas remotas, embora não me lembrasse de quando.

Respeitoso, agradeci mentalmente a visita que tanto me reconfortava.

Quando o nobre visitante começou a falar, sua voz fez reacender em mim imensa saudade de algo que ficara perdido no tempo:

— Tudo está indo muito bem. Não exijas demasiadamente de ti mesmo. A evolução é produto do próprio esforço e que só o tempo concluirá. Estamos juntos desde eras remotas, meu filho, e continuaremos unidos pela Eternidade. Não desanimes, seja qual for a dificuldade. Confia sempre e prossegue lutando e servindo. Aproveita o momento que passa e a oportunidade que surge radiosa em teu caminho, para reparar erros do pretérito e refazer ligações com velhos companheiros de romagem terrena. Logo terás a resposta para tuas indagações. Que o Senhor da Vida te proteja e ilumine sempre!

Parou de falar. Ansioso, eu desejava perguntar quem era ele, onde nos teríamos conhecido, quais nossos vínculos, mas não consegui articular palavra. A emoção era intensa e um nó na garganta impedia que falasse. Do mesmo modo como havia chegado, afastou-se repentinamente, diluindo-se sua imagem aos poucos, como poeira cósmica.

As lágrimas voltaram a cair, abundantes. Agora, porém, de felicidade. Um grande bem-estar inundava minhalma. Sabia que teria de lutar, e lutaria. Ânimo renovado, repassava as palavras que a nobre entidade proferira, ultimamente compreendendo o que me competia fazer. Quanto aos companheiros do passado, nada poderia fazer no momento, evidentemente. Teria que esperar que surgissem para as reparações e entendimentos necessários. Todavia, outras coisas poderia fazer no presente. Procuraria Gustavo e Hassan para tratá-los de forma diferente, modificando, assim, minha conduta, sob os ditames da fraternidade legítima.

Novamente elevei pensamentos de gratidão a Deus pela ajuda inesperada que me proporcionara na presença desse amigo de Altas Esferas.

Logo, brando sono dominou-me e adormeci tranqüilo e feliz.

1 - Referência a filme citado no livro “Céu Azul”, de sua autoria. Capítulo 26.

13

Visita inesperada

Utilizando o tempo de que dispúnhamos, procurávamos adequar as atividades para atender a todas as áreas com as quais nos comprometemos.

Assim, passamos a visitar a casa de José Domingos periodicamente. Era com grande prazer que víamos as mudanças que se operavam em Viviane. Cheia de desejo de servir, dedicava-se à família com carinho e determinação. Algo dentro dela promovera alterações profundas. Basicamente, permanecia a mesma, contudo se tornara mais mansa, mais compassiva, mais amorosa.

Havíamos estabelecido um plano de ajuda à família Morgado. Nesse dia, quando chegamos, Marilda terminava os cuidados com o irmão e preparava-se para buscar mais serviço na casa de Dona Benedita, para a qual estava trabalhando, como tinha se proposto.

Adriana e eu a acompanharmos. Os outros permaneceram ao lado do enfermo.

Dona Benedita a recebeu com satisfação.

— Que bom vê-la, Marilda. Como vai o Zé?

— Vai bem, Dona Benedita, obrigada. Vim saber se a senhora tem serviço para mim.

- Graças a Deus que você veio, minha filha. Estou cheia de costuras e ainda bem que tenho você para me ajudar! Sente-se e espere um minuto. Vou buscá-las.

Marilda acomodou-se, contente. Dona Benedita tinha o condão de transformar sua atitude generosa, fazendo com que parecesse que Marilda é que lhe prestava um favor, e por isso também lhe era grata.

Enquanto aguardava, relanceou os olhos pelo ambiente. Sobre uma pequena mesa lateral havia um livro. Por nossa sugestão, a jovem aproximou-se e tomou-o nas mãos. Leu o título: O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Interessada, sentou-se novamente e começou a folheá-lo, abrindo-o ao acaso.

Diante de seus olhos surgiram as palavras do Cristo que abrem o capítulo 6 desse livro admirável:

Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobre carregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo.¹

As palavras de Jesus ecoaram em sua alma sedenta de consolação, causando-lhe intenso bem-estar. Continuou lendo: Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em afé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: - Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei.

Estava tão interessada na leitura que nem percebeu que Dona Benedita voltara e estava esperando, a seu lado, com a sacola de roupas na mão.

Um tanto constrangida, Marilda desculpou-se:

— Desculpe-me, Dona Benedita, não deveria ter mexido em suas coisas, mas este livro chamou minha atenção e não pude resistir.

A dona da casa sorriu, compreensiva:

— Não tem importância, Marilda. Se estiver interessada, pode levá-lo.

— Posso mesmo? Muito agradecida, Dona Benedita. Fiquei surpresa.

Não sabia que a senhora se interessava por religião.

— É que nunca tivemos oportunidade de conversar sobre o assunto. Sou espírita.

— Espírita? - surpreendeu-se a outra.

— Sim. Sabe o que é a Doutrina Espírita?

— Não.

— Pois então, leia este livro e depois conversaremos com mais calma.

Marilda agradeceu novamente e despediu-se, levando as roupas e o livro de encontro ao coração. Estábamos satisfeitos com o andamento do caso.

Chegando em casa, logo começou a trabalhar. Dona Benedita era patroa compreensiva, mas tinha urgência do serviço.

Deixamos nossa amiguinha entregue a suas tarefas e aproveitamos o tempo para fazer outra visita.

Acompanhando Henrique, dirigimo-nos a uma movimentada rua no centro da cidade, parando defronte do consultório do Dr. Vinícius. Ele estava atendendo, e na sala de espera encontravam-se três pessoas aguardando.

Entramos. A um canto da sala, pusemo-nos a observar seu trabalho. Era um profissional sério, competente e criterioso.

Entre uma consulta e outra, porém, percebíamos seu pensamento, preocupado.

Desde alguns dias, instalara-se-lhe na mente o desejo de rever um antigo paciente.

Havia anos que não tinha notícias dele, mas se lembrava de que, muitas vezes em sonhos, ele lhe aparecia e o acusava de alguma coisa.

Nos últimos dias isso não mais ocorrera, mas lhe ficara o desejo de saber o que era feito dele. O nome do cliente: José Domingos Morgado.

Mente racional, sempre direcionada para a ciência, Vinícius não entendia o que estava acontecendo. Seu amigo Orlando, adepto do Espiritismo e a quem confidenciara a estranha situação e o mal-estar que sentia, aconselhou-o a ir a um centro espírita, pois estava precisando tomar passes.

Vinícius riu na cara dele. Não acreditava nessas coisas sobrenaturais. Achava que eram credices, superstições do povo ignorante.

Quando terminou os atendimentos, nos aproximamos e Henrique sugeriu-lhe que fosse visitar o antigo cliente.

Mas agora? pensou em voz alta, sem se dar conta de que estava a conversar com alguém.

Por que não? Suas consultas terminaram por hoje. Aproveite a oportunidade. Não deixe o tempo passar em vão.

Aceitando a sugestão, ele murmurou:

Bem lembrado. Acho que vou agora mesmo. Chega de adiar. Vou procurar a ficha e ver o endereço. Certamente ainda estará em nosso arquivo.

Logo, com um papel na mão em que anotara cuidadosamente o endereço, ele tira o carro da garagem e dirige-se a bairro miserável da periferia. Mal sabia ele que não estava só. Junto dele seguíamos todos nós, aboletados no veículo.

Chegando ao endereço, Vinícius bateu na porta e logo uma mocinha veio abrir. Era Marilda.

— Boa tarde! - cumprimentou ele, sem saber que desculpa dar para sua presença ali.

Aovê-lo parado na porta, Marilda, que já o tinha visto na rua, reconheceu-o e sorriu, estendendo-lhe a mão efusivamente:

— Dr. Vinícius! Que prazer. Entre, por favor.

Ela não perguntou a razão da sua visita, mas ele sentiu necessidade de justificar-se:

— Sabe, vim atender um paciente aqui perto e lembrando-me de José Domingos

— Que gentileza a sua! Venha, vou levá-lo até o quarto de meu irmão.

— Como é seu nome?

— Marilda.

Mais tranquilo pelo acolhimento da mocinha, o médico a acompanhou. Chegando ao quarto do enfermo, sentiu o coração se confranger ao ver o rapaz estirado no leito.

— Como ele está passando? - perguntou.

— Bem. Saúde é o que não lhe falta. Não é, José Domingos?

O rapaz olhou o homem à sua frente e o reconheceu. Grunhiu, virando a cabeça para a parede, como sempre fazia quando estava descontente.

— Vim visitá-lo, José Domingos. Como vai?

E, voltando-se para Marilda, perguntou:

— Alimenta-se bem?

— Sim. Estamos em dificuldades, mas para ele, pelo menos, nunca falta comida - falou com orgulho.

O médico entendeu. Pelo estado precário da habitação, percebeu que deveria faltar dinheiro para as necessidades básicas de sobrevivência. Abriu a maleta, tirou o estetoscópio e começou a examiná-lo.

O paciente agora estava intrigado.

— Dorme bem?

— Não muito, doutor. Acorda várias vezes por noite. Acho que tem pesadelos. Nestes últimos dias, porém, está dormindo melhor.

Terminado o exame, Vinícius tirou da maleta uma pomada, entregando-a para Marilda.

— Passe esta pomada após a higiene, nos locais das escaras. Vai amenizar os sofrimentos dele.

Antes de sair, inclinou-se para o doente, afagou-lhe os cabelos e disse com gentileza:

— José Domingos está bem. Virei outras vezes visitá-lo. Se precisarem de alguma coisa, me procurem.

Marilda agradeceu, mas, um pouco constrangida, explicou:

— Dr. Vinícius, não temos com que pagar-lhe...

— Não se preocupe, Marilda. Não terão que pagar nada. A propósito, onde estão seus pais?

— Mamãe está trabalhando e papai está procurando emprego.

— Está desempregado?

— Sim.

— Entregue-lhe meu cartão e diga para me procurar. Talvez possa arranjar-lhe alguma coisa.

— Que Deus o abençoe, doutor! Qualquer serviço serve.

Despediram-se. O médico deixou aquela humilde casa aliviado.

Interiormente, sentia enorme bem-estar. Sensação agradável de dever cumprido, como se tivesse realizado algo que há muito deixara por fazer. Um estranho sentimento de que laços mais profundos o uniam ao enfermo passou a dominar-lhe o íntimo. Voltaria outras vezes. Um grande desejo de auxiliar a família Morgado, tornando-lhe a vida mais fácil, acudia-lhe à mente. A figura daquela mocinha, uma menina ainda, cuidando do enfermo o comovera profundamente. Sentia-se bem junto dela.

Assim, com pensamentos altamente positivos, retornou a seu lar.

Na casa dos Morgados, Marilda, por sua vez, também se emocionara com a visita do médico. Percebera que José Domingos o olhara com desconfiança, no início; mas a atitude do visitante, sincera e digna, demonstrando carinho e interesse, o vencera. No final, o Zé já estava mais sereno.

Agradecendo a Deus, Marilda abriu o Evangelho e começou a ler em voz alta para o irmão:

Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados...

À medida que lia, José Domingos se foi aquietando, parecendo prestar atenção nas palavras, até adormecer.

Nós, na Espiritualidade, estávamos satisfeitos. Tudo caminhava segundo o previsto. Certos de que tudo estava em paz e após orarmos em conjunto, partimos, deixando Jeremias como guardião da família.

1 - Mateus, 9:28 a 30.

14

Esperança renovada

Nos dias seguintes, quando voltamos à casa dos Morgados, encontramos o ambiente modificado. Marilda, que se afeiçoara à leitura do livro que a costureira lhe emprestara, trazia a mente inundada de belos pensamentos.

Ela, que gozava de natural elevação espiritual, agora sentia que os ensinamentos do Evangelho lhe falavam ao coração, como que complementando-a. Eram idéias que trazia inatas, das quais tinha agora a comprovação através das leituras. Uma sensação de bem-estar e de paz, além daquela que já experimentava normalmente, passou a dominá-la.

Viviane solicitara a Henrique permissão para ficar alguns dias na casa, para colaborar com mais eficiência, o que ele aprovou, afirmando:

— Em virtude dos compromissos que você tem com o grupo, acho uma excelente idéia estreitar ligações. Sabe como agir e quais são os nossos objetivos. De resto, manteremos contato, além de estarmos sempre por aqui.

Foi com grande satisfação que Viviane ali permaneceu, junto com Jeremias, participando mais diretamente da vida da família.

Naquela noite, Marilda contou aos pais sobre a visita do Dr. Vinícius, o que os deixou muito intrigados, porquê não viam o médico havia muito tempo. Contudo, ficaram contentes e agradecidos, pois, na situação em que estavam, qualquer ajuda era bem-vinda. Especialmente essa, que dizia respeito a um emprego, deixou Antonino mais esperançoso.

Assim, no dia seguinte, logo bem cedo, ele tomou um banho, se arrumou o melhor que pôde e, com as bênçãos e o incentivo da família, foi até o consultório do médico. Lá chegando, disse à secretária que queria falar ao doutor, mas ela perguntou, torcendo o nariz:

— É consulta?

— Não, senhora. Só quero falar com ele.

A moça mediou o homem dos pés à cabeça e, percebendo a sua humilde condição, fez pouco caso:

— Vai ter que esperar.

— Está bem - disse Antonino, sentando-se.

A secretária apontou a porta da rua:

— Aqui não. Lá fora.

Não fosse sua situação de necessidade extrema, Antonino teria ido embora no mesmo instante. A vontade era de dizer algumas verdades para aquela moça de voz áspera e nariz empinado. Todavia, baixou a cabeça e saiu da sala.

Encostou-se numa árvore e passou a esperar. Ao cabo de quatro horas ainda estava lá. Como não visse mais ninguém sair, resolveu saber da secretária se tinha chegado sua hora. Nesse preciso instante, ela deixava o prédio. Antonino indagou:

— O Dr. Vinícius vai me atender agora?

- O doutor saiu para almoçar. Não está vendo que estou fechando o consultório?

— Sim, mas a senhora me disse que...

— Sei o que eu disse. Que o senhor teria de esperar. Infelizmente, Dr. Vinícius é um médico muito ocupado e os clientes vêm com hora marcada. Volte mais tarde.

— A que horas o doutor retorna?

— Às quinze horas.

Antonino agradeceu e a moça afastou-se, pisando duro. Encostado na árvore, mal podendo se sustentar em pé, ele pensava o que fazer. Voltar para casa era impraticável.

Morava muito longe e não tinha dinheiro para pagar uma passagem de ônibus. Para ir andando, levaria tanto tempo que, quando lá chegasse, estaria na hora de voltar. Além disso, ele se sentia extremamente fraco. Tomara apenas uma caneca de chá pela manhã, antes de sair. Já passava das treze horas e estava faminto. O estômago dava voltas e as pernas tremiam.

Engolindo o amor-próprio, resolveu bater em alguma casa e pedir um prato de comida. Muniu-se de coragem e andou por uma rua lateral, mais tranquila, onde tinha avistado muitas residências ricas.

Tocou a campainha daquela que lhe pareceu mais simpática. Logo uma criada veio atender. Humildemente, explicou que estava com fome e pediu um prato de comida. A mulher olhou-o com desconfiança e disse:

— Você não acha que ainda é bastante forte para trabalhar? Toma vergonha! Não tem comida não! Fora, vagabundo!

Com o rosto corado de vergonha e humilhação, Antonino afastou-se, os olhos úmidos de pranto. Enxugou as lágrimas e prosseguiu. Quem sabe, na outra casa, seriam mais generosos?

Bateu na próxima, na outra, e na outra. Em todas elas foi escorraçado impiedosamente. Sem coragem para novas tentativas, sentou-se na calçada, desanimado.

Viviane, que o acompanhara, procurava em vão manter-lhe o bom ânimo e a esperança, ao mesmo tempo em que tentava abrandar o coração das pessoas que o atendiam. Mas tudo em vão. Não havia ninguém que estivesse com as antenas psíquicas ligadas e que pudesse ouvi-la.

— Está com fome? - perguntou uma voz suave.

Só então Antonino notou um velhinho acomodado na calçada, perto dele. Sem disposição para falar, acenou afirmativamente com a cabeça. O ancião deu uma risadinha e estendeu o braço:

— Logo vi. Sei bem o que é passar fome. Mas comigo agora é mais fácil. As pessoas sentem pena de um velho andarilho como eu. Tome. Só tenho este pedaço de pão duro. Se quiser...

Viviane abraçou o velhinho e beijou-lhe o rosto enrugado, envolvendo-o em vibrações carinhosas, cheia de gratidão. Antonino aceitou o oferecimento, pegando com as duas mãos.

— Agradeço-lhe, amigo, é mais do que tive em casa hoje para comer.

Comeu com satisfação. Aquele pedaço de pão tinha caído do céu. O seu benfeitor abriu uma sacola que colocara ao lado e ofereceu, tirando uma garrafa:

— Aceita um gole de cachaça?

O pai de Marilda teve vontade de aceitar. Porém, recusou delicadamente:

— Não, obrigado, amigo. Estou procurando emprego.

— Ah!... e tem esperança de encontrar?

— Muita. Um doutor pediu que viesse falar com ele, mas vou ter que esperar.

— Desejo-lhe boa sorte - disse o velho à guisa de despedida.

Levantou-se, jogou a sacola no ombro e foi embora com passos trôpegos.

Antonino acompanhou sua figura até desaparecer na esquina. Seu coração estava cheio de gratidão. Junto de um miserável, em pior condição do que a sua, fora encontrar ajuda, quando ninguém com dinheiro quis socorrê-lo. E nem ao menos perguntara seu nome...

Mais refeito, caminhou até uma praça procurando água. Estava com sede. Depois de saciá-la, voltou ao consultório médico. A secretária retornou também, abriu a porta e os clientes começaram a chegar. Não viu o doutor entrar.

— O Dr. Vinícius ainda não veio? - perguntou à moça.

— Já. Está consultando.

Surpreso, Antonino exclamou:

— Mas estou aí fora faz tempo e não o vi!

— É que ele entra com o carro pelo estacionamento ao lado - explicou ela.

— Ah!...

Só então Antonino comprehendeu que ficara olhando a porta e por isso não viu o médico chegar.

No término do dia, após muito esperar, finalmente a secretária chamou Antonino.

O doutor ia atendê-lo. Quando o pobre homem entrou na sala, fresca e agradável, o médico perguntou-lhe:

— Como é mesmo o seu nome?

— Antonino Morgado, um seu criado.

— O que deseja?

— Bem, doutor, o senhor entregou este cartão para minha filha e deixou recado para eu vir procurá-lo ... então, aqui estou.

Somente aí lembrando-se do caso, o médico desculpou-se:

— Que cabeça a minha! Sabe como é, hoje tive um dia cheio. Esperou muito tempo, Antonino?

— Um pouquinho, mas não tem importância - disse sorrindo.

— Ótimo. Escute, estou precisando de um guarda-noturno para a minha casa. O empregado que fazia esse trabalho saiu. Caso aceite, o serviço é seu.

Radiante, Antonino esqueceu todas as horas de espera, o sofrimento, a humilhação. Teve vontade de se ajoelhar aos pés do médico. Em vez disso, contendo-se, respondeu satisfeito:

— Aceito, sim, doutor. Esse emprego veio na hora certa. Quando começo?

Depois de acertarem os detalhes, Antonino pegou o endereço da residência do médico e agradeceu ainda uma vez. Antes de ele sair, Vinícius pensou um pouco e, acatando sugestão de Viviane, tirou um maço de notas do bolso e deu ao novo empregado:

— Isto é um adiantamento para suas primeiras despesas. Sei que esteve desempregado alguns meses e precisará comprar algumas coisas, até umas peças de roupa. O uniforme será fornecido por mim.

Antonino estava em estado de graça. Não via a hora de chegar em casa e contar aos familiares a grande novidade.

Passou num supermercado, fez uma compra e voltou carregado de pacotes. A alegria e a esperança tomaram conta de Alzira, que chorou de contentamento.

Marilda aproveitou o momento para dizer:

— Devemos agradecer a Deus as bênçãos recebidas neste dia. Sinto que

grandes mudanças estão ocorrendo. Neste livro que Dona Benedita me emprestou está a resposta para todos os nossos problemas e questionamentos.

Assim, naquela noite, antes do jantar, que para eles foi um verdadeiro banquete, oraram juntos, elevando o pensamento a Jesus e agradecendo as bênçãos recebidas. Para que José Domingos pudesse participar, fizeram a prece no quarto dele. Marilda leu um trecho do livro, que espalhou consolação e paz entre os participantes, com grande aproveitamento de Alzira e Antonino.

Dessa forma, mesmo sem o saberem, haviam inaugurado o Culto do Evangelho no Lar naquela morada singela.

Emanações de luz vertiam do Alto, envolvendo toda a casa e seus moradores. Na Espiritualidade, todos estávamos comovidos, especialmente Viviane, que trabalhava com afinco, colocando disposição e esforço em benefício daquele lar.

15 Novos conhecimentos

Um sopro de esperança bafejava os moradores daquela casinha singela de periferia. Com o chefe da família trabalhando, aos poucos as coisas iriam entrar nos eixos e a miséria seria grande-mente atenuada. A par disso, o médico passou a interessar-se cada vez mais por José Domingos, por quem sentia estranha atração.

Ao mesmo tempo, as leituras do Evangelho propiciavam à família nova maneira de pensar, incutindo em suas mentes idéias diferentes e renovadoras.

Certa noite, ao chegar ao lar dos Morgados para uma visita ligeira, o médico percebeu, na mesinha de cabeceira de José Domingos, um livro. Interessou-se por ele.

Tomou-o nas mãos e leu o título:

— O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec! Interessante! Nunca li nada sobre Espiritismo. Vocês são espíritas? - indagou, curioso.

Marilda sorriu e meneou a cabeça:

— Não somos praticantes do Espiritismo. Tal como o senhor, até alguém nos emprestar este livro, ignorávamos completamente o assunto. Contudo, as leituras desses textos nos têm feito grande bem.

Fez uma pausa, pensou por alguns segundos e depois sugeriu:

- Quando o senhor chegou, íamos começar a leitura. Se tiver algum tempo disponível e quiser participar, nos dará imenso prazer sua companhia, Dr. Vinícius.

Sentindo-se envolvido pelo ambiente, o médico aceitou a sugestão de Marilda.

— Excelente idéia, Marilda. Talvez seja a minha oportunidade de também obter as informações que me faltam sobre essa doutrina. Ficarei. Obrigado.

Ele sentou-se e a mocinha, de forma singela, depositou o livro nas mãos dele.

— Abra ao acaso, doutor. Veremos o que Jesus tem para nos dizer nesta noite.

Sem motivo aparente, Vinícius sentia-se tocado nas fibras mais profundas. Com unção, abriu o livro na página que assinalava a lição Retribuir o mal com o bem, do capítulo 12º.

Aprendestes que foi dito. Amareis o vosso próximo e odiareis os vossos

inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam, afim de serdes filhos do vosso Pai que está nos céus e que faz se levante o Sol para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. - Porque, se só amardes os que vos amam, qual será a vossa recompensa? Não procedem assim também os publicanos? Se apenas os vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos? 1

Enquanto ia lendo aqueles ensinamentos que Jesus disseminara há quase dois mil anos, Vinícius deixava que a mente funcionasse livremente. Nunca fora dado a leituras da Bíblia e assim desconhecia por completo esse texto. Parecia-lhe estar penetrando num outro mundo.

Continuou lendo. Chegando aos comentários do codificador, ficou surpreso com a grandeza e a lógica dos conceitos emitidos. Prosseguia ele:

Amar os inimigos é, para o incrédulo, um contra-senso. Aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser nocivo, que lhe perturba o repouso e do qual unicamente a morte, pensa ele, o pode livrar...

Quando terminou o trecho, viu a lição subsequente, Os inimigos desencarnados, e se encheu de curiosidade. Contudo, Marilda disse-lhe que era suficiente o que fora lido.

— Temos aí um farto material para meditar - disse ela.

— Sem dúvida - concordou o médico -, estou impressionado com as explicações dadas ao tema. Confesso que desconhecia esses ensinamentos de Jesus e agora, com os comentários do autor do livro, eles adquiriram uma amplitude maior para mim.

Enquanto Vinícius e Marilda conversavam fraternalmente, visto que Alzira pouco falava, o enfermo mantinha os olhos fixos no médico. Aquela lição parecia endereçada especialmente a ele, José, que tanto tinha odiado.

Ali presentes, percebíamos o que o doente estava pensando. Agora já não sentia tanto rancor pelo médico. As visitas do doutor tinham tido o condão de amansá-lo. Não mais demonstrava revolta ao vê-lo. Ao contrário, com a convivência, experimentava até um certo prazer, reconhecendo-se importante e valorizado. As atenções do médico faziam-lhe muito bem.

Nesse momento, Marilda encerrava a pequena reunião com uma prece:

— Senhor Jesus, Mestre querido, nós te agradecemos por esses momentos de paz que nos concedeste através da leitura do teu Evangelho. Possamos aprender tuas lições, tornando-nos cristãos dignos e fiéis cumpridores das nossas obrigações.

Abençoar meu pai, que está trabalhando, assim como toda a família do Dr. Vinícius e a nós que aqui estamos, especialmente o José Domingos. Amém.

O médico estava deveras emocionado. A prece de Marilda, feita de forma simples e despojada, reflexo da sua alma, transformara o ambiente, inundando-o de luz.

Vinícius despediu-se, agradecido. Experimentava uma sensação de tranquilidade e de bem-estar que há muito não sentia.

Antes de retornar para casa, passou num shopping e, numa grande livraria, comprou dois exemplares de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Um seria seu. Estava ansioso para lê-lo. O outro daria a Marilda, que tomara emprestado de alguém o exemplar utilizado na reunião.

Nós o acompanhamos. Chegando em casa, logo viu Antonino, que fazia a ronda, e acenou-lhe amigavelmente. Entrou. A esposa, Helena, o esperava

para o jantar; beijou os filhos, Patrícia e Guilherme, de sete e oito anos, e sentaram-se à mesa de refeições.

As crianças puseram-se a narrar as peripécias do dia. Vinícius, que geralmente chegava cansado e de mau humor, sem paciência para aturar a tagarelice dos filhos, mostrava-se sereno e com excelente disposição, o que a esposa estranhou.

— Você está bem hoje!

— É verdade. Tive um dia puxado, mas, por incrível que pareça, estou ótimo.

— Aconteceu alguma coisa diferente? Você demorou hoje!

— Não. Tudo igual. Fui visitar um paciente na periferia, por isso cheguei tarde.

Vinícius preferiu não contar toda a verdade por enquanto. Helena, tal como ele, nunca se interessara por religião, e ele desejava pesquisar um pouco mais, ter mais tempo para refletir sobre o assunto antes de contar a ela.

Brincou um pouco com os filhos, conversou ligeiramente com a esposa e, quando ela o avisou de que ia se recolher após colocar as crianças na cama, ele disse:

— Ficarei mais algum tempo aqui. Tenho um novo livro para ler. Durma bem, querida.

Depois que Helena saiu, Vinícius abriu o livro. Estava ansioso para continuar a leitura. Voltando ao capítulo 12º, subtítulo Os inimigos desencarnados, leu:

Ainda outros motivos tem o espírita para ser indulgente com os seus inimigos. Sabe ele, primeiramente, que a maldade não é um estado permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança, que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra...1

Outra vez essa idéia de continuidade da vida após a morte, inclusive sugerindo a reencarnação, ou teoria das vidas sucessivas. Teria nisso algum fundo de verdade?

Jamais acreditara nessas idéias, mas agora, lembrando-se dos sonhos que tivera, começava a ter suas dúvidas.

Terminando essa lição, folheou novamente ao acaso e caiu justo na página Ressurreição e reencarnação. 2 Ficou surpreso com o acaso e mergulhou na leitura de todo esse capítulo. Novas idéias surgiam em sua mente, fazendo-o raciocinar com lógica e bom senso. Desse capítulo passou a outro e a outro. Não conseguia parar de ler. Sua fome de informações era tão grande que não percebeu as horas passarem. Quando deu por si, estava amanhecendo. Esfregou os olhos, satisfeito. Novas concepções lhe felicitavam o Espírito sobre Deus, a vida, a prece, a caridade, a reencarnação, a lei de causa e efeito...

Estava pensando seriamente em telefonar ao Orlando, espírita convicto, e buscar mais informações. Não podíamos deixar passar essa oportunidade. Assim, continuamos a seu lado por mais algumas horas.

Recolheu-se ao leito e dormiu placidamente, como há muito não acontecia.

Acordou tarde. Levantou-se com excelente disposição e ânimo. Sentia-se renovado. No consultório, num intervalo entre uma consulta e outra, ligou para o colega Orlando e combinou de ir ao centro espírita com ele, logo mais à noite.

— Aconteceu alguma coisa? - perguntou o amigo, surpreso.

— Não. Você não disse que preciso tomar uns passes?

— Disse, mas você nunca aceitou! Estou estranhando...

— Fique tranqüilo. Mais tarde conversaremos.

Desligou o telefone e continuou trabalhando, enquanto esperava ansiosamente o dia passar. Queria conhecer o tal do centro espírita.

1 - Mateus, capítulo 5º, versículos 43 a 47.

2 “Ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo”, capítulo 4º de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

16

No Centro Espírita

Após o jantar, Orlando passou na residência do amigo. Vinícius teve o cuidado de prevenir a esposa de que iriam a uma reunião àquela noite, o que não deixava de ser verdade. Só não disse onde. Assim, ao despedir-se dos filhos e da esposa, avisou:

— Não me espere, querida. Não sei a que horas vou chegar.

Orlando colocou o carro em movimento e, enquanto faziam o trajeto, observava disfarçadamente o colega. Tinha vontade de crivá-lo de perguntas, mas, como Vinícius se mantivesse calado, respeitou-lhe o silêncio. Adriana e eu seguimos juntos, aboletados no veículo.

Não demorou muito o carro parou defronte de uma construção singela onde se lia o nome do centro espírita.

Entraram. O salão, pequeno, com capacidade para uma centena de pessoas, encontrava-se praticamente lotado.

Todos mantinham-se em respeitoso silêncio. Na frente, uma mesa coberta com toalha branca; sobre ela, apenas um vaso de flores, alguns livros, uma jarra com água pura e um copo.

Atrás da mesa, na parede do fundo, uma frase: Fora da caridade não há salvação.

Música suave impregnava o ambiente de paz, convidando à meditação. Vinícius sentia-se emocionado.

No recinto, uma grande quantidade de espíritos necessitados de socorro e de assistência também aguardavam o início das atividades, conduzidos por servidores do nosso plano, que procuravam manter a disciplina e a tranquilidade entre os mais impacientes. A nossa visão espiritual, inúmeros trabalhadores do bem, responsáveis pela Casa e pelos trabalhos, faziam-se visíveis.

No horário aprazado, teve início a reunião. Um senhor de cabelos grisalhos aproximou-se da mesa e convidou os presentes a elevar o pensamento em oração. Nesse momento, vimos uma entidade de nobre condição espiritual acercar-se dele e envolvê-lo em vibrações dulcificantes. Ela ergueu a fronte e orou junto, transmitindo-lhe belos pensamentos. Após a oração, o dirigente encarnado abriu um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ainda auxiliado pelo amigo espiritual, e leu a lição, Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará:

Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-a.

Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? - Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? - Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem?¹

Após a leitura, o dirigente fez uma pausa, pareceu concentrar-se durante alguns segundos e começou a falar, explanando o tema. A primeira vista, percebia-se que era pessoa simples, de pouca cultura, porém de coração bom e generoso. Seus comentários, feitos de forma singela e agradável, atingiam o público presente, criando um elo de simpatia entre o orador e a platéia. Apesar

da simplicidade da forma, que facilitava o entendimento, Vinícius notou que os conceitos emitidos tinham grande conteúdo e dilatavam sua visão, abrangendo pontos de vista diferentes que ele não tinha percebido.

Encerrada a preleção, seu juízo sobre o palestrante tinha melhorado muito, e sua admiração também.

Olhou para Orlando, que o fitava com uma expressão de quem diz “não falei que você ia gostar”? mas não pôde dizer nada, porque nesse instante iniciava-se o trabalho de passes. A luz foi reduzida e a música voltou a inundar o ambiente. Vinícius notou que algumas pessoas se levantaram e, pondo-se em posição, iniciaram o trabalho. Um pouco tenso, agitou-se na cadeira. Percebendo sua preocupação, Orlando informou em voz baixa:

— Fique tranqüilo. O passe é apenas uma transmissão de energias.

Nesse momento, uma moça aproximou-se dele e estendeu as mãos sobre sua cabeça. Vinícius fechou os olhos, procurando manter-se sereno. Sentiu branda sensação de bem-estar, acompanhada de leve aragem, enquanto suave arrepió percorreu todo o seu corpo. Estava em paz consigo mesmo e com o mundo. Naquela hora, seus problemas tinham desaparecido.

Quando a reunião terminou e as luzes voltaram ao normal, ele estava maravilhado. Orlando sorria, dizendo:

— E daí, o que achou?

— Gostei muito. Então. Espiritismo é isso? Nunca imaginei!

O colega deu uma risadinha, afirmando:

— É. Eu sei o que você imaginava. Como muita gente, faz confusão entre Espiritismo e seitas africanas, cujo sincretismo se acha impregnado na cultura do povo brasileiro; merecem o nosso maior respeito, mas nada têm a ver com nossa doutrina.

Um pouco constrangido, Vinícius concordou:

— Tem razão. Reconheço minha ignorância, amigo Orlando, e vou nomeá-lo meu instrutor para assuntos transcendentais.

— Com o máximo prazer, Vinícius. Então, para começar, vamos até a livraria.

Você precisa ler alguns livros, indispensáveis para quem quer entender melhor a Doutrina Espírita.

Assim conversando, procuraram abrir caminho entre as pessoas que se Levantavam para sair e se dirigiram à sala onde funcionava a livraria. Muitos freqüentadores formavam grupos em que comentavam o tema da noite, ou simplesmente confraternizavam, mostrando amizade antiga. Outros, ainda, esperavam para falar com o senhor Fortunato, o palestrante da noite, para pedir-lhe orientações.

Nesse momento, Vinícius vê, no fundo do salão, em meio ao povo, uma senhora acompanhada de uma mocinha. Satisfeita e sorridente, dirige-se para junto delas, abrindo caminho entre as pessoas.

— Marilda! Mas que prazer encontrá-la aqui hoje! Não sabia que freqüentava um centro espírita.

Eu e Adriana sorrimos. Ao lado delas estavam os outros membros do nOSO grupo: Viviane, Alberto e Henrique. Trocamos um abraço, sem deixar de acompanhar o diálogo que se desenrolava entre os encarnados.

— Como vai, Dr.ViníCiUS? É a primeira vez que venho a esta Casa.

Dona Benedita, que aqui está, convidou-me e, muito feliz, aceitei a oportunidade. Confesso-lhe que não me arrependi. Gostei muito. Desculpe-me,

não lhe apresentei minha amiga. Dona Benedita, este é o Dr. Vinícius, de quem tenho lhe falado tanto.

Cumprimentaram-se e Vinícius apresentou a ambas o colega Orlando. Após os cumprimentos, dirigiram-se à livraria, ali perto. Orlando pegou um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, mostrando-o a Vinícius:

— Esta obra contém a síntese de todo o ensinamento dos Espíritos. Sua leitura é fundamental.

Vinícius folheou-o e depois comprou dois exemplares, entregando um para Marilda. Ela estava corada de prazer.

— Muito agradecida, Dr. Vinícius. Fico feliz em ganhar este livro, mas será que vou entender alguma coisa? Freqüentei tão pouco a escola!

— Não se aflija, Marilda. Este é um assunto novo para mim também. Já contratei Orlando para orientar-me e, certamente, ele não se negará a fazer o mesmo com você. O que acha?

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Orlando antecipou-se:

— Marilda, terei imenso prazer se pudermos estudar juntos. É só marcarmos dia e horário, que estou à disposição de ambos.

Dona Benedita não quis ficar de fora:

— Se me aceitarem, também desejo participar. Sou espírita há muitos anos, mas confesso que tenho grande dificuldade de entender, quando leio sozinha.

- Então está combinado! Faremos um grupo de estudos! - afirmou Vinícius, demonstrando imensa satisfação.

Nós estávamos comovidos. Tudo caminhava bem e as sementes estavam germinando.

Alegremente nossos amigos deixaram o Centro. Orlando prontificou-se a levar Dona Benedita e Marilda para casa. Após deixá-las em suas residências, convidou o amigo para comerem uma pizza. Assim, teriam ocasião de conversar melhor.

Entraram na pizzaria, que, naquele dia da semana, estava praticamente vazia. Sentaram-se e fizeram os pedidos. Quando o garçom se afastou, Orlando cruzou os braços sobre a mesa e disse:

— Bem, agora estamos sozinhos e podemos conversar sem ser interrompidos. O que está acontecendo?

Vinícius fitou o amigo e disse:

— É uma longa história, Orlando.

— Gosto de histórias. Além disso, temos bastante tempo. Você disse à Helena que não o esperasse, e eu, como sou solteiro e moro sozinho, não tenho que dar satisfações a ninguém. Portanto...

— Tem razão. De qualquer forma, estou mesmo precisando desabafar. Lembra-se daqueles sonhos que eu lhe contei?

— Certamente. Recordo-me que eles sempre o incomodaram muito.

— Pois bem. A mocinha que você conheceu hoje é irmã do rapaz que eu via em sonhos.

— Não é possível!

— Verdade. Vou lhe contar como tudo aconteceu. Certo dia, tive vontade de visitar um ex-paciente e...

Assim, Vinícius contou ao amigo tudo o que tinha ocorrido desde aquele dia. Suas visitas posteriores ao enfermo, a leitura do Evangelho, que tanto bem lhe fez, a compra do livro e o interesse de saber mais sobre o Espiritismo.

— Aí tem você os motivos que me levaram a mudar de idéia e a desejar ir ao Centro nesta noite.

— Ora, vejam só! - disse Orlando. - E você me escondendo tudo isso!

— Sabe como sou racional, meu amigo, e como penso em termos científicos.

Sempre achei que religião não combinava com ciência. Eram pontos extremos e divergentes. Assim, precisava encontrar bases para poder me agarrar. E isso fui encontrar na filosofia espírita.

— Ah! meu amigo! Então, agora está pronto para se encontrar com a ciência espírita. Nunca pude lhe dizer nada porque você nem permitia que se falasse no assunto!

Vinícius concordou, sorrindo:

— É verdade. Sempre fui muito preconceituoso.

— E isso, por si só, denota pensamento anticientífico.

— Certamente. Quantas vezes até ri dessas idéias que hoje tento estudar. Sem pensar que rir daquilo que a gente não conhece nem entende é ignorância.

— Está fazendo progressos, colega!

Nesse momento, o garçom retornou trazendo a pizza pedida. O aroma estava delicioso e, com prazer, puseram-se a comêla. Entre uma garfada e outra, Vinícius considerou:

— Uma coisa, no entanto, me incomoda, Orlando. Quando vou à casa dos Morgados, sinto um misto de atração e de repulsão por José Domingos. Há momentos em que me aproximo dele com sincero desejo de ajudar; a situação do rapaz me causa profunda compaixão e, realmente, gostaria de algo fazer por ele. Mas, em outros momentos, quando ele me olha daquele jeito, como se soubesse o que estou pensando, sinto aversão por ele, raiva... até medo!

— Medo?...

— É!... Como se ele pudesse me fazer mal, entende? Depois, caio em mim e percebo o absurdo da situação. Ele é um jovem com paralisia cerebral, seu problema é irreversível e está preso a um leito, enquanto eu sou forte, tenho todos os movimentos e mente lúcida. Aí, tento me controlar, dominar o pânico e olhá-lo de forma racional. Não é realmente um absurdo? Há horas em que acho que estou ficando louco!

Orlando tranqüilizou-o:

— Não se preocupe, Vinícius. Você não está ficando louco. É compreensível, de certa forma, o que está sentindo.

— Como assim?

— Se olharmos pela ótica da reencarnação, poderemos compreender o que está acontecendo com você e com ele também. Provavelmente, ele o prejudicou numa outra existência, o que o leva a ter medo dele. O estado atual de José Domingos demonstra que é um Espírito em expiação.

— Entendo. Ele está pagando hoje o que fez outrora.

— Mais ou menos isso. Prefiro dizer que Deus, em sua infinita misericórdia, se utiliza de um processo educativo concedendo a ele meios de se reabilitar perante sua própria consciência.

— Interessante... é lógico. Mas, porque ele me acusava, em sonhos, de desejar destruí-lo?

— Não podemos saber com certeza. Mas, pense bem. Suponhamos que José Domingos, em outra época, o tenha destruído. Não é natural que,

encontrando-o agora, suponha que você o odeie e queira se vingar dele, desejando-lhe também o mal? E se, na atualidade, você tem oportunidade de ajudá-lo como médico, ministrando-lhe cuidados e zelando pela sua saúde, significa que você também tem sua parcela de culpa. Não raro, nesses casos, adversários se digladiam através do tempo, alternando-se as posições, em que os implicados ora são agressores ora vítimas, dependendo das circunstâncias e das possibilidades do momento. Tudo é muito complexo...

Pensativo, Vinícius meditava sobre as considerações de Orlando. Sim, tudo tinha muita lógica. Teria que refletir sobre isso.

Já era tarde. Saíram do restaurante, cada qual entregue a seus próprios pensamentos.

No dia seguinte, marcaram o estudo. Todas as segundasfeiras, às dezenove horas - antes de voltarem para casa -, se reuniriam na residência de Marilda.

1 - Mateus, capítulo 7º, versículos 7 a 11, constante do capítulo 25º, item 1. de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

17

O trabalho prossegue

Alguns dias depois, reunidos, conversávamos sobre os progressos do Caso Morgado. Demonstrávamos nossa alegria em ver que tudo estava transcorrendo da melhor maneira possível, os fatos se encaixando e criando condições novas, propiciadoras de esperança de dias melhores no futuro.

Viviane, que retornara das suas atividades na casa dos Morgados e participava da nossa reunião, mostrava seu júbilo:

— É um prazer ver nossos amigos reunidos para o estudo da obra básica da codificação kardequiana. Sob a orientação de Orlando, todos manifestam grande interesse. Até José Domingos!

Henrique sorriu, concordando:

— Sem dúvida, O estudo será de grande utilidade para eles, visto que, com o conhecimento da Doutrina Espírita, terão a visão ampliada e esclarecida, ficando mais fortalecidos perante as atribulações da vida e cientes do que lhes compete realizar em benefício do próprio progresso.

— Tenho uma dúvida, Henrique. Até quando iremos acompanhá-los com nossos cuidados? - indagou Adriana.

— Enquanto for necessário. No momento, precisam de acompanhamento, para sedimentarem as novas disposições de crescimento interior. São plantas frágeis que carecem de cuidados para um saudável desenvolvimento. Como temos outras atividades a desenvolver, serão designados servidores do nosso plano para fazer esse acompanhamento no dia-a-dia. Caso surja algum imprevisto, seremos avisados.

Todavia, não podemos perder de vista que a nossa ação, como não ignoram, deve respeitar o livre-arbítrio de cada um. A linha divisória que separa a sugestão que emitimos da ação que empreendemos é, em muitos casos, bastante tênue. A despeito do nosso desejo de fazer o melhor, não podemos decidir por nossos irmãos encarnados.

Viviane sorriu, um tanto constrangida:

— Embora não nos falte vontade, Henrique. No meu caso, não raro tenho que me controlar. Como desencarnados, possuímos uma visão mais ampla e diferenciada das situações e dos fatos, o que os encarnados não têm. Muitas vezes, vemos que estão agindo errado, tentamos ajudar, mas nem sempre nos ouvem. Como fazer?

— Se utilizamos todos os recursos à nossa disposição, sem resultado, deixá-los bater a cabeça é a única opção. Só nos resta respeitar seus desejos - afirmou o orientador. - Todas as experiências são válidas. Para exercitar o aprendizado, se candidataram a retornar à Terra em novo corpo. O esquecimento do passado facilita-lhes o reequilíbrio diante dos novos compromissos assumidos. As vivências anteriores e os conhecimentos acumulados servirão de base, surgindo-lhes em forma de intuição e esclarecendo-lhes como agir em face dessa ou daquela situação. Se tomarem a decisão errada, sofrerão as consequências; se tomarem a decisão correta, um bem-estar íntimo lhes advirá, pela paz da consciência resultante do dever cumprido. Lutas e vitórias fazem parte do trajeto que nos conduzirá à perfeição. O caminho, porém, é escolha nossa.

Henrique fez uma pausa, que não tivemos a coragem de quebrar, imersos em nossos pensamentos. Retomando a palavra, o instrutor considerou:

— O caso Morgado caminha de forma satisfatória. Assim, iniciaremos o trabalho com outro grupo. Amanhã, no mesmo horário, estejam aqui. Partiremos para a Crosta.

Depois da prece de encerramento das nossas atividades, nos despedimos. Estávamos ansiosos para saber o que nos reservava o dia seguinte.

No horário de sempre nos reunimos. Outra equipe sairia na mesma hora; desse modo, nos fariam companhia.

Após as orações de costume nessas ocasiões, quando suplicávamos o amparo divino para nossas tarefas, partimos.

Ao chegar nas proximidades de uma grande cidade brasileira, nos separamos. O outro grupo permaneceria ali, na região metropolitana, mas nós tomaríamos rumo diferente, segundo informou Henrique.

Aproveitando a brisa ligeira que tocava nossa pele, produzindo agradável sensação, volitávamos, observando as paisagens que se desdobravam aos nossos olhos.

Matas verdejantes, cortadas por estradas que serpenteavam como cicatrizes no solo. Rios, cujas águas refletiam a luz do sol em cambiantes matizes do arco-íris.

Casarios singelos surgiam à nossa frente, vez por outra, em meio às imensas pastagens pontilhadas de animais. As lavouras, como um tapete verde, se estendiam sobre o solo, colorindo a paisagem, na qual se incluíam trabalhadores, homens e mulheres de humílima condição, que cuidavam da terra.

Reverente, elevei o pensamento ao Criador, agradecido por todas as belezas que seu coração amoroso ofertara ao homem, por divina oportunidade de trabalho e redenção, mas que este não valorizava devidamente.

Nesse instante, Henrique indicou um ponto ao longe:

— Vejam. Estamos chegando.

Fixei os olhos naquela direção. À distância, vi uma cidade pequena encravada entre dois morros. Uma parte do casario se equilibrava nas alturas, enquanto outra se conservava no sopé dos montes, escondida nas sombras, visto que os raios de sol ali não incidiam àquela hora do dia. Um pequeno rio de águas cristalinas banhava a cidade. De longe, a paisagem assemelhava-se a um cartão postal, desses que a gente compra nos pontos turísticos.

Caminhamos pelas ruas como qualquer mortal, para observarmos melhor. As pessoas, alegres e descontraídas, sorriam umas para as outras, trocando saudações. Crianças brincavam em grupos, batendo bola, jogando amarelinha ou, simplesmente, conversando. Descendo a montanha, vimos pacatos habitantes a pescar, sentados na antiga ponte de madeira sobre o rio.

Paramos defronte de uma casa singela e florida, numa estreita rua na fralda do monte.

- Chegamos ao nosso destino. Entremos.

Na sala, despida de quaisquer atavios, vimos um casal idoso. Ele, magro e encurvado, feições angulosas e cabelos grisalhos, achava-se sentado numa cadeira de balanço. Lia um jornal. Ela, baixinha e gorducha, pele clara e rosada, cabelos louros presos na nuca, parecia essas pessoas que estão sempre sorrindo, de bem com o mundo.

— Meu velho, Júlio ainda não chegou? Estou preocupada. Está anoitecendo e nosso neto não costuma demorar tanto.

Desviando os olhos da página que estava lendo, ele tirou os óculos e sugeriu:

- Talvez tenha algum trabalho de escola para fazer e se atrasou.
- Não o nosso Júlio, certamente. É muito responsável. Teria avisado.
- Ora, mulher, como poderia nos avisar se nosso telefone tem estado com problemas?

— Sempre encontraria um jeito!

— Não se aflija. Neste lugar nada de mal pode acontecer a ele. Temos que levantar as mãos para o Alto. Veja! Li no jornal que aconteceu um crime bárbaro numa localidade não muito distante daqui. Dois rapazes alcoolizados atacaram duas adolescentes que saíam da escola ao meio-dia. Levaram-nas para um matagal nas imediações da cidade e, após abusarem da inocência delas, as torturaram e, em seguida, as mataram com requintes de crueldade.

— Que coisa horrível, Genésio! Isso é o fim do mundo! As pessoas se esqueceram de Deus e o resultado aí está! - considerou a mulher, parando de mexer a panela e agitando no ar a colher de pau, indignada.

— Pois é! Felizmente essas coisas não acontecem aqui na nossa pacata cidadezinha. Mas, e nossa filha, como estará? Sujeita a toda sorte de perigos na cidade grande...

Com uma das mãos, a boa mulher afastou da testa um cacho de cabelos, enquanto com a outra levava a ponta do avental no canto do olho, enxugando uma lágrima. Seu coração vivia sempre apertado de angústia. Havia anos que não tinham notícias da filha. Mudara-se, não deixara endereço e nunca mais os procurara. Muitas vezes chorava à noite, bem baixinho, para que o marido não percebesse.

Nesse instante, ouve um ruído de passos que se aproximam e o portão que se abre com um rangido. Em poucos segundos, um garoto entra na casa. O coração da velha senhora exulta. Esse neto é o sol, a luz da sua vida. Sorriu para ele, dizendo:

— Júlio, lave as mãos e venha, O jantar está pronto.

O menino, um saudável e belo garoto de dez anos, não espera a reprimenda e justifica-se:

— Desculpe, vovó Luzia. Atrasei-me hoje. Amanhã teremos prova e um colega pediu-me que fosse até sua casa e lhe ensinasse alguns problemas de matemática. Não pude evitar.

— Não tem importância, meu filho. O que interessa é que você chegou. E bem na hora da nossa refeição!

O avô sorriu, observando como a companheira se derretia pelo neto. Logo mais, estavam sentados em torno da mesa. No centro, um belo prato de polenta; sobre ela, um suculento molho de tomates e carne.

Nós nos olhamos e sorrimos. Quem de nós não teria uma lembrança dessas na mente? A família reunida em volta da mesa, os pratos preparados carinhosamente pela mãe. Uma onda de saudade nos inundou o coração.

Nesse momento, de cabeça baixa, oravam antes da refeição. Abençoá, Senhor Jesus, nossa casa e todos os nossos familiares. Abençoá também o nosso jantar. Amém.

Após essa sintética oração, que, percebemos, nem todos estavam acompanhando mentalmente, eles atacaram a iguaria, que parecia deliciosa.

Notamos, porém, que Dona Luzia, com o prato à sua frente, não se resolia a levar o garfo à boca.

— Coma, vovó, senão esfria. Está uma delícia!

Ouvindo a voz do neto, a velha senhora começou a comer lentamente.

Estava sem apetite.

Enquanto o garoto tagarelava na mesa, nosso companheiro Alberto estava pensativo.

— Que coisa interessante! Parece que já conheço esse menino. O formato do rosto, os olhos grandes e aveludados, a maneira de falar, a voz... não sei.

— Quem sabe você o conhece realmente? - arrisquei.

— Impossível, César. Nunca estive nesta região nem conheço essa família. São estranhos para mim. Provavelmente, ele se assemelha a alguém que conheci. Mas, quem?... Eis a questão.

Olhei para o garoto, que se servia pela segunda vez.

Tinha cabelos escuros, pele bem clara e grandes olhos castanhos, sombreados de longas pestanas. Sua boca era rosada e tinha sorriso fácil, onde se viam dentes perfeitos. Era um menino simpático e agradável.

Terminada a refeição, Júlio fez as tarefas escolares e, após beijar os avós, recolheu-se ao quarto de dormir.

Os avós, Genésio e Luzia, permaneceram acordados mais algum tempo. Ele, preso à leitura do jornal. Ela, mergulhada na confecção de uma toalha de crochê, que estava tecendo para vender.

18

Encontro com o passado

Acompanhamos o garoto até o quarto. Ele se preparou cuidadosamente para dormir. Após a higiene, colocou o pijama, guardou o uniforme da escola e ajoelhou-se ao lado da cama. De mãos postas, fez uma oração:

— Querido Jesus. Agradeço tudo o que o Senhor tem me dado: um lar, uma família, o amor do vovô Genésio e da vovó Luzia.

Interrompeu por instantes, parecendo meditar, depois prosseguiu:

— Se não for pedir demais, já que tenho recebido tanto, gostaria de ter notícias de minha mãe. O Senhor sabe, só conheço minha maezinha através de fatos, e sinto muita falta dela. Não desejo parecer ingrato, mas todas as crianças têm mãe, só eu não tenho a minha. Além disso, tenho pena de meus avós; noto que sofrem muito, embora evitem comentar o assunto por minha causa. Não sei quem é meu pai! Então, se pelo menos pudesse ver minha mãe - uma vez que fosse -, ficaria contente e não pediria mais nada. Prometo. Amém.

Comovidos, acompanhávamos a oração do menino. Quando terminou, verificamos que duas entidades tinham chegado e também o observavam. Certamente deveriam ser parentes desencarnados. Tratava-se de um homem e de uma mulher. Ela, beirando os oitenta anos, clara, muito parecida com dona Luzia. Deduzi que deveria ser sua mãe. Ele, bem mais jovem, um senhor de cinquenta anos presumíveis, pele mais morena e cabelos grisalhos. Pela diferença de idade, por certo não seriam marido e mulher.

Henrique, que já os conhecia, nos apresentou a eles:

— Esta é Dona Gema, mãe da dona da casa, nossa conhecida Luzia. E este é Artur, irmão de Genésio.

Trocamos cumprimentos e nos pusemos a conversar com os recém-chegados, risonhos e simpáticos. Artur, nos dando as boas-vindas, considerou:

— Estamos muito satisfeitos por receberê-los aqui nesta casa. Especialmente porque sabemos que vieram em tarefa de auxílio à família. Como puderam perceber, pela prece de nosso querido Júlio, nem tudo caminha bem. Existem pontos que precisam ser analisados, para que possamos ajudá-los com acerto.

— Temos procurado fazer o máximo por eles, mas há algumas limitações - ponderou a senhora Gema com delicadeza.

Particularmente, eu estava surpreso. As duas entidades denotavam excelente condição espiritual. O que estaria tolhendo seus passos no socorro aos familiares encarnados, a ponto de sermos chamados para atender o caso?

Corei de vergonha. Notei que Gema, Artur e Henrique se entreolharam e sorriram. Havia captado meu pensamento. Para evitar novos constrangimentos, nosso orientador explicou:

— Existem certos aspectos deste caso que vocês ignoram e que tomarão conhecimento à medida que as ações forem se desenrolando. Logo perceberão porque nossa presença se faz necessária.

Nessa hora, o menino deitava-se, apagando a luz.

Deixamos o quarto. Ali permaneceu apenas Artur, o tio-avô, encarregado de acompanhar o sono do garoto.

Dirigimo-nos à sala, onde o marido lia o jornal e a esposa fazia crochê. Luzia, reconhecendo-se cansada pelos afazeres diurnos, também se recolhia,

no que foi acompanhada pelo marido.

Mantivemos uma discreta distância do quarto do casal, ali só penetrando a idosa entidade, Dona Gema. Após algum tempo, ela franqueou a entrada do quarto. Ambos estavam dormindo.

Enquanto aguardávamos, pus-me a observar o aposento. Algumas fotos em porta-retratos, sobre a cômoda, chamaram minha atenção. Ali aparecia, em diversas poses e em épocas diferentes, a mesma pessoa: recém-nascida, na primeira infância, fazendo a primeira comunhão, em idade escolar, adolescente. Era uma mocinha bonita, magra, de pele clara, cabelos pretos e olhos grandes e aveludados, como os de Júlio.

Percebi que Alberto se aproximara, também atraído pelas fotos. Eu ia fazer um comentário, quando, olhando de lado, notei que ele estava extremamente pálido.

— Você não está bem, Alberto? - perguntei.

Ele me olhou de forma estranha, parecendo desnorteado, mas não teve tempo de responder. Nesse instante, ouvimos um choro. Era Dona Luzia que, desprendida do corpo, estava sentada no leito, com a cabeça entre as mãos, acusando grande desespero.

— Por que, meu Deus? Por que isso foi acontecer conosco? Onde está nossa filhinha? Onde está nossa querida Lígia? Tenho amargado todos esses anos a dor da separação, tenho sofrido e chorado sem consolo. Quero ver minha filha! Quero ver minha Lígia!

Ela nada percebia do ambiente espiritual à sua volta. Dona Gema, abraçada a ela, tentava tranqüilizá-la:

— Acalme-se, minha filha! Confie em Deus, Luzia! Não se desespere! Aceite o sofrimento por bênção divina. São recursos terapêuticos que o Senhor lhe envia para que você possa superar os erros do passado e aprender com o presente.

Luzia, porém, não escutava as amorosas sugestões da maezinha desencarnada. Levantando-se bruscamente do leito, saiu apressada a gritar:

— Eu quero ver minha filha! Quero ver minha filha!...

Henrique fez sinal para que a acompanhássemos. Como uma louca, ela se deslocou pelo espaço sem saber para onde ia, em busca da filha.

Chegando a uma grande cidade, dirigimo-nos a um bairro de periferia, de péssima freqüência. A vida noturna era intensa. Bares, boates e lupanares proliferavam, sob as luzes de néon. Entramos numa construção de sórdido aspecto. Na frente, um salão na penumbra, onde pares dançavam; garçons transitavam por entre as mesas carregando bandejas repletas de bebidas. Os freqüentadores, já alcoolizados, portavam-se de forma inconveniente. Atravessamos o recinto e, num canto, sozinha numa mesa, deparamos com uma mulher que, àquela hora, estava em estado deplorável. Usava uma peruca loira de cabelos mal tingidos, excessivamente maquilada, cigarro entre os dedos; olhava sem ver.

Aliviada e feliz, Luzia abraçou-a com carinho:

— Minha filhinha, afinal a encontrei! Por que fugiu de nós, Lígia? Em nossa casa você tinha tudo, minha filha. Nada lhe faltava.

Não se dava conta do ambiente, atraída apenas pela visão da filha querida. Não percebia sequer os acompanhantes espirituais de Lígia, espíritos vampirizadores da pior espécie. Somente a lei das vibrações explica o fato de ter buscado a filha e de tê-la reconhecido apesar das enormes diferenças. A

imagem atual nada fazia lembrar aquela linda adolescente cujo retrato viramos há poucas horas, de rosto limpo e sorriso aberto.

A mulher que ali estava, envelhecida pela vida noturna, pelo uso de bebidas e, até onde eu podia notar, de drogas, denotava vulgaridade nas atitudes. Usava cílios postiços e o olhar era pesado de rímel e sombras. A pele, excessivamente pintada para ocultar os vestígios das noites maldormidas, parecia uma máscara; a boca, recoberta com batom vermelho-escuro, mostrava um rictus de tristeza e amargura.

Nesse instante, um rumor fez com que me virasse. Era Alberto que, caindo sentado numa cadeira, cobriu o rosto com as mãos e se pôs a chorar convulsivamente.

Henrique aproximou-se dele, envolvendo-o num abraço carinhoso:

— Meu amigo, acalme-se. Compreendemos o que você está sentindo. É chegada a hora da reparação. Controle-se, para podermos ajudar com acerto. Gema, a generosa entidade que ali estava, trocou um olhar com Henrique e, como se estivessem colocando em execução um plano programado, envolveram Lígia em emanações dulcificantes, aplicando-lhe energias através do passe. Ao mesmo tempo em que cortavam, provisoriamente, suas ligações com os acompanhantes de baixo nível, afastando-os, procuravam despertar nela o desejo de ficar só.

Logo em seguida, vimos que Lígia levantou-se e dirigiu-se ao barman, sussurrando-lhe algo ao ouvido. Depois, encaminhou-se para uma porta, meio escondida por um reposteiro, e atravessou um grande corredor, onde se viam portas dos dois lados.

Parando diante de uma delas, virou a chave na fechadura e entrou.

Acendeu a luz. Era um quarto simples e despojado. Como mobiliário, apenas uma cama, uma penteadeira com uma banqueta e um armário pequeno. Uma porta levava a um minúsculo banheiro. A moça arrancou a peruca loira, tirou os cílios postiços, a maquilagem e lavou o rosto. Depois, voltando ao quarto, sentou-se no leito.

Sentia-se descontente sem saber por quê. Pensamentos estranhos dominavam-lhe a mente. Lembrou-se do passado, da sua cidade natal, da família...

A presença da mãe e da avó a enchia de saudade e de boas recordações. Como uma aragem benfazeja, amenizava-lhe o estado atual.

Sentiu vontade de chorar. No que se transformara sua vida!...

19

A história de Lígia

Recostada no leito, acendeu um cigarro com as mãos trêmulas e, depois, como se estivesse contemplando algo perdido na distância, voltou ao passado.

Ainda menina, sonhava em ir para a cidade grande. Os elogios à sua beleza física despertaram nela a vaidade e a ambição. Sonhava ser modelo, como tantas jovens que via na televisão. Almejava sucesso, dinheiro, notoriedade. Não queria, em hipótese alguma, permanecer ali naquela cidadezinha do interior e envelhecer, como o resto da população, sem ter feito nada de interessante. Sem ter vivido.

Um belo dia, decidiu-se. Ao participar de um concurso de redação na escola, ganhou uma pequena importância. Embora reconhecesse não ser suficiente, acreditava, na sua ingenuidade, que serviria para começar uma nova vida.

Programou tudo cuidadosamente. Certo dia, esperou os pais dormirem e, saindo de casa na calada da noite, tomou o ônibus rumo à cidade grande. Felizmente para ela, a cidadezinha estava deserta. Nenhum conhecido que pudesse frustrar-lhe os planos a viu.

Amanheceu num outro mundo. Havia uma multidão, um número de pessoas tão grande na rodoviária, que ficou assustada, sem saber o que fazer, nem que rumo tomar.

Sentou-se num banco para pensar. Como não poderia permanecer ali, resolveu enfrentar a situação. Saiu da rodoviária, acompanhando o movimento de pessoas, e, duas quadras adiante, descobriu uma pensão. Entrou e alugou um quarto. As instalações eram muito simples, mas serviam para começar. Comprou um jornal e passou a examinar os classificados. Infelizmente, para os empregos que lhe pareciam mais de acordo com seus ideais, não tinha as qualificações necessárias. Anotou, todavia, os anúncios que considerou mais razoáveis e saiu à luta.

Como não conhecesse a cidade, as dificuldades eram enormes. Ao terminar o primeiro dia, depois de muito caminhar, nada tinha conseguido. Voltou exausta para a pensão. Comeu alguma coisa e caiu desmaiada na cama.

Nos dias seguintes, a situação não mudou. Nada de emprego. Suas reservas reduziam-se perigosamente e ela começou a cortar de forma drástica a alimentação, ficando fraca e sem ânimo. Além disso, a dona da pensão exigia o pagamento pelo aluguel do quarto, e ela já não tinha em seu poder a quantia necessária.

Aproveitando-se de um momento em que a proprietária fora ao supermercado fazer compras, pegou suas coisas e fugiu da pensão.

Caminhou sem destino por muitas horas. Chegando a uma praça, sentou-se num banco para descansar um pouco. Logo, uma senhora acomodou-se a seu lado e, percebendo pelo seu aspecto de tristeza e de abandono a situação difícil que deveria estar atravessando, começou a conversar. Ao saber que Lígia estava sem lugar para ficar e desempregada, deu-lhe o endereço de uma agência de empregos ali perto.

Lígia agradeceu e encaminhou-se para lá. Como não tivesse carta de referência, só conseguiu vaga para empregada doméstica, e assim mesmo porque a secretaria da agência notou, pelo seu jeito, que era moça simples do

interior e porque a patroa - que não poderia pagar grande coisa - não era muito exigente. Como não estivesse em condição de escolher, aceitou. Pelo menos, teria casa e comida.

Assim, começou a trabalhar. O serviço não era dos piores, a família era simpática, mas ela não gostava nem estava acostumada com os afazeres domésticos. Sua mãe sempre fizera tudo, ela nunca lavara uma peça de roupa, e agora via como isso era cansativo. Sem experiência, lutou muito para manter o emprego. Por outro lado, gostava de crianças e demonstrou eficiência no trato com elas, o que lhe valeu pontos preciosos.

Nos dias de folga, munida de um jornal, saía à procura de um serviço melhor, sem desistir de seus projetos iniciais.

Certo dia, andando por um bairro de classe média alta, entrou numa lanchonete. Estava com sede. Pediu um refrigerante e, enquanto aguardava, reparou num grupo de rapazes e moças que conversavam sentados à uma mesa na calçada. Sua atenção foi atraída para um rapaz que a olhava fixamente. Achou-o simpático e atraente e correspondeu aos seus olhares. Não demorou muito e o moço entrou, aproximando-se da mesa onde ela estava.

- Olá! Meu nome é Alberto. E o seu?

— Lígia.

— Espera alguém? - perguntou ele.

— Não.

— Posso fazer-lhe companhia?

— Se quiser! Sente-se.

Na Espiritualidade, nosso amigo Alberto, constrangido e em lágrimas, acompanhava a cena que se desenrolava aos nossos olhos. Percebemos, sem sombra de dúvida, que era ele o rapaz que se acercara de Lígia.

Continuaram conversando. Grande atração surgiu entre ambos. Marcaram um encontro. Lígia não contou a ele a verdade, onde morava, que era empregada doméstica.

Disse-lhe que era estudante, residente em conhecido bairro de classe média, que seu pai era comerciante abastado e moravam em confortável residência.

O relacionamento entre eles foi se estreitando. Alberto, um dia, ofereceu-lhe um baseado. Lígia relutou a princípio, mas depois acabou aceitando. Ele a convenceu de que todos os jovens fumavam. No grupo de amigos que Lígia passou a freqüentar, por influência de Alberto, a droga rolava solta. Logo, a adolescente estava consumindo substâncias tóxicas cada vez mais pesadas.

Em consequência desse relacionamento, acabou engravidando. Como Alberto deixara claro que não desejava ligação mais séria, teve medo de contar a ele e perdê-lo.

Ou pior do que isso: temia que ele, como médico, recomendasse o aborto, e isso ela não faria em hipótese alguma. Havia ainda um outro problema grave: não podia mais continuar no emprego. Os patrões perceberam sua vinculação com as drogas e a expulsaram de casa. Sem lugar para ficar, sem emprego e, além do mais, grávida, Lígia não teve outro jeito senão voltar para casa.

Cheia de vergonha, telefonou para a mãe e pediu ajuda, explicando a situação, sem dizer onde estava. Dona Luzia, preocupada com a filha, mas satisfeita por receber notícias, disse-lhe que voltasse para casa. Seria sempre bem recebida em seu lar.

Lígia desembarcou na pequena cidade do interior com um gosto amargo de frustração. Jamais pensara em retornar à terra natal naquelas condições.

Durante os meses de gestação, ali permaneceu sem sair de casa. Foi uma exigência do pai, que não queria se sentir envergonhado perante a comunidade local.

O bebê nasceu. Era pequeno e frouxinho, em virtude das implicações da mãe com os entorpecentes. Durante a gravidez, Lígia controlou ao máximo suas tendências viciosas, pelo bebê. Contudo, quando saiu do hospital e voltou para casa com o filho nos braços, decidiu que não poderia ali permanecer. Não suportava aquele lugar, sentia falta da antiga vida e queria procurar Alberto, a quem amava.

Assim, deixou uma carta em que colocava os pais a par da decisão que tomara.

Considerando que o bebê estaria em melhores mãos do que nas dela, abandonou o filho e novamente a casa que a vira nascer.

Voltou para a capital. Procurou os velhos amigos, esperando reencontrar Alberto.

Tudo estava diferente. Não os viu no ponto de encontro costumeiro. Perguntou por Alberto ao garçom, que a reconheceu. O rapaz a fitou, penalizado:

— Alberto se foi, garota. Está em outra.

— Como assim?

— Onde é que você se meteu por tanto tempo? Alberto morreu por overdose há quatro meses!

— Mentira! Diga que é mentira!... - gritou, estarrecida.

— Lamento, garota. É verdade. Não há nada que se possa fazer quanto a isso. Vejo que essa notícia foi demais para você. Venha, sente-se. Vou trazer-lhe uma bebida.

Cambaleando, como se tivesse sido atingida por um golpe fatal, Lígia deixou a lanchonete sem esperar a volta do garçom.

Desde esse dia, afundou-se cada vez mais na degradação e no vício, por desespero e solidão, entregando-se a uma vida dissoluta, em que nada mais lhe importava.

Considerando-se sem opções para manter o vício, passou a dedicar-se à prostituição.

Pensava no filho. Como estaria ele? Nunca mais teve notícias.

O resto da história já conhecíamos. Alberto, ao nosso lado, soluçava convulsivamente. De grande parte dos fatos ele só ficou sabendo naquele momento.

— Meu Deus! Ignorava de onde Lígia viera, onde morava e que esperava um filho meu. Mas, a nossa era uma ligação fortuita. Pelo menos para mim. Por que não procurei me informar direito? Nossas vidas poderiam ter sido tão diferentes!... e então... Júlio é meu filho? Eu tinha um filho e não sabia!

Enquanto Gema e Luzia permaneciam junto de Lígia, ficamos ao lado de Alberto, dando-lhe forças.

Deixamos que ele desabafasse sem interromper. Contudo, a consciência acusava-o de modo implacável. Em sua mente, martelava a idéia de que só ele era culpado por essa tragédia toda. Ele fora o responsável, não apenas por sua própria morte física, mas também por levar uma garota jovem e inexperiente ao vício. E não só ela! Quantas outras pessoas teria também desencaminhado?

Henrique, olhando-o com firmeza, ponderou:

— Alberto, já conhecíamos sua história. Portanto, para nós, não é novidade. As lembranças de Lígia vêm complementar a parte que você também desconhecia. Certamente, sua responsabilidade é grande nesse processo todo, e isso não podemos minimizar. Todavia, quem de nós não é culpado? Atire a primeira pedra aquele que se achar sem pecados, ensinou Jesus. A verdade é que todos nós temos o lado escuro que precisamos trazer à tona para os necessários reajustes. No seu caso, os anos de experiência na Espiritualidade, tudo o que já aprendeu e vivenciou, dão-lhe condições de trabalhar em favor de todos os necessitados desse grupo. Assim, não se deixe envolver negativamente pelo problema nem cultive o remorso. Reaja! Levante a cabeça! Readquira seu equilíbrio emocional! - E completou:

— Vamos trabalhar. Temos muito serviço a fazer.

— É muito doloroso enfrentar os próprios erros, Henrique. Quando não estamos envolvidos com o problema, é fácil. Temos uma visão mais clara, nítida e ampla da situação. Mas, agora...

— Certamente. Porém aí está o nosso desafio. Sabemos que, perante nossos erros, não basta o arrependimento. Também não adianta ficarmos chorando, lamentando-nos, batendo no peito e dizendo: sou culpado! É preciso reparar o mal cometido, bem como as consequências que possam ter advindo de nosso comportamento.

Mais aliviado, embora profundamente envergonhado perante os colegas, Alberto sussurrou:

— Tem razão, Henrique. Agradeço também a compreensão de todos, pois não vejo nos amigos da equipe nenhum resquício de reprovação. Só muita compreensão pelas minhas imperfeições. Obrigado.

Todos sorrimos, procurando enviar-lhe vibrações boas e fortalecedoras.

Enxugando as lágrimas, Alberto indagou:

— Então, o que é que podemos fazer?

Nosso instrutor abriu um grande e encorajador sorriso:

— Muito bem, Alberto. Vamos arregaçar as mangas. O que você sugere para começar?

Olhamos Lígia, que chorava nos braços da mãe e da avó desencarnada.

— Acho que temos que começar por ela! - opinou, apoiado pelo grupo. - E a mais necessitada. Parece-me que devemos nos esforçar para retirá-la logo deste local de devassidão.

— Ótimo! Veremos o que é possível fazer! - disse Henrique. - Apoio do Alto não nos faltará, por certo. Foi-nos confiada uma tarefa cuja realização depende de nós. Que Jesus nos abençoe a todos!

A nobre Gema permaneceria ao lado da neta, para ajudá-la e protegê-la.

Após uma prece de agradecimento ao Criador, acompanhamos nossa irmã Luzia a seu domicílio terreno. Era preciso que ela retornasse ao veículo corporal, abandonado provisoriamente. Aliviada e satisfeita, reapossou-se do corpo, acordando feliz e realizada.

— Meu velho, sonhei com nossa filha! Era tão real que tenho a certeza de que me encontrei com ela. Sinto que alguma coisa vai mudar, Genésio. Para melhor. Tenho íntima convicção de que Deus vai nos ajudar e - quem sabe? - Lígia nos mandará notícias.

Aragens de paz sopravam suavemente. Estábamos gratificados. O trabalho prosseguia sempre e empenharíamos nossos melhores esforços para

cumprir a nossa parte.

20

Acompanhando Gustavo

Enquanto preparávamos um plano de ação para auxiliar com proveito todo o grupo, conforme fosse permitido pelo Alto, prosseguíamos com nossas atividades rotineiras.

Certa manhã, atravessava o extenso jardim do hospital quando deparei com alguém sentado num banco. Não me viu, absorvido na contemplação das grandes árvores e dos pássaros que gorgearavam nos altos galhos. Parei a seu lado, satisfeito por vê-lo ali.

— Olá, Gustavo! Apreciando a Natureza?

Virando-se para mim, sorriu:

— Pois é, César! Por falta de opções, a gente acaba aderindo, não é?

Achei graça. Enquanto me aproximava, notei que Gustavo demonstrava real prazer em estar ali, no jardim. Todavia, rebelde, não queria dar o braço a torcer. Tinha que ser do contra.

Como dispunha de algum tempo, sentei-me.

— Você está com ótima aparência, meu amigo. Percebe-se que está forte e bem-disposto. Logo deixará o hospital, certamente.

— É verdade. O médico prometeu que na semana que vem terei alta. Disse-me até que já poderia freqüentar, além dos passes, uma reunião de Estudo do Evangelho, se quisesse.

— E você quer?

— Acho que seria interessante. Mesmo porque não tenho nada para fazer. Pelo menos, sairia da minha rotina.

Não pude deixar de rir. Sempre o mesmo.

— Então, posso acompanhá-lo, se desejar.

— Que bom! Queria pedir-lhe este favor, mas não me atrevia.

— Sem problemas, Gustavo. Terei muito prazer em acompanhá-lo. Vou verificar em qual dos grupos está prevista a sua participação e depois voltaremos a conversar.

Assim, deixei-o entregue à sua contemplação e me dirigi ao setor de informações. Gustavo seria colocado no Abrigo Saudades da Mamãe e freqüentaria a reunião coordenada pelo nosso velho amigo e orientador Matheus.

Após confirmar as informações que ele me dera, voltei e combinei de apanhá-lo no quarto, meia hora antes do horário previsto para o início da reunião, que seria realizada no final da tarde numa das dependências da própria instituição.

Ansioso, ele me aguardava. Era a primeira vez que iria participar de uma atividade diferente. Crivou-me de perguntas enquanto nos dirigíamos ao local. Aliás, para ele, era tudo novo. Até esse momento, só tivera permissão para sair da enfermaria e caminhar até o jardim.

O tamanho do complexo hospitalar, o conjunto de prédios com suas enormes dependências, as alas que percorríamos, os pátios e os jardins, tudo o encantava.

Ao chegarmos, algumas dezenas de pessoas já se encontravam no local. Sentamo-nos e aguardamos.

No meio da assistência, vi o atendente Hassan, que me cumprimentou à distância.

Remexi-me na cadeira. Nunca me sentia à vontade na presença desse homem.

Lembrava-me, envergonhado, do dia em que eu e ele tínhamos colidido no corredor e de como o tratara mal.

Jamais tinha conseguido digerir aquele episódio tão constrangedor. Felizmente, nossos horários e áreas de atuação eram diferentes, e assim era raro cruzarmos nas dependências do hospital.

A reunião, para convalescentes e recém-chegados ao mundo espiritual em condições de aceitar uma outra realidade, era a ocasião em que os novatos entravam em contato com a vida além-túmulo e suas implicações.

Após a prece inicial, era feita a leitura de um trecho do Novo Testamento, seguida de breve explanação sobre o tema, visto que os presentes, de modo geral, não apresentavam condições emocionais, mentais e vibratórias de fixação do pensamento por tempo muito longo.

Terminada a palestra, o dirigente da reunião se oferecia para responder a perguntas, ocasião em que os interessados tinham a oportunidade de ter esclarecidas suas dúvidas. Era comum, pelo desconhecimento das realidades espirituais, não acreditarem sequer que estivessem num outro mundo.

Naquela tarde, um dos participantes, que aparecera uns trinta e cinco anos, bem vestido, barba curta e cerrada, indagou de Matheus:

— Caro palestrante. Gostaria de expressar o que me vai na alma. Sou muito grato pela gentileza e finura de trato que sempre me dispensaram. Todavia, causa-me estranheza a ausência de familiares, parentes e amigos. Sou cidadão do mundo, como se diz. Sempre dado a viagens, percorri o globo todo por duas vezes e visitei países nos cinco continentes. De forma que me localizo relativamente bem em qualquer lugar que esteja. Contudo, não consigo reconhecer a região onde estamos, e isto me causa perplexidade. Também não nos permitem utilizar o telefone ou enviar correspondência a quem quer que seja! Não podemos deixar este hospital em hipótese alguma, embora, pelo menos no meu caso, sinta-me completamente recuperado e em condições de receber alta. Seremos, porventura, prisioneiros de algum grupo extremista? Gostaria que o senhor nos esclarecesse e nos prestasse as informações a que acreditamos ter direito.

Os demais participantes igualmente se agitaram em apoio ao colega que falara.

Matheus espraiou o olhar manso pela assistência e, em seguida, parecendo meditar por alguns instantes, esclareceu:

— Meus irmãos, ninguém aqui se encontra prisioneiro senão de si mesmo. A própria consciência em desalinho provoca os desequilíbrios que fazem com que a permanência nesta instituição seja necessária.

Após ligeiro intervalo, em que observou a cada um em particular, sondando-lhes a realidade íntima, prosseguiu:

— O Evangelho de Jesus permanece ignorado para a grande maioria das pessoas. Elas não o enxergam senão como textos que, embora importantes, só dizem respeito à religião, e que, no máximo, servem para ser lidos em determinado dia da semana, reservado especialmente para suas obrigações devocionais. Todavia, o assunto é muito mais complexo. Há poucos minutos, lemos significativo trecho do Evangelho que deveria servir para nossas reflexões desta tarde. Nele, o Mestre nos fala a respeito das muitas moradas da casa do Pai, deixando claro que o Universo é a Casa do Senhor.

Discorremos sobre o assunto, mostrando a estreita correlação entre o mundo corporal e o mundo espiritual, que se interpenetram e que representam estágios diferentes de uma mesma realidade, que é a vida.

Matheus fez nova pausa e continuou:

— Porém, entregues às próprias concepções, muitos irmãos não conseguiram assimilar os esclarecimentos aqui ministrados, permanecendo enclausurados na própria realidade. Dessa forma, asseguro-lhes que somente a reflexão e a análise em torno da própria existência, de tudo o que acontece a seu redor, fará com que os irmãos cheguem a conclusões mais lúcidas.

Aproveitando uma pausa que se fizera mais longa, uma senhora sugeriu:

— Irmão, de acordo com suas palavras e com tudo o que tenho vivenciado, estou quase certa de que estamos todos mortos!

Novamente a platéia voltou a agitar-se, tomados de surpresa e horror. Ouviu-se um choro convulsivo. Tranquilo, Matheus esclareceu:

— Notável dedução, minha irmã. Contudo, sente-se morta?

— Absolutamente, não! - respondeu ela, convicta. - Ao contrário, sinto-me mais viva do que nunca e com boa disposição, como nunca estive.

— Então, não está. A grande verdade é que a morte não existe. Só a vida é real! Apenas mudamos de um plano para outro.

Atônitos, os internos do hospital calaram-se, refletindo nas palavras do orientador, muitos contendo o soluço.

Dando por finalizada a reunião, que fora bastante proveitosa, Matheus fez uma oração agradecendo o amparo divino. Por mais algum tempo, os participantes ficariam trocando idéias e experiências, num bate-papo informal. Matheus permaneceria na assembleia, atendendo os que quisessem falar-lhe em particular e esclarecendo dúvidas.

Os grupos se formaram de forma natural. Percebi que as sementes lançadas estavam produzindo resultados. As indagações começavam a surgir de todos os lados.

Convidei Gustavo para nos aproximarmos do palestrante, Matheus. Sentia que meu acompanhante também fora tocado pelo tema. Estava calado, grave, o que não era normal.

O assistente Matheus sorriu, cumprimentando-me de forma calorosa.

— César Augusto, que prazer! Não temos tido muitas ocasiões de nos encontrarmos ultimamente.

— É verdade, Matheus. Mas nunca me esqueço das nossas reuniões. É sempre com grande carinho que me lembro de você. Hoje vim acompanhando o nosso Gustavo, convalescente, em via de receber alta.

Matheus dirigiu-se a ele cordialmente:

— Seja bem-vindo ao nosso grupo, Gustavo. Como está se sentindo? Ao chegarmos, muitas vezes demoramos para nos libertar de antigos condicionamentos.

— Sem dúvida. Agora estou muito bem, mas passei por meses extremamente difíceis. A propósito, se entendi bem o que quis explicar, cheguei à conclusão de que não estamos mais no mundo. É isso?

— De certa forma, sim. Não nos encontramos mais vivendo no mundo dos chamados vivos. Estamos numa outra realidade, que é a espiritual. O que morre é o corpo material. O espírito, ser pensante e imortal, continua vivo.

Gustavo denotava grande perturbação emocional.

— Mas, você se referiu aos condicionamentos. Eu fui internado neste

hospital porque estava viciado em drogas. Demorei muito para me libertar da dependência. (Ainda não sei se consegui.) Como explicar isso? Se realmente estou num outro mundo, sem meu corpo de carne, por que não me liberei imediatamente desses condicionamentos? Além disso, sinto meu corpo bem vivo. Posso tocá-lo, sentir a textura da pele, sua temperatura, o sangue correndo nas veias e artérias, tenho necessidades físicas. Como pode ser isso?...

Matheus pensou um pouco e em seguida considerou:

— Gustavo, vamos por partes. Aos poucos você irá adquirindo outros conhecimentos importantes para a compreensão que ainda não tem. Um deles, e bastante complexo, é o que diz respeito ao corpo espiritual. Enquanto encarnados, somos um conjunto constituído de: corpo material ou físico; Espírito ou ser pensante; e o corpo espiritual ou perispírito, que funciona como elo entre o veículo corpóreo e o Espírito. Quando o corpo material não tem mais condições de manter a vida orgânica, o Espírito se desprende e volta para sua verdadeira pátria, a Espiritualidade, juntamente com o corpo espiritual, do qual não se desliga.

— Deixe-me ver se entendi. Então, esse que estou sentindo é o meu corpo espiritual? - perguntou, tocando seu braço.

— Exatamente. Então, voltando ao problema dos condicionamentos. É através dele que você manteve sua dependência, porque a dependência não é só química. É material, emocional e espiritual. Entendeu?

— Entendi. Estou um pouco confuso ainda, mas prometo que vou digerir tudo o que ouvi aqui hoje. Obrigado.

— É natural. As informações têm que ser assimiladas lentamente, dando-se o tempo necessário para a reflexão. Com o passar dos dias, verá que tudo é muito simples e natural, perfeito e lógico, o que demonstra a grandeza e a sabedoria do Criador.

Como outras pessoas queriam falar com Matheus, e já tomáramos muito do seu precioso tempo, era hora de nos despedirmos. Nossa amigo abraçou-nos, dizendo a Gustavo:

— Estarei esperando-o na próxima reunião. Sua presença é importante. Não falte!

Gustavo agradeceu a gentileza e deixamos o recinto. Meu amigo convalescente tinha mil indagações na mente. Enquanto caminhávamos de retorno a seu quarto, fomos conversando. Ele fazia uma pergunta atrás da outra, e eu ia respondendo.

— É tudo fantástico! Ainda não consigo entender direito. Então, é por isso que minha família não está aqui, nem meus amigos?

— Exato. A medida que se fortalecer, mostrar maior equilíbrio emocional e melhor entendimento da situação, poderá entrar em contato com eles.

— Verdade?...

— Sem dúvida! Tanto poderá visitá-los em sua antiga casa, como eles poderão vir até aqui vê-lo, durante o repouso noturno.

— E? Quer dizer que esse negócio de intercâmbio com os mortos é verdade mesmo? Caramba! Nunca acreditei nessas coisas!

— Pois pode acreditar! - afirmei, rindo.

Custou-me deixar Gustavo em seu leito hospitalar. Ele estava muito agitado com as novas verdades. Não sei se nessa noite ele conseguiria dormir.

Era, porém, uma agitação benéfica. Agitação que produz transformações e crescimento íntimo.

21

Sob a luz do luar

Após despedir-me de Gustavo, saí do hospital. Estava feliz. Lembrei-me de seu estado quando chegou, de suas dificuldades de adaptação, de sua impertinência e até das propostas que me fizera. Hoje, eu o via totalmente diferente. Sem aquele ar perdido do dependente de drogas, sem aquele brilho alucinado no olhar, sem os delírios provocados pela desintoxicação. Era outra pessoa. Intimamente, agradeci a Jesus pela transformação que se operara em meu amigo.

O céu sem nuvens deixava ver o manto estrelado que se estendia grandioso e belo.

Sob o luar prateado, caminhava pelo jardim quando percebi alguém vindo em sentido contrário. Era Hassan. Mal contive um gesto de desagrado.

— Olá! - disse-me ele. - Está de retorno à casa?

— Sim. Vim trazer meu acompanhante. E você?

— Moro aqui no hospital.

— Ah!...

Não tínhamos muito o que falar um ao outro e a conversa parou por aí. Como o silêncio se fizesse constrangedor, perguntei:

— Está freqüentando esse grupo de Estudo do Evangelho? Segundo sei, é destinado preferencialmente aos recém-chegados e convalescentes.

Ele sorriu.

— Também me considero um principiante nas coisas espirituais. Mas a verdade é que gosto de participar dessa atividade e de acompanhar a reação dos nossos internos. Os convalescentes têm reações completamente diferentes uns dos outros. Acho importante saber para melhor ajudar durante meu contato com eles no decorrer do dia.

— Ah! Interessante.

— É verdade. Uns se desesperam ao tomar conhecimento da realidade; outros ficam eufóricos diante da imortalidade da alma e da continuidade da vida; outros, ainda, não conseguem sair de dentro de si mesmos e não entendem nada. É um problema de despertamento íntimo.

Estava admirado do seu interesse em aprender. Mais do que isso. Demonstrava dedicação incomum pelos pacientes. Normalmente, os atendentes da limpeza só se preocupavam com a limpeza. Ele não. Era diferente dos outros.

Olhei-o com atenção. Era um homem de aparência humilde, de condição espiritual modesta. Tinha boa vontade, disposição, mas certamente ainda não tivera muito tempo para aprender na Espiritualidade. Ele terminara de falar e esperava que eu dissesse algo. Perguntei:

— Você me disse, outro dia, que veio de um posto de serviço em regiões mais densas.

— É verdade. Vim de Lírio da Paz.

— Bonito nome. Muito sugestivo.

— Sim, mas a realidade lá não é tão bela assim. Sem sombra de dúvida, aqui estamos num paraíso. Lá em Lírio da Paz nunca tive a oportunidade de apreciar um céu limpo e estrelado como aqui. O sol raramente aparece por causa do nevoeiro constante. A Natureza é árida e sem atrativos. Não se contemplam árvores e flores como aqui.

— Conhece a história da instituição? Por que lhe deram o nome de Lírio da Paz?

— O Posto de Serviço foi fundado no início do século passado por Olegário, valente e generoso servidor do bem. Em virtude de ter entes queridos que estagiavam naquela região, mergulhados nas sombras, obteve do Mestre a permissão de ali trabalhar, dessa forma auxiliando seus entes queridos e demais Espíritos que ali permaneciam. Deu-lhe o nome de Lírio da Paz porque a instituição deveria ser como um lírio, flor que viceja no pântano, embelezando e perfumando o ambiente, sem se contaminar.

Enquanto ele falava, descrevendo as características do local de onde viera, eu pensava. A tonalidade da sua voz despertava em mim estranhas sensações. Um misto de atração e de repulsão, simultâneas.

Percebendo que eu o olhava calado, Hassan considerou:

— Creio que estou a incomodá-lo, falando-lhe de coisas que não lhe interessam.

— De maneira alguma - respondi. - Continue. Estou achando bem interessante. Ficou bastante tempo por lá?

Mais animado, ele prosseguiu:

— Não muito. Durante vários anos, revoltado e odiento, unido a uma falange de Espíritos vingativos, prejudiquei antigo desafeto encarnado. Depois, consciente de que estava agindo errado e de que nada lucraria com esse comportamento - ao contrário, só me prejudicaria ainda mais -, resolvi mudar de vida. Assim, fui recolhido, em situação de grande penúria espiritual, por equipe socorrista de Lírio da Paz. Com o passar do tempo, comecei a colaborar na instituição que me acolhera, trabalhando a serviço do próximo. Lá permaneci por vários anos, até que, por bons serviços prestados, o administrador do posto de serviço resolveu transferir-me para Céu Azul.

— Então, foi uma promoção'? - indaguei, surpreso.

— Sim! - respondeu-me, satisfeito. - Mas isso nada significa, porque reconheço que nada sou e que é incipiente minha elevação espiritual.

— Se você recebeu esse prêmio, é porque tem méritos. Parabéns!

Conversando com Hassan sob a luz do luar, ouvindo-o contar suas experiências, tranqüilizei-me. Ele já não me incomodava tanto. Comecei a achá-lo mais simpático.

— E o seu desafeto, o que foi feito dele? Continua encarnado? - indaguei.

— Não. Também já fez a grande viagem. Encontra-se desencarnado há muitos anos.

— E você teve oportunidade de reencontrá-lo?

— Encontrei-o algumas vezes, mas não sabe quem sou e quais os laços que nos ligam ao passado - respondeu de forma evasiva.

— Entendo... teme que ele não perdoe os prejuízos que você lhe causou.

— Em parte. Porque, verdadeiramente, ambos temos que nos perdoar mutuamente. Meus orientadores me disseram que devo esperar a ocasião propícia.

— Sem dúvida. A própria vida se encarregará de aproximá-los um do outro. Bem, é tarde e amanhã temos que trabalhar.

— Tem razão, César. Foi um prazer revê-lo. Agradeço a Deus a oportunidade de encontrá-lo novamente. Até outro dia. Que Jesus o abençoe.

— O prazer é recíproco, Hassan. Venha nos visitar no Abrigo dos Descamisados. Poderemos conversar com mais calma.

Apertamos as mãos em despedida. Não sei por que, fiquei achando que aquele aperto de mãos tinha um significado muito especial. Pelo menos para mim.

Notei que Hassan tinha os olhos úmidos. Estava emocionado.

Afastamo-nos, cada um tomando seu rumo.

Sentia-me aliviado intimamente. No fundo, aquele mal-estar que eu tive na primeira vez que nos encontramos, quando trombei com o faxineiro ao virar um corredor, vinha me incomodando. Sempre tratara bem todas as pessoas, era cordial, amável, por isso não me perdoava a atitude desagradável.

Agora, tinha a sensação de que um véu de sombras se diluíra e que a aproximação de Hassan fizera bem a mim e a ele.

Dormi como um anjo, agradecendo ao Senhor a oportunidade de me reconciliar com alguém.

22

Decisão importante

Na manhã seguinte, acordei satisfeito e sentindo-me extremamente leve.

Abri a janela. O Sol inundou o aposento. Seus raios tépidos, tocando minha pele, produziam agradável sensação de calor e paz.

Era o mesmo astro que iluminava a Terra, o orbe dos nossos sonhos. Era ele que tornava possível a vida em nosso lar planetário; sem ele, tudo seria escuro, desolado e gélido.

Abri os braços, estendendo-os para o Alto, agradecido e reverente ao Sol por suas dádivas e ao Criador do Universo por sua criação.

Era dia de reunião da nossa equipe.

Mais tarde, no horário combinado, estávamos todos a postos. Um senhor que eu não conhecia se encontrava presente. Henrique fez as apresentações:

— Este é nosso irmão Glauco. Há muito acompanha o grupo com o qual estamos envolvidos. Especialmente Lígia e Júlio.

O estranho era um homem de idade madura, fisionomia serena e sorriso terno. Seus olhos claros e lúcidos transmitiam segurança, energia e determinação. Enquanto examinávamos discretamente o recém-chegado, o orientador concluiu:

— Glauco vai cooperar conosco nesse caso que tão bem conhece. Sua ajuda nos será muito valiosa.

De forma efusiva, demonstramos nossa satisfação em tê-lo conosco.

Após uma oração em conjunto, demandamos a Terra.

De longe reconheci a grande metrópole. Em poucos minutos chegamos ao quarto onde morava Lígia. Do lado de fora, dois servidores do nosso plano faziam a segurança do local, evitando assim o assédio de entidades malfazejas.

A vovó Gema veio atender à porta. Vendo-nos, abriu um grande e caloroso sorriso. Ao aproximar-se de Glauco, cumprimentou-o imensamente comovida.

Certamente eram amigos de longa data.

Lígia estava recostada no leito. A imagem era a mesma do dia em que a conhecemos. Tive a impressão de que a imagem ficara congelada; como se a moça não tivesse se mexido, conservando-se no mesmo local e na mesma posição.

Henrique indagou, atencioso:

— Como está ela?

Dona Gema aproximou-se de Lígia, envolvendo-a num abraço afetuoso.

— Minha neta está algo mudada desde que a viram. Procurei inocular-lhe pensamentos mais elevados, fazendo-a refletir sobre o que tem feito da existência, quais são seus objetivos, o que realmente deseja para si. O resultado é esse que estão vendo. Tem pensado muito, quase não saiu do quarto e não tem recebido ninguém.

— Ótimas notícias! - disse Glauco.

— Sem dúvida, meu caro. Todavia, temo represálias. O amigo dela está revoltado com essa sua atitude de recolhimento.

Curioso, não pude deixar de perguntar:

— Que amigo é esse?

Gema virou-se para mim e explicou, enquanto Henrique e Glauco sorriam

levemente.

— É o homem que a explora sexualmente e que a mantém submissa. Trata-se de um brutamontes que fica com quase tudo o que ela ganha, deixando-lhe apenas o necessário para viver modestamente.

Era o que se chama de cafetão. Corei ao perceber minha ingenuidade. Dispunha-me a agradecer a explicação quando se ouviram fortes pancadas na porta.

Lígia pulou de susto. Dona Gema lançou-nos olhar apreensivo, afirmando:

— Ei-lo que chega. É Sandoval.

Lígia saíra do seu alheamento. Mostrava-se visivelmente apavorada. Encolheu-se na cama, tapando os ouvidos.

As pancadas, porém, continuaram. Agora eram murros que pareciam quase derrubar a porta. A madeira, frágil, não resistiria muito tempo.

Com tranqüilidade nosso orientador recomendou:

— Vamos deixá-lo entrar. Gema, faça com que Lígia abra a porta.

A avozinha aproximou-se da neta, sugerindo-lhe:

— Minha querida, abra a porta. Deixe-o entrar. Enfrente-o. Estamos aqui com você e nada lhe acontecerá. Não tema.

Ainda indecisa, mas intuitivamente ouvindo o que lhe era ordenado, supondo tratar-se de idéia sua, Lígia ergueu-se do leito. Sim! - pensava ela - é melhor enfrentar logo a situação. Não tenho razões para ter medo. Sou uma mulher livre e dona de meus atos.

Destrancou a porta com decisão. Bem a tempo! Mais um pouco e ela viria abaixo.

Sandoval entrou. Era o típico cafetão. Bem-arrumado roupas extravagantes, cabelos engomados, perfume forte e insuportável.

Com um palito no canto da boca, caminhou pelo quarto com seu gingado, examinando tudo, a ver se Lígia não estava lhe escondendo alguma coisa. Junto dele estavam as viciosas entidades desencarnadas que da primeira vez a acompanhavam.

Como estivessem impedidas de aproximar-se da moça, buscaram reforço em Sandoval, outro interessado em que ela continuasse na dependência dos vícios.

Os dois Espíritos aproximaram-se dela tentando envolvê-la e procurando despertar-lhe a necessidade da droga. Contudo, Dona Gema tinha cercado a neta de vibrações salutares, o que permitiu a Lígia, naqueles dois dias, manter a mente sob certa elevação, não sintonizando facilmente com os antigos companheiros.

Com voz baixa e ameaçadora, em que se percebia a ira contida, Sandoval perguntou:

— Com que então, você se recusa a trabalhar?

— Não tenho passado bem. Só isso - respondeu, com firmeza.

— Mas nós temos um acordo, beleza. Como é que eu vou viver se você não for para as ruas? Hein? Como é que vou fazer? E você? Também depende disso!

Lígia não respondeu. Continuou calada, de cabeça baixa. Sentindo que estava perdendo seu império sobre ela, Sandoval tentou usar seu poder de sedução, que sempre funcionara.

— Quer deixar seu homem pobre, sem dinheiro? Venha cá, doçura, estou

com saudade de você. Tome isso. Você deve estar necessitada.

Tirou um papelzinho do bolso do paletó, acenando-o para a moça.
afliito:

Fiquei preocupado e, nesse momento, Alberto indagou,

— Não vamos fazer nada? Precisamos ajudá-la!

Glauco, que estava ao lado dele, respondeu:

— Acalme-se, Alberto. Se for necessário, agiremos.

Henrique, sem perder de vista o que estava acontecendo, considerou:

— Necessário deixar que Lígia exerce o seu livre-arbítrio e demonstre até que ponto deseja realmente ser ajudada.

— Mas... ela ainda está muito frágil! - objetei.

— Observe! - ordenou-me Henrique.

Naquele instante de grande tensão, Sandoval acercava-se de Lígia com o papelzinho entre os dedos. Vimos a moça balançar. Olhou o pedacinho de papel dobrado, que sabia conter o pó, e seus olhos demonstraram um brilho diferente.

Pensamos que ia aceitar. Contudo, refletiu por alguns segundos, respirou fundo e, reunindo forças para reagir, gritou:

— Não! Não quero!

— Vamos, beleza, eu sei como você é fissurada nisso!

Não banque a durona comigo, que você não leva jeito. Venha aqui com o papai...

Recuando um passo, Lígia reagiu com firmeza:

— Não! Não chegue perto de mim! Não quero mais saber de você! Tenho nojo!

O brutamontes, atingido em seus brios, levantou o braço e desceu-o com toda a força na moça, atingindo-a em pleno rosto. Ela rodopiou, balançou e em seguida caiu desamparada no chão.

— Mantenham os pensamentos elevados, em prece. Não interfiram - pediu o orientador.

Depois, Henrique aproximou-se de Lígia, envolvendo-a com carinho. Glauco colocou as mãos sobre a fronte de Sandoval, que acusou imediato mal-estar.

Cheio de medo, olhando dos lados, como se temesse algo, deixou o aposento. Antes de sair, porém, esbravejou:

— Você me paga! Isso não ficará assim!

Os outros irmãos desencarnados, viciosos também, saíram, levados pelos seguranças. Seriam conduzidos a uma Casa Espírita de nossa confiança existente nas imediações.

Apesar do hematoma na face, do olho inchado e do fio de sangue que escorria pelo canto da boca, Lígia estava aliviada.

Agora, resolvida como nunca a abandonar a vida de prostituição e atendendo às sugestões de Henrique, fez as malas e fugiu dali o mais rápido possível. Sandoval poderia voltar, e ela sabia como ele era perigoso.

Já na rua, outro problema. Não tinha para onde ir. Nisso, lembrou-se de uma amiga que largara o meretrício para se casar. Tinha o endereço dela. Decidiu procurá-la.

Naquelas circunstâncias, era o melhor que tinha a fazer. Sandra poderia ajudá-la.

Tomou um táxi e foi bater à casa da amiga. Sandra recebeu-a com alegria. Após contar o que lhe tinha acontecido, Lígia concluiu, em lágrimas:

— Por isso, Sandra, quero deixar essa vida miserável. Entretanto, não sei o que fazer, nem para onde ir. Estou confusa e desorientada. Tenho medo de Sandoval.

Lembrei-me de você, que conseguiu a liberdade, e achei que poderia me ajudar.

— Louvo sua coragem, amiga. Não se preocupe. Poderá ficar conosco por alguns dias. Aqui é lugar seguro. Sandoval nunca viria procurá-la em minha casa.

— Mas... e seu esposo? Vai entender?

— Tranquilibre-se. José é muito bom e compreensivo. Quanto a isso, não há problema. Por outro lado, aqui nesta cidade não estará segura por muito tempo. Sozinha e desprotegida, poderá cair nas mãos de outro explorador. Além disso, Sandoval não é de esquecer uma afronta. Vai mover céus e terras para encontrá-la. E você sabe que o submundo do crime conta com extensa rede de informantes. Não, você não poderá permanecer aqui por muito tempo. Temos que levá-la para outro lugar!

Lígia pensou um pouco e ponderou:

— Estou num abrigo provisório, sem recursos e sem emprego. Só há uma saída: voltarei para minha cidade natal. Isto é, se meus pais me aceitarem de volta.

Sandra sorriu, concordando:

— Acho que tem razão! É o lugar ideal para você. Tenha confiança. Vai dar certo. Além disso, família é sempre família.

Lígia permaneceu escondida na casa de Sandra, enquanto se recuperava. Não desejava retornar para sua cidadezinha com o rosto inchado, o olho preto e as marcas da violência de Sandoval. Também era preciso dar um tempo para que a raiva passasse, ele encontrasse novos interesses e arrefecesse as buscas.

Três dias depois de ter chegado à casa da amiga, telefonou para a mãe.

— Alô? Aqui quem fala é Júlio!

Lígia não se identificou. Gostaria de conversar com o filho, sim, mas não dessa maneira, pelo telefone. Mas, ouvir a voz dele pela primeira vez causou-lhe grande comoção. Ele continuou insistindo:

— Alô? Quem é? Com quem deseja falar? - Depois, virando-se para a avó: - Que estranho, vovó! Não é ninguém!

Dona Luzia pegou o fone e percebeu uma respiração forte do outro lado da linha.

Sentiu a emoção dominar-lhe o íntimo. Alguma coisa lhe dizia que era sua filha, Lígia, quem estava telefonando. Daí por diante, ficou atenta. Ao menor toque do telefone, ela corria. Algumas horas depois, o telefone tocou de novo. Ela atendeu, ansiosa.

— Alô?

Depois de alguns segundos, uma voz temerosa murmurou:

— Mamãe, sou eu!

— Minha filha, que saudade! Onde você se encontra? Está bem?

Dona Luzia ouviu um soluço do outro lado.

— Mamãe, estou precisando de ajuda!

— Estamos aqui à sua espera, minha filha. Volte. Esta casa continua

sendo sua - disse a mãe com a voz embargada de pranto.

Cada vez que a filha pedia socorro, ela viajava no tempo, voltando ao momento em que a recebera nos braços pela primeira vez. Era um bebê pequeno e franzino.

— E o papai, mãe?

— Ele entenderá, minha filha. Não tenha receio. Venha!

Lígia recolocou o fone no gancho e chorou copiosamente. Ao ouvir a voz da mãe depois de tantos anos, uma imensa saudade de casa dominou seu coração.

— Sim. Voltarei - pensou. - Não sei quando, mas voltarei. Começarei vida nova no aconchego do meu lar, junto dos familiares queridos. Especialmente de Júlio, meu filho. Poderá ele me perdoar por tê-lo abandonado ainda bebê?

23

Mudança de vida

Aproveitamos aqueles dias, que representavam um oásis de paz na vida tumultuada que Lígia levara até então, para colocar em prática nosso plano de ajuda.

Analizando tudo o que acontecera, eu percebia agora como fora importante nossa amiga tomar sozinha suas decisões. Esse fato a tornou mais forte, mais segura e mais consciente do que realmente desejava. Henrique tinha razão. Não podemos intervir no livre-arbítrio das pessoas. Devemos deixar que cresçam por si mesmas; se pedirem socorro, aí é outra história...

Ao aceitar a hospedagem de Sandra, Lígia experimentava um certo receio. Seria natural que José, o esposo da amiga, não visse com bons olhos sua presença naquela casa, especialmente sabendo tratar-se de uma antiga colega de prostituição. Casara-se com Sandra, mostrando ser um homem de mente mais aberta e livre de preconceitos, mas certamente desejaria esquecer o passado de sua mulher.

À noite, quando José chegou, Sandra fez as apresentações, e, em seguida, sentaram-se à mesa para jantar. Durante a refeição, Lígia foi ficando mais descontraída.

Reparou que o dono da casa a tratava com gentileza e cortesia, parecendo satisfeito com sua presença. Em nenhum momento, a hóspede notou qualquer resquício de contrariedade em suas atitudes. Achou que Sandra talvez não tivesse deixado clara a situação. Para evitar aborrecimentos futuros, sentiu-se no dever de alertá-lo. Sem titubear, tocou no assunto:

— José, não sei se Sandra contou-lhe o que está acontecendo comigo e a razão que me trouxe à sua casa.

O rapaz fitou-a, sereno:

— Sim, certamente. Nada temos a esconder um do outro.

Surpresa, Lígia sorriu.

— Então, agradeço-lhe ter permitido que fique hospedada em seu lar. Asseguro-lhe que será por poucos dias; pretendo sair da cidade tão logo possa.

— Não há problema, Lígia. Fique o tempo que julgar necessário. Mas concordo com você. Não acho conveniente que permaneça aqui por muito tempo. Sabe como é, não suportará ficar dentro de casa por um longo período; sentirá necessidade de sair e sempre haverá o risco de ser reconhecida por alguém ligado àquele homem. De qualquer forma, conte conosco. Ajudaremos em tudo o que for possível.

— Não está aborrecido com a minha presença, então? -insistiu ela, ainda em dúvida.

— Absolutamente. Ao contrário. Fez muito bem em nos procurar. Temos que nos amparar uns aos outros. Hoje é você quem está precisando de ajuda, amanhã posso ser eu ou Sandra... quem sabe? A verdade é que formamos uma sociedade em que temos o dever de ser fraternos e solidários uns com os outros, para atingirmos o objetivo maior, que é a evolução.

Lígia olhou para a amiga, depois para seu esposo, perplexa:

— Você realmente me surpreende, José. Esperei encontrar um homem duro e inflexível, mas, ao contrário, descubro um ser solidário e fraterno, preocupado com o bem-estar do seu semelhante.

Sandra sorriu ternamente, apertando a mão do marido, a qual repousava sobre a mesa. Depois afirmou:

— Ganhei na loteria, Lígia. José é muito especial. Como ele, não existe nenhum outro. Meu marido é espírita e está sempre preocupado em fazer o bem. Além disso, como poderia ser um homem duro e inflexível se, entre tantas mulheres, escolheu a mim para ser sua esposa?

Lígia concordou com um sorriso, mas não fez comentários. Nada sabia dessa coisa de Espiritismo, a não ser vagas lembranças de conversas que ouvira quando criança. E, a bem da verdade, essas conversas não eram nada agradáveis. Davam-lhe medo, especialmente à noite, pois envolviam velas, garrafas de aguardente, galinhas pretas e trabalhos feitos na calada da noite em encruzilhadas desertas, com aparições de fantasmas. Entretanto, achou que o tal de Espiritismo deveria ter um lado bom, se produzia pessoas como José. Na verdade, jamais tinha ouvido alguém falar como ele.

Então, a partir daquele dia, seu relacionamento com ele transcorreu em clima agradável e alegre. Sandra não era espírita, segundo contou, mas respeitava profundamente a religião do marido, pela admiração que ele lhe despertava.

À tardezinha, quando José voltava do trabalho, conversavam sobre vários temas, mas Lígia gostava de ouvi-lo discorrer sobre a Doutrina Espírita.

— Tudo isso que você me diz, José, parece muito distante daquilo que sempre conheci como Espiritismo - disse ela um dia. E prosseguiu, intrigada: - Nessa história toda, onde entram os despachos, velas e outras coisas?

José e Sandra riram da pergunta. Ele esclareceu:

— A sua confusão é natural. Por desconhecimento das pessoas, a Doutrina Espírita tem sido confundida com os cultos afro-brasileiros, que se utilizam dessas práticas que você citou, Lígia. Apesar de muito respeitáveis, essas seitas, que fazem parte do sincretismo religioso do nosso povo, nada têm a ver com o Espiritismo, doutrina codificada pelo professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, no século passado, na França.

— Mas, o que originou essa confusão toda?

— O fato de essas crenças afro-brasileiras se utilizarem de fenômenos naturais e próprios da condição humana, como o intercâmbio com os mortos, e até da terminologia espírita proposta por Kardec.

Lígia aprendia muito, ouvindo as explicações lógicas e claras de José, que lhe sanavam as dúvidas e lhe esclareciam o espírito.

Certa noite, em que eles conversavam sobre a lei de causa e efeito, Lígia ponderou:

— Vejam o meu caso, por exemplo. Minha vida daria um romance! Sou jovem ainda e tenho experiência de uma velha de cem anos. Por que foi acontecer tudo isso comigo? Estaria traçado? Seria destino?

José pensou um pouco e respondeu:

— De forma alguma, Lígia. O que está preestabelecido pelo determinismo divino é o que surge em nossa existência sem que possamos evitar. Como um problema congênito, um retardamento mental, os reveses da fortuna, a morte de um ente querido e tantas outras coisas. No seu caso, tudo se deveu ao uso indiscriminado do livre-arbítrio.

— Você acha mesmo isso? Mas, José, tenho sofrido tanto!...

— Não duvido. Porém, é um sofrimento que você mesma procurou. Faça

uma recapitulação dos acontecimentos. Quando foi que tudo começou?

- Quando resolvi fugir de casa à procura de uma vida melhor.
- Está vendo? A decisão foi sua, Lígia.
- Mas é errado querer ser feliz? Procurar crescer na vida? - indagou ela.
- De modo algum. O progresso é lei da Natureza, isto é, faz parte das leis naturais emanadas do Criador. Estamos sempre em busca de condições melhores e mais confortáveis. E assim que a humanidade cresce e se desenvolve. Já imaginou? Não fossem as conquistas de seres abnegados, inconformados com a situação, não teria o nosso planeta chegado onde está, com o conhecimento humano caminhando a passos de gigante.

Após um gole de água, José prosseguiu:

— Todavia, esse progresso não pode ocorrer à custa da irresponsabilidade, da indisciplina e do sofrimento de outras pessoas. Você causou aflições desnecessárias a seus pais e a você mesma; poderia ter saído da cidade da forma correta, em plena luz do dia, com o conhecimento de todos.

— Mas eu precisava terminar o segundo grau... e tinha pressa. Ainda faltavam dois anos!

— E daí? O que representam dois anos quando alimentamos um objetivo claro e definido na vida? Se tivesse tido paciência de esperar, terminaria o curso e poderia fazer o vestibular. E só sairia da sua cidadezinha quando ingressasse na faculdade. Dessa forma, conseguiria uma ascensão mais rápida. Quando não, deveria ter sido sincera e verdadeira com seus pais, falando-lhes dos seus planos, do seu desejo de ser modelo. Tenho certeza de que iriam entender.

Lígia manteve-se calada, pensando em tudo o que acontecera.

— Tem razão, José. O pior é que errei muito e continuei errando. Depois de fugir de casa, entrei para o mundo das drogas, levada por Alberto, a quem eu amava. Sabia que ele não me levava a sério, mas, ainda assim, desse relacionamento tive um filho, que, abandonado por mim, acabou ficando sob os cuidados de meus pais. Posteriormente, ao saber que Alberto morrera, desisti de lutar pela vida, entregando-me ao desespero e à inconformação.

Lágrimas copiosas inundavam-lhe o rosto, especialmente ao se lembrar do antigo namorado. Depois de conter a emoção, dirigiu-se a José:

— Você me disse que ninguém morre, que a morte é uma ilusão e que todos estão vivos. Então, Alberto também está vivo. Onde estará ele? Poderá ouvir-me?

José fez um gesto vago com as mãos:

— Onde ele está, não sei. Dependerá do tipo de vida que levou aqui na Terra, de como se comportou, dos conhecimentos que tinha sobre espiritualidade e da sua reação perante as novas condições no além-túmulo. Considerando que a comunicação entre os Espíritos se dá através do pensamento, então, racionalmente, posso dizer que Alberto poderá ouvi-la, sim. Contudo, como não sabemos do seu estado moral, emocional e espiritual, evite pensamentos depressivos, cobranças, recriminações, queixas. Ore por ele, enviando-lhe pensamentos de amor, paz, carinho e reconforto. Lembre-se sempre dos momentos bons e agradáveis que viveram, esquecendo o lado negativo do relacionamento entre ambos. Só assim poderá ajudá-lo.

Nós, que estávamos ali presentes acompanhando o diálogo, notamos que, a essas lembranças, Alberto sentiu forte emoção. Lígia, apesar de todas as suas dificuldades, preocupava-se com ele. Essa lembrança da antiga

namorada lhe fez muito bem.

— Poderei encontrar-me com Alberto? - indagou ela em seguida.

— Sem dúvida. Se ele estiver em boas condições emocionais e vibratórias, e se os mentores espirituais permitirem, sim, você poderá encontrar-se com ele. Ele poderá até estar aqui, neste momento.

— Aqui?...

— Sim. Atraído pelas suas lembranças, poderá estar participando da nossa conversa!

Lígia experimentava grande euforia íntima. Pranteara Alberto morto, julgando-o perdido para sempre, e agora nova esperança luzia em seu entendimento.

— Como podereivê-lo? - quis saber.

— De diversas maneiras. A mais fácil é através dos sonhos. Quando dormimos, o Espírito se desprende e vai aonde quiser. Também poderá comunicar-se com ele através de um sensitivo, alguém a quem chamamos médium e que tem a facilidade de ser intermediário entre o mundo corporal e o espiritual. Além disso, se for dotada de percepções mediúnicas mais apuradas, você mesma poderávê-lo, ouvi-lo ou senti-lo.

Ela estava maravilhada.

— José, um mundo novo se descortina à minha frente. Foi Deus quem me encaminhou para esta casa, onde vim adquirir conhecimentos tão importantes.

Na Espiritualidade, estávamos satisfeitos. Tudo corria conforme o esperado. A conversa fora direcionada por Glauco com o objetivo de servir de conveniente preparação para as atividades programadas para aquela noite.

Nossos amigos encarnados recolheram-se, após uma prece em conjunto, experimentando grande paz e harmonia.

Nossa amiga deitou-se pensando em Alberto.

— Senhor, se for da tua vontade, permite que eu me encontre com Alberto. Só um pouquinho.

24

Reunião na Espiritualidade

Não demorou muito, estavam todos adormecidos. Na Espiritualidade, o movimento era intenso. Cada qual tinha uma função específica. Dona Gema ficara encarregada de trazer nossos amigos Genésio, Luzia e o menino Júlio. Servidores do nosso plano seriam responsáveis por Jonas e Eufrásio, as entidades viciosas ligadas à Lígia, e Glauco por Sandoval. Nós permaneceríamos no local para preparar o ambiente.

Passava um pouco das duas horas da madrugada quando Sandoval chegou. Vinha apreensivo e ressabiado. Não sabia o que estava acontecendo.

Sua aparência era das piores. Envoltiva-se em coloração sombria, em cambiantes de cinza-chumbo e vermelho-escuro. Seus traços pareciam mais acentuados e a expressão fisionômica denotava crueldade, malícia e sensualidade. Certamente deveria provocar medo em pessoas menos acostumadas como mundo espiritual inferior.

— Que lugar é este? - indagou, hostil.

Glauco, com brandura, respondeu:

— Acalme-se, Sandoval. Está entre amigos.

O recém-chegado reagiu fazendo uma carantonha.

— Amigos? Não tenho amigos. Toda liderança é solitária, não sabe? Sou chefe de uma falange e tenho poder. Exijo saber por que estou aqui!

— Você concordou em vir, lembra-se? Tenha mais um pouco de paciência - insistiu o orientador.

— Concordei porque você afirmou que se tratava de assunto do meu interesse e que só teria a ganhar acompanhando-o.

Paciencioso, Glauco concordou:

— Exato. Não se arrependerá. Portanto, tranqüilize-se e aguarde.

Enquanto esse diálogo ocorria, reuniam-se numa sala Sandra, José, Lígia, Genésio, Luzia, Júlio. Entre os desencarnados, os integrantes da nossa equipe de apoio e os obsessores de Lígia.

Os presentes acusavam maior ou menor grau de entendimento. Dos encarnados, somente José e Júlio percebiam o que estava acontecendo, mostrando certa lucidez espiritual. Os demais mantinham-se um tanto alheios e desconectados com a realidade.

Ao adentrar o recinto onde se achavam os outros convidados, Sandoval passeou os olhos pela pequena assembléia, sem grande interesse. Naturalmente, só via os encarnados e os desencarnados Jonas e Eufrásio, com os quais tinha mais afinidade, - de Glauco, que descera de sua elevada condição para tornar-se visível.

Ao deparar-se com Lígia, porém, seus olhos apertaram-se, mostrando toda a ira que o dominava.

— Com que então, você apareceu?...

Virou-se para Glauco, postado a seu lado e comentou:

— Tem razão, meu velho. Não me arrependo de ter vindo. Certamente, esta é a surpresa que me estava reservada, não é? Fico lhe devendo essa, meu chapa!

Assim falando, deu dois passos em direção de Lígia, que, ao reconhecê-lo, demonstrou imenso pavor.

A nobre entidade ao lado de Sandoval deu uma ordem de comando:

— Detenha-se, Ulisses! Não dê mais um passo! Basta de arbitrariedades! Ao ouvir esse nome, Sandoval parou como se tivesse levado um choque. Baixou lentamente a mão, que levantara para agredir Lígia, e virou-se para Glauco:

— Por que me chama de Ulisses? Quem é você?
O benfeitor, fixando nele os olhos serenos, reafirmou:

— Sim. Ulisses. Este é o seu nome. Não se lembra?
E, colocando a mão na testa de Sandoval, prosseguiu:

— Você era um poderoso general e todas as frontes se dobravam à sua passagem. Sua crueldade e insânia não tinham limites...

Sandoval fazia esforços para se recordar. Nesse momento, olhou para Lígia e algo dentro dele aflorou:

— Aqui está ela! A mulher que tenho procurado sempre e que agora encontrei. É Alma.

— Exatamente, Ulisses. A mulher que você escravizou e torturou durante muitos anos.

— Eu a amava! - defendia-se ele.

— Não. Você a desejava, é diferente. E, cheio de orgulho, não conseguiu aceitar a rejeição dela.

— Ora, eu tinha todas as mulheres a meus pés...

— Menos Alma, e isso você nunca lhe pôde perdoar.

Nesse instante, Lígia, que acompanhava a cena cheia de horror e estupefação, completamente diferente, parecendo ter recuado no tempo, avançou um passo. Era uma bela moça em trajes antigos do século 17, e mostrava um rancor feroz:

— Eu o odeio, Ulisses! Fui uma prisioneira em suas mãos, obrigada a obedecer-lhe às menores ordens. Jamais tive vontade própria ou liberdade para fazer o que desejasse. (E agora, referindo-se a ele como Sandoval.) Você continua o mesmo. Pensa que pode subjugar-me novamente? Basta! Estou livre de você, entendeu bem? Livre! Livre!...

Acompanhávamos a cena sumamente interessados. Como uma peça teatral, em que cada ator tem sua vez, Alberto adiantou-se, também regredindo no tempo:

— Perdoe-me, Alma, todo o mal que lhe fiz. Como amigo de Ulisses, aproveitei-me da oportunidade para aproximar-me de você, seduzindo-a.

— Guilherme?... Mas também é Alberto! Por isso, desde o primeiro instante, senti-me atraída por você, entregando-lhe meu coração.

O rapaz abraçou Lígia, que chorava de emoção ao reencontrá-lo. Lembrando-se do momento atual, ele suplicou:

— Mais uma vez peço o seu perdão, Lígia. Ignorava que esperasse um filho meu. Por que não me contou?

— Eu sei. Não lhe contei porque não queria que ficasse comigo pela criança.

Depois, quando voltei a procurá-lo, você tinha partido. Ah! Alberto! Deus ouviu minhas preces. Quanto tenho pedido para poder vê-lo de novo!

Dante da cena tocante que se desenrolava a suas vistas, Ulisses-Sandoval estremeceu:

- Novamente ele! Esse amigo desleal que me traiu a confiança! Guilherme não ficará com Alma! Não permitirei!

Nesse instante, alguém aproximou-se do grupo. Era Glauco que,

transformado num senhor de idade madura, fisionomia serena, vestido como um fidalgo do século 17, com firmeza falou:

— Basta de loucuras, meu filho. Você já não causou mal suficiente? Destriui, espoliou, torturou e matou muita gente. Jamais aceitou que outra vontade se sobreponesse à sua. Orgulhoso e egoísta, arrogante e cruel, plantou apenas o ódio no coração daqueles que tiveram a desdita de conviver com você.

Sob o império daquela voz grave e enérgica, mas amorável, Sandoval sentiu-se tocado nas fibras mais íntimas. Aquela voz despertava-lhe sentimentos até então adormecidos, vozes sussurradas e imagens diáfanas que pareciam vir de um passado longínquo.

Prossseguiu a nobre entidade:

— É chegado o momento da sua regeneração. Repense suas atitudes e modifique o rumo da sua vida, meu filho. Surge para você, nesta hora, a melhor oportunidade da sua existência. Jesus, por divina misericórdia, permitiu que lhe falássemos, despertando seu espírito para as realidades da vida. Nossa meta é a evolução, filho meu, e você tem perdido um tempo precioso. É hora de mudanças. Acorde e veja, O que plantou? Todo o mal perece, só o bem é eterno. Ao chegar o momento de entregar a alma ao Criador, qual será sua bagagem? O que fez de bom? Não terá sequer o refrigerio de uma prece murmurada com carinho, que balsamize suas dores. Seus parentes lhe abominam a presença; os amigos que o procuram visam apenas interesses escusos; seus pais, ralados de desgostos, enlanguescem na penúria à mingua de pão.

A essas palavras, vieram-lhe à lembrança a figura dos dois velhinhos, que ele abandonara à própria sorte, e se comoveu, pondo-se a chorar convulsivamente.

Cingindo-o num terno abraço, Glauco prosseguiu:

— Sempre é tempo de mudança, querido filho. Cada dia é bênção divina que se renova, convidando-nos ao trabalho e ao amor. Retempere seu espírito nas fontes cristalinas do Evangelho de Jesus e modifique sua vida, transformando-a num hino de amor e de devotamento ao próximo. Só assim poderá ouvir alguém, algum dia, abençoar-lhe o nome.

Sandoval-Ulisses em copioso pranto meditava, talvez pela primeira vez na vida. Alertado pelas palavras do generoso amigo, experimentando maior lucidez de idéias, percebia agora o quanto se degradara.

— Tem razão, meu pai. Fiz tudo errado. Novamente me deixei levar pelas paixões e agora colho o resultado. Sinto-me sozinho. Ninguém se interessa por mim. É justo. Apesar de cercado de uma multidão, em locais alegres consagrados ao prazer, sinto-me solitário e vazio.

Glauco sorriu e ajuntou:

— Isso é porque você tem procurado a felicidade nos efêmeros prazeres da carne, que só deixam desilusão e vazio na alma. Nunca procurou os prazeres do espírito, únicos bens verdadeiros e duráveis. Nas uniões com o sexo oposto, jamais viu a mulher como companheira, amiga e credora de respeito e consideração. Sempre buscou saciar seus instintos e emoções mais baixas, desprovido de sentimentos enobrecedores, explorando-as e aviltando-as. Por isso, é bom que você tenha entendido essa realidade, meu Ulisses.

Quedou-se por alguns instantes, para avaliar o impacto de suas palavras sobre o filho ali a seus pés, em cuja cabeça passou a mão com imensa

piedade. E prosseguiu:

— Contudo, o Supremo Amor sempre permite a aproximação de entes queridos para balsamizar nosso sofrimento e aliviar nossas dores.

— Como sua presença, pai querido...

Glauco sorriu delicadamente:

— Sim. Mas uma outra pessoa está aqui. Não obstante seus erros e atrocidades, o ama muito e tem-se mantido fiel a você. Por muitas etapas reencarnatórias, esteve a seu lado e tem lutado paravê-lo em melhor situação. É Amadeu.

— Meu filho?...

— Sim, seu filho. Reencarnado atualmente, planejou reunir-se a você mais tarde com a intenção de ampará-lo.

Também nós estávamos surpresos, sem saber a quem Glauco se referia. Nesse momento, cheios de emoção, vimos o menino Júlio correr e abraçar Sandoval.

— Meu pai!... Meu paizinho!

— Amadeu, meu filho! Quanto amarguei sua ausência! Que alegria! Que felicidade! Quero ser digno de você, meu filho. Lutarei para vencer minhas más inclinações e ter a ventura de ficarmos juntos.

Sandoval inclinou a cabeça, lembrando-se de tudo o que já fizera:

— Entretanto, não sei se conseguirei, meu filho. Sou um fraco...

— Peça a Jesus, meu pai, e Ele o ajudará.

— Tem razão, Amadeu. Jesus me ajudará. Suplicarei a Ele que me dê forças e perseverança para vencer a mim mesmo.

A cena era de beleza tocante. Estábamos sensibilizados. O ambiente inundara-se de claridades inexprimíveis.

Todos se abraçaram, permutando vibrações e afetos. Muitos se reencontravam depois de longa ausência. Genésio abraçou a filha, cheio de saudade, esquecendo o ressentimento que trazia no peito. Lígia jogou-se nos braços da mãe e ambas choraram de emoção e de alegria. Depois, observando Júlio, que a examinava de longe, ela aproximou-se do filho e, humildemente, pediu:

— Júlio, meu filho, você poderá me perdoar algum dia?

O rapazinho lançou-se nos braços da mãe, exclamando:

— Quanto tenho esperado por este momento, mamãe!

Aquelas palavras, ditas com generosidade e sem mágoa, venceram uma barreira de muitos anos de ausência e carências afetivas, atestando a grandeza de alma daquele Espírito. Lígia, pegando Alberto pela mão, aproximou-o do menino:

— Meu filho, aqui está seu pai. Alberto.

O semblante de Júlio inundou-se de alegria. Jogou-se nos braços de Alberto, e aí permaneceu demoradamente.

— Que felicidade! - exclamou. - Numa mesma hora encontro dois pais!

Sandoval, que observava o diálogo, ficou ainda mais comovido por saber que Júlio, o seu Amadeu, era filho de Lígia e Alberto.

Um pouco além, atraindo para si Jonas e Eufrásio, desencarnados que não tinham real expressão de maldade e que se ligaram a Lígia pelos vícios, Glauco considerou:

— Meus irmãos, vocês observaram tudo o que ocorreu aqui hoje. Que esta hora bendita represente também a libertação de ambos.

Tocados pelo ambiente, os dois espíritos estavam dispostos a mudar de vida, porém se mostravam temerosos:

— Somos comandados por Sandoval. Agora que nosso chefe capitulou, não temos mais razões para prosseguir. Todavia, outros tomarão o comando do grupo. Mentes odiosas e pervertidas que não nos darão paz - explicou Eufrásio, o mais velho.

— Eufrásio tem razão, senhor. Não sabe do que eles são capazes de fazer. Virão e nos levarão prisioneiros. Ninguém pode com eles - disse Jonas, com expressão de pavor.

- Temos que ir embora. Não podemos ficar aqui!

Ele fez menção de sair correndo, mas Glauco o impediu:

— Calma! Tranqüilizem-se, amigos. Conosco estarão seguros. Jesus é nosso refúgio e nossa fortaleza. Com Ele, nada devemos temer. Vocês serão conduzidos para região inacessível àqueles que ainda se locupletam no mal. Contudo, não descansaremos enquanto o último dos componentes dessa falange não for socorrido. Também me considero responsável por esses irmãos, e Sandoval, a quem eles obedecem cegamente, mais tarde nos ajudará.

Glauco, elevando os olhos para o Alto, convidou todos os presentes:

— Agradeçamos, meus filhos, esta hora bendita. Soa para todos nós as claridades de uma nova aurora. Sejamos gratos a Deus.

Fez uma pausa, pareceu concentrar-se durante alguns segundos e, à medida que se ligava às Altas Esferas da Vida, reassumia suas condições espirituais. Aos poucos, diante de olhos admirados, nimbava-se de luz.

Senhor, Pai de Infinito Amor!

Nesta hora sublime, nossos corações estão em festa e se regozijam perante as bênçãos de luz que nos proporcionaste.

O amor misericordioso de nosso Mestre Jesus, inseparável e desvelado Amigo, abriu-nos as portas de novas oportunidades redentoras para nossos Espíritos. Sejamos nós dignos de tal generosidade, aproveitando o momento que surge para decisões plenificadoras.

Reveste-nos, Senhor, de coragem, determinação e perseverança para vencermos a nós mesmos na escalada rumo a teu Reino. Sabemos que este é apenas o início de uma tarefa. Inúmeras dificuldades virão e muito trabalho teremos pela frente... Mas, no cumprimento do sagrado dever que nos outorgaste, jamais desfaleceremos, por maiores sejam os obstáculos. E se, porventura, vitórias conseguirmos, os louros pertencerão a ti, Pai Amado, como Supremo Condutor de nossas vidas.

Assim, recebe, Senhor, nosso preito de gratidão e o devotamento de nossos corações, de filhos que almejam dedicar-se a teu serviço.

Sua voz calou-se, mas, após a prece singela, continuamos sentindo as cariciosas aragens que sopravam do Infinito. Melodias sublimes soavam em nossos ouvidos como se cantadas por um coro celeste.

Despedimo-nos de todos, permutando sentimentos e vibrações. Bem-estar inefável nos felicitava o íntimo, e certamente essa noite ficaria em nossas lembranças mais caras como prenúncio de paz e de renovação.

25

Assimilando idéia

De manhã, quando acordaram, cada um dos encarnados que participaram da reunião transcorrida à noite tinha lembranças próprias. José recordava-se perfeitamente de grande parte do que acontecera. Sandra e Lígia, apenas vaga noção de um sonho em que apareciam muitas pessoas.

No café, os amigos conversavam sobre o assunto quando Lígia afirmou, comovida:

— Interessante! Tenho certeza de que estive com meus pais e com meu filho esta noite. De repente, não sei por que, Sandoval apareceu e fiquei apavorada. Depois, ele mudou, já não era mais Sandoval... estranho... ah! agora estou me lembrando melhor. Alberto também estava presente! Não é curioso?

José sorriu e explicou:

— Acho que estivemos todos juntos nesta noite resolvendo assuntos de grande importância. Tanto é verdade, que você conservou desse encontro algumas lembranças.

— Tem razão, José. Antes de dormir, rezei pedindo a Deus me permitisse ver Alberto. Mas por que estavam juntas pessoas tão diferentes e estranhas entre si?

Quem sabe? Talvez sejam desconhecidas nesta existência, mas certamente deve haver um elo entre elas no passado, uma vez que somos Espíritos em evolução ejá tivemos muitas experiências reencarnatórias.

Lígia calou-se, permanecendo pensativa e emocionada durante todo o dia.

Na casa de Genésio, todos despertaram com grande bem-estar. O casal não reteve nenhuma lembrança da reunião, mas Luzia assegurava:

- Acordei com a sensação de que sonhei com nossa filha. O sonho foi tão claro e vívido que parecia real. Porém, tento recordar como foi e não consigo. Tudo se apagou da minha mente.

Genésio concordou, exclamando:

— Curioso! Agora que você tocou no assunto, também tenho a impressão de que qualquer coisa semelhante aconteceu comigo. Acordei com o coração leve, sem mágoas, sem ressentimentos. Olha, mulher, se nossa filha voltasse hoje, eu a aceitaria tranquilamente.

Júlio, que tomava seu café, ouvindo a conversa dos avós, também se manifestou, com os olhos úmidos:

— Certamente algo de muito importante aconteceu durante a noite. Lembro-me de que estava num lugar diferente. Parecia uma festa... e até meu pai estava presente!

O casal trocou um olhar de perplexidade.

— Seu pai, meu filho? Seu pai?... mas você nem sabe quem é ele!

— É verdade, vovó. Mas sei que era meu pai! Tinha muita gente; grande parte das pessoas nem conheço. Também estava lá um senhor que me impressionou pela bondade e sabedoria. Sua presença enchia todo o ambiente, e meu coração se alegrou ao vê-lo.

Ah!... você o conhece? - indagou a avó.

É estranho, vovó Luzia. Daqui do nosso mundo onde vivemos, tenho certeza de que não. Entretanto, sei que é alguém muito querido, que conheci

em outros lugares...

— Esse menino está delirando, Luzia. Como pode ser isso? - perguntou o avô Genésio, surpreso e incrédulo.

O garoto fitou o avô com seus olhos serenos e respondeu:

— Não sei, vovô. Mas tem pessoas que acreditam que vivemos muitas vezes através da reencarnação. Aprendi isso na escola.

— Bobagens!

— Pode ser, vovô. Porém, como é que sinto que conheço aquele homem? Ele estava vestido com roupas muito antigas e que me eram familiares!

Como os avós não tinham explicação para o fato, calaram-se. Mas cada um ficou com indagações que esperavam por respostas.

Sandoval despertou por volta do meio-dia. Sentia-se estranhamente bem naquela manhã, ao contrário dos outros dias, em que, invariavelmente, acordava com uma tremenda ressaca.

Ainda na cama, veio-lhe à mente o sonho que tivera. Não se recordava bem dele, mas sabia que fora muito importante.

Nesse momento, se pôs a pensar nos pais. Como estariam eles? Um imenso desejo de revê-los o tomou de assalto. Experimentava insatisfação e desgosto pela vida que estava levando, enquanto indefinível tristeza assomava-lhe o íntimo pelas coisas que não construíra durante todos aqueles anos.

Inconscientemente, lembrava-se das palavras de Glauco e murmurava, mais para si mesmo:

— O que já construí de bom? Não tenho família, casa, pessoas que me amem, nada! Estou cansado de tudo isso, quero mudar. Quem sabe arranjar um emprego e ter uma existência normal como todo mundo. Dormir à noite, levantar cedo para pegar no batente, viver do meu salário, sem explorar ninguém...

Parou de falar e passou as mãos pelos cabelos, espantado com os próprios pensamentos:

— Ora, estou ficando babaca! Preciso de um gole - exclamou em voz alta.

Foi até a cozinha, pegou uma garrafa de conhaque e despejou uma dose generosa no copo, mas não conseguiu beber.

Naquele momento, Sandoval decidiu rever os pais. Colocou algumas peças de roupa numa valise, deu alguns telefonemas avisando que iria se ausentar por dois dias e, entrando no carro, saiu da cidade rumo ao vilarejo onde seus pais moravam.

No trajeto, observava as paisagens que se sucediam, as pessoas trabalhando na lavoura. Pensou que deveriam ser felizes, sem grandes problemas; certamente teriam vida simples e, o mais importante, ao voltarem para casa, encontrariam alguém esperando por eles.

Suspirou. Jamais esse tipo de pensamento lhe passara pela cabeça. Sandoval estava se estranhando. Não sabia por que, desde que acordara naquele dia, experimentava a falta de um filho. Interessante é que tinha a sensação de que esse filho já existia em algum lugar.

Nós o acompanhávamos. Mais próximo a ele, Glauco não deixava que os pensamentos de Sandoval tomassem rumo diferente, afastando-se das mudanças que tinha de introduzir em sua vida.

Viajou a tarde inteira. A noitinha, entrou na sua pequena cidade natal.

Buscou a rua pobre onde passara grande parte da vida. O estado da casa que o vira nascer confrangeu-lhe o coração. O muro estava parcialmente caído e o portão enferrujara, desengonçado; o mato e as pragas haviam tomado conta do pequeno jardim, que sua mãe antigamente cuidava com tanto capricho. As paredes externas estavam com a pintura descascada e o telhado crivado de buracos. Enfim, o abandono e a desolação eram tão evidentes que Sandoval sentiu um aperto no coração, imaginando como estaria o interior da residência.

Abriu a porta. Tudo estava em silêncio.

— Ô de casa! Tem alguém aí?

Ouviu passos arrastados que vinham do quarto. Esperou.

Logo, uma velhinha vestida de trapos, encarquilhada, pôs a cabeça na porta do corredor.

— Quem está aí? - perguntou num fio de voz.

— Sou eu, mãe, Sandoval!

Trêmula, a velhinha apertou os olhos tentando enxergar melhor:

— É você, meu filho?

— Sim, mãe, sou eu.

Correu até onde ela estava, envolvendo-a num grande abraço. A esse contato, percebeu sua fragilidade e magreza extremas.

— Que bomvê-lo, meu filho. Seu pai ficará contente com sua presença.

— Onde está ele, mãe? Saiu? Certamente foi à pracinha encontrar com os amigos, como sempre gostou de fazer.

— Qual nada, meu filho. Seu pai teve um derrame cerebral há três anos e nunca mais saiu do leito.

Surpreso, Sandoval exclamou:

— Mas como não fiquei sabendo? Por que a senhora não me avisou?

— Não sabia seu endereço, meu filho - desculpou-se. Envergonhado, ele baixou a cabeça, compreendendo o quanto fora ingrato e omisso. Queria cortar os laços com a família; assim, mudou e não comunicou o novo endereço. Na verdade, com o passar do tempo, fazia isso constantemente para evitar ser localizado pela polícia, com a qual tinha contas a ajustar.

A mãe, porém, falara com simplicidade, sem intenção de o acusar.

— Venha! - disse ela.

Entraram no quarto. A figura estendida no leito causava piedade.

Sandoval lembrava-se do pai alto e forte. Agora, ali naquela cama, viu uma outra pessoa. Magro e raquítico, parecia ter encolhido.

— Veja como o meu Martinho está. Todo paralisado, depende de mim para tudo. Ouvi bem, mas só consegue balbuciar alguma coisa.

Colocando a mão na cabeça do enfermo, Sandoval falou:

— Pai, sou eu, seu filho. Vimvê-lo.

O doente arregalou os olhos e tentou falar, mas, na boca torta, a língua não ajudava.

- O senhor está me reconhecendo?

Dos olhos do ancião, duas lágrimas rolaram, silenciosas, enquanto ele grunhia, tentando falar.

— Pai, não se esforce. Fique tranqüilo. Vim para ajudá-los.

Nesse momento, um homem entra no quarto. Ao ver o estranho, pára, constrangido.

— Desculpe-me, dona Maria. Não sabia que estavam com visita.

— Ora, você é de casa. Entre, Silvério. Este aqui é meu filho, Sandoval,

que acaba de chegar.

E para Sandoval:

— Este aqui é nosso amigo Silvério, um vizinho que muito nos tem ajudado. Sem ele, não sei o que seria de nós.

Aquelas palavras, ditas sem intenção, tiveram em Sandoval o efeito de uma chicotada.

Depois de cumprimentar o filho do casal, com sorriso afetuoso, Silvério dirigiu-se ao doente:

— Está na hora do banho, meu amigo. Quer se refrescar?

Martinho sorriu com sua boca torta. Tinha entendido e, pelo jeito, gostava do banho.

Sandoval, observando-os, enquanto Silvério conversava com o pai, notou a afinidade entre eles. A fisionomia do pai se alegrara, mostrando que ele gostava da companhia do vizinho. Na verdade, ocupava ele o lugar de filho, que por direito lhe pertencia. Sandoval sentiu uma certa amargura ao fazer essa constatação.

Acabada a higiene, Silvério despediu-se, dizendo:

— Dona Maria, deixei algumas coisas na cozinha para a senhora. Amanhã virei consertar aquela janela que está quebrada. Hoje não dá porque tenho que comprar uns parafusos.

- Está bem, meu filho. Obrigada por tudo. Que Jesus o abençoe. Vá com Deus.

Havia tanto carinho na voz da mãe que Sandoval novamente sentiu-se excluído.

A mãe chamou-o:

— Venha para a cozinha, meu filho. Vou fazer um café.

Na cozinha, sobre a mesa, gêneros alimentícios numa sacola atestavam a indigência em que os pais tinham vivido até então. Sandoval corou de vergonha ao ver que eles dependiam da caridade pública.

Resolveu que tudo iria mudar desse dia em diante. Tomaria as rédeas da situação e seria o filho que, até aquela data, não tinha sido.

Glauco olhou para nós e sorriu.

— Hoje conseguimos grande avanço na ajuda a este companheiro.

Depois, elevou os olhos para o Alto e orou com acento comovedor.

Estávamos todos satisfeitos. Sandoval, para nós, já não era aquele homem cruel e sem entradas, explorador de mulheres e traficante de drogas. Era simplesmente alguém necessitado de amparo, que tomava consciência dos seus erros e que se empenharia em vencer suas tendências inferiores.

Olhei para Henrique. Muitas indagações me dominavam a mente. Afinal, ajuda da Espiritualidade não faltaria, mas conseguiria Sandoval vencer a si mesmo? E tudo o que deixara para trás? Não seria uma mudança passageira? Se resolvesse permanecer no vilarejo, junto com os velhos pais, agüentaria essa vida, que para ele seria muito monótona? Ele se conformaria em viver longe dos prazeres que gozara até então? E, se isso se tornasse uma realidade, seus antigos comparsas encarnados aceitariam sua decisão? E a falange de desencarnados, da qual era o líder, se conformaria em perdê-lo? E...

O orientador amigo sorriu e disse:

— Calma, César. Conheço suas dúvidas, mas só o tempo poderá mostrar se nosso trabalho foi profícuo. Também não temos certeza de nada. Estamos

semeando e devemos aguardar para saber se as sementes vão germinar. Todavia, estamos fazendo a nossa parte, o que é importante. Certamente, o nosso irmão Sandoval terá problemas, mas deverá encontrar forças dentro de si para vencer. Conforme demonstre boa vontade na sua transformação moral, a assistência do Alto será cada vez mais intensa e maiores recursos lhe serão direcionados. Por enquanto, não se iluda. Esta é só uma visita aos velhos pais. Aguardemos.

Suspirei. Seria extremamente interessante continuar acompanhando o caso de Sandoval no futuro. Contudo, era hora de partirmos. Ali nada mais havia para ser feito naquele momento. Outras tarefas nos aguardavam. Glauco permaneceria durante algum tempo junto a Sandoval, para ampará-lo nas novas diretrizes.

Despedimo-nos afetuosa mente. Em nossos corações despertara um grande afeto pela nobre entidade durante aqueles dias de trabalho conjunto.

Voltaríamos a vê-lo, naturalmente, porque Glauco não se afastaria do caso Lígia, nossa amiga tão necessitada de ajuda.

26

Retorno ao lar

Naquela mesma noite, Lígia decidiu que era hora de voltar para a casa paterna. Há meses estava com os amigos. Durante o dia conversou demoradamente com os seus hospedeiros sobre suas dúvidas e sua insegurança.

Sempre sereno e atencioso, assegurou-lhe José:

— Nada tema, minha amiga. Estaremos aqui orando por você, e tudo dará certo. Tenho certeza de que será bem recebida por seus pais e por seu filho, Júlio.

E ainda vai ser muito feliz!

Será? - indagou, temerosa.

— Claro! Pode ser até que você enfrente alguns problemas no início, o que é natural, tendo em vista o modo como saiu de casa e seu comportamento durante esses anos. Mas sempre é tempo de corrigir nossos erros. Olhe, Lígia, quando temos real desejo de acertar, contamos com a ajuda de Deus em nosso favor.

— Mas... não é só isso, José. Tenho medo de não conseguir vencer a mim mesma.

Sandra, que até aquele momento ouvira calada, ajuntou:

— Compreendo o que sente, minha amiga. Lígia teme não conseguir ficar longe dos vícios, querido.

— É isso mesmo, Sandra. Não me sinto muito segura e, diante dos problemas que vou enfrentar, temo uma recaída, especialmente quanto às drogas.

— Tem sentido vontade de fazer uso delas ultimamente? - indagou José.

Notando a preocupação do amigo, Lígia apressou-se em esclarecer:

— Não, não. Fique tranquilo. No começo, quando aqui cheguei, confesso que fiquei enlouquecida. Depois, você me levou para fazer uma consulta com aquele médico espírita, Dr.Lucas, seu amigo, e ele me ajudou bastante. Submeti-me a um processo de desintoxicação, doloroso, mas realmente indispensável. Aos poucos, fui aprendendo a me controlar, e melhorei muito. Agora,

posso dizer que estou bem.

— Você tem tomado direitinho os remédios que ele lhe receitou? São substâncias naturais, sem contra-indicação, e que poderão ajudar a restabelecer seu equilíbrio orgânico e emocional, libertando-a dos condicionamentos.

— Tenho.

— Então, não há o que temer. Está desintoxicada e agora só dependerá de você.

Lígia calou-se, entrando a meditar. Apesar das palavras cheias de confiança do amigo, tinha dúvidas. Será que, diante de uma situação difícil, a ansiedade e a tensão não a levariam a apelar para a bebida ou para as drogas, como fuga?

A verdade é que nossa amiga Lígia, embora viciada em drogas e alcoólicos, tinha mais tendência para os primeiros. Fora, no entanto, grandemente beneficiada graças ao afastamento de Jonas e Eufrásio, seus comensais desencarnados, que a incentivavam na viciação. Depois, como hóspede na casa de José e Sandra, encontrara ambiente propício para sua recuperação, nas reuniões fraternas que realizavam, inclusive o Culto Cristão no Lar. Além disso, nas orações diárias e conjuntas, José aplicava-lhe energias restauradoras e desintoxicantes através do passe magnético, intuitivamente percebendo sua necessidade.

José, que a observava atentamente, complementou:

— Hoje você possui conhecimentos que muito poderão auxiliá-la no combate às próprias inferioridades, Lígia. De mais a mais, não se esqueça de nós. Somos seus amigos e estaremos à sua disposição em qualquer eventualidade. A nossa casa também é sua, e a porta permanecerá aberta sempre que precisar.

— Só lamentamos que precise partir, minha amiga. Sentiremos muito sua ausência - disse Sandra, emocionada.

Lígia não conseguiu falar. Um nó apertava-lhe a garganta. Apenas os olhos, onde brilhavam duas lágrimas, falavam da emoção e da gratidão que sentia naquele momento.

— Mas antes que se vá, vamos orar pela última vez - convidou o dono da casa.

Num impulso fraterno, eles se deram as mãos. Fechando os olhos, José concentrou-se por alguns segundos e iniciou uma prece singela:

— Senhor Jesus! Como tantas vezes o fizemos, no recesso de nosso lar, hoje nos dirigimos novamente a ti. Neste momento, suplicamos tuas bênçãos para nossa irmã Lígia. Ela parte hoje, Senhor, para uma nova vida. Na verdade, é a retomada de sua verdadeira vida na família para onde a bondade e a sabedoria de nosso Pai a conduziu ao renascer e onde poderá, no início, encontrar dificuldades de adaptação.

Por isso, Mestre Amado, rogamos teu socorro para nossa irmã, de forma que possa manter em níveis elevados seu desejo de mudança interior, sua boa disposição e seu otimismo.

Ajuda-a, Senhor, a não esmorecer nunca, para que o desânimo não venha a estiolar suas mais caras esperanças.

Fortalece-a na fé, para que a confiança na Divina Providência possa nortear-lhe o roteiro e fazê-la compreender os desígnios do Pai.

Ensina-lhe humildade, Senhor, para aceitar, com coragem e resignação,

os reveses que a vida lhe assinale e para enfrentar os obstáculos e as dificuldades com a consciência da própria responsabilidade perante as leis divinas.

Desperta-lhe, Jesus Amado, a compreensão para com os erros das outras pessoas, perdoando, aceitando e ajudando sempre os semelhantes.

Sobretudo, Senhor, acende a flama do amor em seu íntimo, de modo que a fraternidade e a solidariedade sejam suas companheiras diletas no trato com nossos irmãos em humanidade, especialmente para com aqueles que, de pronto, não lhe possam reconhecer o esforço de mudança interior na conquista de uma vida mais digna e saudável.

Que ela possa receber neste instante tuas dádivas de paz e luz, que a acompanharão por onde for, como teu divino legado.

Muito obrigado, Senhor!

Após a oração, que inundou a todos de grande bem-estar, os participantes da pequena reunião abraçaram-se, permutando sentimentos e ratificando amizade. Eles não podiam ver, mas sentiam as maravilhosas bênçãos que fluíam do Alto. Emocionados e reverentes, acompanhávamos, do outro lado da vida, a prece que, profundamente sincera, partindo de um coração leal e devotado, movimentava energias poderosas. Do tórax, da cabeça e das mãos de José saía um foco de luz direcionado para cima e que, retornando, envovia Lígia totalmente. O ambiente se iluminou; flocos de substância azulada, como neve translúcida, desciam suavemente sobre o grupo e logo desapareciam, assimilados pelo corpo dos encarnados, proporcionando-lhes inefável sensação de bem-estar, paz, confiança e alegria.

Em seguida, Lígia arrumou sua bagagem, e o casal amigo foi levá-la até a estação rodoviária, onde deveria tomar o ônibus para sua cidade natal. Enquanto aguardavam o horário da partida, Lígia mostrava no semblante uma certa tristeza.

— Acredititem, jamais poderei lhes pagar tudo o que fizeram por mim. Despeço-me de vocês com o coração apertado, porque, no fundo, gostaria de permanecer aqui.

Todavia, sinto que o dever me chama, exigindo a reparação de meus erros. Depois de tudo o que aprendi sobre a imortalidade da alma, reencarnaçāo, lei de causa e efeito, responsabilidade e livre-arbítrio, entre outras coisas, não posso fugir ao cumprimento da parte que me cabe na vida. Na verdade, dele tenho me eximido há longo tempo.

Enxugou os olhos e, tentando se controlar, contemplou os amigos com imensa ternura:

— Jamais esquecerei de vocês. Estes últimos meses foram os mais importantes da minha vida. Estarão sempre na minha memória.

Sandra chorava abraçada à amiga. José, contendo a emoção, brincou:

— Ei! Da maneira como fala, dá a impressão de que nunca mais nos veremos!

Esta não é a última vez que estamos nos encontrando! Nada disso, garota! Quando você menos esperar, estaremos batendo à sua porta e pedindo abrigo!

Lígia deu uma risada bem-humorada, ao mesmo tempo em que enxugava os olhos.

— Será um prazer imenso! Vou ficar esperando! Quero que conheçam meus pais e meu filho. E, é lógico, nossa cidadezinha, que, apesar de pobre, é

rica de belezas naturais.

— Pode esperar. Assim que entrarmos em férias, iremos fazer-lhe uma visita e matar as saudades.

— Minha mãe faz um peixe assado que é uma delícia! Antes que José pudesse fazer qualquer comentário, o ônibus chegou e tiveram de se despedir. Pela janelinha, ele fez uma última recomendação:

— Lígia, não se esqueça de procurar um núcleo espírita, como me prometeu. É muito importante que você continue a receber passes. Não se esqueça!

— Não me esquecerei. Fique tranquilo. Até breve! Deus lhes pague por tudo!

Logo, as mãos que acenavam eram só uma lembrança. Por muitas horas Lígia chorou, enquanto a condução rodava. Lá fora, a escuridão era quase completa, amenizada apenas pelo brilho das estrelas.

Passava das duas horas da tarde quando ela desembarcou em sua cidadezinha.

Pouca coisa havia mudado. Pegou a mala e tomou o rumo do lar paterno.

Parou na calçada defronte da casa. Contemplou a velha moradia tão familiar.

Estava tensa e preocupada. Toda a confiança que armazenara, a segurança que os amigos tentaram lhe transmitir, tudo fora por água abaixo. O coração batia forte e acelerado. As mãos estavam frias e úmidas, apesar do calor. Sentia-se pequena e frágil.

Teve um impulso de dar meia-volta e retornar para o conforto da casa de José e Sandra. Mas se conteve, amparada por Alberto, que a sustentava nesse momento difícil.

Ao sol quente da tarde, viu o vulto da mãe que estava varrendo o jardim. Ficou parada, imóvel, olhando fixamente para aquela imagem tão querida.

Como se atraída pelo olhar de Lígia, a senhora levantou a cabeça e viu alguém parado do outro lado da rua. Reconheceu-a imediatamente. Abriu o portão e atravessou a rua, ainda incapaz de acreditar naquilo que estava vendo. Chegando mais perto, não conteve as lágrimas.

— Minha filha! Então é você mesma! Meus olhos não me enganaram. Eu sabia que você ia voltar!

Abraçaram-se em prantos. Lígia não conseguia falar, expressar o que aquele momento representava para ela. Passado o impacto do encontro, conseguiu afinal balbuciar, como tantas vezes o fizera quando criança:

— Mamãe, estou com medo!

Compreendendo o estado da filha e tudo o que aquela pequena frase continha, Dona Luzia envolveu Lígia com os braços, afirmando:

— Nada tema, minha filha. Vamos para casa. Ela nunca deixou de ser a sua casa.

— Mas... papai...

— Não se preocupe. Tudo ficará bem. Atraversaram a rua, e a mãe abriu a porta, feliz, colocando a filha à vontade.

— Minha filha, seu quarto sempre esteve à sua espera. Acomode suas coisas e volte para tomar um café.

A pergunta lhe queimava os lábios:

— Mamãe, e Júlio?

— Seu filho está bem, Lígia. Agora está na escola. Você o verá na hora

do jantar.

Mais tarde, Dona Luzia estava na cozinha preparando a refeição, quando Júlio chegou.

— Oi, vovó! O que está fazendo? O cheiro está muito bom!

Com ar misterioso, a velha senhora respondeu:

— É segredo!

O garoto, ao pegar água na geladeira, observou a avó, que cantarolava uma canção enquanto descascava batatas. Estranhou.

— A senhora está diferente, vovó. Mais alegre, com ar feliz. Está até cantando, coisa que nunca a vi fazer! Aconteceu alguma coisa?

Ela virou-se e disse, com ar serio.

— Tenho uma surpresa para você, meu filho.

— Adoro surpresas! O que é?

Sem dizer nada, Dona Luzia apontou para o corredor que levava aos quartos.

— Descubra por si mesmo.

Júlio deixou o copo de água que estava tomando e dirigiu-se para o corredor.

Entrou em seu quarto. Tudo estava do mesmo jeito. Achou que era um presente que a avó tinha comprado para ele. Ela sabia que ele desejava uma bola nova de futebol. Nada encontrou. Nenhum embrulho, nada.

Nisso, ouviu um ruído que vinha do outro quarto. Então era isso. Uma visita.

A porta estava entreaberta, e ele espichou os olhos para dentro. Uma mulher estava inclinada sobre a cama, ocupada em tirar as roupas da mala para colocá-las no armário. Bateu discretamente:

— Com licença. Posso entrar?

A mulher se virou, assustada, e ele pôde vê-la. Estarrecido, ele a reconheceu. Era sua mãe!

Lígia contemplou aquele rapazinho à sua frente sem saber o que fazer, que atitude tomar. Por sua vez, Júlio olhava fixamente a mãe, incapaz de acreditar que ela tivesse voltado.

Naquela hora, em que o silêncio se tornara opressivo, Lígia lembrou-se das palavras de José. O amigo dissera que ela deveria dizer a verdade, sempre, enfrentando as consequências de seus atos. Então, com humildade, dirigiu-se ao filho:

— Júlio, meu filho, muito tenho errado e me arrependo sinceramente de tudo o que fiz, do sofrimento que causei a você e a meus pais. Eu era muito jovem, tinha a mente cheia de sonhos e pouco juízo. Se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente, mas isso é impossível.

Engolindo as lágrimas, com muito amor suplicou:

— Júlio, meu filho, você poderá me perdoar algum dia?

O garoto ouvia com o coração apertado. A princípio, teve vontade de mandá-la embora, dizendo que não precisava mais dela. Sua mágoa, por tantos anos represada, ameaçava arrebentar em soluções. Contudo, intuitivamente, lembrava-se da reunião, e sua alma generosa falou mais alto. Correu para Lígia, dizendo:

— Quanto tenho esperado por este momento, mamãe!

Nesse instante, Júlio teve a certeza de que aquela cena já ocorrera, que já tinha ouvido aquelas mesmas palavras.

Na Espiritualidade, envolvendo-os num grande abraço, Alberto ergueu os olhos para o Alto, agradecendo em lágrimas as bênçãos daquela hora:

— Senhor Jesus, a vitória deste momento pertence a ti, que nos tens amparado a todo instante. Aqui estão reunidos Lígia e meu filho, para uma nova vida. Se ainda posso te pedir algo, suplicaria a dádiva de poder dedicar-me a eles, ajudando-os a transpor as dificuldades e os obstáculos naturais do caminho. Sandoval também merece o nosso carinho, Senhor; por isso, rogo-te permitas que eu me aproxime dele para sanarmos antigos desajustes. Que teu amor nos envolva a todos, facultando-nos novas oportunidades de servir em teu nome. Muito obrigado!

27

O reencontro

No dia seguinte, enquanto aguardávamos a chegada do dono da casa para sustentar, vibratoriamente, a nossa amiga Lígia nessa hora tão delicada de sua vida, ainda nos lembrávamos com emoção dos momentos vividos no lar de Dona Luzia.

Como esperávamos, tudo correu bem. A princípio, houve um certo constrangimento. Genésio chegou da rua cansado. Tivera um dia difícil, cheio de problemas e estava faminto. Foi logo perguntando pelo jantar. Dona Luzia, com expressão satisfeita, não se deixou influenciar pelo mau humor do marido:

— Calma, Genésio. Hoje a refeição vai atrasar um pouco, mas tenho um bom motivo!

— Aconteceu alguma coisa? - perguntou, curioso, pegando uma banana na fruteira para enganar o estômago, enquanto aguardava o jantar.

— Sim. E você ficará muito contente!

Antes que tivesse tempo de pedir novas explicações, Genésio ouviu passos no corredor acompanhados do ruído de vozes. Nisso, o neto Júlio assoma à porta com outra pessoa. Era uma mulher.

À primeira vista, não percebeu que era a filha, tais as mudanças que se operaram nela durante aquele decênio de ausência.

— Sou eu, papai! Não está me reconhecendo?

Ao ver que era Lígia, Genésio levou um choque.

Reunindo as forças, mais uma vez ela enfrentou a situação. O pai permanecia imóvel, incapaz de falar. Olhos arregalados, olhava apenas.

— Estou de volta, meu pai - disse ela com humildade.

— Estou vendo. Até quando? - conseguiu afinal dizer, com amargura, tentando manter uma atitude fria e distante.

Júlio intercedeu pela mãezinha, abraçando-a:

— Mamãe está aqui conosco, vovô! Não é ótimo? Temos que agradecer a Deus, que atendeu às nossas preces. Lembra-se de quantas vezes oramos a Ele pedindo que ela voltasse?

Ignorando as palavras do neto. Genésio continuou fixando a filha, grave.

— Até quando? - repetiu a pergunta.

Refletindo um pouco, Lígia respondeu:

— Meu pai, sei que errei muito e que mereço a sua desconfiança. Asseguro-lhe, porém, que mudei. Sou outra pessoa. Andei batendo a cabeça muitas vezes e sofri bastante. Quando abandonei esta casa, eu era muito jovem ainda, quase uma criança, e não sabia o que estava fazendo. Queria viver a vida, desejava ser feliz.

Parou de falar por momentos, engolindo as lágrimas. Genésio aproveitou para perguntar, algo irônico:

— E conseguiu a felicidade que estava buscando?

— Não, papai. Hoje eu sei que jamais conseguiria ser feliz longe de vocês. Do senhor, da mamãe e do meu filho. Como sei também que não há paz sem a consciência tranquila.

Dona Luzia deixara o fogão e aproximara-se, enxugando o pranto na ponta do avental. Lígia lançou um olhar carinhoso para a mãe e prosseguiu:

— Não imaginam como esses anos foram difíceis. Muitas vezes eu telefonava e, sem coragem de falar, desligava em seguida. Discava só para

ouvir-lhes a voz e matar as saudades. Passei fome, passei frio, trabalhei em muitos lugares. Alguns não recomendáveis. Tive contato com pessoas horríveis, conheci vícios, dos quais espero ter-me libertado. Hoje, sei que somos responsáveis pelos nossos atos, e que a colheita será sempre proporcional à semeadura que tenhamos feito. Assim, aprendi que a felicidade ou a desventura são o reflexo do nosso próprio comportamento. Não pensem que pretendo passar por vítima. Ao contrário, reconheço que a culpa é toda minha e que tive o que merecia.

Olhando melhor a filha, Genésio percebeu como estava mudada. Tinha uma expressão sofrida e marcas indeléveis no rosto, mas falava com sinceridade e seus olhos eram tranqüilos.

— E o que a levou a tomar a decisão de voltar para casa? - indagou, já com voz menos áspera.

— A última vez que estive em casa foi quando Júlio nasceu. Acabei tomando a decisão de retornar para a cidade grande, deixando-o aos cuidados de vocês, porque julgava que eu não tinha condições de cuidar de um bebê e desejava o melhor para meu filho. Também porque amava Alberto, o pai de Júlio, e não suportava ficar longe dele.

Todavia, quando fui procurá-lo, fiquei sabendo que havia morrido meses antes, vitimado pelas drogas. Meu mundo desmoronou. Desesperada, mergulhei fundo na degradação e nos vícios. Chegou uma hora, porém, em que não suportei mais aquela vida e comecei a meditar sobre o que fizera da minha existência. Não sei onde consegui arrumar forças para lutar. A verdade é que, às vezes, sentia a vovó Gema do meu lado, me amparando. Resolvi dar um basta. Um casal amigo me ajudou a reconstruir a vida, e aqui estou. Apendi bastante com eles. Foram amigos de verdade.

Fez nova pausa e, fixando o velho pai, concluiu:

— Meu pai, sei como deve ser difícil para o senhor, que sempre foi honesto e digno, aceitar-me de volta. Mas aqui estou na mesma condição do filho pródigo da parábola de Jesus. Depois de ter dilapidado tudo o que tinha, retornou para a casa paterna. Como ele, eu também lhe suplico: Pai, sei que não mereço mais ser chamada de filha, mas deixa que eu aqui permaneça como uma simples empregada.

O nó que sufocava a garganta do velho pai explodiu em soluços. Não suportando mais, ele caiu em choro convulsivo, abrindo os braços para a filha, que se agasalhou neles. Dona Luzia também estava profundamente tocada pela confissão da filha, sobretudo quando ela se referiu à presença da querida avó desencarnada, sua maezinha.

A emoção do momento era tanta que também nós, da Espiritualidade, não contivemos as lágrimas. Entre nós, Alberto abraçou-se à pequena família, fundindo sentimentos e vibrações.

* * *

Naquela noite, deixamos nossos amigos encarnados, voltando para Céu Azul.

Tudo estava em paz, o clima era de bem-estar e harmonia. Eles teriam muito tempo para se entender. Era preciso deixar que aprendessem com as próprias experiências, exercitando o livre-arbítrio. Certamente teriam problemas, mas quando existe boa vontade e amor, tudo se resolve.

Reunidos no Centro de Estudos da Individualidade, trocávamos idéias tendo por base a história de Lígia. Um dos companheiros perguntou ao nosso orientador:

— Henrique, e Sandoval? Conseguirá vencer?

— Dependerá dele, da firme disposição e da perseverança que demonstre em manter as conquistas obtidas. Até este momento, os resultados são promissores.

— Sem dúvida, ele encontrará muitas dificuldades, tendo em vista o estilo de vida que levou até há pouco tempo e os compromissos que assumiu perante o próximo e perante si mesmo - ajuntou Adriana.

— Exato - concordou Henrique, prosseguindo: - Porém, o Pai sempre nos concede a oportunidade de refazermos nossos passos, reparando os erros cometidos. O Senhor é magnânimo e jamais apresentará as contas ao devedor que não possa saldar suas dívidas. Ao contrário, lhe dará tempo para que se recupere. Em relação ao nosso Sandoval, essa bênção surgiu do Alto com a retirada dele do palco de suas ações.

Aceitando por via intuitiva a colaboração de Glauco, que lhe sugerira a volta ao interior para junto dos velhos pais, foi-lhe proporcionada a dádiva do recomeço. Ali, naquele vilarejo, estará Sandoval a salvo de influências negativas, do ambiente em que delinqüiu outrora, dos cúmplices e subordinados, dos dependentes de drogas e dos cobradores. Terá a chance de ter uma vida simples, conhecerá pessoas simples e estará em contato permanente com a Natureza. Esperamos que ele aproveite esse período para se fortalecer, porque tempo virá em que será obrigado a arcar com as consequências dos próprios atos. Nesse meio tempo, entretanto, contará com a ajuda dos amigos da Espiritualidade, em especial de Glauco, que se sente particularmente responsável por ele.

Aproveitando a pausa que se fizera mais longa, indaguei:

— Lígia e Sandoval estão hoje bem distantes um do outro. Tornarão a encontrar-se na atual existência? Afinal, existem elos entre os dois, e isso não podemos ignorar.

O orientador sorriu enigmático:

— Quem sabe? Vamos dar tempo ao tempo, César. Deus sabe o que faz.

O nosso grupo trocou olhares de entendimento, e sorrimos. Por certo Henrique sabia mais do que poderia nos contar no momento.

— E nossos conhecidos Jonas e Eufrásio? - indagou Viviane.

— Estão lá onde os deixamos. Permanecem no isolamento do hospital, recuperando-se gradativamente. Logo poderão receber visitas.

Estávamos satisfeitos e gratificados, como sempre acontecia quando conseguíamos realizar uma tarefa a contento. Alberto, tomando a palavra, agradeceu a toda a equipe pela ajuda naqueles dias.

— Como se sente interiormente, Alberto? - indagou Henrique.

Nosso companheiro pensou um pouco como se procurasse as melhores palavras para vestir seus pensamentos:

— Diffícil explicar o que me vai por dentro. Neste período em que nos dedicamos a assistir Lígia e todo o grupo, uma grande mudança ocorreu em mim. Sinto-me hoje mais sereno, mais responsável, menos crítico, mais compreensivo perante os erros alheios e com mais paciência até comigo mesmo, porque reconheço que todos os nossos sentimentos têm uma razão de ser e somente o tempo vai produzir uma alteração substancial para melhor.

Parou de falar por alguns momentos e, fixando cada um de nós, completou:

— É interessante. Sempre soube que somos seres em evolução, que já tivemos inúmeras reencarnações, mas vivenciar uma experiência ocorrida no passado e que produz consequências no presente faz com que possamos entender melhor a mecânica da vida. Hoje experimento grande paz interior e me sinto bem mais leve. Não ignoro que essa é apenas a ponta do véu. Muitas outras experiências virão, porém me vejo hoje mais forte e seguro para enfrentar o porvir.

Alberto acabou de falar e todos o abraçamos, externando a nossa satisfação pela vitória que ele obtivera. Quando a agitação em nosso meio diminuiu um pouco, Henrique informou:

— Agora é hora de voltarmos ao trabalho. Como o caso Lígia se encontra em andamento e tudo corre bem, espaçaremos as visitas. Vamos partir para outra frente de serviço. Temos um novo caso para atendimento. Pouco antes de iniciarmos a nossa reunião, um mensageiro trouxe um pedido de socorro, encaminhado pelo Departamento.

Adriana e eu trocamos um olhar de entendimento. De quem seria a vez? Sim, porque Viviane e Alberto, nossos companheiros, já tinham sido contemplados e faltavam apenas nós dois. Eu ou ela?

Um pouco ansiosos, aguardávamos que Henrique desse maiores explicações, mas ele pareceu ignorar nosso estado emocional.

Combinamos nos encontrar no dia seguinte, à mesma hora, quando nos seriam dados maiores esclarecimentos para iniciarmos a nova tarefa.

Com uma prece, a reunião foi encerrada. Despedimo-nos, retornando cada um à sua casa para o repouso noturno.

Conseguiria eu dormir aquela noite?

28

Novos pacientes

Na manhã seguinte, encaminhei-me ao hospital. Estaria de plantão durante todo o dia e não podia me atrasar.

Logo que cheguei, passaram-me as fichas de dois novos pacientes, socorridos há poucos dias e ainda com grande dificuldade de adaptação.

Aproximei-me do primeiro. Era um rapaz de pele muito branca, cabelos louros e extremamente magro. Estendido no leito, trazia as marcas do acidente de moto que lhe causara a morte física. Era muito jovem, apenas dezoito anos. Estava com a cabeça enfaixada e apresentava ferimentos por todo o corpo. Quando entrei, ele dormia, mas seu sono não era tranqüilo. Debatia-se, gemendo dolorosamente; fazia esforços para abrir os olhos e levantar-se do leito, obrigando-me a contê-lo.

—Estão me chamando! Preciso ir! Mamãe! Mamãe! Onde está você? Estou indo! - exclamava com voz lancinante, entrecortada por soluços.

— Calma Alessandro. Fique tranqüilo. Não se agite. Você foi socorrido por amigos espirituais e logo estará bem. Confie em Deus.

Movido pela compaixão, coloquei a mão sobre seus cabelos e elevei o pensamento em prece, suplicando as bênçãos de Jesus para aquele infeliz rapaz que, tendo a vida inteira pela frente, retornara ao mundo espiritual de forma tão traumática. Nesse momento, irmã Clara aproximou-se.

— Como está indo, César?

— Não foi fácil, mas veja por si mesma, irmã.

Como se tivesse ingerido um sedativo, ele se acalmou. Parou de gemer e de se agitar, mergulhando em sono tranqüilo.

Irmã Clara acompanhou-me no atendimento ao segundo caso do dia.

Tratava-se de um moço que morrera por afogamento, em um final de semana, numa cidade litorânea. Confiando em suas condições de exímio nadador, ele procurou, sozinho, um recanto em meio a alguns rochedos, para apreciar a vida submarina.

Mergulhou. As águas ali eram profundas, e ele ficou preso em um galho de árvore. Tentou soltar-se, mas não conseguiu. Como estivesse desacompanhado, e o local fosse deserto, expirou sem nenhum socorro.

Aproximei-me. Agitava os braços, tentando respirar, ainda sob as impressões da morte dolorosa por asfixia. De repente, passava a ter ânsias e vomitava a água que tinha ingerido.

Novamente elevamos o pensamento às Altas Esferas, rogando auxílio para o infortunado jovem. Finalmente ele serenou e pudemos relaxar um pouco. Irmã Clara foi atender a uma emergência e deixou-nos a sós. Sentei-me à cabeceira de seu leito com a ficha na mão. Chamava-se Ismael. Era moreno, de pele olivácea, com traços da raça judaica.

Nesse momento, o faxineiro entrou na enfermaria para limpar a sujeira que o recém-chegado fizera. Com surpresa vi que era Hassan.

Cumprimentou-me, soridente:

— Olá, César Augusto. Como tem passado? Não nos temos visto ultimamente. O que anda fazendo?

— É verdade, Hassan. Nossos horários não coincidem. Tenho trabalhado muito. E só.

Apesar de mais acostumado à sua presença, ainda me sentia um tanto

incomodado aovê-lo. Talvez porque ele me recordasse silenciosamente a atitude infeliz daquele dia, a qual eu tanto lamentava. A consciência é juiz vigilante e implacável.

Percebendo provavelmente que eu não estava muito a fim de conversar, ele não insistiu. Limpou o chão, calado. Alegando tarefas urgentes, afastei-me. Como Ismael dormiria tranqüilo por algumas horas, não havia necessidade da minha presença ali a seu lado.

Sentia-me descontente comigo mesmo. Por que, cada vez que topava com aquela criatura, não conseguia me controlar? Onde estava tudo o que já tinha aprendido? Em que lugar do cérebro teria eu guardado os ensinamentos recebidos, que agora, na hora da necessidade, não conseguia encontrar?

Caminhando por um dos corredores do hospital, ia tão circunspecto que passei por Gustavo, que se dirigia ao jardim, semvê-lo. Ele chamou-me a atenção:

— Oi, César! Foi bom ter encontrado você. Quero lhe falar. Tem algum tempo disponível?

Sorri. Seu aspecto já era outro. A expressão fisionômica agora era simpática e agradável, conversava com as pessoas e até sorria. Que diferença daquele rapaz que chegara todo cheio de vontades, carrancudo e mal-humorado!

— Claro! Eu o acompanho.

Saímos do prédio e um sol forte nos envolveu. Sentamo-nos num banco e esperei que Gustavo se dispusesse a falar.

— Sabe que logo terei alta? - informou-me.

— Muito bom! Você teve um progresso notável. Não tem mais razão para ficar aqui no hospital. Logo será encaminhado a um abrigo de jovens.

— É exatamente sobre esse assunto que queria lhe falar. Sei que todos, médicos, enfermeiros e orientadores, querem o melhor para nós. Contudo, antes que os responsáveis me apresentem uma decisão, gostaria de poder escolher. É possível?

Pensei um pouco e disse:

— Não vejo impossibilidade nisso, desde que o pedido seja razoável, atenda às suas necessidades de adaptação e que exista vaga. O que sugere?

Notei que estava um pouco constrangido, mas acabou falando como se pisasse em ovos:

— Se não for pedir demais, gostaria de poder ficar em sua companhia.

Na verdade, já sabia o que ele queria e compreendi que ele fizera tantos rodeios temendo ser rejeitado. Achei graça do seu ar preocupado.

— Ora, se isso é tudo quanto deseja, Gustavo, não tem problema. Se depender de nós, irá para o Abrigo dos Descamisados! A alegria iluminou-lhe o rosto.

— Puxa! Não sabe como estou contente, César. Temia que não me quisesse junto com você. Afinal, já perturbei bastante!

- Por que não?... Será um prazer tê-lo conosco, Gustavo. Tenho certeza de que os demais também aprovarão. Se quiser, eu mesmo posso apresentar sua petição junto à Administração Hospitalar.

— Fará isso por mim? Muito obrigado.

— Isso não é nada. Bem, tenho que ir agora. Quando tiver a resposta ao seu pedido, eu lhe comunico.

Despedi-me dele. Eu estava emocionado. Naquela hora voltou-me na

lembança a minha própria experiência. Os primeiros tempos como paciente, as visitas de Eduardo e de Marcelo. O dia em que finalmente tive alta, deixando o hospital. A chegada ao novo lar. A comoção que experimentei ao ver o pessoal todo reunido para me dar as boas-vindas. Ah! Foram momentos felizes aqueles. Jamais me esquecerei do carinho e da amizade que recebi. Com Gustavo seria da mesma forma. Ele estava começando uma nova vida, sob condições completamente diferentes e inusitadas. Precisaria de todo o nosso apoio.

Voltei ao trabalho e, entregue às atividades que me estavam afetas, nem vi o tempo passar.

Um pouco antes de sair, procurei o diretor do hospital, um senhor afável e simpático. Expus-lhe o pedido de Gustavo e, como não existisse nenhum tipo de dificuldade, ele concordou plenamente.

Agradecido, despedi-me e rumei para casa. Daria a boa notícia a Gustavo somente no dia seguinte.

Chegando ao abrigo, encontrei os companheiros conversando na nossa varanda. Era difícil o dia em que conseguíamos reunir todos. Sempre havia alguém trabalhando ou em trânsito.

— Aproveito o momento para apresentar-lhes o pedido de um rapaz que em breve terá alta e deseja ser aceito pelo nosso grupo. Trata-se do Gustavo.

Betão, sempre bem-humorado, perguntou:

— Não é aquele que tentou subornar você?

Todos riram. Concordei:

— É ele mesmo.

— O cara, olha lá! Já pensou se ele resolve convencer-nos a contrabandear drogas? Ou fazer da nossa casa um posto avançado de entrega do produto?

Os demais caíram na risada.

— Graças a Deus, esse período passou! Ele até já aprendeu a jogar xadrez com o César. Não é? - comentou o Marcelo, virando-se para mim.

— É isso mesmo. Sabem que foi muito importante para ele? No início, o desencarnado tem dificuldade de concentrar-se em algo alheio a seus próprios desejos e tendências, vícios e seqüelas, dores e sofrimentos. Quanto mais tempo conseguir passar sem lembrar-se daquilo que o incomoda, melhor. É conquista feita. Ganha-se terreno.

— Depois, a mudança de ambiente, com o ingresso na Unidade Hospitalar; o tratamento a que é submetido, que desintoxica o corpo espiritual e o fortalece, saturando-o de energias positivas; a própria mudança mental do paciente e o desejo que demonstre de vencer a si mesmo; tudo isso são fatores decisivos para a cura - considerou Eduardo.

— Brincadeiras à parte - falou Betão -, todos passam por períodos difíceis quando chegam à Espiritualidade, e é preciso saber encontrar alguma atividade que toque o paciente, de forma que, aproveitando seu interesse e potencial, possamos trabalhar seu interior. No caso de Gustavo, César utilizou-se do xadrez, o que não é usual por aqui, diga-se de passagem.

Exatamente, Betão - concordei. - Todavia, foi a única coisa que o atraiu. Não gostava de ler, não queria conversar, nada... Rejeitava todas as propostas. Bem, vocês se lembram.

— Diga ao Gustavo que o estamos esperando! - completou nosso bem-humorado Betão, demonstrando sua aceitação ao novo membro.

— Creio que todos ficaremos satisfeitos em tê-lo aqui conosco - falou Giovanna, expressando o pensamento dos demais.

Todos bateram palmas, revelando alegria em comentários risonhos e descontraídos.

Sorri satisfeito. Quando concordamos em receber alguém em nosso lar, fica estabelecido um compromisso de ajuda, em que todos assumem sua parcela de responsabilidade no processo. Gustavo acabava de ser adotado pelo grupo.

Agradeci aos companheiros e despedi-me. Estava na hora da reunião no Centro de Estudos da Individualidade.

29

Na residência de Fábio

Após uma prece, deixamos Céu Azulcompanhando o instrutor Henrique em nova tarefa de socorro e aprendizado.

— Nosso destino é uma cidade de médio porte localizada na região Centro-Oeste do nosso Brasil - disse ele.

Estávamos curiosos. O orientador abstivera-se de dar-nos maiores esclarecimentos a respeito do novo caso. Assim, sem saber o que iríamos encontrar, rapidamente nos deslocamos no espaço, seguindo Henrique. Lá chegando, nos dirigimos para um conjunto habitacional de classe popular, num bairro de periferia.

A manhã, iluminada por um sol risonho, era muito agradável. Paramos diante de uma casa. A construção, absolutamente igual às outras, distinguia-se pela falta de muros e por um pequeno e bem cuidado jardim. Apesar da simplicidade, viam-se, no chão de terra batida, gerânicos, hortênsias e azáleas cercando toda a frente da moradia.

Henrique bateu delicadamente. Um senhor de idade avançada, magro e encurvado, de nome Germano, e que na última encarnação fora avô da dona da casa, abriu a porta, recebendo-nos com gentileza. O instrutor fez as apresentações, e ele, com um sorriso, agradeceu nossa visita.

Entramos. Os cômodos eram pequenos e o mobiliário singelo, mas havia ordem e limpeza em tudo. Na cozinha, deparamos com um garoto de sete para oito anos sentado diante de uma mesa rústica e debruçado sobre um caderno. Fazia os deveres da escola.

Das panelas no fogão vinha um cheiro bom de tempero, de arroz e de feijão preparados recentemente, o que, de imediato, nos remeteu ao lar terreno, trazendo-nos à lembrança nossas mães que, com tanto carinho e dedicação, nos esperavam à hora do almoço.

O menino não nos percebeu a presença. Henrique aproximou—se dele, envolvendo-o num terno abraço e dirigindo-lhe palavras de estímulo. Depois, virando-se para nós, apresentou-nos:

- Este é Fábio, um velho conhecido.

O garoto prosseguia escrevendo com capricho e boa vontade. Inclinei-me sobre o caderno e não pude deixar de admirar-lhe a letra redonda e bonita. Notei que suave luminosidade o envolvia como um manto, denotando-lhe as boas condições espirituais.

Seu semblante refletia serenidade e paz; possuía um coração generoso, pelas radiações que lhe partiam do plexo cardíaco. Seus cabelos castanhos, lisos e bem penteados. Estavam molhados, e o cheiro de sabonete atestava que ele se banhara havia pouco. Percebia-se que o uniforme da escola era muito surrado, mas estava limpo e passado.

Terminava de escrever as últimas letras quando uma senhora ainda jovem chegou.

Vinha arcada ao peso de uma sacola de compras e deixava transparecer cansaço e abatimento. Ouvindo passos de alguém que chegava, o garoto levantou a cabeça e seus olhos se iluminaram.

— Olá, mamãe! - disse o menino, risonho.

— Olá, meu filho! Fez tudo o que mandei?

Denotando responsabilidade, o garoto respondeu com justa satisfação:

— Tudinho, mamãe! Olhe, temperei o feijão e fiz o arroz, como a senhora gosta. Ah! Também arrumei as camas e varri o quintal. Depois tomei banho e acabei de fazer os deveres da escola.

A senhora passou um olhar crítico em tudo.

— Foi até a venda dar o recado para o seu João, como mandei?

Fábio arregalou os olhos, assustado:

— Chiiii, mamãe! Esqueci!

Irritada, a mulher puxou a orelha do menino, que gritou de dor.

— Ai! Ai!...

— Mas é um imprestável mesmo! Não mandei você dar o recado?

— Mandou, sim, mamãe. Mas fiquei entretido no serviço e acabei esquecendo!

Tinha tanta coisa para fazer!

— Pois saiba que era muito importante.

— Não se preocupe, mamãe. A caminho da escola passo por lá e deixo o recado.

— Agora não adianta. Era o meu jogo do bicho, e eu tinha um palpite de que desta vez ia ganhar. Sonhei com cobra e tenho certeza de que era um aviso. Está vendo só? Não ficaremos ricos por sua causa! Moleque irresponsável!

A princípio tivemos vontade de rir. Toda aquela confusão apenas por um jogo do bicho que não fora feito? Em seguida, a atitude daquela mulher deixou-nos indignados.

Percebendo-nos a posição íntima, Henrique alertou, grave:

— Mantenham-se em condições mentais elevadas. Não se deixem influenciar pelas circunstâncias. Dora é nossa irmã e estamos aqui para ajudar, não para julgar comportamentos alheios. Observem apenas.

Reajustando-nos mentalmente, vimos o menino baixar a cabeça, triste e decepcionado. Tirou o material escolar que estava sobre a mesa, colocando-o numa sacola de plástico. Depois, arrumou a mesa para o almoço, enquanto Dora terminava de preparar a refeição.

Sentia-se culpado. As palavras duras da mãe fizeram com que seu coraçãozinho se confrangesse.

Que pena — pensava ele. — Seria tão bom se pudéssemos ter mais algum dinheiro. Mamãe não precisaria trabalhar tanto e poderia descansar um pouco, voltando a ser como antes, mais calma e mais alegre.

Não havia qualquer resquício de reprovação em seu íntimo pela conduta da mãe.

Apenas sentia que não cumprira com seu dever.

Dora serviu o menino, que aguardava calado. Serviu-se também e sentou-se para comer. Estava faminta. Nesse momento, percebemos que um vulto escuro assomara à porta da cozinha e que fios tenuíssimos, como visgo, ligavam o desencarnado à dona da casa. Quando esta levava a comida à boca, a entidade desencarnada recebia grande parte do que Dora ingeria, aspirando gostosamente as emanações dos alimentos.

Ele não se dava conta da nossa presença, completamente preocupado em envolver Dora. Alberto considerou:

— Interessante. O pequeno Fábio não é atingido pelas vibrações inferiores e nocivas do infeliz irmão que acompanha sua mãe.

— É preservado pelas suas condições espirituais; no entanto, é atingido

através da própria mãe - aduziu Viviane.

— Exatamente! - concordou Henrique. - A entidade maléfica não pode acercar-se do menino, que está protegido vibratoriamente pelos valores morais já conquistados e pelo hábito da oração, mas vale-se de Dora, instrumento dócil e maleável em suas mãos, para prejudicar Fábio.

Nesse momento, olhamos para ambos e vimos que a mãe, irritada, observava Fábio. O garoto mal tocara na comida, mastigando lentamente e com má vontade.

— Vamos logo, moleza! Não tenho tempo a perder. Preciso retornar para o trabalho e o patrão não perdoa se chego atrasada.

— Já acabei, mamãe.

— Mas você não comeu nada!

— Não estou com fome. Tomo merenda na escola.

— Então, pegue o material e vá para a aula. Quando voltar, não se esqueça de lavar os pratos. Vou deixar as panelas em cima do fogão porque seu pai, como sempre, chega mais tarde para almoçar.

— Está bem, mamãe.

Germano abraçou o bisneto com infinita compaixão, enquanto nos dizia:

— As cenas que vocês acabaram de presenciar têm-se repetido com certa freqüência há alguns meses.

Henrique, aproveitando o momento, convidou-nos ao trabalho da oração:

— Ajudemo-los com vibrações balsamizantes, destinando-lhes energias através do passe, para que executem suas atividades dentro das melhores condições possíveis.

Alberto, Viviane, Adriana e eu nos preparamos para secundar Henrique no socorro aos nossos irmãos encarnados, elevando o pensamento ao Alto e dirigindo as mãos sobre suas cabeças, na condição de intermediários das bênçãos divinas. Quando terminamos, mãe e filho apresentavam outra disposição de ânimo. Dora, provisoriamente desligada dos vínculos com seu sombrio acompanhante, apresentava o olhar mais lúcido e a fisionomia mais descontraída. Toda a irritação e o mal-estar haviam passado. Até abraçou e beijou Fábio, arrependida da maneira como o tratara pouco antes, exigindo tanto de uma criança tão pequena.

O menino foi para a escola acompanhado do bisavô Germano. Logo em seguida, Dora saiu também, fechando a casa.

Nós permanecemos no local, aguardando. O chefe da pequena família, Lúcio, não tardou a chegar. Era um homem grande, de constituição forte, cabeça enterrada nos ombros. Esquentou a comida e comeu rapidamente.

— Vou arrumar a cozinha. Assim, ajudo Fábio. Senão, meu filho terá que fazê-lo - falou baixinho, acompanhando as palavras com um sorriso de cumplicidade.

Era até engraçado ver aquele homenzarrão brutalhado, de avental na cintura, lavando os pratos. Depois de deixar tudo limpo, encaminhou-se para o jardim. Àquela hora, o sol havia mudado de posição e as plantas estavam na sombra. Notamos que aquilo era uma rotina para Lúcio, que gostava de lidar com elas. Abaixando-se, arrancou as ervas daninhas, tirou as folhas secas, afogou a terra em alguns lugares e depois, trazendo uma muda de primavera, plantou-a num canto. Para finalizar, regou tudo cuidadosamente.

A ternura que dispensava às suas flores ficava patente no olhar, nos gestos delicados, no sorriso de satisfação que dirigia às plantas, acompanhado

de meigas palavras de estímulo.

Não pudemos deixar de sorrir, vendo-o assim a lidar tão bem com as flores, trabalho que, em princípio, se julgaria incompatível com o porte de Lúcio e com o tamanho das mãos, grossas e ásperas, habituadas ao labor rude.

Ao mesmo tempo em que enfiava as mãos na terra, monologava intimamente.

Percebíamos sua preocupação, que extravasava em forma de pensamentos dirigidos ao filho querido e à esposa.

Não sei mais o que fazer, pensava ele. Dora está diferente, arredia, mal-humorada, mantendo-se irritada e nervosa o tempo todo. Quem sofre com isso é o nosso Fábio, um anjo caído dos céus, que suporta suas exigências e rabugices. E ele é tão bom! Tem um coração tão meigo!...

Acompanhando seu pensamento, víamos as imagens que exteriorizava, em que o filho aparecia ora indo para a aula, ora executando os trabalhos domésticos, ora fazendo os deveres da escola. Sempre com boa vontade e alegria, denotando responsabilidade e disciplina.

Não posso ver meu filho sofrer, continuava ele, e sei que ele sofre; não reclama, não demonstra, mas sinto que não é feliz. Nunca tem tempo para brincar com os amigos, em virtude da carga de responsabilidades que Dora colocou sobre seus ombros frágeis.

Nesse ponto, vimos imagens de Fábio sendo espancado pela mãe, recebendo castigos e chorando copiosamente. Lúcio enxugou uma lágrima na manga da camisa e prosseguiu mentalmente:

Ó Jesus, sei que o trabalho é útil e necessário; não estou reclamando disso, o Senhor sabe. Só gostaria que nossa vida fosse um tantinho melhor. Dora anda irritada e nervosa e tem seus motivos, mas não posso vê-la descontando suas frustrações em nosso filho. Sei também que Dora trabalha muito e a culpa não é dela. É minha, que não consigo sustentar a casa com meu salário de fundidor. Mas, Senhor, peço-lhe por meu filho, Fábio, para que ele possa ter uma vida mais serena e feliz. Também por minha esposa, para que ela volte a ser o que era antes, quando éramos tão felizes.

Quero ver um sorriso no rosto do meu filho e no da minha mulher; aí, sim, ficarei satisfeito.

Estávamos emocionados com os sentimentos daquele homem que, exteriormente, parecia ser tão rude, mas por dentro tão terno, amoroso e dedicado à família.

Henrique dirigiu-lhe um olhar enternecido, enquanto nos esclarecia:

— Eis a razão de nossa presença nesta casa. As súplicas deste homem, veementes e sinceras, endereçadas ao nosso Mestre Jesus, alcançaram seu objetivo, e fomos designados para ajudar. Por isso estamos aqui.

Nesse instante, Lúcio preparava-se para retornar ao serviço. Henrique aproximou-se dele, envolvendo-o em vibrações revigorantes, e falou-lhe ao ouvido com carinho:

— Meu amigo Lúcio, tenha confiança e guarde a certeza de que Jesus atende sempre as orações que lhe são encaminhadas, quando sérias e justas. Mantenha o pensamento elevado e o bom ânimo, e Deus o sustentará. Continue firme no cumprimento do dever. Vá em paz, sob as bênçãos do Senhor.

As palavras ditas por Henrique alcançaram-no em forma de sugestões benéficas, reabastecendo-o de energias e de esperança.

Reconheceu-se mais fortalecido e, intuitivamente, guardou a certeza de que tudo começaria a melhorar desse dia em diante.

Lúcio saiu de casa e nós continuamos ali reunidos. Era hora de conversarmos e estabelecermos um plano de ação.

30

No sítio

Nos dias subsequentes, permaneceríamos em contato com a família de Fábio para aumentar nossas ligações psíquicas e favorecer a sintonia. Procurávamos inteirar-nos de todas as facetas do caso, com vistas a uma melhor observação e a um socorro mais eficiente. Sem essa aproximação, ficaria mais difícil nosso trabalho.

Na primeira noite, utilizamos o tempo para conhecer os componentes da pequena família, buscando entender as atitudes, absolutamente diversas, de cada um durante o sono.

— Observem - alertou-nos Henrique. Dora havia deixado o veículo corpóreo com os olhos fixos, como se focalizados em algo que não estávamos vendo. Alucinada, passou por nós sem detectar-nos a presença, ganhando a rua.

A um sinal de nosso orientador, Viviane e Alberto a seguiram.

Logo mais foi a vez de Fábio. Assomou à porta do quarto, sorriu ao ver-nos, cumprimentou cada um, gentil; depois, alegando trabalho urgente, despediu-se. Não pudemos deixar de notar que parecia mais velho, muito mais maduro, seguro de si e determinado.

Em seguida surgiu Lúcio, demonstrando grande alegria com a nossa presença. Revelava alguma experiência e certa desenvoltura na esfera espiritual.

- Sei que são amigos e aqui estão para nos ajudar. Tenho orado a Jesus, suplicando socorro e discernimento diante das dificuldades.

— No que agiu muito bem. Deus é Pai e jamais estamos desamparados, Lúcio. A Providência Divina nos dispensa profundo amor, notadamente quando estamos atravessando as maiores dificuldades. Jesus está conosco sempre - afirmou Henrique.

— A presença de vocês é uma prova disso. Agradeço-lhes.

Começamos a conversar, trocando idéias e informações. Pouco tempo depois, Germano avisou que ia sair com Lúcio. O velhinho, mais experiente, tinha programado uma excursão de adestramento para o familiar encarnado. Acenaram com as mãos, despedindo-se, enquanto Germano explicava:

- Logo estaremos de volta! Vou levar Lúcio para visitar um velho conhecido.

Mal eles saíram, Alberto e Viviane retornaram. Perplexos, relataram-nos o que tinha acontecido:

— Quando Dora deixou esta casa, imediatamente a seguimos. Logo que chegou à via pública, vimos aquele companheiro, já nosso conhecido, que a esperava. Dirigiram-se para um local de baixíssima condição e entraram - disse Viviane.

— Ainda tentamos evitar que ela se jogasse naquela aventura, mas foi impossível - afirmou Alberto, decepcionado. - Parece que a ligação deles é muito forte e antiga.

— Debalde lhe sugerimos o retorno ao lar, lembrando-lhe a presença do marido e do filhinho. Ela, no entanto, se transformara em outra pessoa. Estava completamente fascinada por aquele homem. Nossa presença era inútil e achamos melhor voltar, deixando-os entregues a si mesmos - completou Viviane.

Cheio de compaixão e sem demonstrar surpresa, Henrique concordou:

— Fizeram bem seu trabalho. Nesse momento, não adiantaria chamar nossa irmã ao cumprimento do dever. Ela não teria condições de escutá-los, e seu comparsa muito menos. Não se preocupem, teremos tempo para agir.

Algumas horas depois, Dora retomou. Vinha cabisbaixa, preocupada e inquieta.

Novamente passou por nós, dirigiu-se para o quarto, mergulhando no corpo físico.

Foi a última a retornar.

Todos acomodados, entramos no aposento do casal, a convite do avô, para orarmos em benefício de Dora. Henrique e Germano a auxiliaram com aplicações de energias balsâmicas, de forma que pudesse despertar mais tranqüila.

Na manhã seguinte, a família decidiu ir para o sítio de uns amigos. Era sábado, estavam de folga e queriam aproveitar o final de semana. Toda vez que se sentiam cansados, o sítio representava um oásis de paz e de reabastecimento para eles. A expectativa do encontro com amigos muito queridos, o ambiente fraternal, a convivência agradável, o local aprazível, tudo colaborava para que esperassem ansiosos essa oportunidade.

Naturalmente, nós os acompanhamos. Tomaram um ônibus intermunicipal, repleto àquela hora do dia. Repleto literalmente. Os encarnados faziam-se acompanhar de outros tantos desencarnados, o que tornou o ambiente pesado e asfixiante. Vimos imagens extremamente tristes e degradantes, que não nos é lícito descrever.

Ainda bem que, quarenta minutos depois, o ônibus parou no meio da estrada e descemos. Olhei de um lado e de outro. Tudo deserto. Cogitei sobre o que teríamos vindo fazer ali, naquela solidão. Nisso, eles tomaram uma estradinha meio encoberta pelas árvores, que eu ainda não percebera. Caminhamos uns dois quilômetros por terra batida. A paisagem tinha mudado e a psicosfera completamente diferente daquela que sentíramos no ônibus. A estrada, ladeada por grandes árvores, tornou nosso trajeto bastante agradável.

Nossos amigos iam na frente, conversando. Curiosa, Viviane indagou:

— Henrique, qual a finalidade da nossa presença nesse sítio?

Um tanto misterioso, ele respondeu de forma evasiva:

— Aguarde e verá. Estamos chegando.

Realmente, logo em seguida, depois de uma curva, vimos uma casa. De madeira, singela, mas simpática.

Lúcio chamou:

— Ô de casa!

Em pouco tempo, uma cabeça de mulher assomou à janela. Espantada ao ver os recém-chegados, sorriu e gritou:

— Sejam bem-vindos! Que surpresa agradável!

Saiu da casa e abraçou todos, demonstrando real alegria. Seu sorriso era cativante; nos olhos, claros e límpidos, vimos sinceridade. Era uma alma boa.

— Vamos entrar. Olhem, ainda ontem eu disse ao Maneco que estava com o pressentimento de que vocês viriam hoje!

— Pois acertou, Marieta. Aqui estamos nós! Onde estão todos?...

— Bem, Maneco está na horta. Janaína está com ele. Ela gosta de ajudar o pai. E o bebê está dormindo.

Fábio, ao saber que Janaína estava com o pai, perguntou:

— Tia Marieta, posso ir na horta?

— Claro, Fábio. Você conhece o caminho. Janaína ficará contente em vê-lo.

— Espere, meu filho, também vou - disse Lúcio; depois completou, dirigindo-se às mulheres: - Talvez possa ajudar o Maneco em alguma coisa.

— Ótima idéia. Certamente sua ajuda será bem-vinda. Enquanto isso, ficaremos colocando a prosa em dia e preparando o almoço - concordou Marieta, risonha, levando a amiga para dentro de casa.

Nós acompanhamos Lúcio e Fábio até a horta. Quando chegamos, Maneco colocava a vara num tomateiro. A menina, agachada a seu lado, ajudava o pai, passando-lhe as varetas, quando necessário. Levantando a cabeça, viu Fábio e Lúcio que se aproximavam. Soridente, ela exclamou:

— Fábio!...

No sorriso radiante e no olhar percebemos o quanto ela gostava do garoto. Largando tudo, correu para abraçar o amiguinho que chegava; já seu pai, limpava as mãos nas calças para cumprimentar Lúcio.

Enquanto os adultos conversavam, Janaína ficou entretida com Fábio. Era uma menina de uns cinco anos, bonita e viva. A pele bronzeada de sol e os cabelos, pretos e lisos, com uma franja cobrindo a testa. Notava-se uma grande ligação entre eles. O carinho de Fábio para com ela era tocante, bem como a admiração da pequena por seu amigo mais velho.

— Fábio, mamãe disse que você já vai na escola.

— Vou sim.

— Você gosta de ir na escola?

— Gosto muito, Jana.

— O que você faz lá?

— Aprendo a ler e a escrever. Faço continhas. Tomo lanche e brinco.

— Ah!... Também quero ir na escola. Mamãe disse que, quando eu crescer um pouco mais, vou poder ir.

— Isso mesmo. É bom estudar. A gente conhece outras crianças, faz muitos amigos...

— Ah!... Também quero ter muitos amigos.

Os dois ficaram calados, sentados à sombra de um chuchuzeiro.

— Fábio, sempre sonho com você.

— É? Eu também sonho com você. E parece de verdade!

— Mamãe disse que é de verdade!

— Como assim?

— Mamãe ensinou que, quando a gente dorme, a alma sai e vai para onde quer. Então, como gosto muito de você, tenho certeza de que vou procurar você.

A pequena Janaína disse essas palavras acompanhadas de um olhar de adoração tão evidente, que nos deixou comovidos.

— Vejam como as informações mais sérias e verdadeiras chegam até as pessoas - comentou Henrique, discretamente. Concordamos, admirados. Virei-me para Adriana, a meu lado, e percebi uma expressão estranha em seu rosto.

— O que houve'?' - indaguei.

— Não sei, César. De repente, tive uma sensação inquietante. O olhar dessa menina para Fábio me incomodou. Como se eu já o conhecesse, já o tivesse visto em outra pessoa e em outro lugar. Não gostei. Como pode ser isso?

Henrique, que acompanhava as reações de nossa colega, interferiu:

— Continue, Adriana.

Naquele instante, olhando para nosso orientador, Adriana se deu conta de que finalmente estava acontecendo com ela.

Um tanto assustada, passou o olhar pelo grupo e sentiu o nosso apoio vibratório.

Então, mais encorajada, voltou-se para as crianças, que conversavam desocupadas sem imaginar que estavam sendo observadas.

Olhou para a pequena Janaína mais atentamente.

— Não se detenha na aparência exterior, minha amiga. Você sabe que isso que está vendo, o corpo físico, é apenas uma casca. Concentre-se, procurando enxergar mais além, para descobrir o porquê dos seus sentimentos - incentivou Henrique.

Esquecendo tudo que acontecia à sua volta, Adriana fixou a atenção na menina.

— Eu sei que não gosto dela. Sempre esteve entre mim e ele - afirmou repentinamente.

— Ele, quem? - perguntou Henrique.

— Ele. Não sei quem é.

— Observe com bastante cuidado.

Nisso, Adriana, como se tivesse mergulhado no passado, começou a descrever.

— Ela sempre esteve entre nós. Desde que conheci Rodolfo, sabia que ele fora feito para mim. Apaixonei-me à primeira vista. Logo, porém, percebi que Natália procurava seduzi-lo. Ela era minha irmã.

Adriana parou de falar por momentos.

— Continue - disse o orientador.

— Começaram a se encontrar às escondidas. Quando descobri, exigi que ele a deixasse.

Impossível, contestou ele. Eu a amo e vamos nos casar. Estamos noivos. Só falta tornar público o nosso compromisso.

Deixei-me dominar pelo ódio. Indignada, furiosa, desejava acabar com eles.

Incapaz de compreender o mal que me fizera, ele prosseguiu:

— Não me queira mal, Loreta. Jamais lhe dei qualquer esperança.

— Nós nos amávamos! - afirmei convicta.

— Não! Nunca! Sempre fomos bons amigos.

— Você não saía de nossa casa, estávamos sempre juntos...

— Perdoe-me. Queria aproximar-me de Natália, a quem sempre amei - justificou-se.

— Você é um canalha! Enganou-me! - protestei com expressão de desprezo.

Cheio de dignidade, ele retrucou:

— Não. Você é que preferiu enganar-se.

Separamo-nos naquela hora. Entre nós não havia mais o que dizer. Contudo, a ira crescia dentro de mim. Não deixei que os outros percebessem o que me ia dentro da alma. Bastava a humilhação de ter-me rebaixado diante de Rodolfo. Quando Natália ficou noiva, suportei com aparente estoicismo sua felicidade, afivelando uma máscara no rosto e impedindo que todos vissem meus reais sentimentos. Intimamente, todavia, planejava uma vingança. Não suportaria a

visão da felicidade deles. Jamais! Então, depois do casamento, procurei uma mulher, na periferia da cidade, famosa por suas poções e ervas medicinais. Manipulava as plantas como ninguém. Curava doenças com suas ervas, fazia filtros do amor e, dizia-se à boca pequena, ajudava mulheres a se libertarem de uma gravidez indesejada. Não raro, provocava a morte também de algum inimigo de seus clientes. Era muito procurada na calada da noite. Tudo isso as pessoas falavam, mas ninguém conseguia provar nada.

Adriana pareceu titubear. Expressão de grande sofrimento misturou-se às lágrimas que lhe desciam pela face. Tapou o rosto com as mãos, agitando a cabeça. Desejava evitar a visão terrificante de seus atos.

— Prossiga, Adriana. Liberte-se desse peso - disse Henrique com docura.

Pouco depois, limpando as lágrimas, ela continuou:

— A princípio, aquela mulher negou-se a me ajudar. Depois, por uma pequena fortuna, passou-me as ervas venenosas que me libertariam da presença da rival. Preparei um chá, alegando que era bom para o estômago. Natália, que sofria muitas dores nesse órgão, agradecida, ingeriu-o confiante. Em poucas horas minha irmã morreu. Ninguém ficou sabendo o que tinha acontecido. Naquela época era muito comum as pessoas morrerem com diarréia e vômitos. Assim, ninguém desconfiou, e o médico, chamado às pressas, nada pôde fazer. Todos acreditaram que minha irmã comera alguma coisa que lhe fizera mal. Rodolfo ficou desesperado, e eu o consolei. Ao contrário do que eu pensava, ele nunca quis saber de mim. Fiel a seu amor por Natália, jamais se casou de novo.

Parando de falar, Adriana soluçava convulsivamente. Nisso, seu olhar se desviou e deu com Fábio. Só a partir desse instante, atônita, ela o reconheceu.

— Rodolfo?...

Henrique colocou-lhe a mão no ombro, confirmando:

— Sim, Adriana. Rodolfo, que você tanto amou... e que retorna como Fábio em nova encarnação.

— Não é possível! Como não o reconheci antes?

— Certamente não prestou muita atenção nele.

— É verdade. Estava preocupada com o momento em que chegaria a minha vez de encarar a verdade e não percebi que a resposta estava diante do meu nariz. E agora, Henrique?

— Agora temos que trabalhar com os dados que possuímos para ajudar a todos.

Adriana, lembrando-se da mãe de Fábio, perguntou:

— E Dora? Onde entra nessa história?

— Muitas outras experiências encarnatórias vocês tiveram. Dora é alguém com a qual vocês se envolveram através do tempo e que agora aí está, fazendo parte do grupo e lutando contra as próprias imperfeições - respondeu com sutileza.

— Compreendo. Pelo jeito, tenho sempre atrapalhado a vida de Natália e Rodolfo, não é?

— Nem sempre. Algumas vezes foi ela que, incapaz de perdoar, a prejudicou. Hoje, no entanto, é tempo de esquecer as ofensas e de reparar os erros cometidos.

— Certo, Henrique. Desejo fazer tudo o que puder para aproximar-me deles.

— Pois é exatamente isso o que estamos fazendo. Agradeçamos a Jesus

esta hora bendita de esclarecimento - disse o orientador.

Então, ali, em meio às hortaliças, aos pés de couves e de alfaches, de repolhos e de cenouras, de tomates e de beterrabas, à sombra de um grande caramanchão de chuchus, elevamos o pensamento ao Mestre dos Mestres, gratos pelas oportunidades que estávamos tendo de burilarmos os nossos espíritos falidos e comprometidos com o passado e de repararmos as consequências dos nossos atos.

31

Confidências

Não obstante o calor, a refeição transcorreu alegre e descontraída, à sombra das grandes árvores do quintal, onde as mulheres arrumaram a mesa. Após o almoço, enquanto as crianças brincavam no terreiro e os homens se recolhiam para tirar um cochilo, as mulheres ficaram descansando na ampla varanda, à frente da casa. De onde estavam, podiam ver os filhos brincando, despreocupados e felizes.

O local era fresco e agradável. Sentadas em confortáveis redes, elas conversavam. Dora mantinha o olhar perdido ao longe, fitando a copa de uma frondosa árvore, onde retalhos do céu apareciam por entre as folhas agitadas pela brisa. Marieta observava a amiga discretamente. Afinal, não se conteve:

— Diga-me lá, Dora, o que está acontecendo com você? Apesar da aparente alegria, noto em seu rosto um certo ar de tristeza e preocupação. Mas não é só isso.

Sinto também que está tensa e angustiada. Se puder ser útil, amiga, sabe que pode contar comigo.

A interpelada sorriu, agradecida.

— Eu sei, Marieta. Você é a melhor amiga que tenho. Aliás, a única.

- Então, vamos lá! Liberte-se desses sentimentos depressivos. Jogue tudo para fora e se sentirá melhor. É algum problema com seu marido?

— Lúcio? Não, absolutamente! Ele é um homem excelente. Apesar do aspecto rude, é marido dedicado como poucos.

- Então é com Fabinho? Como vai ele na escola? - insistiu Marieta.

- Fábio é inteligente e aluno aplicado. Não, não tenho problemas com ele.

— Então?...

Dora pareceu pensar por alguns segundos, depois confidenciou:

— Sabe Marieta, de algum tempo para cá, tudo vai mal. Minha vida está de pernas para o ar! Tudo está errado, sinto-me mal e não sei explicar o que acontece comigo. Perco a paciência por nada, brigo com Fábio, que tanto me ajuda e que não merece, pois é uma criança boa e gentil, responsável e prestativa. Lúcio me irrita profundamente. Eu o acuso de não ganhar o suficiente e de ser vagabundo, o que não é verdade. Além disso, você sabe que o trabalho nunca foi um peso para mim. Agora, no entanto, estou sempre cansada, sem vontade para nada. Sinto a cabeça confusa e dolorida. Não sei o que está acontecendo comigo! - desabafou, com os olhos úmidos e expressão sofrida de quem pede socorro.

Marieta, que ouvia sem interromper, aproveitou a pausa que se fizera mais longa para perguntar:

— Você tem orado, Dora?

Apesar de estranhar a pergunta, ela respondeu:

— Na verdade, não. Antes até conseguia fazer um pai-nosso ou uma ave-maria. Hoje não consigo.

E, como se só naquele momento se lembrasse de algo importante, prosseguiu:

— E não é só isso, Marieta. Tenho as minhas noites tumultuadas por pesadelos horríveis; vejo figuras estranhas e pessoas que me causam medo. Tem um homem em especial que me infunde temor; ao mesmo tempo, sinto-

me fascinada por ele. Esse homem exerce um poder tão grande sobre mim que me obriga a atos que depois me deixam envergonhada. Acordo em péssimo estado, arrasada. O pior é que sinto como se tivesse alguém me seguindo o tempo todo. Como se essa criatura, que me horroriza e ao mesmo tempo me atrai, ganhasse vida e saísse dos meus sonhos, transportando-se para a vida real, e viesse fazer parte do meu dia-a-dia. Será que estou ficando maluca?

Marieta apertou a mão da amiga com carinho.

— Não, Dora. Você não está ficando maluca. Responda-me uma coisa: você acredita na imortalidade da alma?

— Como assim? - indagou a outra, assustada.

— Acredita em vida após a morte?

Dora se benzeu, arrepiando-se toda:

— Deus me livre e guarde! Não gosto de pensar, muito menos de falar em morte!

— Acredita ou não? - insistiu a outra.

— Bem, não sei. Sou católica, você sabe. Não sou praticante, mas acho que todos devemos ter uma religião.

— Muito bem. E o que a sua religião diz?

— Que quando o corpo morre a alma vai para o céu, para o inferno ou para o purgatório, dependendo da vida que levou.

— Exatamente. Mas, e se eu lhe dissesse que aqueles que já deixaram esta vida continuam convivendo conosco, participando das nossas existências e nos influenciando?

— Ah! Não sei, não. Você está falando de fantasmas?

— Isso mesmo. Fantasmas, como você diz, são Espíritos de pessoas que já habitaram a Terra e que agora se encontram numa outra realidade. Nunca ouviu falar sobre isso?

— Já. As pessoas no serviço comentam às vezes esses assuntos, mas confesso que procuro me afastar porque tenho receio. Não gosto de conversas sobre coisas do outro mundo.

Fez uma pausa, parecendo pensar por alguns momentos, depois confidenciou:

— Sabe que minha falecida mãe - que Deus a tenha! - contava histórias de seres do outro mundo? Lembro-me de que ela falava que via sempre o pai dela - meu avô Germano -, que tinha morrido!

Ouvir seu nome, evocado pela neta querida, deixou nosso amigo emocionado.

Vendo que o fitávamos, sorridentes, ele comentou:

— Além de agradável, a lembrança de nós pelos familiares encarnados facilita a sintonia vibratória.

Voltamos a prestar atenção no diálogo das senhoras. Marieta afirmava para a amiga:

— Viu? Então, não há motivo para ter medo. São seres humanos como nós, só não possuem mais o corpo de carne. Quando a gente morre, isto é, quando o corpo morre, o Espírito continua vivendo e tendo os mesmos sentimentos, gostando ou não das mesmas coisas e das mesmas pessoas. Você não acredita em anjo de guarda?

— Claro!

— Pois o chamado anjo de guarda é um espírito elevado que Deus designou para nos proteger durante a vida corpórea. Ele nos assiste, nos

orienta, nos consola, nos protege nas dificuldades da existência. Só não têm asas como mostram as figuras.

Dora ouvia com interesse a amiga falar. Sorriu e perguntou:

— Onde você aprendeu todas essas coisas? Nunca me disse nada. Jamais passou pela minha cabeça que você se interessava por tais assuntos.

— Porque não houve oportunidade. Lembra-se daquela vez que o Gabriel esteve doente?

— Claro que me lembro. Ficamos todos muito preocupados com seu bebê. Ele era tão novinho ainda e já com tantas dificuldades!...

— Exatamente. Um dia, cansada de percorrer os consultórios médicos sem resultado satisfatório, resolvi aceitar a sugestão de uma vizinha, a Dona Vitória, que me aconselhou a procurar um centro espírita. A princípio, relutei, mas meu desespero era tanto que, vencendo a resistência íntima, fui e levei o Gabriel. Nem contei para o Maneco, com medo de que ele me impedisse de ir. Pois olha, o bebê recebeu um passe e logo começou a melhorar. Levei-o mais três dias para receber a aplicação de energias, e ele ficou completamente curado. A partir daí, procurei estudar o Espiritismo, para entender o que tinha acontecido com meu filhinho, como me orientaram. Lá me emprestaram alguns livros, que li rapidamente, tão interessantes eram. Depois disso, todas as vezes que vou à cidade, visito a casa espírita e adquiro livros, não só para ter o que ler, como para aumentar meus conhecimentos.

— Mas, e o Maneco? - indagou a amiga, preocupada.

— Agora ele já sabe o que aconteceu. Conte-lhe tudo e ele entendeu. Também gosta de ler e, sempre antes de dormir, lemos juntos.

Dora estava abismada. Percebia que o assunto era sério; caso contrário, sua amiga Marieta, por quem sempre tivera profunda admiração, não se interessaria. Perguntou:

— Voltando ao meu caso, o que está acontecendo? Por que me sinto tão mal? Por que mudei tanto?

— Dora, para nós, espíritas, céu, inferno e purgatório são apenas estados de espírito. Na verdade, aqueles que já deixaram esta vida, convivem conosco, fazem parte da nossa existência, influenciando-nos os pensamentos e as ações. Dessa forma, vivemos cercados de Espíritos que gostam, ou não, de nós, de acordo com nossa maneira de proceder. Por isso, é muito importante mantermos a elevação do pensamento. Orarmos. Procurarmos viver de forma útil e equilibrada, pensando apenas no Bem.

— Mas, se não consigo orar, o que fazer?

— Não se preocupe. Vai conseguir. Olhe, se vocês aceitarem, podemos fazer, hoje à noite, uma prece em conjunto. É o dia do nosso Evangelho no Lar. Que tal?

— Aceito com prazer. Sabe, já estou me sentindo bem melhor só de falar com você.

— Porque toda conversa edificante atrai bons Espíritos. Certamente, amigos desencarnados aqui estão participando da nossa prosa.

Dora olhou em torno, assustada.

— Tem certeza? Olhe como estou arrepiada, só de pensar!

Marieta sorriu, achando graça.

— Não se preocupe. Eles são nossos amigos e só querem o nosso bem.

Não há razão para ter medo.

Dora levantou-se da rede, olhando para os lados, ainda ressabiada, e

justificou-se:

— Vou ver se Lúcio acordou. Afinal, ele não veio aqui para dormir!

Sorrimos do comportamento dela. Percebemos que dera uma desculpa para poder sair da varanda, onde não se sentia à vontade só de imaginar que ali também poderia haver fantasmas...

* * *

Henrique ausentou-se o resto da tarde. Antes de partir, avisou:

— Aproveitaremos esta noite para agir. Fiquem e observem, ajudando no sentido de manter a conversação dos encarnados em níveis elevados e saudáveis.

Horas depois, ao anoitecer, percebemos que muitas pessoas estavam chegando.

Eram Espíritos necessitados, de condições diferentes entre si, que vinham acompanhados de servidores do nosso plano. Entre estes, dois se destacavam.

Simpáticos e sorridentes, denotavam elevação maior e comandavam a operação. O mais jovem era Samuel; o outro, que aparecava uns cinqüenta anos, Rinaldo. Ambos demonstravam a mesma disposição e alegria no trabalho. Germano apresentou-nos aos recém-chegados:

— Estes são nossos amigos Alberto, Viviane, Adriana e César Augusto, que chegaram de Céu Azul em tarefa de auxílio. Eles nos cumprimentaram com simpatia e entusiasmo.

Rinaldo, o mais velho, que visivelmente ocupava posição de chefia, disse:

— Henrique já nos informara da presença de vocês. É sempre uma satisfação recebermos visitas em nosso modesto trabalho.

— Especialmente quando podem nos ajudar, como é o caso de vocês - completou Samuel, rindo.

— Estamos aqui para o que for preciso! - disse eu.

Continuamos a conversar, e não contive minha curiosidade:

— Rinaldo, de onde vêm todos esses espíritos?

— De toda a região. Como você vê, César Augusto, estamos na zona rural, onde existem muitas pequenas propriedades. Começamos a arrebanhar o pessoal algumas horas antes, de modo que, à hora da reunião, estejam todos presentes.

— Posso perceber que são muito necessitados - comentei.

— Necessitados, sim. Contudo, em níveis diferentes. Veja:

alguns são nitidamente sofredores, precisando de atendimento especial; outros, apenas irmãos em aprendizado, que se encontram na região e comparecem para participar da reunião.

— Entre eles, não vejo a presença de Espíritos mais rebeldes e endurecidos - estranhou Alberto.

— De modo geral, não são admitidos neste trabalho; só em casos excepcionais. É preciso preservar a casa de uma família, cujos moradores nem sempre têm grandes possibilidades de defesa. O ambiente do lar difere do de um centro espírita, preparado para receber todo tipo de entidades. Assim, procuramos trazer apenas aqueles irmãos que não denotem vibrações de ódio, vingança, revolta e agressividade, e que possam realmente aproveitar a oportunidade que lhes é concedida.

Enquanto conversávamos, os demais servidores trabalhavam, cada qual em função específica, preparando o ambiente e acomodando os visitantes. Rinaldo, observando todos os detalhes como dirigente experimentado, completou:

— Como podem ver, a finalidade dessa reunião evangélica é oração, consolo, ajuda, orientação, esclarecimento, elevação do pensamento.

Alguns minutos antes do início das atividades, marcado para as dezenove horas, Henrique chegou trazendo um irmão necessitado que destoava do conjunto pelas vibrações pesadas e escuras.

Era o mesmo que tínhamos visto acompanhando Dora em seu lar. O responsável pela reunião não demonstrou surpresa. Por certo tinha conhecimento do fato, porque, logo em seguida, foram tomadas as providências para isolá-lo dos outros participantes. Henrique e Rinaldo o envolveram em substâncias refratárias, emanações essas que o manteriam apartado vibratoriamente, de forma que não contaminasse o ambiente.

O nosso grupo, atento, acompanhava as operações. Quando terminou, Rinaldo virou-se para nós, sorridente, explicando:

— Há pouco afirmei que, em princípio, não permitimos o ingresso de irmãos mais endurecidos no mal. Como podem ver, esta é uma exceção.

Olhou para um dos servidores postado ali perto:

— Tudo pronto, Herval?

— Sim. Tudo em ordem.

— Então, podemos dar início à reunião, com as bênçãos de Jesus!

32

Evangelho no lar

No plano material, encontravam-se presentes poucas pessoas. Na sala, em torno de mesa rústica, apenas os donos da casa, Maneco e Marieta, e os filhos, Janaína e o pequeno Gabriel, no colo da mãe, além dos hóspedes, Lúcio, Dora e Fábio.

O ambiente espiritual, porém, encontrava-se repleto. As paredes da casa como que se afastaram para acolher todos os necessitados, que foram acomodados em cadeiras dispostas em círculo. Como foco central a mesa onde estavam os nossos amigos encarnados, que jamais poderiam supor tal assistência. Na hora aprazada, deu-se início à reunião.

Com simplicidade tocante, Marieta fez a prece de abertura, agradecendo de maneira especial a bênção da presença, nessa noite, dos amigos da cidade. Depois, entregando o Evangelho a Dora, pediu:

— Abra ao acaso. Vamos ver o que Jesus nos reservou para hoje.

Vimos Rinaldo aproximar-se e, colocando a destra sobre as mãos de Dora, direcionar a abertura do livro. Ela leu:

— Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. - Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil. (Mateus, capítulo 5º, versículos 25 e 26.)

E Dora leu também, com emoção crescente, a bela página Reconciliação com os adversários, comentário de Allan Kardec ao texto evangélico, que se encontra inserido no capítulo 10º (Bem-aventurados os que são misericordiosos) de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Aquelas palavras pareciam estar sendo ditas especialmente para ela. Quando terminou de ler, tinha os olhos úmidos. Marieta passou o olhar sereno sobre a pequena assistência:

— Alguém deseja fazer algum comentário?

A pequena Janaína perguntou:

— Mamãe, o que é re... reconciliação?

Com imenso carinho, Marieta explicou:

— Reconciliação é fazer as pazes, ficar de bem.

- Isso eu faço. As vezes, brigo com uma amiguinha. Depois me arrependo e faço as pazes com ela! E adversário?

— Adversário é alguém que se considera nosso inimigo, isto é, o contrário de amigo. Enfim, alguém que não gosta de nós.

A pequena pensou um pouco e falou:

— Ainda bem, mamãe, que não tenho inimigos. Gosto de todo mundo!

O comentário fora dito com tal expressão de gravidade que todos acharam graça, tendo em vista a pouca idade da menina. Até Gabriel, que brincava com um carrinho no colo da mãe, riu, acompanhando os demais.

Fábio, que se conservava pensativo, lembrou:

— Outro dia, na saída da escola, meu amigo Zuza trombou sem querer com outro colega, o Horácio, e pisou no pé dele. Horácio ficou muito bravo e deu um murro no Zuza. Mas, quando o Horácio se virou, tropeçou na mochila e levou um tombo. Aí ficou com mais raiva ainda, porque todos riram dele! Mas o Zuza ficou com pena dele e estendeu a mão, pedindo desculpas e dizendo que

não pisou no pé dele por querer. Horácio levantou, cheio de vergonha, e foi embora.

— E ele perdoou o Zuza? - quis saber a garotinha.

— Naquele dia, não. No dia seguinte, porém, estava arrependido e foi conversar com o Zuza. Então, fizeram as pazes e continuaram a ser amigos!

Os adultos ouviam com muita atenção a história de Fábio, que bem exemplificava a lição da noite. Marieta comentou:

— O fato que Fábio contou ilustra muito bem a passagem evangélica. Se Zuza tivesse tido outra atitude, se tivesse rido de Horácio, o que teria acontecido?

— Teriam ficado inimigos! - disse Janaína, orgulhosa por ter aprendido a lição.

— Isso mesmo, minha filha. E teria aumentado a distância entre eles, tornando difícil que voltassem a ser verdadeiros amigos. E quanto mais o tempo passasse, o relacionamento só tenderia a piorar. Por isso, Zuza agiu muito bem, colocando em prática a lição de Jesus, que manda nos reconciliemos com o adversário enquanto ele está no nosso caminho.

Naquele momento, o pequeno Gabriel agitou-se, levantando os bracinhos e tentando puxar os cabelos da irmã, que estava ao lado.

— Ainda bem que eu não ligo quando o Gabriel bate em mim, puxa meus cabelos e belisca o meu braço! - falou Janaína muito séria.

— Isso mesmo, querida! - concordou Maneco. - Afinal, Gabriel é quase um bebê e não sabe o que faz, não é? Ele não faz por mal e gosta muito de você.

Todos riram do comentário da menina. Marieta prosseguiu:

— Geralmente, as pessoas partem desta vida para outra levando mágoa e conservando o coração em vinagre. Ressentimento é ácido corrosivo que destrói as melhores intenções. Nesse caso, a reconciliação fica muito difícil. Em virtude disso, devemos sempre procurar entender aqueles que não nos querem bem. Somos criaturas cheias de defeitos, temos muitos problemas e sempre necessitamos da compreensão alheia para com nossas imperfeições. Como ficamos felizes quando alguém desculpa nossos erros, sem alarde... Assim, da mesma forma, é preciso aprender a respeitar, a ter paciência, tolerância com aqueles que nos cercam, como desejamos que façam conosco, porque, muitas vezes, somos nós os agressores. Aprender a perdoar, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes, como ensinou Jesus. Somos geralmente muito severos com o nosso próximo e bastante indulgentes com os nossos erros. Sempre com a razão, o Mestre nos orienta para fazer aos outros tudo o que gostaríamos que os outros nos fizessem, como regra de bem viver.

Estava admirado com os conceitos emitidos pela dona da casa, senhora da roça e sem instrução, quando percebi que elos luminosos tenuíssimos ligavam sua mente à de Rinaldo, posicionado de pé a pouca distância de Marieta.

Nesse momento, Dora lembrou-se dos pesadelos que vinha tendo durante a noite e, na tela da memória, reviu a figura do homem que tanto a perturbava. Sentiu que a lição evangélica fora dirigida especialmente a eles, como se ambos necessitassem de perdão recíproco. Embora sem entender, teve a certeza de que ele estava presente. Como pode ser isso? - pensou, não contendo as lágrimas.

Na Espiritualidade, detectando seu pensamento, busquei com o olhar a

estranya criatura, que se conservava contida num canto do ambiente. A essa lembrança, o obsessor se agitou e tentou soltar-se, no que foi impedido por um dos auxiliares. Henrique, a meu lado, falou em voz baixa:

- Percebeu a sintonia que existe entre eles? Bastou leve emissão mental da parte de Dora para que ele se ligasse a ela novamente. Por isso é tão difícil separarmos seres que têm afinidade entre si. Trata-se, não raro, de grande violência cometida contra eles.

Assim, na execução da nossa ajuda, precisamos agir com muito cuidado e discernimento.

Concordei com leve gesto de cabeça; todavia, desejava mais esclarecimentos.

Antes que ensaiasse alguma pergunta, Henrique respondeu:

— Agora não, César. Mais tarde conversaremos sobre o assunto. Ouçamos! - e indicou com os olhos a reunião que prosseguia entre os encarnados.

Nesse momento, Maneco, que ouvia calado, lembrou:

— Como agricultor, gosto de examinar o exemplo da Natureza. Quando podamos uma árvore, cortando seus galhos, ferindo-a, ela responde à nossa agressão com ramagem ainda mais bela. Ao rasgarmos a terra por ocasião do plantio, revolvendo-a e causando-lhe sofrimento, ela nos brinda com brotos novos e tenros, transformando-se o solo árido em tapete verdejante. Por que não acatarmos essas belas lições da Natureza, transportando-as para a nossa vida? Com certeza, seremos melhores e mais felizes.

— Exatamente. Assim, diante de qualquer problema, lembremo-nos das lições do Evangelho, que são luzes em nossas vidas, indicando-nos a resposta para todas as situações - completou Marieta.

Após uma pausa, ela indagou:

— Alguém deseja fazer mais algum comentário? Não? Então, creio que é hora de encerrarmos nossa reunião. Elevemos os nossos pensamentos a Jesus.

Com uma prece sentida, a dona da casa deu por terminada a atividade evangélica.

Do Alto, bênçãos de luz vertiam sobre os presentes, impregnando todos de paz e bem-estar. Muitos desencarnados quedaram-se em lágrimas, sob forte emoção, atingidos em suas fibras mais profundas.

Durante os comentários, servidores do nosso plano aplicaram passes nos presentes, tanto nos encarnados quanto nos desencarnados. Muitos foram ajudados, conseguindo, graças ao clima saturado de vibrações amorosas e dulcificantes, ser levados para instituição socorrista, onde receberam o atendimento necessário. Outros, contudo, deixaram a casa ainda centrados no monoideísmo que cultivavam, incapazes de se desligar da família e do ambiente doméstico, ao qual já não pertenciam fisicamente.

Assim que os necessitados foram embora e a sala se esvaziou, as coisas voltaram à normalidade. Somente nós ali permanecemos, juntamente com os Espíritos familiares da casa.

De modo geral, o trabalho fora pródigo em resultados benéficos. No nosso plano, satisfeitos, nos entretivemos em alegre palestra.

Logo após a atividade evangélica, Marieta colocou uma toalha na mesa e serviu um ligeiro lanche, composto de chá, leite, biscoitos e pão caseiro, além de manteiga e queijo do próprio sítio.

Os encarnados, satisfeitos e alegres, trocavam idéias sobre a reunião. Os hóspedes tinham gostado muito. Lúcio, que ainda se mantinha emocionado, comentou:

— Nem sei como agradecer-lhes a oportunidade de ter participado do culto. Asseguro-lhes que nunca tive tão grande sensação de paz e de bem-estar. Parece-me ter encontrado hoje algo que venho buscando há longo tempo.

Fábio sugeriu:

— Papai, mamãe, não poderíamos fazer uma reunião assim lá em casa? Acho que estamos precisando!

Lúcio concordou:

— Claro, meu filho. É uma excelente sugestão. Tenho certeza de que o ambiente em nossa casa ficará mais leve e agradável, como este que estamos sentindo.

Dora não disse nada, mas no íntimo reconhecia as bênçãos da oração. Todo o mal-estar desaparecera, bem como a angústia, a insatisfação, a ansiedade, que não a deixavam nunca. Sentia-se mais leve, conseguia pensar com maior clareza e -fato interessante - a dor de cabeça constante tinha sumido!...

Não demorou muito, todos se recolheram. Cansados das atividades do dia, logo estavam dormindo.

Aos poucos, desligando-se do veículo corpóreo, vinham para o nosso plano, trazendo as próprias condições. Auxiliados por nós, seus amigos espirituais e familiares desencarnados, pressentiam a importância do momento, enquanto alguns não atinassem com o que estava acontecendo. De modo geral, todos estavam bem e conversavam entre si, surpresos por se reencontrar. Dora, preocupada com seu problema, custou a dormir e foi a última a chegar. Estranhou o ambiente.

— O que está acontecendo? - indagou.

— Fique tranquila. É apenas uma reunião de amigos - assegurou-lhe Henrique.

— Amigos? Mas por que vejo tanta gente estranha? - perguntou novamente, meio inquieta, perpassando o olhar sobre nós, que sorriamo para ela.

— Também são seus amigos. Aguarde mais um pouco. Logo terá todos os esclarecimentos que desejar.

Alguns minutos depois, Rinaldo fez um leve sinal para Henrique, que, chamando a atenção dos presentes, deu por iniciada a reunião.

— Meus irmãos, que Jesus nos abençoe o propósito de servir!

33

Lembrando responsabilidades

Todos estavam ansiosos para saber o motivo da reunião. Henrique, fixando os olhos calmos e lúcidos nos presentes, informou:

- Nosso objetivo, nesta oportunidade, é conversar e reencontrar o passado.

Desfazer dúvidas, aclarar idéias e relembrar o que nos compete realizar, segundo o planejamento reencarnatório feito com nossa anuênciia, antes do mergulho na carne.

Os presentes mostravam-se intrigados. O que estava para acontecer? O que se esperaria deles? Intuitivamente, porém, sentiam que essa hora revestia-se de grande importância para seus Espíritos. Nosso orientador prosseguiu:

— Sejamos gratos à Espiritualidade Maior, que nos permitiu este encontro como forma de auxílio a todos os implicados no caso.

Com os olhos esgazeados, que denotavam seu estado emocional, atormentada por forte sentimento de culpa, Dora espraiou o olhar pela assistência, detendo-se na figura feia e de expressão torturada que se postava a um canto do recinto. Reconheceu-o imediatamente.

- Ó maldito! Até aqui me persegue? Não conseguirei nunca livrar-me de sua figura horrenda?

Desligada do veículo corpóreo, Dora retomou a lembrança de tudo o que lhe vinha acontecendo todas as noites durante o sono e do comportamento que vinha mantendo. E reconhecia-se culpada perante sua consciência e perante os demais familiares e amigos, especialmente o marido, ali presente, e que parecia fitá-la com ar acusador. Sentia-se como que uma ré num tribunal. Apontando o infeliz, que se encolhia de encontro à parede, acusou-o diante de Henrique, que supôs fosse o juiz:

— Senhor, é ele o responsável por tudo. Tem-me perseguido tenazmente e encercla-me em sua vontade poderosa. Sua força descomunal me domina e me vejo fraca e indefesa em sua presença. Acusa-me e tortura-me sem cessar. Agora, não contente em perseguir-me durante a noite, resolveu invadir outros períodos do dia, perturbando-me o sossego. Em vista disso, não tenho mais paz nem alegria. Eu o odeio! Eu o odeio! - gritava, soluçando convulsivamente, entregue a grande desequilíbrio.

Henrique aproximou-se dela com carinho e piedade.

- Minha irmã, tranqüilize-se. Nem eu, nem ninguém está aqui para julgar seus atos, ou os de quem quer que seja. Desejamos apenas esclarecer alguns pontos obscuros, o que será de grande benefício para todos. Somos seus amigos e nosso objetivo é tão-somente ajudá-la. Acalme-se e confie.

Sob os eflúvios que emanavam do instrutor, e ouvindo-lhe as palavras serenas, Dora respirou fundo, procurando readquirir o equilíbrio emocional.

Enquanto isso, vendo-se apontado pela mulher e recebendo em cheio suas acusações, o infeliz reagiu violentamente:

— Sua víbora! Serpente venenosa que agasalhei e nutri em meu peito! Você me acusa de perseguir-la e de torturá-la. Não sabe o que diz. Por tudo o que me fez, você merecia muito mais, miserável! Ou não se recorda do quanto sofri por sua culpa? Você pode enganar quem quiser, mulher infame, mas não a mim! Sou Azambuja, lembra-se? Conheço-a de sobjeito e sei todos os seus truques.

Aquelas palavras acusadoras e o tom com que foram ditas fizeram com que o tênué véu que encobria o passado fosse retirado, e Dora, entre o espanto e o temor, exclamou:

— Azambuja?...

— Sim, sou eu mesmo! Eu, que aqui estou para cobrar tudo o que você me deve!

— Mas... mas... está tão diferente... Não o reconheci com essa aparência... - gaguejou, a tremer nervosamente.

— Por certo. Já não me apresento mais com elegância, como antigamente. Os trajes luxuosos, as jóias, o penteado cuidadoso... tudo isso ficou no passado. Esta é a aparência que você me deu. Desde aquela época, há tanto tempo, estou assim... - disse, com refinada ironia.

Fez uma pausa e riu com sarcasmo:

— Lembra-se de como mandou matar-me? Ordenou a seu criado de confiança que me destruísse a vida e depois, para que não ficassem vestígios comprometedores, me queimasse o corpo. Pois foi exatamente o que ele fez. Aquele miserável que ali está, Basílio!

Com o dedo em riste, apontou para Lúcio, que, olhos esbugalhados, ouvia tudo, retornando no tempo e recordando-se também dos acontecimentos narrados. Enquanto Azambuja falava, pela mente de Lúcio passavam as cenas descritas, que ele tão bem conhecia. Depois de matar o infeliz, viu-se arremessando o que restava do corpo por uma ribanceira, onde nunca seria encontrado.

Invadido pelas lembranças, Lúcio soluçava convulsivamente, balançando o enorme corpo.

— Perdoe-me, Azambuja! Estou muito arrependido. Perdoe-me! - dizia Basílio-Lúcio.

— Não merece o meu perdão, miserável. Cúmplice dela, destruiu-me a vida para evitar que contasse a verdade a Fernando, o marido: que eu e ela éramos amantes.

O menino Fábio, que também se lembava naquele instante do drama vivenciado no século passado passou a ter aparência de Fernando, um nobre em plena madureza física, elegante e bem vestido. Aproximou-se deles, ponderando:

— Azambuja, há muito não ignoro os fatos que está a relatar. Embora traído e também assassinado posteriormente pela sanha ambiciosa de Genoveva, a esposa que não pôde esperar minha morte para herdar-me a fortuna, recuperei-me no mundo espiritual e compreendi, após muito sofrimento, que me competia perdoar aos meus algozes. Por isso, recebemos de Deus a bênção de renascermos para uma nova experiência na carne. Só você não aceitou a oportunidade que lhe era oferecida na ocasião, por se conservar cheio de ódio e de desejo de vingança.

Enquanto Azambuja, diante das palavras ponderadas e ternas de Fernando-Fábio, mudava lentamente o teor mental, atingido pelas vibrações amorosas do grupo, Fábio prosseguiu:

— Sob as bênçãos do Altíssimo, estamos aqui para nos entender. Basta de desavenças e de mágoas. Façamos as pazes e nos tornemos amigos. Nada tenho contra você. Todo o mal que me fez recaiu sobre si mesmo. É, na verdade, hoje sei que eu não era uma vítima inocente. Segundo a lei de causa e efeito, merecia o que passei em virtude de compromissos anteriores, ligados

a fatos ocorridos no século 17.

Quando Fábio disse essas palavras, Adriana, que, a meu lado acompanhava atentamente o diálogo, caiu em pranto. No silêncio que se estabeleceu, só se ouviam seus soluços. Buscando nossa amiga com os olhos, Fábio aproximou-se dela com ternura e a abraçou:

— Sim, Loreta, eu mereci o que passei porque também a fiz sofrer. Você tinha razão quando me acusava. Eu a iludi, fazendo-a acreditar que a amava, quando minhas intenções eram apenas aproximar-me de você para chegar até Natália. Confesso que também não a amava, embora me sentisse atraído por ela. Desejava apenas ficar com a fortuna dela.

— Não entendo, Rodolfo. Eu também era rica e o amava! - questionou ela.

— Menos rica, porém, que Natália. Eu tinha feito investigações e descobri que Natália era sua meia-irmã; que a mãe dela falecera deixando-lhe imensa fortuna.

Descobri também, conversando com o médico de Natália, que seu estado era grave e teria pouco tempo de vida. Como minha ambição não tinha limites, uni o útil ao agradável. Lamento profundamente, mas esta é a verdade.

— Meu Deus! - exclamou Adriana. - E eu que não sabia que Natália estava doente!... Cometi um crime sem necessidade e compliquei o meu futuro, tornando-me criminosa e culpada perante a lei divina.

Janaína se aproximou como Natália, vestida agora com trajes antigos e com a aparência de uma linda jovem. Adriana, que sob nossas vistas voltara à aparência de Loreta, olhou-a e suplicou:

— Será que algum dia poderá me perdoar, minha irmã?

Nos olhos de Natália percebia-se ainda mágoa e ressentimento, que ela fazia esforço para vencer. Inclinou a cabeça sobre os ombros de Rodolfo-Fábio, enquanto ele, envolvendo-a ternamente com o braço, suplicou:

— Minha querida, perdoe. Tudo isso já passou. Loreta hoje é outra criatura e luta para vencer a si mesma. O perdão é uma necessidade, porque todos precisamos do perdão uns dos outros. Houve época em que você também a prejudicou, lutando por mim, que, fraco, nunca soube decidir-me por uma ou por outra.

Natália-Janaína levantou a fronte e, em seus olhos úmidos, Loreta-Adriana percebeu que a animosidade tinha desaparecido do seu coração. Abraçaram-se com carinho, e, naquele momento - amparadas pelos amigos espirituais -, só se lembraram do tempo em que eram irmãs, quando tinham crescido juntas e dividido o mesmo quarto e os mesmos brinquedos.

Achegando-se ao grupo, Dora também reconheceu seus erros:

— Natália, tenho minha parcela de responsabilidade, porque fui eu que forneci as ervas venenosas para Loreta. Perdoe-me. Não sabia o que estava fazendo.

Natália sorriu, envolvendo Dora num abraço.

— Nada tenho que perdoar. Tudo é passado. Hoje você é minha tia Dora e tem me conquistado com seu carinho.

Diante da presença de Fábio, ontem vítima, hoje filho querido, em quem reconhecia a superioridade moral e a grandeza de alma, sentiu a vacuidade dos laços terrenos, que nos encaminham para situações diferentes de acordo com as necessidades.

Uma grande admiração por ele tomou conta de seu coração, por isso o

abraçou, não apenas como filho amado, mas, sobretudo, como irmão de jornada terrena e credor de consideração e respeito. Ao entregá-lo a ela e a Lúcio, Deus lhes concedia a bendita oportunidade de reparação, competindo-lhes encaminhá-lo na vida e dar a ele o melhor de si mesmos.

O ambiente se transformara. Cada um dos implicados nos dramas ocorridos nos séculos 17 e 19, com reflexos na época atual, mostrava-se disposto à modificação interior. Abraçavam-se, prometiam-se ajuda mútua, renovavam sentimentos e refaziam laços que os atos passados tinham rompido.

Todos sentiam-se repletos de paz e bem-estar. Harmonias intraduzíveis fluíam do Alto, envolvendo o recinto em claridades novas.

Germano, que até aquele momento permanecera calado, tomou a palavra:

— Como pai de Genoveva, muito errei, pensando apenas no lado material da existência e incentivando a ambição de minha filha para que ficasse com a fortuna do marido, Fernando, a quem eu não estimava. Mais tarde, voltei ao corpo de carne, e Dora renasceu como minha neta. Sinto-me responsável por ela, motivo pelo qual tenho procurado ajudá-la de todas as maneiras, inclusive pedindo a Jesus a bênção de renascer na família de minha neta, para reparar os danos que causei.

— E eu fui mãe de Genoveva, por essa razão o carinho que sentimos uma pela outra. Desejo ajudá-la em tudo o que puder - afirmou Marieta, abraçando Dora, sua amiga de hoje e filha querida do passado.

Adriana chorava sentidamente, incapaz de conter a emoção pelas reminiscências que tivera. Enfrentara a verdade e sentia-se gratificada, ainda que indescritível sensação de responsabilidade pelos danos causados a outrem lhe abalasse o íntimo. Rinaldo, que se mantivera como observador até aquele momento, acercou-se de Loreta-Adriana, com o aspecto de um fidalgo, e a envolveu num grande abraço:

— Minha filha querida! Lembra-se de mim?

Somente agora, prestando atenção nele, ela exclamou:

— Papai!...

— Sim, Adriana. Sou eu mesmo, querida! Seu pai que muito a ama. Não se preocupe, minha filha, com o passado. Tem hoje você todas as condições necessárias para vencer. Na França do século 17, fui seu pai e de Natália, mas não soube orientá-las como deveria. Agora, na Espiritualidade, tento compensá-las de tudo o que não fiz naquela oportunidade, auxiliando também todo o grupo, para que possamos crescer juntos. Para tanto, já solicitei uma atividade próxima de Natália, para estar junto dela e assisti-la nas dificuldades. Então, permitiram-me ser o responsável pela reunião semanal evangélica da qual você participou.

— Meu pai! Por que não se apresentou a mim antes?

Com expressão algo melancólica, Rinaldo explicou:

— Estava impedido de fazê-lo pelos meus superiores. Em outras oportunidades, fui muito complacente e, por excesso de carinho e atenções, a prejudiquei. Recomendaram-me então que, no futuro, permanecesse distante, para que você pudesse crescer por seu próprio esforço.

Rinaldo fez uma pausa e concluiu:

— Não valeu a pena?

— Tem razão, papai. Valeu.

— Tenho acompanhado sua trajetória desde que retornou ao mundo espiritual. Sei dos progressos que tem feito e de como tem-se esforçado no trabalho de auxílio aos necessitados, tanto encarnados quanto desencarnados.

A essa evocação, Adriana ficou pensativa por alguns instantes, lembrando-se de como chegara ao além-túmulo, consumida pelas drogas e inconsciente do seu estado.

Antecipando a pergunta da filha, que detectara mentalmente, Rinaldo explicou:

— Sua ligação com os alucinógenos é antiga, minha filha. Naquela encarnação mesmo, como Loreta, na maturidade você ficou doente. Em virtude das dores, precisava usar substâncias fortes, extraídas de ervas, que a tornaram dependente. Mais tarde, em outra encarnação, como esposa de um médico, teve acesso às drogas e, em virtude de suas tendências, voltou a consumi-las sem que seu marido disso tivesse conhecimento.

— Entendo. E, na última encarnação, em virtude dos antecedentes, foi fácil voltar à dependência.

— Exatamente. Por isso, necessário se faz que vença verdadeiramente a si mesma, acabando de vez com a atração pelas drogas.

— Hei de conseguir, papai. Com sua ajuda e o amparo de todos, vencerrei.

Acompanhávamos o diálogo sensibilizados. Henrique, com grande sorriso, aproximou-se:

— Viu quanto trabalho temos que realizar, Adriana?

— É verdade. Hoje percebo isso de uma forma mais ampla. Encarando o passado, tenho a mente mais aberta e mais lúcida. Vejo as coisas de um ângulo coletivo que não via antes. Talvez seja essa a visão dos mentores, guardadas as proporções, evidentemente - completou.

Todos rimos de sua preocupação em não parecer pretensiosa.

Dora também estava preocupada com as informações que tivera quando Germano se aproximou da neta com ternura.

— Vovô Germano, estou horrorizada com todo o mal que pratiquei. Quero mudar e trabalhar em benefício dos outros, para reparar um pouco do muito que errei.

— Esse seu desejo já foi aceito, Dora. Antes de renascer, você fez um planejamento de vida em que se comprometia a auxiliar as pessoas através da mediunidade.

— Verdade, vovô? Mediunidade! Mas... nem sei o que é isso!...

— Saberá. Está chegando a hora. Por isso, não poderíamos deixar essa reunião para mais tarde. Tinha que ser feita agora. Você teve a primeira noção de Espiritismo hoje, momento que se revestiu de grande importância. Não foi por acaso que Marieta, sua mãe do passado, a apresentou à Doutrina dos Espíritos. Deverá aproveitar a oportunidade e procurar estudar cada vez mais. Quando estiver preparada, terá uma tarefa através da mediunidade com Jesus, aplicada ao socorro de quantos foram prejudicados por suas mãos. E ai de você, se perder essa chance bendita!

— E Azambuja? E Lúcio?

— No futuro, quando Azambuja estiver em condições melhores e se transformar em trabalhador da Seara de Jesus, será seu auxiliar, ajudando-a a consolar uma imensidão de dores. Quanto a Lúcio, está em situação de trabalhar desde já. Será seu braço direito e sustentáculo nas horas difíceis.

Dora elevou o pensamento ao Alto, agradecida pelas infinitas bênçãos que estava recebendo. Abraçada a Fábio, a Lúcio, a Marieta, não cabia em si de tanta felicidade.

A madrugada ia avançada e logo as primeiras claridades da aurora tingiram o céu. Era hora de os amigos encarnados retornarem para seus corpos. Com uma prece carregada de emoção, Henrique deu por encerrada a reunião, que tantas dádivas trouxera aos participantes. Depois, cada qual foi reconduzido a seu leito pelos servidores do nosso plano.

Saímos para o ar livre. Desejávamos respirar o ar puro da Natureza, sentir a brisa perfumada que soprava, trazendo-nos o aroma das flores. Tudo era paz e quietude.

O que nos ia no íntimo é difícil de ser descrito em linguagem humana, sempre pobre para expressar os grandes sentimentos da alma. Um bem-estar, uma sensação agradabilíssima de plenitude, de dever cumprido, nos irmanava a todos. Expressando o pensamento geral, Adriana ergueu os olhos para o Alto e, diante das primeiras tintas da aurora, que coloriam o horizonte, levantou os braços abertos e exclamou:

— Graças a Deus!...

34

Ratificando compromissos

Na manhã seguinte, nossos amigos encarnados despertaram fortalecidos e revigorados. Nós, da equipe espiritual, permanecemos no sítio Santa Matilde para comprovar o resultado de nossos esforços.

Marieta estava na cozinha com o café pronto e a mesa posta quando os demais acordaram. Maneco, em plena atividade há horas, entrou com um balde de leite fresco, muito apreciado por todos.

— Bom dia! Dormiram bem?

- Muito bem! Aliás, sempre tenho sono excelente aqui no sítio. Mas hoje sinto que acordei bem-disposto como não acontecia há meses - respondeu Lúcio.

— São os ares do campo, meu amigo. Longe da poluição da cidade, em contato com a Natureza, nos sentimos melhor - considerou o dono da casa.

— Sem contar esse abençoado silêncio! - completou Dora. Acomodando-se em torno da mesa, as crianças tagarelavam sem parar, rindo e brincando. Um ar de felicidade se espalhava em todos os semblantes.

Marieta, que tinha ido levar a mamadeira do pequeno Gabriel, voltou e sentou-se também, no momento em que o marido dizia:

— Puxa! A noite deve ter sido excelente mesmo, porque nunca vi tanto bom humor. O que será que aconteceu? Viram algum passarinho verde?

Todos riram, mas a pergunta ficou no ar. Naquele instante, Janaína lembrou:

— Papai, tive um sonho cheio de gente!

- É mesmo, minha filha? Conte para o papai.

- Não me lembro direito. Só sei que o Fábio estava nele e vocês também. E tinha mais gente que não me lembro... quem eram essas pessoas? - disse, com jeitinho pensativo, mais para si mesma.

Fábio, sempre protetor em relação à menina, respondeu à indagação:

— Era uma reunião, Jana. Todos nós estávamos presentes. Tinha também algumas moças e rapazes desconhecidos, mas muito simpáticos.

Trocamos um olhar de satisfação, agradecidos pelo simpáticos.

Certamente, éramos nós. Fábio continuou, depois de fazer uma pausa e beber um gole de leite.

— Engraçado é que estávamos todos vestidos com roupas antigas!...

Lúcio também tinha algumas lembranças, mas permaneceu em silêncio, tentando pôr em ordem as vagas reminiscências. Sentia-se culpado perante o filho pôr alguma coisa que não sabia precisar.

Dora, ouvindo esses comentários, notou que algo lhe despertava no íntimo:

— Agora que falaram sobre esse assunto, também me recordo de ter sonhado alguma coisa. Mas não era uma reunião, era um julgamento. Via-me diante de um tribunal em que eu seria julgada. Interessante é que, à semelhança do que aconteceu com Fábio, parecia um filme antigo, como se a história tivesse ocorrido há séculos.

Nisso, apareceu uma criatura horrível, que me causava grande medo e que me ameaçou. Depois... depois... ela se transformou num homem muito bem-vestido e atraente. E, coisa curiosa, fizemos as pazes!

Engoliu as lágrimas prestes a cair e afirmou, mal contendo a emoção:

— Não sei por que, mas acho que minha vida vai mudar depois dessa noite.

Lúcio, que se conservara calado, deu corpo a seus pensamentos:

— Também tive sonhos estranhos e grande parte deles se conserva sob tênué véu, como se a qualquer momento eu fosse me lembrar. O que tenho muito nítido é que eu conversava com um velhinho alto, magro e de maçãs do rosto salientes. Apesar de não tê-lo conhecido, Dora, achei que era o seu...

— Meu avô Germano! - exclamou Dora, cheia de emoção, interrompendo o marido. - Sim, é ele mesmo. Também me lembro agora de tê-lo visto no meu sonho. Como pude esquecer!...

— É natural - comentou Marieta. - Os nossos sonhos não são lembrados na sua totalidade. Apenas aquilo que o Espírito consegue reter e que lhe poderá ser de utilidade na vida terrena.

Surpreso, Lúcio indagou:

— Como assim?...

— Lúcio, quando dormimos, o Espírito se desprende do corpo e vai para onde quiser. Normalmente, para onde estão direcionados seus interesses. Faz visitas, encontra pessoas, estuda, aprende, se esses são seus desejos. Se tiver o pensamento fixo no mal, nos vícios, nos prazeres, irá sem dúvida incursionar por esses domínios, buscando desafetos ou parceiros.

— Interessante... Então, pelo que entendi, nos encontramos realmente essa noite?

— Exato. Cada um de nós, porém, fixou na mente aquilo que lhe seria mais necessário.

— Agora que você disse isso, Marieta, lembro que meu avô me falou coisas muito importantes, enfatizando que eu não poderia esquecê-las. Que era imprescindível que eu as conservasse na mente. Deixe-me lembrar... Ah, sim!... Disse-me que vou trabalhar com a mediunidade e ajudar muita gente.

— Tem muita lógica essa afirmação do seu avô, porque, pelo que me contou ontem à tarde, Dora, você é dotada de grande sensibilidade - considerou Marieta.

— Algo me diz que vou ter de aprender sobre esse tal de Espiritismo - completou Dora.

Todos estavam surpresos e encantados. Marieta também se recordava do sonho, mas se absteve de relatar. Tinha lido no Evangelho que as lembranças devem ser graduadas para não prejudicarem o espírito. Que o esquecimento do passado é uma bênção para o Espírito faltoso, visto que ele terá condições de enfrentar seus desafetos sem sentir-se inferiorizado. Por isso, guardou apenas para si mesma a cena em que se viu como mãe de Dora numa outra encarnação e entendeu a razão do seu grande afeto maternal em relação a ela.

Conversavam assim sobre assuntos tão empolgantes, quando ouviram alguém dizer à porta:

— Ô de casa!...

Marieta foi abrir. Era uma amiga, Dona Eufrásia, moradora de um sítio vizinho. A dona da casa fez com que entrasse, recebendo-a com carinho, e apresentou-a aos hóspedes. Em seguida, ofereceu-lhe uma xícara de café.

— Agradecida, Marieta, mas não estou passando muito bem. É exatamente por isso que estou aqui. Tudo que engulo me faz mal. Como não posso ir à cidade hoje, algo me diz que você deve ter um remédio para esse

problema de má digestão. Não consegui dormir nadinha essa noite.

Nesse momento, vimos Germano se aproximar de Dora e envolvê-la com seus fluidos. Imediatamente, ela passou a acusar a influenciação.

— Lamento, Dona Eufrásia. Infelizmente, não tenho remédio nenhum. Talvez um chá possa lhe fazer bem - sugeriu Marieta, penalizada.

— Não precisa, Marieta - disse Dora, com olhar e jeito diferentes.

Depois levantou-se e, diante do espanto dos demais, aproximou-se da recém-chegada, colocando as mãos sobre seu ventre por alguns minutos. E vimos que delas partiam jatos de luz que atingiam o órgão debilitado, restaurando-lhe o equilíbrio.

Em seguida, Dora perguntou, demonstrando segurança:

— Dona Eufrásia, a senhora conhece uma erva que cresce no meio do mato e que... - especificou como era a planta, seu aspecto e textura.

— Conheço, sim. Nunca dei grande valor a ela.

— Pois a senhora pegue umas cinco folhas, lave-as bem, esmague num copo e tire o suco. Beba uma colher de chá desse líquido todos os dias antes das refeições. Seu organismo está se ressentindo da má alimentação. Evite comidas pesadas e gordurosas, frituras e bebidas alcoólicas. Com a ajuda de Deus, vai ficar boa. Que Jesus a abençoe!

— Muito agradecida. Tem razão. Gosto muito de comidas fortes e bem temperadas. Vou agora mesmo procurar a erva. Tenho pressa de fazer o remédio. Que sorte ter encontrado alguém que entende de plantas!

Os demais estavam perplexos. Depois que a mulher saiu, trocaram um olhar interrogativo. Só Marieta sorria, serena e confiante.

Dora voltou a seu lugar, como se nada tivesse acontecido. Lúcio, estranhando o comportamento dela, não pôde deixar de comentar:

— Nunca soube que você entendesse de plantas, Dora!

— E não entendo mesmo.

— Mas... mas... então, por que fez o que fez, e por que disse aquilo para a senhora?

— Não sei. Porque me veio à cabeça, ora. Tive o impulso de fazer e fiz. Não consegui evitar! Parecia que eu era outra pessoa.

Naquele instante, todos perceberam que algo de muito sublime tinha acontecido. Marieta abraçou a amiga com carinho maternal:

— Viu? Mesmo sem saber o que é, já começou a trabalhar com sua mediunidade.

Somente então Dora se deu conta de seu comportamento inusitado.

— É mesmol!... Ai, meu Deus! E agora, o que é que eu faço? Não posso andar por aí falando coisas para as pessoas.

— Calma, Dora! Não se preocupe. Você vai aprender a lidar com isso. É uma bênção que Deus colocou em sua vida para que possa socorrer os necessitados.

— Você me ajuda, Marieta? Quero ir ao centro espírita com você e entender o que está acontecendo - suplicou, ainda assustada.

— Claro. Iremos juntas. Ou melhor, iremos todos juntos -disse, frisando bem as palavras.

— Começo a perceber que algo de muito importante está acontecendo e quero ajudar em tudo o que for preciso - propôs Lúcio, que trazia intuitivamente a lembrança do compromisso assumido.

Também nós experimentávamos intensa emoção, com aquela prova

prática do trabalho que competiria à nossa amiga Dora no exercício da mediunidade com Jesus.

Lembrei-me, naquele momento, de que ela contraíra débitos no passado, prejudicando pessoas pelo mau uso de seus conhecimentos das plantas. A Sabedoria Divina lhe propiciava agora a oportunidade de reparar seus erros através do bom uso desse mesmo conhecimento.

Certamente, ela encontraria grandes obstáculos, muitas dificuldades, em virtude do seu comprometimento passado, mas sem dúvida contaria sempre com o apoio da Espiritualidade Maior, que iria orientá-la e assisti-la em sua tarefa, desde que trabalhasse com dedicação e desinteresse, preocupada apenas em realmente amenizar as dores alheias.

Estavam traçados os esboços. Dependeria dela agora a boa vontade, a disposição e a perseverança para vencer.

* * *

No final da tarde, os visitantes foram acompanhados pelos amigos e anfitriões até a estrada, onde deveriam tomar o ônibus para a cidade.

Com o pequeno nos braços, Marieta caminhava ao lado de Dora, que se manteve o dia todo em estado de graça. Sentia-se bem-disposta, alegre e bem-humorada, como era antes.

— Sabe, Marieta, foi Deus quem nos encaminhou para o sítio neste final de semana. Estava tão desesperada, tão estranha, tão irritada com tudo e com todos... Se eu mesma não me suportava, como os outros o fariam? Encontrava dificuldades no serviço e confesso até que tinha medo de ser dispensada! Em casa, então, nem se diga. Quando penso em tudo o que fiz para o Fábio, meu filho tão querido, sinto-me um monstro.

Marieta ponderava com tranqüila firmeza:

— Dora, não se deixe mergulhar em pensamentos negativos, cultivando culpa e remorso. Essa análise é importante para que você aprenda como não deve fazer.

Contudo, é hora de reconstrução, minha amiga. Não pode ficar chorando sobre o leite derramado. O que passou, passou. Se sabe que estava errada, procure agir acertadamente a partir de agora. Modifique seu comportamento, tornando-se mais amável, serena, amorosa. Enfim, mais equilibrada. Para isso, deverá fazer preces com regularidade, inclusive para aquele nosso irmão que foi ajudado.

— Venha cá! Você acredita mesmo que tudo isso aconteceu?

— Certamente. Trata-se daquele homem que você sempre via em sonhos e que lhe causava medo, ao qual se referiu ontem à tarde. E que começou a perceber também durante o dia, não é?

— Ele mesmo.

— Pois então. Ele existe realmente e nos encontramos na noite passada, durante o sono, para acertos necessários. Não se preocupe. Tudo vai caminhar bem. Mas, como eu disse, uma parte do problema foi resolvido com o socorro a esse companheiro seu do passado. Agora, precisará você introduzir mudanças em seu íntimo, corrigir defeitos, procurar agir melhor. Entendeu?

— Entendi. Tenho certeza, Marieta, de que tudo vai melhorar. Experimento grande otimismo e acho que nossa vida vai mudar de hoje em diante.

Despediram-se com grande carinho de lado a lado. Marieta entregou um exemplar de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, para os amigos.

— Estamos certos de que este livro poderá ajudá-los muito. Vão com Deus! - afirmou Marieta, num último abraço.

Quando o ônibus partiu numa nuvem de poeira, Dora, Lúcio e Fábio lançaram um último olhar para trás e viram os amigos acenando com os olhos úmidos de emoção, que também eles sentiam.

Regressavam para casa com ânimo completamente diferente.

Entre os membros da pequena família existia agora uma harmonia desconhecida e inusitada. Sentiam-se mais unidos e mais fortes.

Tomaram banho e fizeram uma refeição ligeira. Estavam cansados, mas antes de se recolherem para dormir, Lúcio sugeriu:

— Vamos fazer uma prece?

Dora e Fábio concordaram com prazer.

Abriram o Evangelho - livro com que Marieta os presenteara na despedida - e leram um trecho: Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará.

Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-a.

Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão?

- Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente?

- Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem? (Mateus, capítulo 7º, versículos 7 a 11.)

As palavras caíram em suas almas sedentas de conhecimento como bênçãos de luz. Uma grande paz passou a envolvê-los, acrescida de confiança nesse Deus, que é Pai de infinita misericórdia e amor, de que Jesus sempre falava. Jamais tinham tido a oportunidade de adentrar o conteúdo das lições evangélicas, e agora se maravilhavam com elas.

Em seguida, Lúcio fez uma prece singela:

Senhor Deus, nosso Pai!

Não sabemos como te agradecer a paz que nos invade a alma. Uma nova aurora raiará para nós. As palavras do Evangelho de Jesus nos mostram como devemos nos comportar perante as adversidades da vida. Compreendemos agora, finalmente, que de nós depende a felicidade que almejamos.

Somos, porém, fracos, Senhor! Precisamos do teu amparo e da tua proteção para poder resistir aos tropeços, nas tarefas de cada dia, com otimismo e determinação, coragem e fé.

Compreendemos agora tua divina misericórdia e teu infinito amor. Então, se não for pedir demais, Senhor, permite a teus mensageiros, nossos anjos da guarda, estarem conosco e nos ajudarem na execução de nosso desejo de progredir. Percebemos, maravilhados e agradecidos, que um novo trabalho está se delineando e nos dispomos a realizá-lo com boa vontade e amor, se esta for a tua vontade. Para isso, rogamos as tuas bênçãos para que possamos fazer o melhor. E se algo fizermos de errado, alerta-nos, Pai, para que não venhamos a errar novamente. Obrigado, Senhor!

A prece de Lúcio, imbuída de grande sinceridade e de real desejo de

melhoria interior, que acompanhavam reverentes, tocava-nos os corações.

Também nós, na Espiritualidade, nos sentíamos agradecidos pela oportunidade de servir, pela nossa tarefa, que estava no término, coroada de êxito, a qual permitiu se derramassem tantas bênçãos sobre todos os envolvidos.

Dizer da felicidade que nos dominava o íntimo é difícil, quiçá impossível, porque o sentimento dos Espíritos, que já não pertencem ao mundo dos encarnados e que habitam outras muitas moradas da casa do Pai no espaço cósmico, é muito mais intenso e verdadeiro, visto não terem mais as amarras do corpo físico nem suas limitações.

Todos estavam dormindo. Era hora de partir. Nada mais tínhamos a fazer ali no momento. Ficaríamos, no entanto, em contato com eles, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos e o progresso do grupo.

Despedimo-nos dos amigos ali presentes. Desprendidos do veículo corpóreo, os encarnados foram ao nosso encontro e nos abraçamos emocionados. Especialmente Fábio, que nos tocara o coração pela grandeza de alma.

Germano envolveu-nos com carinho, externando sua gratidão:

— Nem sei como lhes agradecer, Henrique. Podem contar comigo para o que precisarem. A partir de agora, considero-me um devotado servidor de todos.

— Não nos agradeça, Germano. Nada faríamos sem a permissão do Alto. Mantenha-nos informados. Antes de partir, porém, aproveitemos a oportunidade para elevar o pensamento ao Criador, gratos pelas infinitas dádivas que nos foram concedidas.

Henrique fechou os olhos e pareceu concentrar-se por alguns segundos. Depois, proferiu bela oração, externando os nossos sentimentos. Quando terminou, o ar saturava-se de pontos luminosos, como poeira brilhante e azulada.

Partimos. Aquela pequena casa de periferia agora apresentava outro ambiente espiritual. Do alto, lançando um último olhar para trás, a vimos envolta em branda luminosidade azulada, reflexo da oração e dos pensamentos positivos dos seus moradores.

Dentro em pouco, a cidade era apenas um ponto minúsculo perdido ao longe. Tínhamos pressa em chegar a Céu Azul. Estábamos fora havia muitos dias e a saudade do lar nos apertava o coração.

35

Avaliação

Foi com prazer e muitas novidades para contar, que nos reunimos com os amigos.

A saudade era imensa. É muito bom trabalhar, visitar lugares diferentes, conhecer pessoas e ter experiências novas. Todavia, é muito bom também voltar para casa.

Acomodados confortavelmente em nossa varanda, desfrutávamos da paz e do aconchego de nosso lar na Espiritualidade. Respirando o ar leve e perfumado do nosso jardim, trocávamos idéias, ficando a par dos últimos acontecimentos da cidade e, naturalmente, relatando a nossa experiência.

Andréia, uma garota de olhos claros, cabelos longos e ondulados, bonita e inteligente, que chegara não fazia muito tempo e que nos visitava naquela oportunidade, exclamou:

— Como gostaria de fazer parte da turma de vocês, César! Tudo parece tão interessante!

— Mas em todos os lugares existem coisas interessantes, Andréia. O nosso grupo é apenas um dos muitos que existem.

— Eu sei. Contudo, gostaria de trabalhar com vocês. É um grupo com o qual tenho muitas afinidades.

Eduardo, que, a par das nossas atividades comuns, desenvovia também um trabalho com adolescentes chegados há algum tempo e em fase de aprendizado, considerou:

— Poderá trabalhar conosco, não tem problema nenhum. Precisa apenas se preparar, estudando e aprendendo sempre. Apesar de sua permanência não muito longa aqui na Espiritualidade, já avançou bastante. Seu desejo de melhorar e progredir é visível.

— Eusébio, o orientador de nossa turma, disse que logo vamos começar com as aulas práticas - afirmou, eufórica.

— Está vendo? - encorajou Ana Cláudia. - Aqui você terá sempre oportunidades de crescimento, desde que queira.

Aquele desde que queira fez Andréia questionar, espantada:

— Por quê?... Tem gente que não quer crescer? Tem. Existem Espíritos que são preguiçosos, indiferentes e preferem apenas gozar a vida.

- Mesmo sabendo que são seres imortais, sujeitos à lei causa e efeito?... E como fica? Quero dizer, os orientadores aceitam isso?

Achei graça, lembrando que eu reagira da mesma forma, e respondi:

— Procuram alertá-los sobre a necessidade de elevação, enfatizando que o futuro depende de cada um. Mas não podem violentar o livre-arbítrio de ninguém.

— Não acredito!

Um pouco afastado, acompanhando a conversa, Gustavo interferiu:

— Pois acredite, Andréia. Eu sou um desses casos. Levei muito tempo para aceitar a realidade e me condicionar à vida do lado de cá. Fui dependente de drogas e cheguei aqui sem o mínimo conhecimento da Espiritualidade.

— Tentou até subornar o César Augusto! - lembrou o Padilha, com ar falsamente sério.

Todos caíram na risada. Até o próprio Gustavo.

— É verdade! Fiz isso, sim. Pudera! Tudo era tão igual à Terra, em que

julguei ainda estar encarnado.

— E tentou agir como sempre fazia, não é? Usando o dinheiro para conseguir o que desejava - considerou Marcelo.

— Isso mesmo. Quando na Terra, o dinheiro sempre me permitiu esse tipo de coisa. Porque existem pessoas que aceitam ser subornadas. Além disso, foi assim minha infância e minha adolescência. Vendo meu pai comprar as pessoas para atingir seus objetivos, não apenas nos negócios ou com os amigos, mas também em casa. Foi assim com minha mãe, com meu irmão e comigo - rematou com tristeza.

Fez uma pausa, perpassou o olhar em torno e completou:

— Não que isso me exima de responsabilidade, que é individual, claro. Hoje sei que não precisava aceitar o suborno dele. Aceitava porque me era conveniente, o que me tornava cúmplice do seu erro.

— Isso mesmo. E assim se estabelece um círculo vicioso difícil de acabar. Boa porcentagem dos relacionamentos existentes no planeta funciona nessa base, estabelecendo ligações negativas difíceis de extirpar - afirmou Márcio Alberto.

— E cujas consequências, em forma de ódio, de desamor, de revolta, de inconformação e de ressentimento, alcançam as criaturas onde estiverem, não importa o tempo decorrido. E ficamos adstritos às colheitas malsãs que buscamos - acentuou Dínio.

Os demais concordaram, permanecendo calados e pensativos. Cada qual meditando em seu próprio problema ou nas experiências de que tinham conhecimento.

Adriana, que se mantinha circunspecta e ainda emocionada, sob a influência de tudo o que acontecera nos últimos dias, saiu do seu mutismo:

— César, se me fosse permitido, gostaria de estar mais perto das famílias de Fábio e de Janaína, para ajudá-las no que for possível. Acompanhar-lhes o desenvolvimento e reparar, de alguma forma, os danos que lhes causei.

— Sem dúvida, esse seu desejo é muito nobre, Adriana. Fale com Henrique. Tenho certeza de que ele aprovará sua atitude.

— Vou falar. Hoje mesmo teremos uma reunião para avaliar os resultados da nossa última excursão socorrista. Será ótima ocasião para tocar no assunto.

Betão entrou em casa e voltou alguns minutos depois, trazendo seu violão. Os demais aplaudiram, entendendo que era preciso mudar o ambiente. Os assuntos enfocados tinham levado a maioria a pensar na própria situação, e uma certa melancolia estabelecer-se no íntimo de cada um.

— Isso mesmo, Betão! Vamos cantar!

Alguém sugeriu a música do Eduardo: Janelas do Coração. Os primeiros acordes surgiram, enchendo o ar de paz e harmonia, e todos começaram a cantar:

A melodia toca e me seduz,
O pensamento voa para Jesus.
Abro as janelas do coração
E Deus me fala na solidão.

Qual ave ferida, de asa quebrada,
Que anseia o céu e se arrasta na estrada,
Que deseja a paz e provoca a guerra,

Que sonha com o bem onde o mal ainda impera.

Romper as barreiras da incompreensão,
Quebrar as algemas que nos prendem ao chão,
Buscar o infinito, o espaço singrar,
E nas asas da prece voar...
Voar... voar...

Voar em busca da luz,
De uma nova manhã,
Vendo em cada criatura,
Realmente uma irmã.

Em busca da luz,
De uma nova manhã,
Onde cada criatura seja
Realmente uma irmã!

Quando as últimas notas soaram, o ambiente estava impregnado de vibrações dulcíssimas, e nos sentíamos emocionados. Surgiu outra sugestão. E mais outra. E outra mais.

O tempo passou de forma agradável, sem que nos dessemos conta. Chegou porém a hora em que a responsabilidade nos alertava para o cumprimento do dever. Plantão no hospital, cursos, atividades práticas.

Dispersamo-nos, enquanto Gladstone, Melina, Paulo e Irineuzinho, entre outros, retomavam de suas funções.

Era sempre assim. Um entra-e-sai constante.

Ao cair da noite, fomos para a sede do Centro de Estudos da Individualidade.

Cada equipe tinha uma sala separada. Dirigimo-nos para a nossa e ficamos aguardando os demais membros do grupo.

Conversávamos animadamente quando Henrique chegou, poucos minutos antes do horário marcado para o início das atividades. Acomodamo-nos.

O orientador fez uma prece, que acompanhamos reverentes. Em seguida, colocou em questão a missão socorrista realizada nos últimos dias.

— Vejamos. O que acharam do trabalho? Como sentiram o desenrolar de nossas atividades?

Alberto foi o primeiro a dar opinião:

— Achei muito bom. E, mais uma vez, aprendemos que não se pode julgar ninguém. Dora, por exemplo, não gozava de nossa simpatia no início, em virtude de seu comportamento. Com o tempo, percebemos que ela era apenas uma criatura necessitada de ajuda e de compreensão.

E, concluiu:

— Por sinal, já tínhamos visto isso acontecer em outros casos, quando nos arvoramos em pretensos julgadores, e nos demos mal. A realidade mostrou-se bem diferente daquilo que pensávamos.

— Exato! - concordou Viviane. - Quando se entra no problema, nota-se que ninguém é intrinsecamente mau. É apenas alguém equivocado em suas atitudes por ignorância das leis que regem a vida.

— Mesmo Azambuja, que à primeira vista aparecia como um perseguidor implacável e vingativo, no fundo, tirando a máscara, era uma vítima do passado, que, pela incapacidade de perdoar, ficou preso às próprias imperfeições e ao sofrimento - considerei.

Adriana, que até aquele momento não falara, ponderou:

— Vocês estão comentando o que sentiram como observadores neutros e imparciais, que analisam um problema do qual não fazem parte. No meu caso - que participei desse processo, que vivenciei os acontecimentos -, a carga de emoções é intensa. Sinto agora realmente o peso da responsabilidade. Jamais pensei que poderia ter um passado como esse que me foi mostrado. É o tipo da coisa que achamos que só acontece com os outros, nunca conosco.

— É verdade. Como entrar ladrão em casa, como sofrer um acidente... ou como morrer... - acrescentou Viviane.

— Isso mesmo! E confesso que o choque foi grande. Mas agora posso compreender muitas coisas. É como se em minha cabeça, de repente, tudo se tornasse claro. Por exemplo: quando encarnada, sempre senti um vazio dentro de mim, pois tinha certeza de que não encontraria ninguém a quem eu viesse a amar. Sentia saudade de alguém que não sabia quem era, que conhecera não sabia quando, nem onde. Alguém que não tinha rosto e que, ao mesmo tempo, estava sempre presente em minha vida... É uma sensação difícil de explicar. Hoje eu sei, sem sombra de dúvida, que sentia falta de Rodolfo, atualmente reencarnado como Fábio. E muitas coisas mais...

— Sua ligação com as drogas... - lembrei, procurando ajudá-la.

— Também, César. Agora sei que o problema é bem mais profundo do que parecia e que exigirá de mim esforço redobrado.

— Mas você tem tudo para vencer. A consciência da dificuldade nos impulsiona para a solução - aduziu Alberto, que já enfrentara o mesmo tipo de problema e do qual se sentia liberto.

— Tem razão, companheiro. Lutarei com todas as forças para vencer. Além disso, sei que não estou sozinha. Tenho vocês, este grupo que me fortalece, meus verdadeiros amigos, sem contar nossos superiores. E confio na Misericórdia Divina, que nunca nos desampara; em Jesus, que é o Amigo Maior, em Maria de Nazaré, a Mãe dos Necessitados.

Ela calou-se e também ficamos pensativos, mergulhados em nós mesmos.

Adriana aproveitou a pausa que se fizera mais longa e pediu:

— Henrique, se me fosse permitido, gostaria de poder ficar mais perto deles.

Ajudá-los, contribuir para o crescimento do grupo, acompanhar seu desenvolvimento. Sei que trabalho não vai faltar e sinto-me em débito com todos eles.

— Louvo sua postura, Adriana. Encaminharei seu pedido para a Administração. Vamos aguardar a decisão de nossos superiores.

— Isso me permitiria também trabalhar junto com Rinaldo, meu pai. Acha que minha solicitação tem chance de ser aprovada?

— Acho. Ela é bastante louvável e nobre. Como serão consideradas sua condição espiritual e a responsabilidade assumida no passado com o grupo, creio que não haverá problema. Afinal, nossa meta é aprender a amar uns aos outros. Vamos aguardar.

— Obrigada. Serei eternamente grata a você, meu amigo.

— Não me agradeça. Apenas cumpro um dever. Hoje mesmo encaminharei sua petição. Se conseguir o que almeja, tenha certeza de que o conseguiu por mérito próprio.

Voltamos a analisar pontos interessantes do caso. Cheio de admiração e respeito, Alberto comentou:

— Não apenas o pequeno Fábio, mas também Dona Marieta e sua família me encantaram. Essa mulher simples da roça, sem grande cultura, tem feito um trabalho excelente junto aos moradores das redondezas. O pouco que sabe distribui a mancheias, sem egoísmo. É como a linfa de água pura, que, sempre em renovação, não a deixa estagnar.

— Também fiquei muito impressionado, ainda mais quando sabemos que existe tanta gente intelectualizada, que possui tesouros em conhecimentos e que nada oferece a ninguém. O trabalho executado pelos amigos espirituais, responsáveis pela reunião, igualmente me sensibilizou. Os encarnados nem de longe imaginam o esforço despendido por esses companheiros invisíveis que os cercam com tanto carinho - considerei.

— Sem contar a ajuda aos necessitados da Espiritualidade, que é efetuada naqueles poucos minutos de elevação e prece! -lembrou Alberto.

— Sem dúvida. Uma vez mais, aprendemos que não importa o lugar. A grandeza do trabalho se mede pelos seus resultados. Seja num recanto humilde perdido no meio do mato, seja numa grande cidade, a Misericórdia Divina estende suas bênçãos, amparando e ajudando, sempre que existe boa vontade e real desejo de servir - afirmou Henrique.

— E quanto a Azambuja? - indaguei.

— Foi alojado, como sabem, em nosso hospital, onde receberá atendimento e assistência. Por enquanto não poderá receber as visitas de praxe. Depois, quando estiver melhor, poderão vê-lo e levar-lhe carinho e amizade. Sei como estão ansiosos para colaborar. Por ora, envolvemos Azambuja em nossas orações. Não é fácil mudar de vida e de atitudes.

Antes de encerrar a reunião, Henrique avisou:

— Na próxima semana, teremos uma excursão de aprendizado e adestramento, em que um outro grupo, chefiado por Matheus, seguirá conosco. Como vamos na mesma direção, aproveitaremos a companhia dos amigos por algum tempo.

Todos ficamos contentes. A presença de Matheus era sempre bem-vinda.

Concluindo, Henrique perguntou:

— Alguma dúvida?

Como ninguém se manifestasse, o instrutor encerrou a reunião com uma prece, exorando as bênçãos divinas para nossas atividades.

36

Tempo de despertar

Os companheiros começaram a chegar um a hora antes do horário combinado para a partida.

Eram sempre gratificantes essas excursões para a Terra, e nos sentíamos alegres e bem-humorados. A possibilidade de rever velhos amigos, de novos relacionamentos, de aprendizado e de experiências diferentes, era realmente estimulante.

Os alunos de Matheus foram chegando e se misturando ao nosso grupo.

Eram sete ao todo.

Abraçamos com carinho o velho amigo e orientador Matheus. Desde o tempo em que integramos sua equipe, conquistara ele definitivamente nosso respeito e amizade.

— Será um prazer excursionarmos juntos novamente, Matheus - comentei, externando o pensamento de Viviane, de Adriana e de Alberto, que o rodeavam, satisfeitos.

— É muito bom quando amigos verdadeiros se encontram. A troca de vibrações harmônicas produz energias poderosas que nos revigoram - respondeu ele com largo sorriso, olhando-nos com carinho.

— Qual a programação de vocês? - perguntou Alberto.

— Nossa finalidade primordial é a de visita aos lares terrenos. Muitos o fazem pela primeira vez e estão tensos e preocupados, conquanto felizes.

— É. Sabemos bem o que é isso. Também já passamos por essa situação - disse Adriana.

— O retorno ao lar terreno, após a grande viagem, é uma experiência profundamente recompensadora e inesquecível, que em cada caso se reveste de características especiais e únicas - comentou Viviane.

— E que opera grande crescimento íntimo - acrescentou Matheus, completando - Teremos, porém, bastante tempo para conversar. Agora, peço-lhes licença por breves minutos. Tenho ainda alguns pontos a acertar com Henrique.

Assim dizendo, saiu ao encontro de nosso orientador, e continuamos conversando despreocupados, tecendo comentários exatamente sobre nossas primeiras visitas ao lar terreno. Nesse instante, vi alguém no meio do agrupamento, o que me deixou incomodado. Era Hassan.

Não pude acreditar. Imediatamente procurei Henrique, interrompendo o diálogo entre ele e Matheus.

— Henrique, o que faz Hassan aqui? - indaguei de forma intempestiva, procurando não demonstrar o descontentamento que me ia por dentro.

Fixando-me sereno, respondeu-me o interpelado com extrema delicadeza, sem gesto algum que denotasse recriminação a meu comportamento impertinente:

— Hassan faz parte da equipe de Matheus e seguirá conosco para a crosta, César.

— Ah!...

— Algum problema, César? - indagou Matheus, solícito.

— Não! não! Tudo bem. Desculpem-me a interrupção. Estranhei a presença dele. Nada mais.

Afastei-me. Contudo, o dia, que tinha começado auspicioso, já não me

parecia tão promissor. Apesar de nosso relacionamento ter melhorado, vê-lo ainda me incomodava. Tomei uma decisão: a de manter-me calado e de ignorar sua presença.

Como sempre fazíamos, antes da partida oramos em conjunto. Henrique solicitou a Matheus que fizesse a prece por todos.

Elevando a nobre fronte para o Alto, ele rogou as bênçãos divinas para a atividade que iríamos iniciar, de modo que o trabalho fosse produtivo, repleto de experiências benéficas, e resultasse no máximo de aproveitamento para todos.

Da Espiritualidade Maior, miríades de pontos luminosos, como poeira cósmica radiante, verteram sobre nós suavemente, representando a resposta do Alto às nossas súplicas e o beneplácito dos emissários divinos para nossas atividades.

Grande bem-estar me inundou o íntimo. Reajustado emocionalmente, esqueci Hassan e tudo o que não dissesse respeito ao nosso labor. Afinal, faríamos apenas parte do trajeto juntos. Logo a equipe de Matheus seguiria outro rumo e tudo voltaria ao normal.

Tomamos a condução que nos levaria à crosta planetária. Algumas horas depois, percebemos que o veículo perdia altura, acabando por pousar suavemente. Chegáramos ao nosso destino.

A porta se abriu e descemos. Estávamos defronte de uma instituição espírita de grande porte e bem ajardinada. Passarinhos cantavam nos galhos do arvoredo e uma brisa caridosa soprava. Ali ficaríamos hospedados o tempo necessário para a execução de nossas tarefas.

Os dirigentes da instituição, que já nos aguardavam, vieram dar-nos as boas-vindas, cumprimentando-nos de modo efusivo. Depois de instalados convenientemente, saímos para um giro de reconhecimento.

Como muitos dos caravaneiros ali estivessem pela primeira vez e não conhecessem a casa, o responsável espiritual pela instituição levou-nos para uma visita às instalações. Tratava-se de uma creche com atendimento para cento e cinqüenta crianças, na faixa etária de zero a quatorze anos.

Transitamos pelas salas de aula e corredores, quartos e pátios, cozinhas e banheiros, refeitórios e salas de recreação. Tudo muito limpo, bem cuidado e de bom gosto. No pátio interno, também primorosamente ajardinado, as crianças se entretevam no playground, ou corriam pelo gramado, brincando de roda ou jogando bola.

O ambiente era alegre, descontraído e saudável. Inúmeras crianças desencarnadas brincavam também, misturando-se às da Terra.

Mais tarde, Henrique reuniu nossa equipe numa das salas. Assim que chegamos, explicou:

— Matheus tem um atendimento programado, para o qual solicita o concurso do nosso grupo, pela experiência já adquirida.

O assistente Matheus, ali presente, ratificou as palavras de Henrique:

— É verdade, meus amigos. Se aceitarem participar de nossa atividade, além de nos favorecerem com suas presenças, nos darão grande prazer.

— O que muito os enriquecerá também em aprendizado e experiência - acrescentou Henrique.

Naturalmente, Alberto, Viviane, Adriana e eu concordamos. Não havia como recusar. Estávamos ali com o objetivo de trabalhar e, diante da feliz oportunidade que se nos oferecia de sermos úteis, a aceitamos com prazer.

O relógio na parede do saguão, à entrada principal do prédio, marcava dezessete horas quando nos reunimos para sair. Os demais permaneceriam confraternizando e, sobretudo, participando das atividades, ajudando os atendentes nos cuidados com as crianças.

Uma outra surpresa, porém, me aguardava. Hassan seguiria conosco.

Procurei manter-me tranqüilo. Afinal, não poderia me desequilibrar cada vez que tivesse de me deparar com ele, cara a cara. Meu tempo de aprendizado na Espiritualidade era considerável. Precisava demonstrar a mim mesmo que tivera algum aproveitamento durante esse período. Não podia me deixar entregue ao sabor das emoções. Era ridículo!

Notei que Henrique, de quando em vez, me observava discretamente. Matheus aproximou-se e tentou entabular conversação. Tão preocupado estava comigo mesmo, com minhas próprias reações, que nem me dei conta do rumo que tomáramos. Ouvia o que Matheus dizia, respondia maquinalmente a suas perguntas, alheio a tudo. Quando percebi, estávamos nos aproximando de uma cidade de porte médio que eu conhecia muito bem. Estranhei a coincidência, mas como Henrique não nos informara sobre o trajeto, não fiz comentário algum.

À medida que achegávamos, percebi que não me enganara. Estávamos perto da casa de Sheila, da minha querida Sheila. O coração começou a bater descompassado. A emoção ameaçava dominar-me o íntimo.

Daí por diante, parei de pensar. Só desejava chegar logo para vê-la. Em virtude das intensas atividades desenvolvidas ultimamente, fazia algum tempo que não a visitava, e as saudades eram imensas. Como estaria ela? Crescera muito durante aquele período? Sentira minha falta?

Um misto de ansiedade e alegria me tomou de assalto. Adientei-me aos outros, sem perceber, deixando-os para trás. Impaciente, passei pelo portão e abri a porta da casa.

Uma simpática senhora veio me receber. Era a avó de Sheila, desencarnada há muitos anos.

Na verdade, Sheila não tem mais esse nome, naturalmente. Continuarei, porém, a chamá-la assim, para facilitar o entendimento, como já expliquei antes.

Perguntei por ela. Com um sorriso, a senhora Eunice mostrou a porta que eu tão bem conhecia:

— Chegou cansada da escola e está dormindo.

Entrei no quarto. O ambiente, decorado com gosto e delicadeza, tinha aparência alegre e agradável. Em tons de rosa, estava repleto de brinquedos, bonecas e bichos de pelúcia.

Inclinei-me no leito. Agora, ela não usava mais o berço, que fora substituído por uma linda cama.

Abraçada a um urso de pelúcia, ela dormia serena, um sorriso a brincar-lhe nas faces rosadas, enquanto os longos cabelos claros e encaracolados se espalhavam no travesseiro. Atraída pela minha presença, ela abriu os olhos, acordando em Espírito. Ao me ver, arregalou os lindos olhos, sorriu e estendeu os bracinhos para mim, levantando-se satisfeita.

— César!...

Abracei-a com grande carinho. A sensação de felicidade que me envolveu era indescritível.

— Veio me visitar! Que bom! Estava com saudade!... Preparava-me para

responder, refreando a emoção, quando notei que ela se retesou nos meus braços. Seus olhos ficaram fixos e estatelados. E, demonstrando enorme pavor, começou a gritar.

Virei-me para saber a razão de tamanho susto e me deparei com Hassan, postado alguns passos atrás.

Só então me dei conta de que os demais tinham chegado e acompanhavam a cena que se desenrolava diante de seus olhos. Hassan, que suavizara a expressão fisionômica, sempre um tanto carregada, olhava a menina com interesse e afeto.

— Este homem é mau! Não quero vê-lo! Socorro! Socorro! - continuava ela a gritar.

Matheus aproximou-se, tomando a pequena nos braços.

— Acalme-se, minha querida. Ninguém lhe quer fazer mal.

— Tenho medo dele! Ele vai me bater! - insistia ela.

— Não vai, não. Veja: ele gosta de você. É seu amigo. Fique tranqüila.

Enquanto Matheus dialogava em voz baixa com Sheila, olhei para Hassan mais detidamente. O que estava acontecendo? Eu não gostava dele, isso era evidente, mas... Sheila?... Que razões teria ela para não querer a presença dele?

Perdi-me em divagações, lembrando o tempo em que Sheila, desencarnada, fazia parte da nossa equipe. Hassan só veio para Céu Azul algum tempo depois. Ela não o conhecia. Não se encontrara com ele na Espiritualidade. Tinha certeza disso. Então, por quê?...

Hassan olhava-me também, demonstrando ansiedade e certo temor. Notei que ele desejava falar alguma coisa, mas não conseguia.

Nisso, Henrique aproximou-se de mim, colocou o braço em meu ombro, fazendo leve pressão, e sugeriu:

— César Augusto, é tempo de despertar! Olhe com atenção. Concentre-se além da aparência atual.

Obedeci, compreendendo que algo de muito importante estava para acontecer. Algo que tanto esperara e que agora me dava medo. Instintivamente, quis recuar.

— Não, não fuja! - ordenou-me ele. - Enfrente a realidade! Então, não resisti mais. Respirei fundo. Olhei para ele... Além daquele rosto que eu conhecia e do qual não gostava, comecei a perceber uma expressão diferente no olhar. Na verdade, era a primeira vez que o olhava realmente de frente. Nunca prestara grande atenção nele.

Agora notava algo de conhecido, de familiar, naqueles olhos súplices.

Então, diante de mim, Hassan se foi modificando lenta-mente até ficar com a aparência de um patrício romano. Vestia uma toga que lhe caía abaixo dos joelhos, presa na cintura por uma faixa bordada em ouro e escarlata.

— Múncio! - gritei, reconhecendo-o finalmente.

— Sim, Gúbio! Sou eu mesmo!

Notei que também me transformava, voltando ao passado. Sentia-me agora como um centurião romano. Envergava o uniforme vermelho e dourado, que tanto orgulho me dava, a ostentar as insígnias do império.

Tudo voltara a ser como antes. O tempo parecia não ter transcorrido. As imagens passavam-me pela mente de forma rápida e contínua. Lembrei-me da noite, em casa de Aurélia Regina, quando eu e Múncio fizemos a aposta de tão graves consequências.

Revi a fatídica corrida no Circo Máximo, quando ele foi esmagado pelas rodas da quadriga que eu dirigia em grande velocidade.

— Em virtude desse episódio, Gúbio, ódio mortal por você fez-me persegui-lo através do tempo e também à mulher a quem eu amava e que sempre preferiu o seu amor.

O remorso voltou-me com força ao íntimo e justifiquei:

— Sim, Múncio, sou culpado desse crime. Todavia, sei hoje que esse ressentimento contra você originou-se de um certo ataque de bárbaros a uma pacífica aldeia, onde dezenas de criaturas inocentes perderam a vida.

— Estou ciente disso, Gúbio. Àquela época, porém, eu era desprovido de senso moral e de sentimento de justiça, o que não justifica nem desculpa o meu erro. Depois desses fatos, não nos concedemos mais tréguas. Aquele que se encontrava em situação de relevo espezinhava o outro sem piedade; em outra etapa, as posições se invertiam, mas o ódio continuava o mesmo. Até culminar nessa sua última encarnação, quando o persegui tenazmente, tudo fazendo para destruí-lo.

Pela mente passaram-me as cenas da época em que estava preso ao leito. As dores superlativas que me atingiam o corpo enfermo, o sofrimento por não conseguir vencer a doença, a revolta por ver-me, jovem e cheio de vida, lançado a uma cama. Revi cenas em que percebia espíritos vingativos e rancorosos à minha volta. Agora, um deles me chamou a atenção. Era Hassan. Como não o reconheci antes?... Múncio concordou:

— Sim, era eu mesmo. Eu que, tresloucado de ódio e rancor, tudo fiz para prejudicá-lo. Contudo, certa noite, fui socorrido pela Misericórdia Divina e, então, reconheci o mal que havia causado e desejei reparar meus erros. Naquela oportunidade, de tão grandes bênçãos, revi familiares queridos que há muito perdera de vista, o que foi benéfico não apenas para mim, mas também para você. Arrependido, procurei uma vida diferente, buscando encontrar no Evangelho de Jesus as respostas de que eu precisava para vencer a mim mesmo e progredir.

Mais sereno, via-o agora sob uma ótica diferente.

— Mas por que nunca se identificou? Nos encontramos tantas vezes! Aquela noite mesmo, no jardim...

— Ainda não era o momento. Você não me teria perdoado.

Compreendi, afinal, a razão da repulsa que sempre sentira por Hassan. Culpava-me por não conseguir dominar meus impulsos, sem saber que esse sentimento tinha raízes muito antigas.

— A verdade, César Augusto, é que vim para Céu Azul somente quando os nossos superiores julgaram que era tempo de se esclarecer o nosso passado.

Eu estava abalado nas fibras mais profundas. Esse revolver de emoções trouxe-me à lembrança aquela a quem eu tanto amara e que fora sempre o pomo de discórdia entre nós. Eu a via agora como a imagem da jovem loura da aldeia, como Aurélia Regina, e também a reconheci como tantas outras mulheres que passaram pela minha vida através do tempo.

— Onde estará ela? - pensei em voz alta.

Hassan lançou-me um olhar velado por lágrimas que não chegaram a cair.

— Ainda não percebeu?

À medida que falava, ele lançava um olhar para a criança, que, sob os

cuidados de Matheus, dormia um benéfico sono.

O véu que me toldava a visão descerrou-se de súbito. Era ela! Como não tinha notado antes? Estivera todo o tempo a meu lado, e eu, cego, não percebera!

Rojei-me de joelhos ao lado da cama e pus-me a chorar convulsivamente.

Pegando-me pelos ombros, Henrique fez com que me levantasse e alertou-me:

— César, contenha suas emoções! Precisamos preservar o ambiente da nossa pequena Sheila. Não seria conveniente agora despertar nela o conhecimento do passado. Haverá tempo para isso mais tarde, quando suas condições reencarnatórias estiverem sedimentadas. Por enquanto, deixemo-la dormir tranqüilamente.

As palavras do amigo espiritual trouxeram-me à realidade. Ergui-me, respirando fundo e procurando refazer-me emocionalmente.

Olhei para Hassan, que aguardava calado.

Por fim, senti-me liberto das nuvens escuras de ressentimento e de ódio que por tanto tempo me mantiveram preso ao passado. A mente estava lúcida, clara e livre de pensamentos hostis. Estendi a mão para Hassan.

— Amigos?

— Perdoe, César, todo o mal que lhe fiz.

— Como você mesmo disse, nos fizemos muito mal, Hassan. É hora de esquecer o passado e de reconstruir para o futuro. Também preciso de seu perdão.

— É justo. O perdão tem que ser mútuo. E que Deus nos ajude para que possamos refazer nossos passos, reparando os erros cometidos.

Olhei Sheila, que dormia, incapaz de perceber a importância do momento, e considerei:

— Hassan, juntemos os nossos esforços em benefício daqueles que precisam do nosso concurso. Sejamos para Sheila amigos desvelados e benfeiteiros anônimos.

Matheus sorriu e informou:

Espero que não apenas para Sheila...

— ... mas também para alguém que renascerá em breve...

— Quem?

— Você verá!...

37

Novas lembranças

Surpreso, ao perceber que ainda teríamos novidades, troquei um olhar com Hassan, tão admirado quanto eu, pois certamente julgava-se muito bem informado.

— Venham comigo! - disse Matheus. Atendendo ao convite, atravessamos o corredor e nos encaminhamos para o outro lado da casa. Entramos na sala de jantar, onde os demais membros da pequena família faziam a refeição.

Sentados em torno da mesa, vimos os pais de Sheila. Ambos jovens e simpáticos, no início da vida conjugal. O pai, alto, magro, cabelos escuros e lisos, fisionomia agradável e sorriso fácil. A mãe, estatura mediana, a tez clara e transparente dos descendentes de italianos; olhos azuis, de uma tonalidade mais intensa, mansos e risonhos; os cabelos, castanhos, ondulados e longos, emolduravam-lhe o rosto de menina. Era meiga, delicada e gentil. Sheila parecia-se com a mãe.

Conversavam sobre os acontecimentos do dia. Danilo relatava, com bom humor e tranqüilidade, os problemas que enfrentara na empresa onde trabalhava. Alice contava episódios engraçados acontecidos com a filhinha na escola, e eles, orgulhosos, riam, divertindo-se com as graças da pequena.

Respirava-se um ambiente sereno e de emanações agradáveis.

Além de nossa velha conhecida, irmã Eunice, avó de Sheila, estava ali também uma entidade desencarnada. Era um homem que tinha dificuldade para se expressar. Henrique fez as apresentações:

— Este é nosso irmão Leocádio, que está se preparando para retornar ao planeta em novo corpo.

Nós o cumprimentamos efusivamente.

— Então, vai reencarnar breve? - perguntei, curioso.

Demonstrando certo embaraço para concatenar as idéias, ele respondeu com leve gesto de cabeça. Ao olhá-lo com mais vagar, meu coração agitou-se e senti como se o conhecesse. De onde?

Matheus veio em meu socorro, explicando:

— Depende do que se possa entender por breve, César. Leocádio está agora harmonizando-se com a família, especialmente com a futura mãezinha, para que a execução do projeto reencarnatório se torne mais fácil, sem rejeições.

— Rejeições? - indagou Alberto.

- Exato. Nossa amigo renascerá, apresentando deficiências na região cerebral.

Conquanto tenha sido combinado – ainda no plano espiritual, quando se projetava a reencarnação de Alice - que nossa irmã receberia Leocádio como filho, sempre se teme uma desistência de última hora. Muitas vezes, através da intuição, a futura mãezinha fica sabendo que o filho nascerá com dificuldades e, não raro, recusa-se a ser mãe.

— Por que razão ele renascerá com problemas? - inquiriu Adriana.

— Leocádio comprometeu-se gravemente com a lei divina no início do século 19. Cometeu suicídio, estourando os miolos com um tiro, o que lhe acarretou muito tempo de sofrimentos acerbos. Teve outras reencarnações dolorosas, mas, sempre rebelde e agressivo, não soube aproveitá-las. Agora,

consciente do que lhe cumpre fazer, mais permeável às sugestões do Bem, candidatou-se a novo mergulho na carne, para expungir do como espiritual danificado os resquícios do ato delituoso. Somente então ficará livre das distonias que ele mesmo criou para si, quando destruiu a roupagem carnal que o Senhor lhe concedera como bendito veículo de progresso.

Enquanto Matheus falava, olhei para aquele homem ainda jovem, deitado no sofá, e tentei descobrir de onde o conhecia. Onde já teria visto aqueles olhos, aquele perfil, aquela expressão do rosto? Nesse momento, a emoção aflorou em mim novamente, em catadupas irrefreáveis, e as lágrimas brotaram sem que pudesse contê-las.

Lembrei-me, então, da época em que Sheila estava conosco na Espiritualidade e do desespero que senti ao saber de sua provável reencarnação. Recordei o momento em que falei com Eduardo, abrindo-lhe meu coração, quando ele sugeriu fôssemos ao Setor de Programação de Renascimentos, onde Antero, generoso amigo espiritual, mostrou-me o prontuário de Sheila. Nessa ocasião, tive acesso a episódios de sua vida pregressa que também me afetavam. Na tela da memória, as cenas deslizavam à minha frente.

Uma jovem muito bela, em quem reconheci a atual Sheila, movimentava-se rindo e divertindo-se numa festa. O salão, luxuoso, estava repleto; pessoas muito bem vestidas, perfumadas, com muitas jóias, transitavam pelo recinto ou dançavam ao som de uma orquestra.

Em determinado momento, essa jovem, a quem vou continuar chamando de Sheila, conversa com um rapaz. Profundamente perturbado, o moço cobrila demonstrações de amor e atenções a que se julga com direito. Ela, vaidosa e cheia de orgulho, olha-o com desprezo, humilhando-o sem piedade. Depois, para completar, vira-se para as demais pessoas e, em alta voz, chama a atenção de todos, tornando público, com palavras ácidas e irônicas, o pedido de núpcias que o jovem enamorado lhe havia feito pouco antes. Os convidados caem na gargalhada, divertindo-se com o sofrimento do infeliz rapaz que, em tão má hora, havia ousado propor-lhe casamento.

Cabisbaixo, o moço deixa o salão ao som das risadas e das chacotas impiedosas que Sheila havia provocado.

Sem grandes recursos, visto ser de família humilde, o jovem tentava sobreviver num ambiente requintado, porém depravado e fútil. Incapaz de conviver com o sentimento de perda, pois via ruírem as esperanças de ser feliz com aquela a quem amava profundamente; sem forças para suportar a humilhação e o descrédito ante a sociedade frívola da época, que, a partir desse momento, o renegaria, entrega-se ao desânimo e à revolta.

Chegando em casa, senta-se defronte à escrivaninha e redige um bilhete de despedida para a família. Depois, como que anestesiado, tira uma pistola da gaveta, verifica se está carregada, levanta o braço encostando a arma na cabeça e aperta o gatilho, estourando os miolos.'

Era ele! Como não o reconheceria? Àquela época, Leocádio tinha sido meu colega no regimento e, embora não fôssemos particularmente amigos, nos encontrávamos sempre em sociedade, e merecia meu respeito. Contudo, apaixonara-me também por Valéria (Esse era o nome de Sheila naquela existência.) e não hesitei em tirá-la dos braços do namorado. Jamais, porém, imaginei que Leocádio fosse capaz de atitude tão extrema. Seu gesto ficou martelando-me a mente durante muito tempo. Não consegui encontrar a

felicidade, que sempre me escapava.

Depois, lembrei-me igualmente de acontecimentos de uma outra época.

Vejo Sheila num convento, vestida com hábitos eclesiásticos, a caminhar por um corredor sombrio. Uma sineta soa insistente e ela vai atender. Abre a porta e se depara com uma criança cuja cabeça é toda defeituosa; os olhos, esbugalhados, parecem saltar das órbitas. Nota-se claramente tratar-se de um deficiente mental.

Atônito, reconheço naquele infeliz que bate às portas do convento o pobre suicida. Com grunhidos, o menino estende as mãos suplicando ajuda, mas a monja o expulsa sem piedade. De alguma forma sei, sem que alguém precise afirmar-me tal coisa, que a criança é filho espúrio daquela religiosa, abandonado à própria sorte pela mãe, para manter as aparências, fato não incomum naquele tempo. 2

Agora, ao rever essas cenas que presenciei, extraídas do prontuário de Sheila, a memória se me alarga e vou mais longe. Recordo-me que também eu era religioso nessa época e, como confessor das freiras daquele convento, muitas vezes abusei da autoridade e do poder de sedução que exercia sobre aquelas pobres mulheres, mantendo relacionamento mais íntimo com muitas delas. Sheila, por quem eu sentia singular atração, acabou tendo um filho, esse filho que não hesitei em entregar a uma família de camponeses da aldeia mais próxima, para que o criasse por um punhado de moedas de ouro.

Meu Deus! Leocádio então tinha sido meu filho?

Quantos compromissos eu adquirira através do tempo! Quantas lágrimas eu fizera brotar no coração das pessoas! Quanto sofrimento poderia ter sido evitado, se minha conduta tivesse sido outra!...

Entregue a profundo desespero, olhei em torno procurando amparo naquela hora tão grave da minha vida. Nisso, ouvi soluços ao meu lado. Era Hassan, que, segurando a cabeça com as mãos, desatara em pranto convulsivo.

Parei de chorar ao ver seu sofrimento. Ficamos em suspenso, aguardando que ele falasse. Henrique aproximou-se dele, encorajando-o:

- Lembre-se de tudo o que aconteceu. É chegada a hora. Abra seu coração, meu amigo!

Ele ergueu a fronte e, mal conseguindo articular as palavras, desabafou:

— Sou culpado! Sou culpado desse horrendo crime!

— Continue! Não pare! - incentivou-o o orientador.

Procurando conter os soluços, Hassan continuou:

— Sou culpado pelo suicídio desse rapaz. Naquela época, eu era um rico banqueiro judeu. Leocádio procurou-me. Precisava de dinheiro. Fizera muitas dívidas, grande parte das quais no jogo, e estava sendo pressionado por seus credores. Eu não ignorava que ele era apaixonado pela jovem Valéria e que contava resolver seus problemas financeiros casando-se com ela. Contudo, também eu havia planejado desposá-la. Assim, não emprestei a importância que me pedira, por saber que ele não suportaria a situação. Seria fatal. Era a bancarrota. E foi o que aconteceu.

Ele parou de falar por segundos e olhou para nós, justificando-se:

— Eu não esperava, porém, aquela atitude extrema. Entendem? Queria apenas desacreditá-lo como pretendente à mão da bela e rica herdeira. No entanto, ele pôs fim à própria vida. Muitas vezes eu o via a meu lado, com a cabeça arrebentada e sangrando muito. Suplicava piedade, gritava por socorro,

e eu ficava apavorado. Nunca mais tive paz...

Hassan fez nova pausa e aproveitei para perguntar:

— Conseguiu casar-se com Valéria?

Com sorriso triste e melancólico, ele meneou a cabeça:

— Não... ela não tinha nenhum interesse por mim. Eu era bem mais velho e sem atrativos, e minha única vantagem era a fortuna. Não, Valéria jamais aceitou minha corte. Foi apenas um sonho, nada mais...

Parou de falar, olhou em torno e concluiu:

— Como podem ver, sou culpado pelas desventuras desse homem.

Matheus aproximou-se, falando-lhe com carinho:

— Sem dúvida, você tem sua cota de responsabilidade nesse episódio tão triste.

Não tem, porém, toda a culpa. É hora de reconstruir e o importante é o conhecimento da realidade dos fatos, para melhor avaliarmos nossa parcela de comprometimento perante a lei. Na verdade, vários fatores contribuíram para que Leocádio tomasse a drástica decisão de destruir a própria vida. A rejeição da noiva; o surgimento de um novo pretendente, no caso, Basílio (o nosso César Augusto); a falta de recursos, agravada com o indeferimento do pedido de vultoso empréstimo; a presença de antigos desafetos do passado que, revoltados, procuravam vingança pelo mal que Leocádio lhes tinha feito. Além de todos esses fatores, existe ainda a responsabilidade pessoal do nosso irmão, que não se pode deixar de analisar. Se outra tivesse sido sua conduta, se não houvesse se entregado ao vício do jogo, não teria feito tantas dívidas. Se tivesse aceitado a rejeição da noiva com outra disposição, como fazem tantos pretendentes desprezados, poderia ter tido uma existência melhor, encontrando outra mulher que o fizesse feliz - como estava programado -, porque Valéria não o amava e, se tivessem se consorciado, fatalmente o teria desgraçado.

Enfim, se tivesse enfrentado com coragem os infortúnios; se houvesse adotado comportamento mais firme e combativo; se fosse menos orgulhoso; se tivesse cultivado o hábito da oração, outro teria sido o desfecho da sua história e, certamente, não teria sofrido por tanto tempo.

Controlando a emoção com dificuldade, prosseguiu Matheus:

— Com certeza estão pensando que estou muito bem informado. A verdade é que nossos laços são bem mais profundos. Em épocas recuadas, convivi com Hassan, César, Leocádio, Sheila, entre outros, com os quais me comprometi muito gravemente. Através do tempo, porém, senti a necessidade de trilhar outros caminhos e progredi, enquanto vocês continuaram inconseqüentes e rebeldes. Há muito, venho tentando diminuir a hostilidade entre Hassan e César. Mas, graças a Deus, a hora do entendimento chegou.

Conscientes do passado, dos erros cometidos, mas também do que nos cabe realizar, caminharemos juntos em busca de tempos melhores.

Fez uma pausa e, abrindo os braços, aconchegou Hassan e a mim junto ao coração.

A emoção que experimentávamos era indescritível. Abraçado a ele, lembrei-me da primeira vez que o vi. Acompanhado de Eduardo, entrei na sala dele. Eu estava tenso.

Sentado atrás de uma mesa, vi um senhor de meia-idade que nos recebeu, risonho.

Ao olhar aquele homem - cabelos grisalhos, expressão suave e serena,

olhos claros -, aflorou-me uma emoção profunda. Lembrava-me de tê-lo visto algumas vezes em meu quarto de doente, enquanto encarnado. Senti que o conhecia, sua presença me era familiar.

— Eu sabia.

— É verdade. Porém, eu não podia dizer-lhe nada. Tudo tem seu tempo certo, César - esclareceu Matheus.

Nesse momento, olhei para o sofá onde Leocádio estava deitado e, num impulso irreprimível, aproximei-me dele, a quem eu devia tanto.

Recordei a conversa que tivera com Matheus há alguns anos e das informações que ele me dera. Que Sheila seria a responsável por um irmão menor, após a desencarnação da mãe.

Era ele esse irmão.

Abracei-o com carinho, enquanto o coração parecia querer explodir de tanta emoção:

— Leocádio, perdoe-me. Sei que o prejudicamos muito, mas é chegada a hora da reparação. Aceite o meu afeto, afeto que nunca lhe dei, nem mesmo quando foi meu filho. Quero ajudá-lo em tudo o que puder, resarcindo uma parte dos meus débitos. A partir de hoje, conte comigo como um fiel companheiro e servidor devotado. E quando você retomar o corpo material, estaremos por perto, protegendo e amparando-o.

Hassan igualmente hipotecou-lhe amizade e ajuda incondicional.

Leocádio entendia perfeitamente o que lhe dizíamos, tentava falar, mas encontrava dificuldade. Mas as lágrimas que umedeceram seus olhos expressavam seus sentimentos, sem que as palavras fossem necessárias.

Estávamos todos felizes e agradecidos. Os companheiros da equipe nos abraçaram com carinho, cumprimentando-nos pela abençoada oportunidade que tivéramos naquela hora.

Uma coisa, porém, ficou martelando-me a mente.

— Matheus, sei que tenho muitos desafetos. Onde estão neste momento? Não podemos ajudá-los também?

Matheus sorriu, esclarecendo:

— Calma, César! Uma coisa de cada vez. Alguns estão aqui na Espiritualidade...

— Aqui?... E posso me encontrar com eles?

— Por hora, é impossível. Ainda não estão em condições de receber ajuda.

— Ah!... E os outros?

— Estão encarnados.

- Podemos visitá-los?

Com sorriso misterioso, Matheus concluiu:

— Quem sabe? Vamos aguardar! Talvez no futuro...

Percebi que Matheus não nos diria mais nada. Mas isso não era importante. O momento era de grande significação para nós. Particularmente, sentia como se um peso enorme me tivesse sido retirado dos ombros. Estava leve e bem-disposto.

Tudo caminhava bem. A Misericórdia Divina, estendida sobre todos, nos propiciava novas oportunidades de reajuste e progresso.

Só nos restava elevar os pensamentos ao Alto, agradecendo a Deus as infinitas dádivas que nos propiciara naquela noite, o que fizemos de coração aberto, envolvendo todos daquele lar em vibrações de paz, amor e confiança.

Terminada a prece, despedimo-nos de Eunice e de Leocádio, prometendo retornar em breve. Abraçamos nossa querida Sheila, impregnando-a de nosso carinho, e deixamos a casa onde vivêramos momentos tão gratificantes.

Aspirando o ar fresco da noite, olhei para o alto. As estrelas nos fitavam à distância, parecendo mandar-nos silenciosas mensagens.

Olhei para Hassan, que se postara a meu lado, e sorri. Teríamos ainda muito o que conversar.

— Amigos? - disse, estendendo-lhe a mão.

— Amigos!

1 - Remissão à narrativa constante do livro “Céu Azul” capítulo 31º, do mesmo autor.

2 - Idem.

38

Despedidas

Enquanto nos dirigíamos para o local da reunião, eu me perdia em divagações.

Quantas coisas tinham acontecido durante aquele período em que nos dedicáramos com carinho às atividades propostas!...

À distância divisei o Centro de Estudos da Individualidade, onde nos aguardavam.

Intensamente iluminado, o grande salão achava-se todo decorado com guirlandas de flores que, envolvendo as colunatas, recendiam delicado perfume.

Melodia suave inundava o ambiente, convidando-nos à elevação e proporcionando-nos intraduzível bem-estar.

No recinto já se encontravam centenas de pessoas. Ali se congregavam os companheiros do curso, os participantes das inúmeras equipes, os orientadores responsáveis pelos grupos, amigos e familiares desencarnados ligados a cada um de nós, além de muitos encarnados que também se faziam presentes, facilmente reconhecíveis pelo cordão fluídico que os ligava aos corpos. Eram pessoas com as quais convivêramos durante aquele período e que tinham sido convidadas em virtude de suas condições vibratórias e da ligação com os atendimentos desenvolvidos.

Não tivemos que esperar muito. Alguns minutos depois, deu entrada no salão um grupo de entidades de elevada hierarquia. No centro, destacava-se irmã Anita, ladeada por duas senhoras de grande distinção.

Dirigiram-se para a mesa central, na frente. O silêncio se fez no recinto.

A benfeitora, cuja presença tinha sempre o condão de nos sensibilizar, levantou-se e, espraiando o olhar pelo salão, exorou a proteção divina para quantos ali estavam. Em seguida, começou a falar sem qualquer afetação:

— Queridos irmãos em Cristo Jesus! Conceda-nos o Senhor a sua paz! Este momento se reveste de profunda significação para todos nós, especialmente para os que participaram das equipes de trabalho nos últimos meses, sob a orientação desta Casa.

Após uma pausa, prosseguiu:

— Saídos da mais absoluta ignorância e simplicidade, mas amparados pelo Amor Divino, através dos milênios acumulamos valores, transitando da animalidade para a racionalidade em busca da consciência interior. Nessa trajetória, as dificuldades têm sido imensas, os obstáculos de vulto e as dores acerbas. No tempo e no espaço, temos reunido experiências, muitas vezes desastrosas, não obstante se revestirem de valioso meio de progresso.

A despeito da crença, que insistimos em manter por tanto tempo, de que Deus é um senhor arbitrário e cruel, injusto e prepotente, só temos recebido amor e amparo em todas as épocas da vida, sustentados e protegidos pela Divina Providência. Pai amoroso, criou-nos para a felicidade e não para a desdita, dando-nos sempre as condições necessárias para o nosso aprendizado.

Todavia, enveredamos por caminhos ínviros, infringindo a lei divina, e nos candidatamos a séculos de tormentos. Sofremos e fizemos sofrer, inconscientes da nossa vocação para o progresso e do que nos compete realizar em benefício próprio e dos que nos rodeiam.

As inferioridades avultam na individualidade do ser pensante, provocando desequilíbrio e gerando desconforto. Contudo, chega a hora em que, conscientes da condição de Espíritos criados para a evolução, reconhecemos a mensagem de Jesus como o roteiro indispensável que precisamos trilhar, e, corrigindo o curso de nossas vidas, buscamos palmilhar outros caminhos.

Arrependemo-nos dos erros cometidos, desejamos reparar o mal e, então, como sublime dádiva de Deus, surgem as oportunidades de redenção.

Através do acervo de conquistas inalienáveis do conhecimento pelo estudo e pela prática, a vida nos coloca diante dos desafetos do passado, de forma que possamos, adotando conduta diferenciada, refazer os laços afetivos danificados e aparar as arestas da animosidade.

Dessa forma, pelo ciclo de aprendizado nas vivências da carne - as múltiplas personalidades - e no mundo espiritual, assimilamos as lições, introjetando-as na individualidade, isto é, no ser integral.

Todavia, em regressando à verdadeira vida, guarda ainda o Espírito os condicionamentos da última romagem terrena, cujos resquícios só irão desaparecer com o passar do tempo. Em virtude desse fato, os recém-desencarnados chegam ao além-túmulo trazendo vícios, necessidades, sentimentos, sensações, dores, dos quais aos poucos se libertam. A memória do ser encontra-se restrita à última encarnação, não tendo ele acesso a seu arquivo espiritual. Por exigência, no entanto, do processo evolutivo, chegará o momento em que precisará tomar conhecimento do pretérito.

E é exatamente isso o que este setor se propõe: prepará-los para enfrentar a realidade.

Anita interrompeu por momentos sua alocução, percorrendo com doce olhar a assistência que a ouvia embevecida. Aproveitei para olhar em torno e percebi que muitos não continham as lágrimas, sensibilizados. Ela sorriu, prosseguindo:

— Congratulo-me com as equipes pelo profícuo trabalho realizado. Todos portaram-se à altura do que se esperava, demonstrando os nobres valores já adquiridos.

Isso, porém, é apenas o início. Muitos outros combates terão que travar consigo mesmos. E é na análise criteriosa do próprio caráter que cada um conseguirá descobrir o que precisa ser feito.

Conhece-te a ti mesmo é uma advertência que tem atravessado os milênios da nossa pequenez, buscando-nos a memória profunda para que saibamos extrair dela o necessário ao nosso aprimoramento moral. Esse é um trabalho individual e solitário que nos cabe executar interiormente. O autoconhecimento é conquistado pela dedicação e boa vontade que dispensemos para descobrir a própria realidade.

Agora, queridos irmãos, no terreno arroteado das nossas almas, as sementes, aquecidas pelo sol do amor, deverão germinar com maior pujança, sob a chuva das bênçãos divinas.

Intimamente, cada um sente o que deve fazer. De nossa parte, estaremos abertos para orientá-los e ampará-los nessa decisão. Contem conosco!

Para finalizar, a benfeitora elevou a nobre fronte para o Alto, ergueu os braços níveos e vimos que, do seu tórax, das mãos e da cabeça saíam jatos de luz que buscavam o infinito.

— Senhor da Vida!

Corações sedentos de luz erguem-se ao teu encontro, buscando-te a

presença.

Confiantes na tua misericórdia e no teu amor, desejamos deixar para trás as mazelas que nos prendiam ao charco de nossas dores e imperfeições, para encetarmos o esforço da ascensão espiritual. Ainda nos reconhecemos pequeninos e insignificantes.

Entretanto, o desejo de progresso já nos inunda a alma. Em busca da paz e da felicidade que almejamos, ansiamos espalhar a alegria nos corações ulcerados pelas nossas atitudes infelizes. De ora em diante, Senhor, nosso objetivo será o de curar feridas, acalmar dores, levantar os caídos, sustentar os desalentados, consolar os tristes, dar esperança aos desesperados.

Assim, depositamos a teus pés nossa boa vontade, rogando-te a convertas em dinâmicas de força e coragem para impulsionar as ações nobilitantes e reparadoras que nos compete exercitar em tua seara.

Para isso, contamos contigo, Senhor, certos de que nunca nos deixarás sozinhos.

Envolve-nos em tuas bênçãos e multiplica nosso desejo de servir hoje e sempre.

Ao terminar a oração, percebemos, maravilhados, que do Alto caíam minúsculas bolhas de luz como orvalho iridescente, que, em contato com nossos corpos, desfaziam-se delicadamente.

Intensa emoção nos invadia o íntimo a par de inefáveis sensações de bem-estar, coragem e bom ânimo. Naquele momento, nos sentíamos com forças para vencer todas as dificuldades e obstáculos que pudessem surgir em nossa trajetória.

Após alguns minutos, em que o tempo parecia ter parado, Anita e suas acompanhantes vieram ao nosso encontro. A reunião ficou menos formal e aproveitamos para confraternizar.

Abraçamos velhos amigos, cumprimentamos antigos companheiros, trocando idéias e sugestões. Os grupos se formaram naturalmente. Irmã Anita e os orientadores responsáveis pelas equipes atendiam a todos os necessitados de orientação.

Alberto, Viviane, Adriana e eu conversávamos, recordando as experiências profundamente gratificantes que tivéramos, quando Viviane exclamou surpresa e alegre:

— Vejam! A nossa querida Marilda acompanhada de Vinícius e de Orlando!

Aproximamo-nos satisfeitos. Os três amigos demonstravam perfeita consciência do que estava acontecendo e se movimentavam com naturalidade.

— Que bom reencontrá-los! Como estão? E seus familiares, Marilda? - indagou Viviane.

Muito bem. Infelizmente, não puderam nos acompanhar. Cada qual tem suas limitações - considerou Marilda.

Concordamos.

— E o José Domingos? - perguntei.

— Tem melhorado bastante, César. Ele e o nosso Dr. Vinícius têm feito grandes progressos - respondeu a mocinha.

Vinícius sorriu, completando:

— Sem dúvida. Naturalmente, com a ajuda dos amigos espirituais. Sabemos que vocês estão sempre conosco.

— É verdade. Sempre que possível mantemos contato -concordou

Viviane. - De ora em diante, estarei mais próxima ainda. Solicitei autorização a nossos superiores para trabalhar junto com vocês, e eles consentiram. Assim, estarei prestando serviço na casa espírita que freqüentam e, ao mesmo tempo, no grupo de vocês, tanto no Evangelho no Lar como na reunião de estudos doutrinários.

Marilda, radiante, abraçou a amiga:

— Que ótimo! Obrigada, Jesus! Agora estaremos mais unidas do que já somos.

Com os olhos úmidos, Viviane emendou:

— Eu é que devo agradecer a Deus a oportunidade de servir. Peço sempre a Maria de Nazaré a bênção de poder ser útil e de reparar um pouco dos muitos males que fiz.

Era gratificante ver Marilda, Vinícius e Orlando ali, juntos; percebia-se a grande afinidade que se desenvolvera entre eles. Particularmente, notamos com satisfação que Orlando olhava para Marilda de uma forma muito especial, envolvendo-a em emanções de carinho, no que era correspondido por ela.

Entre nós, trocamos um olhar de entendimento e cumplicidade.

Enlaçando a jovem com o braço, Orlando confirmou:

— É isso mesmo, meus amigos. Marilda e eu temos descoberto muitas afinidades e estamos planejando nos casar.

— Verdade? Que excelente notícia! - disse Alberto.

— Como afirmou Orlando, nossa pretensão está apenas em fase de projeto. No mundo material, nem sempre estamos conscientes de acordos preestabelecidos, mas, conversando com Henrique, ele nos assegurou que assumimos esse compromisso antes de encarnar - afirmou Marilda com ar de felicidade.

— Bem que adivinhava que essa amizade iria acabar em casamento! - exclamei.

Todos se emocionaram. Aquela mocinha franzina que conhecêramos, como que florescera naqueles meses! Estava mais bonita, a pele mais viçosa, o ar radiante. Com certeza o amor ajudara a promover essas mudanças.

Nesse instante, fomos requisitados por alguém que se aproximava. Era Dona Gema. Junto dela, Glauco, o amigo desencarnado, que se fazia acompanhar de José e de sua esposa, Sandra, além de Lígia e de Júlio. Dentre os encarnados, José e Júlio pareciam mais conscientes da situação; Sandra e Lígia mostravam-se algo alheias, como se não soubessem bem o que estava acontecendo.

Alberto, mais ligado ao grupo, mostrou-se sensibilizado vendo o filho, Júlio. Abraçamo-nos pedindo notícias dos que ficaram.

— Como vai Sandoval? - indaguei a Glauco.

— Tem-se esforçado para vencer as más tendências. Agora trabalha e cuida dos velhos pais.

— Não diga! Puxa! Está dando a volta por cima, como diríamos lá na Terra - exclamei, fazendo os demais rirem.

— É verdade! Trabalha como representante comercial e está se dando bem. Dessa forma, viaja bastante e, num futuro relativamente próximo, acabará por se reencontrar com Lígia.

— Que barato! Quer dizer que ainda vai rolar alguma coisa entre eles?...

— É o que está programado, César. Sandoval e Júlio foram pai e filho em anterior existência. Espiritualmente mais elevado, o menino tem grande

ascendência sobre o pai e poderá auxiliá-lo bastante. Essa é uma das razões por que a aproximação com Lígia se fará, visto que o casal tem também pendências antigas - confirmou Glauco.

Alberto, que até aquele momento se mantivera calado junto do filho, falou:

— Isso mesmo, César. Estou estudando até a possibilidade de renascer como filho de Lígia e de Sandoval.

Não contive o assombro. Estava perplexo. Como a vida dá voltas!

Delineavam-se novos compromissos para nossos amigos. Em vista disso, não contive uma pergunta:

— Glauco, como ficará a situação de Sandoval perante a justiça? Não desconhecemos que ele cometeu muitas infrações e se comprometeu gravemente...

O bondoso amigo respirou fundo e aduziu:

— Todos somos responsáveis pelos nossos atos, e Sandoval não é uma exceção, César. A Misericórdia Divina, contudo, ante o arrependimento sincero da criatura e a boa vontade que demonstre em reparar seus erros, funciona amenizando as consequências e proporcionando oportunidades para que o faltoso salde seus débitos.

Sendo Pai, e não um cobrador duro e implacável, Deus permite, em alguns casos, que a cobrança da lei seja suspensa por tempo indeterminado. Isso ensejará que o devedor possa trabalhar em benefício próprio progresso - mesmo porque, no caso de Sandoval, há deveres para com os genitores idosos -, desde que se mantenha dentro do estrito cumprimento do dever. Se, no entanto, esquecer as boas disposições e tiver novas recaídas, aí, então, não se poderá evitar que a justiça terrena o alcance.

Eu continuava de boca aberta, quando Adriana adiantou-se, perguntando a Alberto:

— E para quando está previsto seu retorno?

— Levará algum tempo ainda. Todavia, começarei a me preparar imediatamente.

A princípio, estarei mais perto de Lígia para facilitar o entrosamento com a minha futura mamãe.

A emoção nos envolveu a todos. Abraçamo-nos, antecipando as despedidas e desejando-lhes felicidades.

Um pouco adiante, vimos um outro grupo de pessoas conhecidas e para lá nos dirigimos. Eram Dora, Lúcio e o menino Fábio; Marieta, Maneco e a pequena Janaína.

Todos amparados por Germano e Rinaldo, amigos desencarnados.

Foi com grande alegria que nos abraçamos, trocando cumprimentos. Dora, que fizera bons progressos, apressou-se em contar-nos como estava trabalhando com a mediunidade, concluindo:

— Graças a Deus e a vocês, que tanto nos têm assistido, tudo agora caminha bem. Entretanto, preocupo-me com Azambuja. Vocês o têm visto?

— Temos estado com ele. Está bem e se recupera, estudando e se reeducando à luz do Evangelho de Jesus. Certamente, assim que for possível, irá visitá-los - respondi.

Adriana, mais vinculada ao grupo por laços do passado, emocionada, agia como uma galinha com seus pintainhos, distribuindo carinho e atenções, em especial às crianças. Em certo momento, pediu a palavra:

— Quero comunicar a todos que solicitei e obtive a permissão de estar mais diretamente ligada a vocês. Estarei exercendo minhas funções junto às famílias de Dora e Lúcio, de Maneco e Marieta.

As crianças bateram palmas, alegres. Durante esse período, tinham-se afeiçoados muito a Adriana, com quem se encontravam durante o repouso noturno e de cuja companhia gostavam.

Após algum tempo, nos despedimos deles. Era preciso aproveitar a oportunidade para rever todos os amigos e conhecidos.

Depois que nos afastamos, pus-me a pensar no meu próprio problema. Nesse exato momento, como resposta a meus íntimos questionamentos, vi Hassan que me acenava de longe. Fui ao encontro dele.

— E então? - perguntei, brincalhão.

— Tudo bem! A festa está uma beleza. Parabéns, César!

— Parabéns para todos nós - respondi.

— O que pretende fazer agora?

— Bem, Hassan, estive pensando bastante. Desejo continuar por aqui mesmo, exercendo as tarefas costumeiras. Por outro lado, pretendo ajudar Sheila e participar do processo reencarnatório de Leocádio. Isto é, se me aceitarem. Além do mais, temos muito o que conversar, não é? A propósito, ainda não me contou por que agora se chama Hassan.

Ele concordou e riu, achando graça.

— Se você se comportar, quem sabe um dia eu lheuento?

O clima entre nós agora era completamente diverso. Olhamo-nos e trocamos um longo e afetuoso abraço.

Deus estava sendo muito pródigo conosco. O que mais poderíamos desejar?

O coração parecia querer explodir de felicidade. E isso só porque conseguíramos vencer uma parcela ínfima de nossos compromissos. Imagine o que será quando nos libertarmos de todas as mazelas! Agora posso entender a felicidade e o bemestar que gozam os Espíritos superiores.

Aos poucos o salão se esvaziou, Os encarnados, acenando adeuses, foram reconduzidos de volta ao corpo físico.

Ficamos apenas os amigos e orientadores mais afins. Matheus aproximou-se e dirigiu-me carinhoso olhar, colocando o braço no meu ombro. Ali estavam também Galeno, Eusébio, Henrique, além dos companheiros Eduardo, Marcelo, Gladstone, Paulo, Padilha, Giovanna, Ana Cláudia, Betão e tantos outros.

Nesse momento de grande alegria, não pude deixar de me lembrar da bela entidade vestida como um romano, que me visitara certa noite em meu quarto e que tão grande impressão me causara. Quem seria aquele Espírito? Onde estaria naquele instante? Algum dia, com certeza, teria mais informações a respeito dele, pois sinto que laços profundos nos unem através do tempo.

Suspirei. Essa era a nossa vida. Uma etapa tinha-se encerrado e começaria outra.

Entendíamos agora o valor do tempo e as razões pelas quais não devemos desperdiçá-lo em vão. Principalmente no atual estágio de entendimento que já nos é dado possuir.

Saímos. A noite estrelada era uma bênção de paz.

Um imenso sentimento de gratidão ao Criador me inundou o íntimo. De repente, me dei conta de que estava mais maduro e responsável.

Nisso, vejo alguém no meio da rua que vinha ao nosso encontro. É Gustavo.

— Olá, César! Preciso de sua ajuda - falou, esbaforido.

— O que houve, Gustavo?

— É o Alessandro. Está dando muito trabalho na enfermaria e não consigo acalmá-lo.

Lembrei-me de todas as dificuldades que tive de enfrentar com Gustavo quando chegara ao mundo espiritual, e sorri.

— Vamos, Gustavo! Alessandro nos espera. E preciso manter a esperança. As coisas mudam!

César Augusto Melero
Rolândia, 19 de outubro de 1999.

Fim